

Alzira Scapin

**SALTO VELOSO  
(RE)CONTA SUA HISTÓRIA.**

**“QUEM SOMOS. DE ONDE VIEMOS”**

2024

Título: Salto Veloso (Re)Conta sua História.  
"Quem somos. De onde viemos".

Autora: Alzira Scapin

Pesquisa e Redação: Alzira Scapin

Revisão: **Xxxxxx**

Capa: **yyyyyy**  
Desenhado por **xxxxx**

Colaboração: Amarildo Biscaro  
Célia....  
aaaaaa,  
bbbbbb,  
ccccccc  
dddddddi,

Diagramação: Vanderlei Rabelo Teza

Impressão: **Suloste Gráfica – Concórdia-SC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP-Brasil)  
(CBL-Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

**S284r**

Scapin, Alzira

Salto Veloso (Re)Conta sua História. "Quem somos. De onde viemos" / Alzira Scapin. – 1. ed. – Videira, SC : Edição Independente, 2024.

**535** p.: il.; 24 cm.

ISBN 978-65-00-42079-1

1.História de Santa Catarina. 2. Salto Veloso. 3. Meio-Oeste de Santa Catarina. I. Scapin, Alzira. II. Título.

CDD: 981.64  
CDU: 94(816.4)

---

**Vanessa Joana XYZ Pereira Oliveira – Bibliotecária – CRB 14/1446**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5.988 de 14/12/73.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora e do representante legal da prefeitura de Salto Veloso, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros meios.

## **DEDICATÓRIA**

Rendemos nossa homenagem a todos os que, ao longo do tempo viveram nesse chão sagrado que hoje constitui o espaço territorial do município de Salto Veloso e que à sua maneira e com sua cultura e conhecimento ajudaram escrever as páginas da história.

Reverenciamos aqui os indígenas, os caboclos, os negros, os mestiços e os imigrantes, estes que, vindos de uma terra distante e sofrida, fizeram deste chão sua nova pátria.

Uma floresta é feita de sementes diferentes, e cada qual germina e cresce no seu tempo e ocupa o seu espaço.

Um rio só ganha volume se aceita as águas do seu derredor, não importando o tamanho ou o local das vertentes.

Uma seara não escolhe suas sementes, mas cada uma traz dentro de si o ciclo do nascer, crescer e amadurar. Tudo é perfeito na infindável sabedoria da vida.

Este município que nasceu do nome de um caboclo ligado à terra, aos rios e a floresta; honra, dignifica e reconhece a contribuição de cada um destes povos na construção da história. Herdeiros de tão grandiosa herança, nos lembraremos do exemplo dos ancestrais para escrever os capítulos do futuro.

“A herança cultural é um ponto que dá firmeza ao caminhar presente. A história do ontem é como a terra onde estão as raízes da vida hoje. É preciso amá-la. E para amá-la, conhecê-la.”

Aldir Crocoli

## **APRESENTAÇÃO**

Esta 2ª Edição do Livro “Quem somos. De onde viemos”, Salto Veloso (re)conta sua história, remete o leitor a uma jornada fascinante de aspectos históricos, de reconhecimento e valorização dos povos que nos antecederam, antes mesmo que este pequeno território Americano, Brasileiro e Catarinense se tornasse o espaço que abriga todos nós velosenses e simpatizantes. Por ter sido uma tarefa desafiadora, num mundo cada vez mais digital, virtual, online, as páginas deste livro resgatam as energias de milhares de gerações que antecederam as mais contemporâneas, numa espiral de causa e efeito que nos dá identidade e sobriedade em reconhecer que somos um só povo, mesmo diverso em suas características, cujo nome legitima a força da natureza “o Salto” e a bravura dos povos mestiços representado pelo sobrenome “Veloso”. A presença marcante do empreendedorismo das etnias europeias, principalmente a italiana, contribuíram para o contexto histórico, econômico e social que desfrutamos atualmente.

Há uma frase que retrata muito bem o que é este lugar – “Salto Veloso é muito mais do que possa parecer. Cidade simples, do bem querer, onde a vida passa, com toda graça de se viver!”.

Amarildo Biscaro

## SUMÁRIO

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA .....	9
ONOMÁSTICO .....	13
CAPÍTULO I .....	16
O POVO PRIMITIVO .....	16
CAPÍTULO II .....	22
A PRESENÇA DO POVO INDÍGENA NA REGIÃO .....	22
OS KAINGANGS .....	24
XOKLENGS - OS SENHORES DAS MATAS .....	28
CAPÍTULO III .....	33
CABOCLOS - UM POVO CHAMADO RESISTÊNCIA .....	33
CAPÍTULO IV .....	94
SANTA CATARINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO E POVOAMENTO .....	94
CAPÍTULO V .....	99
GOVERNADOR DA CAPITANIA DE SÃO PAULO ORDENA A FUNDAÇÃO DE LAGES .....	99
CAPÍTULO VI .....	101
BRASIL E ARGENTINA DIVERGEM QUANTO A SEUS LIMITES .....	101
CAPÍTULO VII .....	108
SANTA CATARINA E PARANÁ REIVINDICAM O TERRITÓRIO CONTESTADO .....	108
CAPÍTULO VIII .....	120
VAMOS À AMÉRICA – O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA .....	120
CONTRATO JOAQUIM CAETANO PINTO JUNIOR .....	129
CAPÍTULO IX .....	140
UMA GUERRA NOS SERTÕES CATARINENSES .....	140
CAPÍTULO X .....	146
A LUTA PELA POSSE DA TERRA - OS CAMPOS DE PALMAS .....	146
CAPÍTULO XI .....	153
OS GRANDES LATIFÚNDIOS .....	153
FAZENDA SÃO BENTO .....	153
FAZENDA CRUZ ALTA .....	160
CAPÍTULO XII .....	192
COMPANHIAS DE COLONIZAÇÃO ATRAEM AGRICULTORES PARA UMA NOVA FRONTEIRA .....	192
CAPÍTULO XIII .....	221
ANTONIO VELOSO - UM CABOCLO, UMA IDENTIDADE, UMA HISTÓRIA .....	221
CAPÍTULO XIV .....	249
COMUNIDADES RURAIS PROCESSO DE POVOAMENTO NO INTERIOR .....	249

LINHA DE BASTIANI .....	249
LINHA CONTE .....	253
LINHA CONGONHAS.....	256
LINHA MENDES .....	261
LINHA SÃO VICENTE .....	267
LINHA CONSULTA .....	279
LINHA SANTO ANTONIO .....	287
LINHA NOVA BRASÍLIA .....	290
LINHA ALTO VELOSO .....	294
<b>CAPÍTULO XV</b> .....	<b>300</b>
RELIGIOSIDADE - A COMUNIDADE UNIDA NOS CAMINHOS DA FÉ .....	300
<b>CAPÍTULO XVI</b> .....	<b>330</b>
OS PIONEIROS ERGUEM A PRIMEIRA ESCOLA .....	330
A EVOLUÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO.....	330
ESCOLAS REUNIDAS NÉLIA RIBEIRO DE ALMEIDA .....	345
COLÉGIO CENECISTA EURICO GASPAR DUTRA .....	352
ESCOLAS SITUADAS NO INTERIOR .....	355
DOCUMENTOS REFERENTES AS ESCOLAS DE SALTO VELOSO .....	355
<b>CAPÍTULO XVII</b> .....	<b>359</b>
ASSISTÊNCIA MÉDICA .....	359
FUNDAÇÃO RURAL E MATERNIDADE DE SALTO VELOSO .....	360
<b>CAPÍTULO XVIII</b> .....	<b>364</b>
DA LOCALIDADE DO VELOSO À MUNICÍPIO DE SALTO VELOSO .....	364
<b>CAPÍTULO XIX</b> .....	<b>377</b>
SALTO VELOSO - PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO.....	377
PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE SALTO VELOSO.....	407
VEREADORES DO MUNICIPIO DE SALTO VELOSO .....	411
<b>CAPÍTULO XX</b> .....	<b>419</b>
SEMEANDO TRABALHO – COLHENDO DESENVOLVIMENTO .....	419
DO AUMENTO DA PRODUÇÃO TRITÍCOLA SURGE MOINHO DE GRANDE PORTE ..	425
COMUNIDADE SE ORGANIZA E CONSTRÓI UNIDADE FRIGORÍFICA .....	431
ATIVIDADES INDUSTRIAIS .....	436
<b>DEPOIMENTOS 1ª EDIÇÃO</b> .....	<b>438</b>
Verginia Conte Giacomini .....	438
Leopardo Boeira.....	440
Horácio Lima.....	440
Clarentina Camargo .....	442
Sabina De Bastiani.....	443
Cecília Vivan .....	444
Felisberto Cardoso dos Santos.....	445
Maria Santian .....	446

Maria Civiero - Linha Mendes .....	446
Riquelmo Pasin .....	446
DEPOIMENTOS 2ª EDIÇÃO .....	447
Maria Barbosa Veloso Pedroso .....	447
Jair Pasin .....	451
Celestino Cardoso de Oliveira .....	459
Eleodoro Pedroso .....	466
Otília dos Santos .....	470
Pedro de Moura (Pedro "Facilita") .....	475
Anita Abati Tramontini .....	481
Eurides Correa de Andrade .....	485
Leticia Claudina Giacomini Rech .....	490
João Francisco .....	495
Jacob Max Stainer .....	497
Hortencila Basso Patel .....	502
Francisco Abude .....	506
Conceição Pereira .....	511
Maria Joana Ribas de Moura .....	513
Maria Salete Camargo .....	518
Edith Maria Vivan De Bortoli .....	520
LOCAIS DE PESQUISA .....	526
PESSOAS ENTREVISTADAS .....	528
BIBLIOGRAFIA .....	529
HINO DE SALTO VELOSO .....	533
AGRADECIMENTOS .....	534



## SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

**Localização:** O município de Salto Veloso localiza-se na Zona Fisiográfica do Meio Oeste de Santa Catarina, Alto Vale do Rio do Peixe.

**Microrregião:** Integra a Associação dos Municípios do Alto Vale do Rio do Peixe (AMARP).

**Área:** 105 Km<sup>2</sup> (IBGE 2022)

**Latitude:** 26° 54' 19" S.

**Longitude:** 51° 24' 22" W de Greenwich

**Altitude:** de 750 a 1.260 metros acima do nível do mar e 840 metros na praça central.

**Clima:** Temperado com verão ameno. Chuvas uniformemente distribuídas, com volume anual de 1.100 a 2.000mm, sem estação seca. Temperatura média, no mês mais quente não ultrapassa 22°C. As quatro estações do ano são bem definidas (Cfb – Segundo Koeppen).

**Precipitação pluviométrica anual:** 1.800mm - bem distribuída durante o ano.

**Solo:** Possui alta fertilidade, mas tende a apresentar degeneração quando explorado intensamente, sendo, então, necessário reavivá-lo através de adubação correta.

**Relevo:** Constituído de um planalto de superfícies planas, ondulados e montanhas, fortemente dissecado por formação basáltica.

**Hidrografia:** A área central do município é banhada pelo Rio Veloso. O Rio Santo Antonio a Leste com o município de Arroio Trinta e Macieira. Os Rios São Bento e São Bentinho limitam ao Sul e Oeste com o município de Treze Tílias.

**Limites Territoriais:**

Ao Norte: Água Doce e Macieira.

Ao Sul: Arroio Trinta e Treze Tílias

A Leste: Arroio Trinta e Macieira

A Oeste: Treze Tílias

**População:** 4.390 (IBGE 2022).

**Origem da população:** A grande maioria é descendente de italianos oriundos do Rio Grande do Sul e do sul de Santa Catarina. Durante a colonização havia expressiva presença de caboclos cujos descendentes ainda integram a população.

**Religião predominante:** Católica, Evangélica e Testemunhas de Jeová.

**Comunidades:**

- Linha Congonhas - localiza-se ao norte do município.
- Linha Alto Veloso - localiza-se ao norte do município.
- Linha Mendes - localiza-se ao noroeste do município.
- Linha Nova Brasília ou Alto Consulta - localiza-se ao noroeste do município.
- Linha São Vicente - localiza-se ao noroeste do município.

- Linha Consulta - localiza-se ao sudoeste do município.
- Linha Conte e Gaio - localiza-se à sudeste do município.
- Linha Santo Antonio - localiza-se à leste do município.

**Gentílico:** Velosense.

**Rodovia Asfaltada:**

SC-464 (asfaltada) - De Iomerê até o distrito de Herciliópolis (Água Doce), interligando à malha rodoviária do país.

SC-465 (não asfaltada) - Ligando Salto Veloso ao município de Treze Tílias.

**Vegetação:** A vegetação do município corresponde ao bioma da Mata Atlântica (floresta ombrófila mista). A floresta dos pinhais cresce abundantemente nas regiões de clima temperado e solo argiloso predominante desde o Sul do Planalto Paulista até o norte do Rio Grande do Sul. Destacam-se, além dos grandes pinheiros que cobriam os vales, chegando até as abas das montanhas, constituíam-se através do seu fruto/semente em fonte de alimento aos indígenas e caboclos, além de alimentar uma fauna riquíssima. Com a chegada dos colonizadores a floresta nativa foi aos poucos sendo substituída por lavouras

**Fauna:** A fauna da região é composta por diversas espécies, entre as quais: veados, pacas, cotias, tamanduás, capivaras, etc.

Aves: jacús, nhambús, urús, tucanos, papagaios, periquitos, perdigões, codornas, marrecos, saracuras, sabiás, saíras, etc.

*O Município de Salto Veloso se destaca desde 1.980, pelos trabalhos e ações ambientais desenvolvidas pelo Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente - CONDEMA, em parceria com o Poder Público, instituições locais e comunidade em geral.*

## ONOMÁSTICO

O nome do município está ligado ao seu primeiro morador, o caboclo Antonio Veloso, que se estabeleceu entre os anos de 1915 e 1919, próximo as cachoeiras existentes num rio piscoso e de águas abundantes e cristalinas, que corria praticamente oculto em meio a floresta espessa, formada por árvores centenárias, onde predominavam imponentes araucárias, pacientemente esculpidas pela natureza ao longo de muitos anos. Este rio foi posteriormente denominado rio Veloso, evocando o nome do morador que se tornara conhecido na região, denominando o curso d'água e o município que teve ali seu embrião e seu nascimento. A imensa floresta originária se mantinha na época praticamente intocada, a não ser por uma ou outra pequena clareira aberta pelos escassos moradores, todos caboclos, para a formação de lavouras de subsistência, ou, caso a colheita fosse abundante, comerciar o excedente com fazendeiros que habitavam a região dos campos. Na época, a ocupação dos moradores se resumia no tropeirismo, fabricação e venda de erva-mate e na contratação pelos latifundiários para cuidar das imensas glebas das quais eram proprietários, escolhendo nestes casos, pessoas de seu círculo de conhecimento e amizade.

Tendo chegado ao local, já previamente escolhido em suas constantes andanças pela região, Antonio Veloso, nascido nos campos de Palmas, construiu sua tosca habitação nas proximidades do rio (imediações do salto, área hoje situada dentro do perímetro urbano do município). Depois de algum tempo quando o rancho estava pronto, bem como outras melhorias necessárias nos arredores, trouxe para junto de sí, a mulher Maria

Rita e o filho Gercindo. Memórias dos primeiros colonizadores italianos que chegaram ao local, mencionam uma criança brincando ao lado da mãe nas águas do rio.

O modesto casebre construído por Antonio ficava ao lado de uma trilha já existente, aberta pelos cascos das tropas de muares, gado e porcos, arrebanhados principalmente nos campos de Guarapuava e Palmas, que tangidos pelos tropeiros, passantes costumeiros do lugar, seguiam no passo lento com destino aos centros mais populosos.

Não tardou para que os tropeiros, gente experiente e cansada pelas longas jornadas através dos sertões, como também outras pessoas que por ali cruzavam, travassem amizade com o caboclo Veloso, passando fazer do seu rancho de pau-a-pique, ponto de referência e em alguns casos, lugar de descanso antes de reiniciar viagem no longo e penoso caminho que tinham pela frente. Sabiam, que depois daquele casebre solitário, enfrentariam trechos totalmente desabitados. Os que se demoravam mais junto ao rancho e recebiam atenção, disseminavam ao longo do caminho conversa favorável ao morador que assim foi se tornando cada vez mais conhecido.

No vasto território praticamente despovoado, encontrar naquele tempo moradores estabelecidos eram casos raros, e quando isto acontecia se tornavam pontos de referência importantes servindo para nortear tropeiros, viajantes, sacerdotes, mascates e aventureiros de toda sorte, que percorriam a inóspita e desconhecida região, terra de ninguém, vez que na época a área aludida era alvo de acirrada disputa judicial entre as províncias do Paraná e Santa Catarina, na histórica "Questão de Limites", que só veio

ser solucionada no ano de 1916, iniciando-se em seguida a medição do território que coube por direito a cada ex-litigante.

Desta maneira, o local em que o rancho estava erguido passou ser denominado pelos tropeiros, primeiros a transitar com maior frequência pela região desabitada, como "o lugar do Salto Veloso". Posteriormente referiam-se a ele como sendo "Salto do Veloso", outras vezes "Salto" ou apenas "Veloso", mas sempre se referindo e enaltecendo Antonio Veloso que educado nos preceitos caboclos se mostrava receptivo com todos.

Os primeiros registros referentes a denominação do local, constam em documentos de medição de fazendas e mapas, anteriores ao acordo da Questão de Limites em 1916.

Com a chegada dos colonizadores, principalmente entre 1920 e 1935, o local foi mudando radicalmente com o processo de ocupação que se desenvolveu com extrema rapidez, trazendo outra realidade. Os novos moradores, numa homenagem ao caboclo Veloso, homem simples e valoroso em todas as suas atitudes, mantiveram com reverência e respeito o nome do local, construindo novos capítulos que se somaram na criação do distrito e na emancipação do município, lugar construído por uma sociedade que sabe honrar a memória de seus pioneiros, cultivando, através deste gesto, suas próprias raízes, ciente de que somente está preparado para o futuro quem respeita, resgata e honra seu passado. A hospitalidade do caboclo Veloso é uma energia que se mantém cada vez mais presente na comunidade, assim aqueles que chegam, ao partir já nutrem o desejo de retornar.

# **CAPÍTULO I**

## **O POVO PRIMITIVO**

A presença do homem primitivo nesta região é hoje um fato amplamente comprovado através de sucessivos estudos realizados por pesquisadores de renome, profissionais que encontram nos diversos sítios arqueológicos existentes em vários pontos do território catarinense a base para os trabalhos que foram e continuam sendo desenvolvidos neste complexo e abrangente campo.

Os primeiros homens que pisaram no solo do continente americano, o fizeram presumivelmente há cerca de 30 mil anos, teriam sido do grupo "mongoloide", vindos da Ásia norte-oriental através do Estreito de Berhing, entre a Sibéria e o Alasca, descendo pela costa ocidental, atingindo assim a América do Sul. O grupo pioneiro foi imitado por outros, e assim, dentro de um espaço de tempo relativamente curto, levadas sucessivas chegaram ao continente americano espalhando-se no imenso território.

Os estudos até agora efetuados levam a quase totalidade dos pesquisadores concluir que o homem pré-histórico atingiu o sul do Brasil através da Bacia do Rio Paraná e seus afluentes, fato este que teria acontecido, possivelmente, há 10 mil anos. Em suas intermináveis andanças, num espaço então totalmente desabitado, este ser primitivo teria chegado à região posteriormente formando o estado catarinense ao subir os rios Iguaçu e Uruguai, espalhando-se em seguida pelo planalto onde



encontrou abundância de alimento na imensidão das florestas que cobriam vales e montanhas.

Através de trabalhos já realizados neste campo, acredita-se, embora esta não seja ainda uma resposta definitiva, que a civilização pioneira no Estado e por consequência nessa região foi a pré-ceramista, da Era da Pedra, tida como Tradição Alto Paranaense, conhecida como "Araucária". É considerada pelos pesquisadores como sendo uma das mais antigas do país e apresenta grande área de dispersão. Os vestígios de sua presença são encontrados em diversos locais, principalmente onde houve facilidade para obtenção de matéria-prima, como por exemplo o sílex (pedra da qual é possível extrair lascas, que ao serem trabalhadas pacientemente, adquirem a forma desejada).

No relevo do Estado encontram-se, altitudes desde o nível do mar até altitudes máximas que se aproximam dos 2 mil metros. Essas variações permitiram ao homem pré-histórico, condições ambientais que condicionaram seu gênero de vida.

*"Assim, no planalto de Santa Catarina é possível identificar várias zonas de ocupação. São estas: acima de 700 metros encontram-se os abrigos sob-rochas, e as inscrições rupestres (petróglifos), sendo possível encontrá-las ainda em outras altitudes. Entre 500 e 700 metros de altitude são localizadas as "casas subterrâneas" (também conhecidas como casa de bugre). No planalto, os sítios arqueológicos são comumente encontrados em encostas ou no alto de elevações. Entre a faixa altimétrica de 500 a 1.000 metros de altitude são encontrados grutas e abrigos-sob-rochas, sendo estes ainda hoje pouco estudados dentro da pré-história*

*catarinense, isto pelas dificuldades topográficas e pela destruição das condições ambientais.”*

*Fonte: Wikipedia*

O homem primitivo que habitou nesta região, destacam os pesquisadores, tinha por hábito deslocar-se periodicamente, seguindo supostamente um ciclo anual. Sua permanência, por maior ou menor espaço de tempo num local, era determinada, principalmente pela quantidade de alimentos vegetais e de caça disponível nas imediações, bem como da matéria-prima para a fabricação de armas rudimentares. Acrescesse a isto que, como o que já foi levantado, o homem pré-histórico não teria hábitos sedentários, mas pelo contrário, deslocava-se em contínuas incursões pela floresta em busca principalmente de alimento.

Vivia, ainda segundo os pesquisadores, em pequenos grupos de famílias, unidas entre si por laços de parentesco. Deviam eles obedecer ao comando de um líder, supostamente o mais forte, que tinha condições de defender os demais.

Conheciam o fogo sendo o vestígio de carvão encontrado em alguns dos sítios que foram alvo de estudos. O nosso homem primitivo desconhecia a escrita, mas deixou nas paredes das cavernas desenhos que testemunham sua longa permanência nesta região.

Caçadores e coletores, encontravam alimento em abundância na floresta em suas constantes andanças através de vales e montanhas. Sua dieta alimentar incluía basicamente a caça e os frutos que existiam em grande quantidade na floresta da araucária (*araucária angustifolia*) onde a

principal árvore, o pinheiro, lhe fornecia o pinhão e o nó; o primeiro para alimentação e o segundo para aquecimento de suas cavernas.

A mata contínua lhe propiciava ainda a caça de animais como: antas, capivaras, caititus, porcos-do-mato e pássaros de várias espécies. Nos rios carreava o surubi, o dourado, o bocudo, o pintado, além de peixes de menor tamanho.

Esse povo primitivo habitava cavernas que construía para se abrigar dos animais predadores, do frio rigoroso dos invernos, transformando-se no verão em locais frescos e agradáveis contra as altas temperaturas. Os "Araucácios" seriam entroncados com a família do Homo Sapiens, do grupo mongoloide, que surgiu logo após o Homem de Neandertal. Espalhavam-se por extensas faixas geográficas ao longo das bacias do Uruguai e Iguazu, conforme o que ficou comprovado nas escavações efetuadas em diversos pontos deste território.

Em seus comentários a respeito do homem pré-histórico que habitou nesta região o arqueólogo Evandro de Sá Pereira, destaca:

*"Esses primitivos habitantes, tiveram durante o período Paleolítico uma vida longa, intensa por aqui. Escolheu morar nos pontos mais altos de onde podia divisar diante de si os vales cheios de caça e abundantes em frutos, propiciando farto alimento para os diversos grupos. Tudo o que estamos mencionando a seu respeito é verificado através dos sítios que foram alvo de estudos e onde encontramos respostas para muitas perguntas a respeito da existência deste povo em nossa região. Sua presença neste meio aconteceu presumivelmente há mais de 4 mil anos, e ainda hoje encontramos vestígios que comprovam sua longa permanência neste território."*

Embora muitas perguntas ainda não tenham sido respondidas a respeito dos primeiros habitantes, acredita-se que não houve mais imigrações intercontinentais entre 3 mil anos a.C. e a época do descobrimento do Brasil. Chega-se a esta conclusão pela absoluta falta de metal nos sítios que foram alvos de estudos. Sabemos que o cobre e o chumbo foram fundidos no Irã e na Turquia, fato este registrado há cerca de 6.000 a.C. enquanto a Ásia entrou na idade do Ferro em 1.200 a.C. É importante destacar que nesse período os asiáticos mostravam já um adiantado estágio de evolução, construindo cidades, utilizando a roda e mesmo praticando a agricultura e o pastoreio, enquanto isso nossos primeiros habitantes mostravam inexpressivo grau de evolução, continuando a viver na Idade da Pedra.

Outra prova importante de que as imigrações não se repetiram no referido período, é a ausência de metal nos sítios pesquisados, pois do contrário as novas levas migratórias, teriam transmitido a estes tais avanços, e certamente, hoje ter-se-iam encontrado, nestes mesmos sítios, peças de metal fabricadas por eles. Mas nos locais alvo, de pesquisas, não existe outro material a não ser pedra.

Entre as centenas de perguntas, acerca do homem primitivo, que intrigam as equipes que desenvolvem estudos a seu respeito é sobre o que teria acontecido com este homem, que ao invés de evoluir, dentro da ordem natural das espécies, multiplicando-se através de novas gerações e ocupando todos os recantos deste território, ocorreu justamente o

contrário, ou seja, o seu total desaparecimento, sumindo como que por encanto.

Sabemos que muitas perguntas carecem de respostas. Com o tempo e com a continuação dos estudos, teremos certamente novos conhecimentos sobre este povo que durante longo tempo foi soberano, senhor deste território que hoje habitamos. As pesquisas neste campo estão evoluindo de forma lenta, mas os profissionais que as executam sabem que os fatos que aconteceram no decorrer de vários milênios, não poderão jamais ser esclarecidos em questão de horas. Existe neste campo ainda um longo caminho a ser percorrido e que demanda tempo e muita paciência em seu delicado trajeto.

## CAPÍTULO II

### A PRESENÇA DO POVO INDÍGENA NA REGIÃO

Na primeira carta escrita ao rei D. Manoel, comunicando o descobrimento da nova terra, Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Alvares Cabral, informa também ao soberano português a surpresa e a admiração dos homens da esquadra ao perceber no litoral a presença de um povo estranho", quando a terra recém-descoberta, lhes parecia, à primeira vista ser totalmente desabitada.



Esta é a primeira informação que temos sobre os indígenas brasileiros que somavam na época do descobrimento em torno de 5 milhões de indivíduos, que

viviam espalhados de norte a sul deste imenso território. Dividiam-se em 240 nações, possuindo cada uma sua própria cultura, simples, mas fundamentada em conhecimentos adquiridos através de incontáveis gerações, cultura que mergulhou para sempre no oceano do esquecimento, levada pelas ondas tempestuosas da violência que traram de forma nefasta 4,8 milhões de indígenas; isto em apenas 5 séculos de "civilização",

imposta a ferro pelos descobridores e também pelos que vieram no seu rastro.

As notícias mais antigas, referindo-se aos indígenas que habitavam nosso Estado, nos foram deixadas pelo francês, Binot Pulmier de Gonneville, que ancorou com seu navio "L'Espoir", em águas do litoral catarinense no ano de 1504. Esse povo, segundo esclarece o comandante Gonneville em seu relatório de viagem, era amável e prestativo, estando sempre disposto a colaborar com os recém-chegados em tudo de que estes necessitavam. A população indígena que habitava na faixa próxima ao litoral e que se dividia em diversas tribos, foi denominada de "Carijó" pelos europeus que aqui aportaram nos primeiros anos subsequentes ao descobrimento.

No entanto, as tribos que viviam próximo ao litoral não eram as únicas a ocupar o território que posteriormente viria formar o estado de Santa Catarina. Mais para o interior, em pleno sertão, viviam também os Kaingangs e os Xoklengs, pertencentes ao Grupo Gê. Os primeiros ocupavam os campos abertos, viviam no planalto onde a grande quantidade de pinhão e a caça abundante garantiam a sobrevivência dos grupos. Esses indígenas eram nômades e praticavam uma agricultura bastante rudimentar. Os Xoklengs por sua vez eram nômades, viviam em constantes andanças através das florestas, caçando e coletando frutos, raízes e mel; alimentos que garantiam a sobrevivência do grupo.

## OS KAINGANGS

Este povo dominava os campos do Planalto, fato este que aconteceu depois da saída dos guaranis que anteriormente habitavam este território. Os Kaingangs ocupavam praticamente toda a imensa área ao norte do Rio Uruguai, a oeste do Rio do Peixe, os campos de Palmas, de Guarapuava e ao norte chegavam até às margens do Paranapanema. Eram indivíduos dotados de certa ferocidade, considerados muito valentes, sempre dispostos ao combate, principalmente quando se tratava de defender seu território, espaço que lhes garantia também o alimento. Permaneciam por pouco tempo num mesmo acampamento, mudavam-se à medida que escasseavam os meios de subsistência.

A organização política do grupo, conforme "Becker", compunha-se de um chefe principal, o cacique geral, que centralizava o poder. Este por sua vez contava com a colaboração de outros chefes ou caciques menores, que por sua vez, eram auxiliados por outros líderes dentro de uma hierarquia pré-determinada. As habitações dos Kaingangs eram construídas com estacas, forradas e cobertas com folhas de palmeira. As choças eram compridas e com portas baixas, além de desempenhar a função de proteção física, se constituíam num ponto de reunião para o grupo tribal. Ainda segundo Becker, numa mesma aldeia se distinguiam diversos tipos de morada, como:

*"A choça do cacique, a dos homens que tem mulher, a dos rapazes solteiros e ainda as casas das viúvas. Existiam ainda as casas usuais nas migrações, as casas dos vigias e as de permanência temporária para as parturientes."*



Esses indígenas, a exemplo dos demais, andavam nus, vestindo apenas um cinto de fios marrons. Nos períodos mais frios vestiam um manto quadrado ao qual davam o nome de "Kuru". As mulheres usavam uma saia curta feita de fibras que era presa à cintura por um cinto largo de cor preta. Adornavam-se com fitas amarradas nos tornozelos, pintavam o corpo e essa pintura caracterizava a metade a que pertenciam. O corte de cabelo dos homens era em forma de coroa, motivo pelo qual receberam dos brancos o apelido de Coroados.

Sobre os Kaingangs relatou Telêmaco Borba num documento escrito em 1882:

*"São esses índios bem conformados, de estatura regular, peito largo, cheios de corpo, mãos e pés pequenos, dedos finos, cabeça regular, testa e olhos pequenos, estes um pouco oblíquos, maçãs do rosto salientes, nariz pequeno e chato, boca grande, lábios grossos, dentes grandes, orelhas pequenas, pescoço curto, arrancam os cabelos do corpo, inclusive os das sobrancelhas e pestanas, são de cor branca e feições grosseiras e feias. As mulheres andam cobertas, da cintura para baixo até os joelhos, com uma tanga, de um tecido feito por elas com fibras extraídas da urtiga grande, os homens andam nus, mas tem quase todos grandes mantos que chamam "curucaxa", feitos também com fibra de urtiga, com os quais dançam em suas festas e cobrem-se em noites de frio. Tem a vista, o olfato e o ouvido de uma sensibilidade e delicadeza extraordinárias, enxergam à grande distância e lhes é coisa facílima seguir pelo mato o rasto da onça, da caça, do inimigo ou mesmo de sua gente. O olfato faz-lhe conhecer, com certeza, e distinguir a aproximação de cobras e outros animais nocivos. Ouvem e distinguem à distância o pisar macio e traiçoeiro do tigre."*

Prosegue Telêmaco em sua descrição:

*"Não possuem habitação permanente, mudando-se todos os anos, à proporção que vão rareando os meios naturais de sua subsistência. Quando encontram local abundante em caça e mel, constroem nas imediações grandes ranchos, de 25 a 30 metros de extensão, cobertos e cercados com folhas de palmeira, sem nenhuma divisão interna, com uma pequena abertura em cada extremidade, servindo de porta, por onde só pode passar agachada, uma pessoa; no centro destes ranchos acendem os fogos para cada família; dormem sobre cascas de árvores, estendidas no solo, com os pés para o lado do fogo. Nunca varrem ou limpam seus ranchos; quando estes ficam muito sujos e cheios de pulgas, os queimam e constroem outros.*

*Seus utensílios domésticos constituem-se de poucos objetos, incluindo panelas, tachos, tubos de bambu, copos e tinas cavadas em troncos de árvores, peneiras, machados de pedra e mãos de pilão de pedra e de madeira. Usavam pinças feitas de taquara para tirar as brasas do fogo e grades de madeira para assar a carne."*

Os estudos já realizados sobre este povo mostram que os Kaingangs mais antigos desconheciam a cerâmica. Suas armas eram usadas nas cerimônias de culto religioso, na caça e principalmente nas guerras, desempenhando assim papel fundamental na vida deste povo e consistiam em arcos, flechas com pontas de madeira (endurecidas ao fogo) de osso ou pedra, tacape, varapau, clava de bastão, machados de pedra, lanças e bastões de comando. Os instrumentos musicais estavam intimamente ligados à cultura espiritual e religiosa da vida tribal; fabricavam seus

próprios chocalhos, maracas, flautas, cilindros, trombetas, flautas de nariz e a licongue.

Segundo o pesquisador Silvio Coelho dos Santos, esses indígenas eram rebeldes, desobedientes e muito brigões, os pequenos grupos viviam em constantes lutas internas o que contribuía para reduzir drasticamente a população tribal. Nessas intermináveis contendas, parentes eram lançados contra parentes, irmãos contra irmãos. Muito comuns eram os ataques aos acampamentos massacrados pelo seu próprio povo, sem nenhuma clemência; e isto não era raro acontecer.

Esta desunião, esta violência imperando dentro dos próprios grupos foi o principal fator que os levou à completa ruína, sendo vencidos em pouco tempo, uma vez que não tinham condições para resistir nem às bandeiras de apresentação que constantemente percorriam a região, aprisionando indígenas que eram depois vendidos como escravos, nem ao avanço das frentes da colonização que gradativamente invadiam suas terras fazendo com que escasseassem consideravelmente os meios de subsistência.

Mesmo diante das crescentes ameaças ao seu território, prosseguiram com seu instinto de auto destruição atacando-se uns aos outros, diante disso o lendário grande grupo que durante muitos séculos havia dominado as matas e os campos, sucumbiu em pouco tempo sendo tragado no turbilhão dos acontecimentos que mudariam para sempre a vida da região que entrava num novo ciclo de sua história, onde passariam a predominar a agricultura e a pecuária, ocupando cada vez mais o espaço que pertencia anteriormente apenas aos indígenas que não tinham limites

em suas intermináveis andanças em busca de alimento então disponível em grande quantidade dentro da prodigalidade da imensa floresta.

## **XOKLENGS - OS SENHORES DAS MATAS**

Seminômades, esses indígenas podem ser chamados de verdadeiros donos das florestas. Habitavam a extensa faixa situada entre o litoral e o planalto, dominando parte dos imensos pinheirais situados a leste do Rio do Peixe. As informações que sobre eles temos atualmente nos dão conta que não viveram sempre nesta região. Seu habitat pelo que tudo indica, parece ter sido inicialmente os campos do planalto onde moravam em aldeias, praticavam uma agricultura primitiva plantando principalmente o milho. Completavam sua alimentação com a caça e a coleta de frutos e raízes, encontrados em quantidade, na imensidão da mata.

Motivos até hoje desconhecidos levaram este povo sair do território que ocupavam, presumivelmente expulso para as matas do leste por outro grupo invasor. Diante desta repentina mudança tiveram que adaptar-se como nômades caçadores. Em tempos mais recentes quando aconteceu a aproximação entre colonizadores, fazendeiros e Xoklengs, estes haviam abandonado de longa data a prática da agricultura, e agora suas casas não passavam de frágeis abrigos que os protegia contra o frio e a chuva.

Os Xoklengs se expressavam num dialeto pouco diferenciado dos Kaingangs, o que vem provar sua filiação ao tronco Gê. Eram indivíduos extremamente arredios, constituindo-se nos indígenas que mais resistiram

à aproximação com os brancos. Corajosos e muito valentes na luta, eram por isto mesmo temidos pelos colonizadores e fazendeiros que procuravam por todos os meios conquistar sua confiança; o que era sem dúvida uma tarefa bastante difícil. Não eram, absolutamente dados ao trabalho e suas principais atividades consistiam em procurar alimento e se preparar para a guerra que constantemente travavam com os grupos inimigos.

Dentro da hierarquia social deste povo que se dividia em pequenos grupos de 50 a 300 indivíduos, o homem tinha papel mais destacado que a mulher, uma vez que este respondia pela principal atividade, a caça, da qual dependia, basicamente a sobrevivência da tribo. Uma vez abatido o animal, o caçador não ficava com a parte maior, como aliás era comum entre os povos primitivos, mas a presa era dividida igualmente entre todos. Esses indígenas tinham como habitação grandes choças cobertas de palha e chão batido. Essas cabanas abrigavam em torno de 50 pessoas cada, geralmente famílias que dividiam o mesmo espaço.

As constantes incursões através da floresta eram feitas sempre em grupos formados por indivíduos unidos entre si por laços de parentesco, que se auxiliavam mutuamente, agindo de maneira totalmente oposta aos Kaingangs, permanentemente em luta contra os seus. Os grupos que percorriam as matas em busca de alimento constituíam em verdadeiras "Unidades de Segurança", conseguindo por isto mesmo maior quantidade de caça; fato este que acabava despertando, em muitos casos, a hostilidade de outros indígenas.

Se inicialmente usavam objetos primitivos e rudimentares no seu dia a dia, com o tempo e em contato com o branco, deixaram-nos de lado,

preferindo as novidades que lhes foram apresentadas, como a faca e o machado, que substituíram as lâminas de pedra e as lascas de taquara. Os brancos ensinaram também a este povo noções sobre o uso do ferro e do aço. Os Xoklengs, a exemplo dos Kaingangs, mantinham acampamentos em vários locais ao mesmo tempo. Estes serviam entre outros de pontos de pouso durante as incursões pela mata. Viviam livremente sob os imponentes pinheirais que cobriam densamente a região, onde se situam hoje os municípios de Caçador, Videira, Salto Veloso, Treze Tílias, Joaçaba. Dominavam, enfim, todo o território do Vale do Rio do Peixe, onde tinham facilidade em conseguir alimento, principalmente caça, uma vez que existiam nesta região inúmeras espécies de animais.

Dentro do calendário Xokleng, o mês de abril tinha um significado muito especial, pois coincidia com o amadurecimento do pinhão. Entre abril e o final de junho os grupos espalhados por um amplo território se concentravam na floresta araucária, ocupando-se unicamente da coleta deste fruto que lhes assegurava abundância de comida por longo período. Durante a coleta, as pinhas eram retiradas dos galhos com todo cuidado para evitar que debulhassem. Feito isso entrevaram-nas sob as águas frescas dos riachos, onde se conservavam durante meses. Os índios ensinaram esta técnica aos caboclos que posteriormente se estabeleceram na região, sendo que ainda hoje é bastante comum no interior o uso de tal método para conservar o pinhão, permitindo assim consumir o fruto durante o ano todo. No período de abril a junho aconteciam também algumas das principais cerimônias religiosas dos Xoklengs, segundo confirmam os diversos estudos realizados sobre este povo.

A presença indígena no território do atual município de Salto Veloso é fato comprovado através dos inúmeros vestígios encontrados e que testemunham sua longa permanência neste chão. Além disso, dezenas de depoimentos colhidos ao longo deste trabalho, confirmam a existência deste povo. Todos os entrevistados, pessoas moradoras na região de longa data, são unânimes em afirmar que em praticamente todas as comunidades e também na sede municipal foram encontrados principalmente pedaços de cerâmica de velhos potes e panelas, pontas de flecha, pedras polidas e até mesmo pedaços de urnas funerárias, o que vem provar que o local servia de habitação permanente não apenas de simples acampamento, uma vez que este povo tinha por hábito enterrar seus mortos próximos a um local de maior permanência do grupo.

Em diversos pontos do município são encontrados ainda as conhecidas "casas subterrâneas", "bocas de fogo ou buracos de índio", sendo que os mesmos não foram pesquisados a fundo, uma vez que esta operação requer equipamentos especiais, e pessoas que entendam do assunto, ou do contrário todo material pode se perder. Entretanto, esse trabalho deveria ser realizado dentro em breve, uma vez que com o tempo os vestígios ficam cada vez mais dispersos dentro da natureza em perene transformação.

Das tribos indígenas que viviam em nossa região, existem hoje apenas alguns poucos remanescentes que vivem dentro das reservas distribuídas no Estado. Os antigos senhores dos campos e das matas, habituados a viver em total liberdade, desconhecendo as fronteiras ou divisas impostas pelos brancos, praticamente desapareceram, pois não resistiram ao avanço da civilização que aos poucos invadiu seu território

contribuindo para que escasseassem os meios de subsistência. Esse povo que anteriormente dominava as florestas e as pradarias se viu obrigado a recuar cada vez mais frente o avanço da colonização e mesmo dos grandes latifundiários. Todos reivindicavam para si as terras que antes não tinham donos, e portanto, eram apenas ocupadas pelos indígenas que foram recuando, recuando até que não tiveram outra alternativa senão se agrupar nas reservas que lhes foram destinadas pelos novos senhores das terras.



## **CAPÍTULO III**

### **CABOCLOS - UM POVO CHAMADO RESISTÊNCIA**

Quando o primeiro monge, João Maria de Agostini principiou sua peregrinação pelo sul do Brasil, encontrou o vasto território povoado, mesmo que esparsamente, por uma população pobre, desprotegida e totalmente ignorada pelos governantes que não se importavam com o destino de tantas pessoas relegadas ao mais completo abandono. Foi a partir da presença de João Maria palmilhando os sertões, levando sua palavra, seus conselhos, sua pregação e praticando o curandeirismo junto a desvalida população do grande e desconhecido interior, que se percebe uma busca maior por informações sobre este povo até então praticamente ausente nas páginas da história. O pregador que tinha poder de conquistar e reunir seguidores, o caminheiro incansável que falava do amor de Deus, que mostrava rebeldia frente às autoridades, conquistou o respeito dos humildes e aguçou a curiosidade dos poderosos. Assim, no rastro do pagador de penitência, passamos ter mais conhecimento sobre a população que ocupava o vasto interior.

Envolto em lendas e considerado santo pelo povo sertanejo João Maria de Agostini, procedente de Sizzano, região do Piemont – Itália, aportou em terras brasileiras no começo de 1844, nesse mesmo ano segue para o Rio de Janeiro, então Capital da República e posteriormente para Sorocaba, São Paulo, peregrinando em seguida pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A figura mística do eremita que despertava fé e veneração entre os sertanejos, provocava também muita curiosidade nos



Monge João Maria de Agostini.

Fonte: <https://gazanortesc.com.br/monge-joao-maria/>

que não enxergavam nele nenhuma santidade. Esta parcela da sociedade pelo poder da crítica, não se deixando levar pela fama de santidade angariada pelo profeta e questionando muito de suas práticas e pregações trouxe à tona, a luz do conhecimento, mesmo que timidamente a verdade que por tanto tempo permaneceu ocultada pelas mãos poderosas que de longa data manejavam do seu jeito e pelo seu interesse os personagens no cenário político e social.

Tanto o primeiro eremita quanto os outros que o procederam eram considerados enviados divinos no entendimento simples daquela gente deserdada de tudo. Esses anacoretas solitários eram no imaginário da população interiorana dotados de poder sobrenatural, capaz de transmutar magicamente tudo o que tocassem mudar até mesmo a situação perene de desesperança em que viviam. Curandeiros, conselheiros e rezadores os monges eram semeadores de milagres para a população constituída por negros forro - que possuíam carta de alforria, negros fugitivos que viviam em grupos ou sozinhos sempre arredios e desconfiados, bugres assim denominados os índios que preferiam se afastar da taba e viver no

nomadismo isolados de todos, esses fruto da miscigenação com o branco ou com o negro e caboclos que formavam a grande maioria podendo ser encontrados nos mais diferentes lugares, vivendo com sua prole numerosa e ganhando a vida nas mais diferentes atividades.

Desafiado pelas dificuldades desde a infância o caboclo tinha a obrigação de ser forte, precisava dessa energia para sobreviver numa época de grandes diferenças na sociedade que impunha limites aos menos favorecidos. Dotados de coragem, não se intimidavam diante das mais duras provas impostas pelas vida, enfrentando tudo com firmeza de espírito, características herdadas dos ancestrais num passado muito remoto, como veremos adiante.

Pesquisas mais aprofundadas sobre a origem dos caboclos nos remonta a época de Maomé (século VI d.C.), quando este, considerado uma das figuras mais conhecidas da história, iniciou, munido de muita vontade e persistência uma grande mudança para sua época, fundando uma nova religião, o islamismo ao mesmo tempo que liderava questões sociais, econômicas e políticas. Maomé unificou a Arábia cujo território era até então povoado por diversas tribos bárbaras que guerreavam entre si, sendo que parte delas praticava o nomadismo aventurando-se em busca de sobrevivência. A pregação do líder religioso e também comandante político objetivava a formação de uma sociedade unificada que seguisse as leis que ele próprio instituía. Sua pregação incluía também o combate à miséria, ao isolamento das tribos e a pobreza. Rompendo com o politeísmo começou pregar sistematicamente o monoteísmo, falando sobre o Deus único - Alá, que rege todas as pessoas e que estas deviam mostrar mais união, audácia

e fé, sendo submissos a Alá. Estava fundada a religião islâmica, sendo Maomé seu profeta maior.

Dissertando sobre o fundador do islamismo, assim se refere Octacilio Schüler Sobrinho:

*"Unindo o povo através da fé (monoteísmo) conseguiu a unidade territorial – a Arábia e, principalmente em torno de princípios que fizeram nascer uma normatização sistêmica que projetou esse mesmo povo em duas grandes falanges: a primeira delas conquistando o Norte da África e a segunda que se dirigia para o Oriente Médio e para a Ásia."*

*"Homem de grande visão e determinado implantar através de sua pregação as mudanças necessárias, Maomé impunha aos povos conquistados, entre outras leis a obrigatoriedade do serviço militar, aos que se negavam servir o exército muçulmano era cobrada uma taxa de alto valor, além de prestar serviço em funções administrativas na área civil, sem nada receber em troca pelo trabalho realizado. Havia casos que a não obediência era castigada até com a pena de morte."*

*Fonte: Taipas - Origem do Homem do Contestado – O Caboclo. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina.*

*"Na época que os muçulmanos liderados por Maomé alcançaram a África, mais precisamente a região Norte, encontraram ali estabelecidos os povos berberes e os maragatos, sendo os primeiros originários daquele espaço territorial e os maragatos procedentes do Egito, Médio Nilo, que se estabeleceram no Nordeste do continente, na região do Saara, povos estes que*

*passaram com o tempo, adotar no seu sistema de vida hábitos da cultura árabe, convertendo-se também a religião islâmica.”*

*Revista Audácia – Antropologia, fevereiro de 2006 - Wikipédia.*

*"Os berberes viviam inicialmente em tribos esparsas no território que cobria boa parte da cadeia de montanhas do Atlas – A Cordilheira do Atlas se estende por cerca de 2.500 quilômetros no Nordeste da África, separa a costa do Atlântico e do Mediterrâneo no deserto do Saara. (A cordilheira que ocupa uma área de 775.340 km<sup>2</sup>, está repleta de aldeias berberes)."*

*Fonte: Google.com/seachgssp-pt.mWikipedia.org/Wik.com.*



Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Nomadic\\_Berber\\_in\\_Morocco.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9e/Nomadic_Berber_in_Morocco.jpg)

*"A identidade étnica berbere é o resultado da fusão entre população indígena da meia-idade do Cáspio e imigrantes neolíticos que se mudaram para o Norte da África como agricultores do Médio-Oriente. Os povos berberes foram mencionados pela primeira vez nos escritos egípcios durante o período pré-dinástico (4.000 – 3.032 Ac). A partir de cerca de 945 a C os egípcios foram governados pelo povo berbere – 22<sup>a</sup> dinastia 946-*

*924 a C. Isto marcou o início de um longo período berbere no Egito."*

*"Em 2023, conforme apontam dados oficiais, mais de duas dúzias de grupos étnicos berberes estão espalhados pelo Norte da África, em torno de 36 milhões de pessoas, cerca da metade da população atual da África."*

*Fonte: <https://www.igenea.com/pt/povos-indigenas/berbere>*



Família Berbere. Fonte: <https://www.buala.org/pt/a-ler/a-lingua-tamazigh>

A convivência e aculturação entre berberes, maragatos e muçulmanos resultou conseqüentemente na miscigenação que nada mais é que o processo gerado a partir da mistura entre diferentes etnias.

*"Foi esta miscigenação, relata o escritor e sociólogo Octacílio Schüller Sobrinho que invadiu a Península Ibérica a partir do século VII. A chamada civilização Moura da Idade Média, era constituída assim por árabes muçulmanos, repetimos."*

A conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos ocorre a partir de 711 quando os árabes cruzam o Mediterrâneo e alcançam o território situado no sudeste da Europa, território então habitado pelos Visigodos. Esta área abrange Espanha, Portugal, Andorra e Gibraltar. Entre 711 e 756 grupos cada vez mais numerosos chegam em intervalos de tempo menores, aumentando assim a supremacia em relação aos antigos habitantes.

Conforme os registros históricos apontam, os mouros foram dispersados de Espanha e Portugal no século XIII, entretanto a verdade está no fato que jamais foram retirados da Península Ibérica, mas ao contrário, formaram o elenco de força, de mando e de poder. Atualmente, expressiva maioria de portugueses e espanhóis é formada ou descende de árabes, ou seja, de mouros.

Uma vez explanada a formação étnica, bem como também a ocupação geográfica percorrida pelos povos referendados, chegamos, num salto histórico ao tempo do descobrimento de novas terras por Cristóvão Colombo em 1492, sob o poder da Espanha moura. Segundo Juliana Bezerra:

*"Mouro era o nome dado pelos cristãos, a pessoas de pele escura e de religião muçulmana que habitavam a Península Ibérica do século VII ao XV. O termo vem dos romanos que nomearam a Mauritânia a uma de suas províncias na África – corresponde à*

*costa mediterrânea de Marrocos, Argélia Ocidental e as cidades espanholas de Ceuta e Melilha. Na região floresceu um reino berbere a partir do século III a C que se tornou um reino cliente dos romanos em 33 a C. Mouro significa escuro em latim. Mouro se refere aos povos berberes e aos muçulmanos que viviam na Península Ibérica e quer não eram árabes.”*

*Juliana Bezerra - Mestre em História da América Latina e União Européia pela Universidade de Alcalá, Espanha - todamateria.com/br/mouros – 12 fevereiro 2023.*

Importante destacar que a coroa espanhola ambiciosa em aumentar suas posses territoriais e ávida pelas riquezas que acreditava existir nas



Fonte: <https://www.infoescola.com/biografias/papa-alexandre-vi/>

terras recém-descobertas procurou garantir para si a posse das terras descobertas por Cristóvão Colombo em 1492, bem como as terras por descobrir, levando suas reivindicações ao arbitramento da única instituição que detinha, na época, o poder de decisão sobre questão de tal envergadura, ou seja, a Igreja Católica, mais precisamente ao Sumo Pontífice Alexandre VI (nascido Rodrigo Borgia), cujo pontificado se estendeu de 1492 a 1503. O Papa, criterioso

na intermediação da questão elaborou, não sem a presença dos interessados, um conjunto de documentos chamados Bulas Alexandrinas, que foram determinantes na divisão das possessões descobertas por Espanha e Portugal, sendo que o segundo também reivindicava seus



direitos. A intermediação de Alexandre VI, além de garantir direitos das duas coroas, Portugal e Espanha, procurava por meios diplomáticos evitar a deflagração de uma guerra na Península Ibérica.

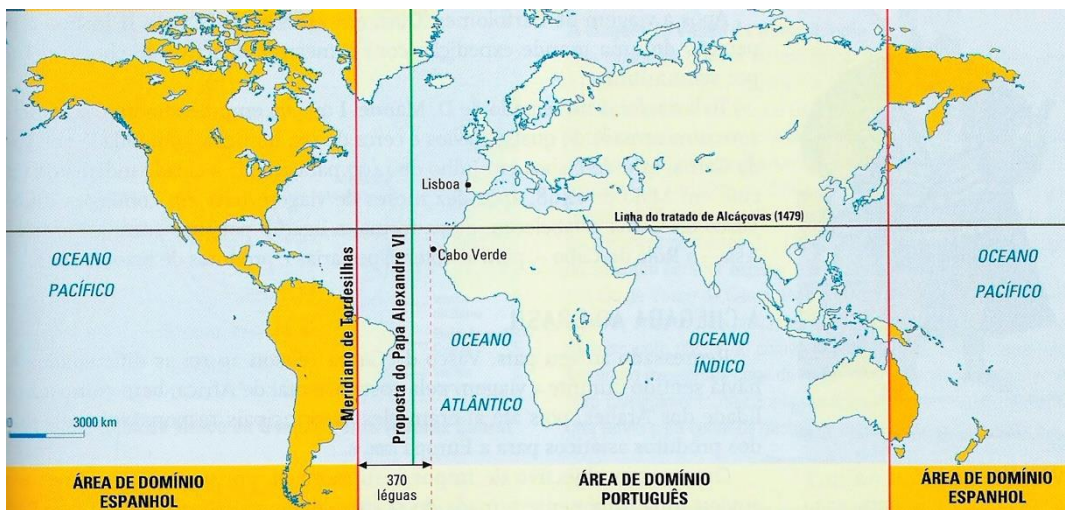
Foram redigidas ao todo quatro bulas, sendo: 1. Breve Inter Caetera, 3 de maio; 2. Bula menor Inter Caetera, 4 de maio 1493; 3. Bula menor Eximiae devotiones, 3 de maio; 4. Bula Dudum Siquedem, 26 de setembro, todas em 1493. Conforme o historiador Antonio Escudero Gutierrez:

*"Nas bulas precisa-se que se concede o domínio sobre as terras descobertas e por descobrir nas ilhas e terra firme do Mar Oceano, por ser terras de infiéis nas quais o Papa, como vigário de Cristo na terra tem potestade para o fazer. A concessão é feita com seus senhorios, cidades, castelos, lugares e vilas e com todos os seus direitos e jurisdições para que os reis católicos tivessem tal domínio "como senhores com plena, livre e absoluta potestade, autoridade e jurisdição", sem mais condição que a de não prejudicar outro príncipe cristão que pudesse ter um direito reconhecido neles; e exclui qualquer outra pessoa de qualquer dignidade, estado, grau, ordem ou condição, até mesmo imperial ou real, no comércio ou em qualquer outra coisa, sem licença expressa dos Reis Católicos. Ou seja, as bulas decretavam a excomunhão para todos aqueles que ousassem viajar às Índias pelo Oeste sem a autorização dos reis de Castela. Por sua vez, a única obrigação dos reis católicos por tal direito era evangelizar as terras concedidas."*

*Gutierrez Escudero, Antonio (1990). América; Descubrimiento de um Mundo Nuevo (S.I.) Madrid: Ed. Istmo. ISBN 84-7090-219-2. Wikipédia Conteúdo disponibilizado nos termos da cc by-SA 3.0.*

A bula de 4 de maio de 1493 estabelecia a posse das terras firmes e ilhas situadas a 100 léguas (600 quilômetros), a Oeste das Ilhas de Cabo Verde e Açores pertenceriam a Coroa Espanhola e as do Leste a Portugal. O documento, no entanto, gerou protestos por parte do rei Dom João II de Portugal e seus conselheiros pelo fato das Ilhas de Cabo Verde e Açores estarem localizadas em longitudes diferentes. Diante de tal fato os portugueses mostraram seu desacordo junto a Cúria Romana, ou seja, um novo arbitramento do Sumo Pontífice, agora Papa Júlio II. Conforme vários historiadores da época mencionam, o principal motivo da não aceitação do estabelecido na Bula menor Inter Caetera de 4 de maio de 1493, pelo rei português, foi o fato de o mesmo possuir informações sobre a existência de novas terras ao Sul do novo continente. A pretensão do monarca através da contestação do documento foi garantir para os portugueses as terras que futuramente seriam descobertas, como de fato ocorreu seis anos mais tarde, em 1500 quando a esquadra de Pedro Álvares Cabral “descobre” as terras que denominou Ilha de Vera Cruz, terras que foram incorporadas ao reino português.

Após inúmeras conversações foi acordado entre os dois reinos Ibéricos um novo documento, o Tratado de Tordesilhas, que num primeiro momento ficou conhecido por “Capitulação da Partição do Mar Oceano”, assinado entre a coroa de Castela e o reino de Portugal aos 7 de junho de 1494. Pelo novo documento foi ampliado de 100 para 370 léguas a partir da Ilha de Santo Antão e Cabo Verde. As terras descobertas e por descobrir a Oeste do meridiano pertenceriam à Espanha e as terras de Leste seriam de Portugal. Este tratado se tornou sem valor no século XVI, 1580 quando surge a União Ibérica, ou seja, um rei espanhol ocupando o trono dos dois reinos.

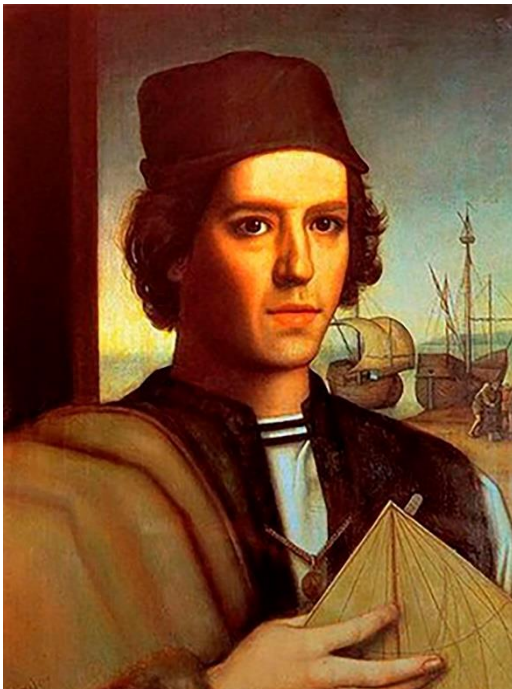


Tratado de Tordesilhas. Fonte: <https://santarosadeviterbo.wordpress.com/2013/03/29/tratado-de-tordesilhas/>

A exploração da Costa da América do Sul foi outro salto histórico, outro marco de relevante significado em vários aspectos, destacando-se entre estes a transformação da população, fato que ocorre a partir da chegada das naus espanholas e portuguesas. Importante ressaltar neste contexto que tanto Espanha quanto Portugal ofereciam grandes vantagens a quem tivesse interesse e coragem suficiente em explorar as terras do

Novo Mundo, fundando antes suas empresas de exploração e ainda oportunizando para grandes empreendedores da navegação da época que também o fizessem. Os interessados precisavam antes de tudo, possuir alto capital monetário vez que cabia a eles fundar a própria empresa, construir as embarcações, conseguir comandantes com experiência bem como contratar e manter a equipe de marinheiros.

As vantagens oferecidas sobrepujavam os desafios, diante da promessa de enriquecimento fácil e em curto prazo foi expressivo o número de interessados em fazer parte nesta grande aventura. Assim, já em 1.499 singra os mares em direção a América do Sul uma expedição sob o comando de Alonso Nunes (navegador) e Alonso Ojeda (almirante da Marinha espanhola), desembarcando na parte setentrional do novo continente. Ainda em 1499, mês de novembro, parte da Espanha, Porto de Palos a armada sob o comando de Vicente Yanes Pinzon. A expedição sob o



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vicente\\_Yáñez\\_Pinzón](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vicente_Yáñez_Pinzón)

comando de Pinzon percorreu a costa do Brasil, foi nessa viagem que se descobriu o Rio Amazonas. Importante destacar que o número de oficiais e marinheiros das duas expedições somava em torno de 520 pessoas, sendo que deste contingente, aproximadamente 80% eram mouros puros ou miscigenados que professavam a fé católica.

A expedição de Diogo de Lepe que partiu da Espanha em dezembro

de 1499, atingindo o litoral brasileiro, Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco) em fins de janeiro de 1500, trazia junto na viagem 170 oficiais e marinheiros, sendo a maior parte de mouros puros e miscigenados, a maior parte da religião católica.

*"No começo de janeiro de 1500 a esquadra sob o comando de Alonso Vélez de Mendoza atinge o Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), as duas caravelas por ele comandadas trazia 520 pessoas, deste total em torno de 80% eram mouros puros ou miscigenados, todos de religião católica. Vélez de Mendoza obteve em 6 de julho de 1499 permissão para navegar para as Índias com 4 caravelas, mas diante da grande procura de embarcações na época, só conseguiu alugar duas. Durante a exploração do lugar pelo grupo sob o comando de Mendoza se descobriu que o local não era uma ilha, como antes se suponha, mas sim um continente. Descobriu-se também com cartográficos da expedição que aquelas terras pertenciam a Portugal."*

*Moyer y America em la era de los descubrimientos. Coleção Biblioteca de Nova Urium, nº 2, Archivo Historico Municipal. Fundação Municipal Cultura Moyer, 2003. ISBN 84.607.8932-2.*

Relatos da época mantidos em sigilo, apontam que os portugueses haviam realizado algumas incursões ao longo do litoral brasileiro antes de 1500, portanto, antes da esquadra de Pedro Álvares Cabral chegar em terras brasileiras. Tal assertiva ganha força na contestação de Dom João II em relação a bula Inter Caetera de 4 de maio de 1492. Quando solicitou a revisão do acordo diplomático o soberano português tinha informações seguras sobre a existência de terras ao sul do continente recém-descoberto. Com o novo tratado os lusos firmaram sua autoridade sobre grande parte

deste território descoberto seis anos depois de assinado o Tratado de Tordesilhas.

Decorridos apenas onze meses do descobrimento, parte de Lisboa rumo a Terra de Santa Cruz, em maio de 1501, uma expedição com três navios sob o comando de Gonçalo Coelho. Chegando ao Cabo de São Roque, Rio Grande do Norte, as naus que transportavam 180 pessoas, navegaram rumo ao Sul, alcançando o Cabo de Santa Marta, Laguna, Santa Catarina, descendo até a Patagônia.

*"Em sete de agosto do mesmo ano chegaram ao Cabo de São Roque os exploradores portugueses Américo Vespúcio e André Gonçalves."*

*História do Rio Grande do Norte, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia RN. Consultado em 21 de dezembro de 2022.*

Seguiram-se as expedições de Juan Dias de Solis que navegou até o Rio de la Plata, já explorado em 1506 por João de Lisboa e Tristão da Cunha. Nos primeiros anos após o descobrimento crescia na Europa a curiosidade e o interesse pelas terras misteriosas e suas riquezas, conseqüentemente aumentando também os investimentos para financiar expedições, isto em troca de contratos vantajosos que proporcionassem lucros que poderiam gerar grandes fortunas. Nesse fervilhar de acontecimentos buscavam-se navegadores experientes, marinheiros corajosos e trabalhadores para todos os fins, não importando sua procedência. Dos portos da Espanha e Portugal, sempre em crescente movimento partem inúmeras frotas entre estas a de Gonçalo Coelho em 1503 que comandou as primeiras expedições de exploração das terras recém-descobertas e que pertenciam ao reino

português e a de Binot Paulmier de Gonneville em 1504, estas foram as primeiras a percorrer a costa meridional do Brasil. Gonneville ancora na baía que já era chamada Babitonga (São Francisco do Sul - Santa Catarina), ali permanecendo em torno de seis meses, ocasião em que aprendeu a língua dos nativos, seus hábitos e costumes, estudando também a flora, fauna e acidentes geográficos, estudos que foram publicados posteriormente por autores franceses. Durante o tempo que permaneceu no local houve aproximação entre os marinheiros e as mulheres índias resultando em descendentes, mistura de mouros puros ou miscigenados com índias ou bugras.

*"Entende-se por bugre pessoa nascida da miscigenação entre a índia e o europeu e que por esse motivo deixou a tribo; índio que não mais vive na aldeia, mas apenas com sua família."*

*Taipas – Origem do Homem do Contestado, pág.18.*

Mesmo diante das exigências impostas pelas autoridades dos dois reinos para permissão de singrar os mares, aumenta o número de autorizações para realização de novas aventuras marítimas rumo ao novo continente. Seguem-se as expedições de Estevão Frois e João Lisboa em 1513, tendo passado pelo Porto dos Patos (Florianópolis), contactando-se com europeus ali deixados por comandantes de expedições anteriores, naufragos que diante da perda de suas naus, outra alternativa não tiveram senão a de permanecer no local, esse é o motivo pelo qual o lugar era conhecido como Los Perdidos. A frota de Lisboa e Frois continuou para o Sul, sendo a primeira que adentrou na foz do Rio da Prata.

Juan Dias de Solis, português naturalizado espanhol, ancora no Porto dos Patos em 1516, ali encontra diversos europeus vivendo entre nativos, mantendo união com mulheres índias. Seguindo para explorar o Rio da Prata, Solis e alguns de seus auxiliares mais imediatos são mortos por indígenas com os quais procuravam manter contato. Diante de tão brutal ocorrência as duas naus da expedição iniciaram retorno a Espanha, mas a certa altura são atingidos por uma forte tempestade que provocou a separação das embarcações, assim, enquanto uma era levada em direção a Feitoria do Rio de Janeiro a outra segue rumo ao litoral de Santa Catarina, Porto dos Patos, aportando em uma das baías da região, entre a Ilha dos Patos e o continente. Ao tentar penetrar no porto através do canal Sul a embarcação naufraga, salvando-se alguns tripulantes, mas destes, somente



Aleixo Garcia.

<https://blog.citytourfoz.com.br/tag/aleixo-garcia/>

5 tiveram seus nomes preservados: Aleixo Garcia, Melchior Ramires, Francisco Fernandes, Francisco Pacheco e Henriques Montés. Os sobreviventes passaram viver com os nativos constituindo família com as índias locais. Relacionam-se também as expedições de Diego Garcia de Moyer em 1519, Pedro Mendonza, João Salasar de Espinosa, Sebastião Caboto que permaneceu no

Porto dos Patos entre 1526 e 1527, e Dom Rodrigo de Acunã que em 30 de abril de 1528 escreve carta a D. João III, relatando a existência de mais de 300 cristãos vivendo em terras brasileiras.



Os sobreviventes da frota de Juan Dias de Solis que naufragaram nas proximidades do Porto dos Patos em 1516, em torno de 13 ou 14 foram salvos e curados pelos indígenas. Mas a vida pacata desses marujos durou somente até a chegada ao local da expedição do português Cristóvão Jaques que ordenou a prisão dos mesmos, conseguindo capturar 7 homens, enquanto os outros empreenderam fuga pelas matas adjacentes. Os detidos serviram inicialmente de troca pela liberdade de outros prisioneiros na Europa, os que conseguiram fugir retornaram depois ao convívio dos índios e tiveram um papel fundamental na colonização do Sul do País e na exploração da região do Rio da Prata.

Movidos pela esperança de encontrar riquezas principalmente ouro e prata, alguns homens acompanhados por indígenas que conheciam os antigos caminhos existentes, saíram do Porto dos Patos embrenhando-se na mata, depois de alguns dias conseguem galgar a grande muralha, assim era chamada na época a Serra do Mar, tida como extremamente difícil de ser vencida. Este grupo formado por 5 europeus mais os guias, consegue transpor a selva primitiva e desafiadora até o planalto.

*"Chegarem numa área plana que os nativos chamavam de Bituruna em razão de uma tribo assim chamados, muitas vezes foram identificados os Xoklengs; e os Guñanas, são também chamados de Goianás."*

*"Denominação genética que se atribui a muitos grupos Kaingang na documentação do período colonial."*

*D'Angelis, 1984. Pág 7 e 8.*

Foram os primeiros homens brancos a chegar na região, conseguindo escalar a Serra do Mar tida como o grande obstáculo do trajeto. Dos integrantes do grupo, 4 escolheram permanecer no planalto formando famílias com mulheres indígenas gerando filhos e filhas.

*"Os primeiros mamelucos – também conhecidos como caboclos, mestiço de europeu branco e indígena. Sua origem está no árabe 'Mamluk'. A origem do termo caboclo é indígena, conforme o antropólogo Camara Cascudo defende em sua obra Dicionário do Folclore Brasileiro que a forma correta é o Tupi 'caboco', tendo duas origens possíveis: caa-boc - o que vem da floresta; ou kari'boca - filho de homem branco."*

*Fonte: <https://maquinadostempos.wixsite.com/hist/post/qual-%C3%A9-a-diferen%C3%A7a-entre-cafuzo-mulato-e-mameluco>*

Outro marco importante nos primeiros 50 anos após o descobrimento, ocorrido na região sul, precisamente no território que viria constituir os futuros estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foi sem dúvida a grande aventura empreendida pelo colonizador e segundo governador do Rio da Prata, o espanhol Alvar Nunez Cabeza de Vaca, que, entre outubro de 1541 e março de 1542, percorreu 400 léguas desde a Ilha de Santa Catarina até Assunción, vencendo as dificuldades de um sertão desconhecido e selvagem, plantando ao longo do percurso 7 entrepostos, deixando em cada um deles homens por ele escolhidos para a missão de firmar a presença espanhola na região, mantendo também comunicação entre si.

A expedição espanhola que ancorou na Ilha de Santa Catarina em 29 de março de 1541, ali permaneceu até outubro, período gasto nos preparativos da longa jornada que teriam pela frente, empreitada está que seria de grande importância para o conhecimento do vasto interior e viria contribuir também para a formação da população sertaneja. Comandando um contingente de 250 homens que o acompanhavam desde a Espanha, 25 homens que viviam na Ilha de Santa Catarina, 85 índios escolhidos por conhecerem os caminhos, exímios na arte da caça, pesca e coleta de alimentos e mais 26 cavalos, Cabeza de Vaca deixa o Porto dos Patos via mar no dia 18 de outubro de 1541, desembarcando nas proximidades do rio Itapocu (nasce no município de Corupá na Serra do Mar, sua foz é o Oceano Atlântico). Ali é criado o primeiro dos 7 entrepostos distribuídos pelo espanhol ao longo do trajeto que hora se iniciava (inexistem dados sobre quantos homens foram deixados neste entreposto).



Alvar Nunez Cabeza de Vaca

Fonte: <https://www.marfapublicradio.org/show/nature-notes/2018-07-26/cabeza-de-vacas-chronicle-a-singular-glimpse-of-the-native-american-past>

Embrenhando-se na selva e trilhando o Caminho do Peaberu a expedição escala a Serra do Mar até atingir uma área plana onde se localiza hoje as cidades de Campo Alegre e Guaramirin, neste ponto foram socorridos pelos índios guaranis com grande quantidade de comida.

Denominando de Província de Vera, Cabeza de Vaca batiza a região tomando posse da mesma em nome da Coroa espanhola, estabelecendo ali o Segundo Entreposto, deixando no local alguns de seus comandados com a missão de assegurar a presença espanhola na área e fazer amizade com os índios, dando-lhes atenção e tratamento de aliados.



Caminho do Peaberu – Fonte: <https://pedradoindiobotucatu.com.br/a-historia-do-caminho-do-peabiru/>

*"No início de janeiro de 1542 atravessam o rio Negro (mais tarde divisa entre os futuros estados de Santa Catarina e Paraná), seguindo pelas margens deste chegam ao local hoje ocupado*

*pelas cidades de Mafra e Rio Negro, criando neste ponto o Terceiro Entreposto, ali são deixados 4 homens, todos mouriscos. Continuando a caminhada atingem as cabeceiras do rio Iguaçu, rumando para o Nordeste alcançam o rio Tibagi e no espaço hoje ocupado pela cidade de Ponta Grossa fixam o Quarto Entreposto, que ficou sendo guardado por 4 espanhóis com incumbência entre outros de criar laços de amizade com os nativos. No Quinto Entreposto localizado junto ao rio Taquari, também foram designados 4 homens de confiança, com a incumbência entre outros de explorar a área e criar laços de amizade com os nativos. O Sexto Entreposto foi criado nas imediações do rio Piquiri, nele se fixaram 15 homens. O Sétimo Entreposto foi estabelecido nas imediações do rio Paraná, próximo ao local em que a expedição havia conseguido o grande feito de atravessar a volumosa correnteza. O último entreposto foi entregue a um grupo de 6 espanhóis. Em 11 de março de 1542, Cabeza de Vaca e seus comandados chegam a Assuncion.”*

*Fonte: Naufrágios e Comentários. Coleção L&PM, Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, editado em 1555. Publicado no Brasil em 1987 pelo historiador Eduardo Bueno - ISBN 8525409537.*

Este fato histórico devidamente registrado em toda sua extensão, serve para mostrar a contribuição do elemento espanhol, brancos ou negros (mouricos), na formação da população dos estados do Paraná e Santa Catarina, que a partir deste evento memorável apresenta aumento quanto ao número de crianças, fruto da miscigenação do europeu com indianos. Indivíduos de uma nova raça forjados no seio da floresta para as lides



Família de Caboclos – Salto Veloso, década de 1940.

campeiras, ágeis no tropeirismo, no trabalho das estâncias, no preparo da erva-mate, na arte da doma, na sincronicidade com a floresta. Mulheres e homens marcados na pele com uma cor única, mistura de variados tons ligados a natureza.

Não sabemos por quanto tempo os entrepostos existiram, nem o número de moradores que cada um abrigou, mas podemos afirmar, houve sim a formação de famílias entre europeus e mulheres indígenas. É certo que uma vez extintos os entrepostos, muitos espanhóis tenham optado por permanecer no local ou na região perpetuando ali sua descendência, criando raízes, erguendo pequenos arraiais que com o tempo se transformaram em vilas que passaram ser referência, ponto de pouso para os tropeiros que do Continente de São Pedro do Rio Grande conduziam tropas de muares e gado para a região ourífera das Minas Gerais. Devemos



Descendentes de colonos europeus com famílias de caboclos durante festa religiosa. Vila de Macieira, década de 1940.

ter em mente que até o século XVII a região à qual nos referimos era administrada pelo governo de Buenos Aires pertencente, portanto, a Coroa espanhola.

Por um largo período expedições lusas e castelhanas continuaram chegando á Ilha de Santa Catarina, enquanto algumas atracavam apenas para reparos nas embarcações e em busca de suprimentos para prosseguir viagem, outras, na maioria castelhanas tinham por finalidade ampliar o conhecimento e povoamento do território sobre o qual tinham domínio e posse. Nestas incursões terra adentro era comum o contato entre viajantes e os nativos do interior que recebiam os europeus com acolhimento e comida, gestos que ajudavam na decisão de muitos viajantes em permanecer no local ou na região, ao invés de retornar aos perigos enfrentados nos oceanos, cada viagem trazia incontáveis desafios. Assim novas famílias eram constituídas, aumentando conseqüentemente o povoamento do interior com uma população muito ligada a terra por laços de respeito e gratidão.

Nesse meio tempo eram criadas com aval das casas reais da Espanha e Portugal e incentivo da Igreja de Roma as missões ou reduções jesuítas administradas pelos padres católicos da Companhia de Jesus.



Missão Jesuíta. Fonte: <https://www.jmais.com.br/igreja-e-educacao-no-brasil-colonial/>

*"As missões eram aldeamentos indígenas, que possuíam um conjunto de serviços necessários em seu funcionamento, que na*

*grande maioria dos casos abrigava 12.000 indivíduos, eram instituídas e coordenadas pelos sacerdotes da Companhia de Jesus como parte de sua grande obra de cunho civilizador e evangelizador, mas isento de seus vícios e maldades.”*

*Las Misiones Jesuitas de los domínios de Carlos III – Biblioteca Virtual Cervantes, consultada em 22 de fevereiro de 2023.*

Apesar de contestações posteriores sobre a forma de funcionamento, naquele momento preciso era o que se podiam oferecer, principalmente para a segurança de uma população ameaçada por muitos perigos, sendo a escravidão o pior deles.

*"Nas reduções o governo civil era exclusivamente indígena e respeitava as hierarquias tribais, era constituído por um conselho eleito por votação e renovado anualmente formado por oficiais, administradores fiscais de justiça e representantes dos bairros da missão, todos sob a égide de um cacique geralmente hereditário. A administração da justiça ficava a cargo dos jesuítas. A cada família, se atribuía uma porção de terra hereditária destinada a fornecer o seu sustento privado com o plantio de milho, batata, feijão e frutas. Outras áreas eram "propriedade de Deus" cujos frutos revertiam para a comunidade e onde o índio deveria trabalhar dois dias por semana. Os instrumentos de trabalho eram de uso coletivo. Os ensinamentos colocados em prática pelos sacerdotes na rotina das missões incluíam técnicas de agricultura e pecuária, fundição e arquitetura, no âmbito cultural eram ministradas aulas de escultura, gravura, pintura, teatro e música, com produção de um rico acervo que até hoje pode ser visto em vários museus. Nas missões não existia dinheiro, mas apenas sistema de troca. Também não era permitido aos índios*



*o uso de armas, fato este que favoreceu os ataques dos bandeirantes paulistas cuja principal finalidade era o apresamento de indígena para vendê-los como escravos.”*

*Hernandes, Angel Santos – Las Misiones hajo al patronato português. Volume 3, Volume 10. Estudos, Universidade Pontifícia de Camellas, Madri, Espanha- 1977. Pp 5 – 7. Consultado em 22 de fevereiro de 2023.*

Entre as missões Orientais, assim chamadas por estarem situadas a Leste do rio Uruguai e as Ocidentais que se localizavam em território hoje ocupado pela Argentina e Paraguai mencionamos a redução chamada São Joaquim, fundada pelos jesuítas nas imediações da localidade chamada Caru pelos índios, proximidades do atual município de São José do Cerrito, no Planalto Catarinense.

*"Diante dos seguidos ataques dos bandeirantes paulistas a missão foi mudada para o chamado Campo do Iraquim – arredores do hoje município de Xanxere.”*

*Pastelis, Pablo – Paraguai, Uruguai, Peru Bolívia y Brasil – História da Companhia de Jesus em la província del Paraguai, setembro de 2013 – segundo documentos originais.*

Importante salientar que as invasões por parte dos portugueses realizadas com brutal selvageria em muito contribuíram para o enfraquecimento das missões. A violência praticada pelos que tinham como único propósito o dinheiro que a venda de homens e mulheres proporcionava, levou muitos habitantes das missões debandar dos aldeamentos e procurar refúgio em áreas distantes, locais que pudessem

viver em relativa tranquilidade com sua parentela e amigos mais próximos, chegando nessa longa jornada, á região mais tarde conhecida como contestado. A única bagagem que traziam consigo eram a esperança de uma vida mais segura e a confiança que a natureza proveria o necessário que precisavam para sobreviver. Esta fuga empreendida por muitos indivíduos, resultou em aumento da população com maior destaque de caboclos perseguidos também pelos indígenas que incorporavam os grupos de apresamento comandados por bandeirantes paulistas.

Após negociações diplomáticas entre Espanha e Portugal foi assinado em 13 de janeiro de 1750 o Tratado de Madri. Pelo pacto foram revistas as fronteiras que separavam as colônias portuguesas e espanholas na América do Sul. O tratado permitiu a expansão territorial de Portugal no novo mundo. Pelo acordado entre as partes ficou estabelecido entre outros que os Sete Povos das Missões, antes pertencente a Espanha fosse entregue a Portugal em troca da Colônia de Sacramento, hoje cidade do Uruguai. Os índios que viviam naquela área não aceitaram tal proposta, pois sabiam que estavam sendo expulsos de suas terras. Essa resistência deflagrou o conflito que passou ser conhecido como Guerra Guaranítica, travada entre índios, tropas espanholas e tropas portuguesas. A guerra se estendeu de 1753 a 1756, com nefastas consequências para os indígenas, que só viram recrudescer a violência praticada contra eles.

Os portugueses impondo sua própria estratégia que tinha como principal escopo assegurar e expandir o território que agora lhes pertencia, impuseram sua força e sua lei não medindo consequências desde que seus objetivos fossem assegurados. Assim foram paulatinamente fragilizando a dominação espanhola no vasto território através de ataques constantes e

sistemáticos praticamente dizimando a população indígena da região do Tape, Guaíra e Ibituruna, mas atingindo com mais especificidade os territórios em que estavam erguidas as missões jesuítas.

Um texto escrito sobre o assunto por uma testemunha da época registra a bestialidade praticada pelos integrantes das bandeiras portuguesas em relação aos índios e mestiços, como eram conhecidos os caboclos que viviam esparramados pelo território e que já eram muitos naquela época. Relata o padre Justo Mansilla Van Surek ao seu primas da Ordem Jesuíta no ano de 1629:

*"São gente desalmada e aloucalhada que não respeitam nem as leis de Rei e nem as de Deus; não temem nem a justiça nem a autoridade. Vão direto a terra dos índios e dos mestiços e lá chegando fazem uso da força cercando as tabas e as ocas, bem como as choças dos mestiços usando a força... vão matando aldeias inteiras não perdoando nem grandes nem pequenos, matando mais gente do que as que trazem cativos, como se fossem burros ou cavalos, trazendo-os às correntes, açoitando-os, dando-lhes chicotadas e matando aqueles que se sublevam e deixam pelos caminhos estéreis, sem comida, os que caem enfermos, apartando dos maridos as suas mulheres, filhos de seus pais etc, quando não repartem e vendem. Aqueles que não mais voltam a São Paulo ficam no Sul vivendo com os índios e mestiços."*

É importante frisar que toda essa violência não tinha o menor gesto de ser reprimida pelos que tinham o poder e o dever de coibir tão nefastas atitudes, ou seja, as autoridades que representavam o governo de Portugal e Espanha, principalmente este último com jurisdição no território do

Paraguai e com domínio também sobre extensas áreas que hoje formam o sul do Brasil. Surdas e omissas eram as autoridades aos pedidos de ajuda feitos pelos padres jesuítas e índios que conviviam num clima de verdadeiro extermínio, tudo com a anuência de quem tinha a obrigação de defendê-los. Os desmandos chegaram ao ponto de culminar com afastamento por procedimento indigno do Governador D. Luiz de Céspedes Xeria, que em 1633 deixou Assunción. Referindo-se ao fato, assim relata o sociólogo Octacílio Schüller Sobrinho.

*"Este, depois de praticamente expulso do comando, reuniu um bom número de mouriscos, mestiços e índios, sob seu comando e mudou-se em 1633 para a sesmaria de sua propriedade localizada no hoje território de Santa Catarina, área que abrangia a área dos atuais municípios de Irani, Ponte Serrada, Passos Maia, Água Doce, Vargem Bonita, Catanduvás, Treze Tílias, Salto Veloso e Macieira, além de parte expressiva de outros, pois entre os paralelos 26 e 75, e 27 e 65. Alguns anos mais tarde boa parte dos mouriscos, juntamente com os mestiços mudaram-se desta sesmaria, indo ocupar uma área dos atuais municípios de Campos Novos e Curitibanos."*

*Origem do Homem do Contestado – Taipas pag.129 e 130 CDU691.41-981 (816.4) 2000.*

Os ataques dos bandeirantes paulistas com o intuito do apresamento de índios e mestiços quer no espaço das missões ou nas muitas aldeias existentes nos sertões sulinos, começam a diminuir gradativamente a partir da descoberta de ouro e pedras preciosas nas Minas Gerais no final do século XVII, início do século XVIII, fato que despertou o interesse de muitas

peças dos mais diferentes destinos e de distintas classes sociais que para lá se dirigiam em busca de chances de trabalho e de oportunidade de fazer fortuna num curto espaço de tempo. Enquanto a região das Minas Gerais experimentava um expressivo surto desenvolvimentista gerado pela grande oferta de ouro e pedras preciosas fato que mudaria até mesmo o quadro econômico da então colônia portuguesa, ocorria o inverso no território sul brasileiro que entrava num período de lentidão econômica e quase esquecimento. O Sul viveu então um longo período de inexpressivo crescimento, pois nada sobrepujava o brilho dos diamantes e o fascínio do ouro, assim todos os caminhos convergiam para o Arraial do Tijuco e as vilas que nasciam ao seu redor. Ali o capital girava rapidamente, aumentando conseqüentemente a quantidade de trabalhadores contratados atraindo um número cada vez maior de pessoas, este crescimento teve várias conseqüências, entre as quais a escassez de gêneros alimentícios, principalmente a carne que somente podia ser obtida em quantidade nas terras do sul. Várias e urgentes providências foram tomadas no sentido de se buscar uma solução, que veio depois de outras tentativas com a abertura do picadão que recebeu o nome de Estrada dos Conventos ou Novo Caminho da Serra, tarefa realizada sob a coordenação de Francisco de Souza e Faria a mando de Antonio da Silva Caldeira Pimentel, quinto governador da Capitania de São Paulo.

O caminho aberto no ano de 1728 com a ajuda de trabalhadores enviados pelos capitães-mores de Paranaguá, São Francisco, Ilha de Santa Catarina e Laguna, ligava o Rio Grande de São Pedro aos Campos Gerais de Curitiba.



Mapa do Caminho dos Conventos (primeira rota, em Vermelho).

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-primeiro-caminho-das-tropas-8crdny1ct68tssmxqfi38ctam/>

Curitiba. A primeira grande tropa de burros xucros sob o comando de Cristóvão Pereira de Abreu a passar pelo recém-aberto caminho, ao chegar ao local chamado Campos dos Pinhais, nome primitivo da região onde nasceria o município de Lages, encontrou milhares de cabeças de gado pastando tranquilamente naquelas terras praticamente desabitadas.

Uma vez arrebanhada a galaria na localidade de Viamão, Rio Grande do Sul, os tropeiros iniciavam a viagem cruzando por Vacaria, alcançando depois Lages, Curitiba, Rio Negro, Lapa, Curitiba, Castro, Tibagi, Jaguariaíva, Itapetininga, chegando finalmente em Sorocaba, São Paulo, que concentrava a maior feira de animais do país. As viagens, dependendo das diversidades climáticas demorava mais de um ano para ser concluídas. Ao longo deste caminho foram surgindo pela necessidade das comitivas os pontos de pouso, os locais de descanso para os animais e os espaços necessários para a permanência das tropas quando

a viagem ocorria no inverno, sendo prudente interromper a caminhada para não arcar os prejuízos provocados com perda de peso dos animais resultando em menor lucro no negócio

Outro caminho percorrido pelos tropeiros – sentido sul, tinha como ponto de partida a cidade de Sorocaba via Itapetininga, Itararé, Jaguariaiva, Castro, Imbituva, Guarapuava e Palmas, onde, nas proximidades, segundo depoimento de Horácio Lima, colhido em Água Doce no ano de 1996.

*"O velho picadão se dividia, sendo que um deles passava pelas terras das fazendas Cruz Alta e São Bento, descendo a serra passava pela picada que existia antes de surgir a vila de Salto Veloso, seguindo adiante atravessava o rio do Peixe, até alcançar a Fazenda Rio das Pedras - hoje distrito de Videira. Neste ponto o picadão bifurcava: seguindo em frente cruzava por Butiá Verde, hoje Fraiburgo, Curitibanos e Campos Novos; pegando á esquerda passava por Rio das Antas e Rio Caçador, hoje Caçador."*



Tropa de Gado. Fonte: Nivaldo Godoy

Nos depoimentos de Leopardo Boeira, obtido em Salto Veloso em 1996 e de Clarentina Camargo também no mesmo ano os dois entrevistados lembravam que este caminho.

*"Começava perto de Palmas, passava o rio do Peixe e seguia adiante. As tropas eram grandes, e cruzavam seguido pelo picadão. Também era comum os tropeiros que vinham para negociar, vendiam jóias, tecidos, sanfonas, rabecas, violas, pentes, agulhas, tesouras, panelas de ferro, linha, baldes, espelhos, perfume e até carmim e batom para mulher. Eles também compravam produtos dos moradores, mas a maior parte dos negócios era feita na base da troca."*

Seguindo muitos trechos do antigo caminho do Peaberu que ligava a atual região de São Vicente ao Paraná e Paraguai, aproveitando também velhos caminhos indígenas, o Caminho das Tropas, sulcado pelos cascos de milhares de reses reunidas no Continente de São Pedro, hoje Rio Grande do Sul e muares arrebanhados no Paraguai, transformou-se num elo de ligação, um semeadouro de pequenos vilarejos que nasciam e cresciam segundo as necessidades da peonada que integrava as comitivas. O picadão primitivo alargado no decorrer dos anos pela passagem constante das tropas foi fator preponderante para o povoamento deste imenso território. Quando a região ourífera via esgotadas suas minas, o sul do Brasil continuou como fornecedor de alimentos, carne, charque e couro, matérias com grande procura e alta rentabilidade, fato que colaborou ainda mais para a fixação do homem ao solo e a transformação da paisagem rural através do crescimento das vilas brotadas ao longo do grande caminho das tropas.



O retraimento dos ataques do bandeirismo e a diminuição do interesse em setores inerentes ao desenvolvimento do espaço geográfico focado neste capítulo não influenciaram no aumento da população que apresentou, ao contrário, índices de crescimento significativo, referenciando neste contexto o Planalto Norte, Meio Oeste, estendendo-se ao Oeste Catarinense e abrangendo a área depois denominada Contestado, que apresentou um aumento considerável da população no período entre 1640 e 1729. Mencionam apontamentos da época o grande número de mouriscos e miscigenados mamelucos, como eram chamados os caboclos. Existiam ainda neste mesmo território, conforme anotações dos primeiros sacerdotes de Guarapuava que atendiam esporadicamente também a região de Palmas e arredores um grande número de índios que habitavam próximos aos caboclos mantendo uma convivência pacífica, os que viviam em grupos preservando sua cultura e tradições, sendo estes a maioria e os que preferiam levar uma vida de completo isolamento mantendo-se afastados de tudo, eram desconfiados e extremamente arredios, esquivando-se de qualquer contato quer com o homem branco quer com seu próprio povo.

Segundo estimativas, no último decênio do século XVIII, habitavam a região que depois seria denominada Contestado, cerca de 10 mil caboclos. Quanto aos mouriscos e índios é difícil presumir, vez que as perseguições aos últimos continuaram ao longo do tempo. Esse verdadeiro extermínio praticado sobre o povo originário teve emprego de ações abomináveis praticada pelos bugreiros que eram contratados para este fim, sendo que o serviço do contratante que conferia pessoalmente o número de orelhas cortadas dos índios na presença do contratado, para então acertarem o pagamento pelo serviço feito.

Quer sob domínio espanhol e depois português por força de sucessivos tratados assinados entre os dois países, situação que não mudou no império nem no alvorecer do período republicano, índios e mais precisamente os mouriscos e caboclos foram sempre tratados com descaso. Na absoluta falta de atenção e apoio, esta população que se firmou como predominante num amplo espaço geográfico, criou sua própria classe social cuja base era fundamentada em fortes laços familiares e na importância das relações de amizade. Os caboclos, mais especificamente, eram conhecidos pela prole numerosa e pela quantidade de amigos que possuíam. Neste ordenamento a honra se constituía no bem maior, o companheirismo representava a união, a solidariedade, o amparo e a defesa, tudo isto somado pela diversidade de crenças que regiam e completavam o mundo concebido conforme sua imaginação.

A natureza por sua vez garantia o alimento oferecendo a caça, pesca, frutos, sementes e raízes, na criação de animais, ou ainda dos que viviam soltos, chamados "alçados" pelos caboclos. Não faltavam a carne, a banha, o toucinho pendurado sobre o fogo ali colocado para defumar, nem as guampas cheias de leite, a coalhada, a canjica, o biju e o mel. O café era feito a partir do pinhão torrado. A descrição feita por Auguste de Saint-Hilaire, nos proporciona uma visão sobre as riquezas então existentes e disponíveis aos habitantes.

*"As pastagens no Brasil Meridional (1820), poderiam estar comprometidas se o rebanho bovino continuasse a reproduzir-se na mesma escala nas próximas décadas."*

Destaca ainda que:

*"A criação de cavalos é menor que a de bestas muares, existiam em quantidade cavalos bravios sem dono vivendo livres."*

Prossegue:

*"No começo do século XIX o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, exportavam por ano cento e vinte mil bovinos, trinta mil muares e vinte mil equinos. Nas estâncias o pessoal de trabalho se compunha de capatazes, peões, raramente escravos, em geral índios e mestiços (caboclos) assalariados."*

*Auguste de Saint-Hilaire – Viagem a Provincia de Santa Catharina 1820 – 1935 – Companhia Editora Nacional.*

Em conversa com Leopardo Boeira no ano de 1995, assim se referiu ao modo de vida dos caboclos e negros que formavam a maioria da população na época, anos 30 e 40.

*"Comida tinha de abundância, bastante caça, porco criado na mangueira e também solto no mato, as porcas criavam ninhada de leitões embaixo das árvores arcadas e dentro dos tocos, depois de meio grandinho era só o trabalho de pegar, mas precisava ter cachorro pra ajudar pois os bichos eram ariscos. A gente plantava milho, feijão, mandioca, batata-doce, trigo e batatinha que nos primeiros tempos ninguém conhecia. Perto da casa tinha plantação couve, tempêro e tudo que era tipo de ervas pra fazer chá, era o único remédio que a gente conhecia, até nos benzimentos usava galhinhos de planta que tem poder de curar. A vida era boa, simples, muita consideração pela família*

*e pelos amigos, esses eram de grande valia, sabia que podia contar sempre que tivesse precisão. Ninguém se negava de fazer favor de ser companheiro em toda situação.*

*Terra pra plantar a gente podia escolher, daí se tinha dono era acertado antes de começar o plantio quanto que ele queria de renda, se não tinha dono, era do governo, quem plantava não precisa pagar nada, daí a roça dava mais lucro. Muitas pessoas compravam seu pedaço de terra, naquele tempo existia boa oferta de terreno pra vender, quem não tinha dinheiro fazia o negócio na base da troca, esses saiam mais ligeiro. As lavouras eram feitas a maioria nas terras dobradas e nos morros, pois nas áreas planas os fazendeiros deixavam só para criar gado.*

*Nossa família era de Herciliópolis, mas naquele tempo o lugar tinha pouco ponto de comércio, também não tinha moinho, o que ficava mais perto era o do Pedro Giacomini que funcionava na vila de Salto Veloso. Quando levava milho pra moagem saía de casa bem cedinho, antes de clarear o dia, era longe e precisava ir em passo lento por causa da condição do caminho que era perigoso. Gastava meio-dia pra ir e a outra metade pra voltar, sempre se chegava em casa de noite. O milho era levado em bolsas de algodão que eram colocados dentro de bruacas ou surrões de couro. Depois da moagem se colocava a farinha nas bolsas que estavam bem limpinhas e voltavam para dentro dos surrões e bruacas, precisava proteger a farinha pois nos lados da picada tinha muito galho e plantas com espinhos que furavam os tecidos. Pra chegar até no Veloso tinha dois picadões: um passava pela Colônia Brinco e Congonhas e o outro pelo Paiol dos Bello, mas esse era mais perigoso por causa do perau, tanto na descida quanto na subida precisava ter cuidado para o animal não escorregar e cair, por isso a viagem demorava bem mais para ser feita.*

*Naquele tempo era mais custoso conseguir dinheiro, mas cada um se virava como podia. Um dos trabalhos que dava um bom lucro era cortar e preparar casca de gramumunha, que era usada para tingir roupas e até couro por causa da cor vermelho vivo. Depois de achar a árvore se tirava as cascas com facão bem afiado, levava pra casa e espalhava terreiro até ficar bem sequinhas no ponto para ser moídas e virar pó, isso tudo dava bastante serviço, mas a procura era grande e o lucro bom. A venda era feita em Luzerna que na época se chamava Bom Retiro, levava em cargueiros no lombo de cavalo ou mula. O pó da gramumunha ia de trem para cidades grandes que tinham fábrica de fazenda, por isso que quando se entregava o produto os comerciantes sempre encomendavam mais.*

*Serviço tinha muito, dava escolher o trabalho que quisesse, podia ser na colheita e no preparo da erva-mate, domador de cavalo, mulas e bois, empreiteiro pra construção de taipas, arrumador de cercas, peão de fazenda e tropeiro. Os homens tinham que trabalhar para sustentar a penca de filho, as mulheres ficavam na casa tomando conta da criançada, cuidando dos bichos do pátio e trabalhando na lavoura, esse era um serviço que todos da família tinham que ajudar.*

*Cada um tinha sua parte para fazer, cada qual precisava cuidar do seu trabalho, do seu dever, isso a gente aprendia desde cedo. Os mais velhos ensinavam que era preciso saber mais de um tipo de trabalho, ninguém podia adivinhar como ia ser a vida mais lá na frente pois no mundo não da pra ter certeza de nada. Que eu lembro, não tinha escola por perto, construíram mais tarde. As poucas pessoas que sabiam ler e escrever eram donos de comércio, os fazendeiros e a família deles, esses tinham professor que vinha de fora e parava na casa para ensinar. Existia os que eram mais abonados e mandavam os filhos estudar na*

*cidade grande, mais isso era escasso, era caso de estancieiro bastante endinheirado.*

*Naquela época todos os moradores de Hercíliopolis, Costeira, Paiol dos Bello e nos terrenos por perto eram pretos e caboclos. Não se não conhecia pessoas brancas ali pelos lados que falei, os brancos chegaram bem depois, quando começou a venda das terras das antigas fazendas que depois viraram colônias. Nos primeiros anos tinha mais gente escura, verdade mesmo, isso tudo aqui era "coaiado" de preto, maior parte vinha dos lados do Rio Grande do Sul.*

*Quando chegaram nessas bandas começaram casar com os caboclos e até com os índios mais mansos. As famílias tinham costume de morar perto umas das outras era mais seguro, mas boa parte do povo fazia o rancho no meio do mato, não gostava muito de se misturar, daí viviam sozinhos nos cafundós, cada um do seu jeito. Boa parte dessa gente era peão de fazendas, sabiam fazer todo tipo de lida, daí só precisava mesmo cumprir as ordens do patrão.*

*A família do meu pai era do Rio Grande do Sul, ele e outras pessoas escutavam o povo contar que em Santa Catarina era bom para viver e tinha bastante trabalho, falavam que aqui nessas bandas tudo estava começando e tinha chance de ter uma vida com mais fartura. No começo, quando se estabeleceram aqui passaram muito arrocho, situação difícil, mas depois a situação foi ficando melhor. Com o tempo meu pai montou um salão de baile, queria levar um pouco de contentamento pro povo que tinha quase nada de distração. Quase no mesmo tempo ele organizou um grupo de cantoria que juntava a família e um e outro amigo mais chegado. Nosso maior compromisso era cantar na igreja quando tinha a reza do terço como era costume das pessoas na época ou quando o padre vinha rezar missa, sempre*

*se entoava cantos e a ladainha, essa era sagrada, tinha uma pra cada ocasião. O grupo cantava na festa do Divino, Reis Magos, Sao Sebastião, São João, Nossa Senhora, São Bom Jesus, na cerimônia da encomenda das almas que acontecia na noite antes do Dia de Finados e terminava a meia-noite com os devotos cantando e rezando no cemitério. Nessa noite os cantos e a ladainha tinham que ser acompanhados pelo som da matraca que anunciava a passagem da procissão. Essa devoção era bastante respeitada pelo do povo antigo e juntava muito devoto que seguia o cortejo. A cantoria também era feita nos velórios para homenagear a pessoa que tinha deixado esta vida, tudo com bastante respeito, tudo com muito sentimento. Nos velórios era comum ter cantoria, muita prosa, café, bóia e um pouco de cachaça pra ajudar encurtar a noite.*

*Naquela época os costumes eram bem diferentes até mesmo dentro salão de baile, não podia ter mistura de preto com branco, daí cada um dançava no seu lado da corda, se o lado dos pretos ficava na direita era ali que tinha que dançar, se o lado dos brancos ficava na esquerda também não podia pular. Também não podia cobiçar quem tava no outro lado da corda, se isso acontecesse era entrevero certo. Ninguém sabia de onde nem de quando vinha essa prática, não tinha quem achasse isso ruim, ninguém ficava brabo, era tudo pobre igual. O povo respeitava esse costume antigo, importante mesmo era se divertir.*

*Das coisas muito tristes que eu recordo na vida e que aconteceu bem aqui no nosso chão, foi quando fizeram o despejo dos caboclos. Os donos das companhias tinham comprado muitos terrenos por aqui, mas essas terras não eram desocupadas, já naquela época tinha povo que morava nelas e isso fazia bastante tempo. Poucos desses moradores tinham papel de posse, outros não. Quem comprou queria a terra vazia pra medir e calcular as*

*colônias, eles tinham pressa de fazer isso então conversaram com as autoridades que mandaram força policial pra executar o serviço. As escoltas com soldados chegavam nos ranchos e ordenavam pra sair de imediato. Tinha caso que eles davam até uns dias para a família desocupar a terra, mas conforme a escolta que aparecia pra executar a empreitada não tinha conversa, chegavam e mandavam sair no grito e no tiro de fuzil. Isso é verdade, os coitados só podiam ficar o tempo para pegar a pouca tralha que tinham e os bichos que conseguiam levar, o resto tudo ficava. Quando a família saía a volante incendiava o rancho e ficava acompanhando até que tudo virasse cinza. As pessoas despejadas caminhavam sem destino, sem ter um lugar para morar. Essa tirania aconteceu em muitos lugares mas foi lá em Linha Brasília que expulsaram mais famílias, que queimaram a maior quantidade de ranchos.*

*Dava muita pena ver aquela gente indo embora sem rumo pelos carreiros, tinha muito velho e bastante criança, ia tudo chorando, cansado, com fome, com medo. Eu vi isso, nunca vou esquecer a quantidade de gente que saía sem rumo, uns conseguiam colocar as crianças dentro de cestos de taquara ou nas bruacas no lombo dos cavalos, outros levavam os filhos nas costas. Os mais grandinhos seguiam na frente, mas não conseguiam acompanhar o passo, então deitavam e começavam a chorar.*

*Era muita gente que passava todo dia, desde o clarear até o escurecer, dava uma tristeza tão grande ver aquele povo que tinha perdido o pouco que tinham. No caminho sempre encontravam alguém que dava um prato de comida, ninguém se negava dividir o feijão, a quirera, biju e o leite, a gente era pobre mas parece que o coração do pobre é sempre mais grande. A maioria dessa gente tomou rumo do Paraná, não tinham outro canto pra ir. Com o tempo segundo ficamos sabendo boa parte*



*encontrou ocupação, naquele tempo tinha bastante serviço nas fazendas e também nas serrarias. Teve muita família que preferiu construir o rancho no meio do mato, essa gente passou muita miséria, uma vida muito triste.”*

O modo de vida dos primeiros povoadores do lugar onde nasceria a cidade de Salto Veloso bem como as famílias moradoras nos arredores foi um dos assuntos da entrevista com Felisberto Cardoso dos Santos, realizada em sua residência na Linha São Vicente em 22 de agosto de 1995. Sobre os primeiros moradores ele relatou.

*"Quando chegamos em 1921 encontramos famílias de caboclos que já moravam aqui, esses recantos todos eram povoados. Naqueles anos as pessoas davam bastante valor aos amigos e conhecidos, tinha mais união e vizinho era como se fosse da família, a gente morava longe de qualquer recurso e a ajuda dos amigos era de grande valia quando se precisava. Ninguém se negava ajudar, quando carneava um porco repartia a carne com os morador mais de perto e eles também faziam isso, se tinha criança pequena se levava pra família uma guampa cheia de leite.*

*Cada morador sustentava a família com o que colhia no roçado, se plantava de tudo um pouco: milho, feijão, mandioca, moranga, amendoim, batata-doce e bastante couve pra colocar no revirado e comer no café e na janta. Pra fazer a roça era muito trabalhoso, cortava o mato com serrote, machado e foice, tinha que esperar um bocado de tempo pra secar, na hora de fazer a queimada se pedia ajuda dos amigos, dos conhecidos. Era um serviço perigoso pois conforme o vento soprava as labaredas encostavam fora do mato derrubado, escapava como*

*a gente dizia, daí não tinha jeito, o fogo avançava, demorava dias pra apagar, as vezes só apagava quando dava uma chuva forte. O povo naquele tempo consumia bastante carne de caça, tinha muito bicho por aqui, só passava carestia de comida quem tinha preguiça de trabalhar e falta de vontade de ir pro mato atrás de caça e de um rio pra pegar uns peixes que tinha de abundância também. Tinha um pouco de dificuldade pra conseguir açúcar, café, sal, querosene, tecido pra costurar roupa, munição e pólvora, tudo era comprado em Luzerna, ia com tropa de mula, trazia de cargueiro.*

*A gente morava antes em Caxias do Sul, no Rio Grade do Sul. Em 1920 Cristino Alves, nosso parente ouviu falar que aqui nesse lugar – Veloso, tinha terra boa que produzia bem. Ele veio pra cá e se agradou dos terrenos, na volta convenceu Valencio Alves dos Santos, Maria Joaquina dos Santos e João Maria Rodrigues. Viemos no lombo de burro, gastamos oito dias na viagem, varando mato fechado, só tinha mesmo o carreiro para passar com os animais. Chegamos em 1921, erguemos o rancho ali onde é hoje a cidade de Salto Veloso, naquele tempo o lugar já tinha esse nome. Morava ali o Chico Manco, ele era bodegueiro, a venda ficava na beira do picadão que varava no lugar. Mais pra cima da bodega no caminho pra Herciliópolis existia três ranchos, tinha mais uma outra família de caboclo por perto, mas moravam no meio do mato, não gostavam muito de aparecer, eram de pouca prosa.*

*Ficamos morando no Veloso por dois anos, depois meu pai negociou com o fazendeiro Epaminondas Ribas um terreno de 23 alqueires, essa terra ficava em Linha Barraca, hoje Treze Tílias. O negócio foi feito em troca de milho, cada ano tinha que deixar depositado certa quantidade de cargueiros lá na fazenda Rio Rufino que ficava bem pra diante de Herciliópolis. O milho era*

*levado com uma tropa de 10 mulas. Cada viagem demorava um dia.*

*Mais tarde compramos esse terreno aqui em São Vicente, a propriedade era do Valêncio Alves dos Santos, ele já fazia roça por aqui. Depois de um tempo apareceu problema na compra da terra, os donos da Companhia Colonizadora falavam que todos esses terrenos eram deles. Os moradores acharam que tinha alguma coisa errada na conversa da Companhia, então pagaram pro Ramiro Alfere ir até o Rio de Janeiro e ver o que tava sucedendo, pois naquele tempo o presidente morava lá.*

*O Ramiro tinha conhecimento de lei, sabia ler e escrever muito bem. Na volta veio dizendo que não tinha outro jeito, precisava pagar, depois sim a gente ia ser dono da terra. Ele ajudou também fazendo a papelada pra cada morador. Quando pagamos tudo o governo mandou o título, daí fizemos a escritura.*

*Quando chegamos aqui em São Vicente a gente proseava muito com os morador mais velho, que estavam aqui de muito tempo. Eles contavam que essa picada, lá no alto dos morros, já era bem antiga, mas tão antiga que era usada pelos jesuítas que vinham das bandas do Rio Grande do Sul. Nesse picadão que descia de Herciliópolis cruzava também bastante tropa de gado, mula, cavalo e porco, essa animalada era levada pra bem longe daqui.*

*A desavença com a Companhia Colonizadora que era mandada por povo de fora, uma gente que nem conhecia as terras que tinham comprado, prejudicou muita gente que tiveram os ranchos queimados, a criação extraviada, a plantação estragada, foi muito sofrimento por aqui. Essa gente toda teve ir embora quase sem nada, só com os poucos trens que conseguiam pegar antes que metessem fogo em tudo, as famílias saíam só com a*

*filharada, devem ter caminhado muito tempo até achar outro chão pra se estabelecer e recomeçar a vida. Muitos desses caboclos foram pro Paraná, isso soubemos mais tarde. Até o tempo que aconteceu essa retirada dos moradores tinha muito sossego por aqui, se vivia muito bem no respeito, na religião e na amizade forte, mas depois dos acontecimentos nunca mais ficaram como antes. A vida continuava, mas era diferente.”*

Sobre a formação da população que povoou depois dos indígenas a vasta região do Meio Oeste e Oeste Catarinense, enfocando aqui também a região que foi alvo de disputa judicial entre os estados de Santa Catarina e Paraná, e voltando mais precisamente no evento de implantação dos entrepostos por ordem de Alvar Nunes Cabeza de Vaca, quando de sua viagem de 400 léguas desde Porto dos Patos, destaca Octacílio Schuller Sobrinho.

*"Do terceiro entreposto, fixado nas cabeceiras do Rio Iguaçú, alguns mouriscos do primeiro entreposto e mamelucos do segundo entreposto uniram-se e deslocaram-se para as barrancas do Rio do Peixe, mais tarde para os rios Canoas e Marombas, no Oeste, e Porto União e Canoinhas no Norte do Estado Catarinense. Desceram, também, para as terras contestadas, Chapetones.”*

*"Chapetones eram colonos criados na Espanha, porém viviam na América, ocupavam os principais cargos administrativos, militares e religiosos, também representavam o interesse político e administrativo da coroa espanhola. "*

*Sociedade Colonial Espanhola. Brasil Escola. Wikipédia.*

*"Ao implantar os 7 entrepostos, Cabeza de Vaca deixou residentes 43 espanhóis, ou mouriscos, ou chapetones. Estava assegurada a posse espanhola desta vasta área da América Meridional."*

*Taipas – Origem do Homem do Contestado, pág.186 –  
Impressora Oficial do Estado de Santa Catarina 2000.*

Vemos assim que, com o passar do tempo e a miscigenação, fruto da formação das famílias entre europeus, mais precisamente espanhóis, no espaço geográfico em questão com as mulheres índias, esta população mourisca se transformou em mameluca (cabocla – mistura do branco com o índio e cafuza – mistura do negro com o índio), esse foi o nascedouro, o surgimento do homem, da mulher que com o tempo se disseminaram pela imensidão de uma terra então sem dono, sem leis, sem fronteiras, pessoas que subsistiam apenas do esforço do seu trabalho nas sesmarias e estâncias, como tropeiros, domadores, construtores de taipas, fabricantes de erva-mate, lavradores, lenhadores, ferreiros, além de outras atividades inerentes ao tempo e ao espaço. A vida desta população acontecia em perfeita harmonia com a natureza pródiga, seus rios, lagoas, vales, várzeas, montanhas, floresta imensa, mãe que todos protegia, alimentava, curava e abrigava. A vida era simples, encurtada pela falta de assistência e recursos, passada entre trabalho, obrigação, obediência e religião. Os poucos saberes eram transmitidos oralmente de avô para neto, de pai para filho num mundo em que a ausência de conhecimento e oportunidades atravessava gerações num ciclo que parecia nunca mudar o ritmo.

Quando aprofundamos as pesquisas sobre a população cabocla em obras as mais diversas, historicamente falando, vemos estas pessoas sendo mostrado sob diferentes nuances, isto dependendo de quem está retratando este povo, da posição social do interlocutor, da função que ocupa na sociedade e o motivo pelo qual está mantendo contato com a população aqui enfocada. Dentro deste contexto, temos algumas opiniões e descrições sobre os caboclos, isto na ótica de cada autor. A primeira é sob o ponto de vista de um soldado do exército brasileiro que veio lutar na Guerra do Contestado. Um homem com cultura militar, bem alimentado, bem-vestido, bem calçado, bem armado e preparado para combater brasileiros como ele, mas que haviam chegado ao mundo e viviam totalmente deserdados de oportunidades e que o governo que devia ser seu protetor lhes roubara até mesmo o direito ao chão em que sobrevivia com sua extensa prole.

*"Depois que em marcha para Curitybanos, saímos da região colonial, na qual nos habituámos a lidar com o colono allemão e seus descendentes, população oedeira, disciplinada, inteligente e sumamente prestativa, entrámos na zona serrana, onde, só reina a anarchia, a miséria, a completa desorganização navida privada e pública de seus habitantes. E sentimos profunda dôr moral em constatar o atrazo dos seus sertões.*

*Naquelles logares não se encontra um só homem valido, uma só criança que tenha uma certa robustez physica, que não traga seguras ás mãos uma clavina Winchester, com o qual são optimos atiradores, um pesado chicote e, presos á cintura, o revólver de alma longa e um grande facão. E todo aquelle que, por exceção, não usa de taes ornamentos, é apelidado de miserável...*

*Conheceis o typo rustico dos sertanejos do Contestado? Dar-vol-o-ei em poucas linhas. Existe o sertanejo de côr clara e o caboclo indígena. O primeiro tem grandes bigodes cahidos, veste calça-bombacha, cobre-se com o poncho-pala e calça cothurnos ennastrado de finas correntes de metal, que prende as chilenas. O segundo tem a côr bronzeada, cabelos corridos e barba com raros fios; os seus olhos, vivos, sempre baixos, sem sde fixarem no interlocutor, são atirados de soslaio e nelles se estereotypam a desconfiança nata e o seu instincto geralmente perverso. Ambos, porém, andam aramados dos pés á cabeça; no pescoço não prescindem do lenço de côres, á cabeça, do largo sombreiro e no corpo, do paletot muito comprido sobrepondo-se ao colete. Não é necessário ser profundo ethologo para dar as impresso psychológicas do povo sertanejo, com o qual convivemos por longos mezes. Basta somente ser observador.*

*"O aplomb (grande autoconfiança; naturalidade verbal e gestual) do sertanejo, quando ele se dirige a qualquer pessoa, é de pouca duração. Começa a conversar com certa pose, mas minutos depois, o corpo derrea, e, si não tem um assento perto, ele procura um encosto ou abaixa-se até ficar de cócoras. Nesta sua predilecta posição, ele fala horas e horas. A sua loquacidade é característica.*

*O sertanejo é um perfeito grulha: responde ao que se lhes pergunta e conta o que não quer saber. Desde que perceba que esta sendo ouvido com atenção, ele fica á vontade: descalça o cothurno, coça os pés desasseiados, cuspinha, esfrega os olhos remelosos, mette o indicador pelas narinas e, ás vezes, por cumulo de modos tão extravagantes, tira com a ponta das unhas, farto limo dos dentes, virgens de escova! A sua parlice, enchendo-se de novos alentos com a atenção de que esta sendo alvo, continua a martyrizar os ouvidos do interlocutor ou do*

*pequeno auditório que o rodeia. E assim vae elle, repetindo as palavras, sempre acompanhadas do infalível estribilho – não é? – com voz cantante num phrtaseado tão seu e tão original, procurando, num perfeito estultiloquio, á custa de pataratas, tomando mesmo um aspecto façanhudo, convencer os que de boamente o ouvem, de quesua valentia é inimitável, de que as suas proezas são inexcedíveis... Este é seu lado fraco: o grande desejo de ser sempre temido.*

*Nos povoados, seu caminhar é tardo, o seu semblante é humilde, o seu todo é simples: nessas ocasiões elle não causa temor a ninguém. Mas, quando encarranchado no seu cavalo, notável é a sua agilidade. Mesmo a todo galope, elle maneja o laço com destreza e com elle prende os mais espertos baguaaes. Este é um exercício que elle faz com satisfação.*

*Na matta, elle tem a ligeireza do jaguar. Entre os troncos de arvores, com plena confiança na sua própria individualidade, elle não teme o peor inimigo: oferece combate e, quase sempre sae vencedor.*

*O sertanejo é amigo do seu amigo, mas a sua desconfiança o faz sensível até aos pequenos actos que elle julga ofensivos ao seu carácter: quando isso se dá, ás vezes por uma ninharia, o amigo affectuoso de hontem torna-se o inimigo rancoroso de hoje. Já não respeita a vida do seu novo desaffectedo; desde então, para elle, nenhum valor tem a existência desse seu gratuito adversário.*

*É assim no sertão. Os seus homens mais rudes, dominados pela ignorancia que gera superstições que muito concorrem para os seus continuados desvarios, esses homens são como boidios: nem sempre provocam a lucta. Mas quando uma força superior sacode seus intinctos perversos, dispertando-os com vigor, entao*



*eles evidenciam toda sua maldade inconcebível, tornando-se inimigos terríveis, sanguinarios, atilados e traiçoeiros.”*

*1º Tenente do Exército - Herculano Teixeira d'Assumpção, Bello Horizonte. Imprensa Oficial do Estado de Minas Geraes, 1917. Volume 1 - texto conforme grafia da época).*

Na visão de Miguel Prevot, ucraniano que viveu em Rio das Antas entre os anos de 1920 a 1932, desempenhando a função de Diretor de Colonização da Brazil Railway Company e depois Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, detentora em nossa região das concessões Rio Preto, Rio das Antas, Rio Caçador e XV de Novembro, assim se referia ao descrever o caboclo:

*"É lamentável a ignorância do caboclo isto pelas circunstâncias que vive, causado pela ausência de escolas e total falta de atenção, viu-se ainda tirado de sua vivência pela chegada de uma era representada pela ferrovia e por toda a modernidade e progresso que ela trazia.”*

Homem de grande conhecimento, viajado, de mentalidade aberta e muito observador, o ucraniano tinha admiração pelo caboclo, observava suas maneiras corteses, sua linguagem, sua peculiar bravura, sua qualidade de amigo dedicado, pelo seu jeito de conduzir a família e pela sua tradicional hospitalidade.

*"Repare, dizia Prevot, o caboclo é o descendente em linha reta, parado no tempo, daqueles filhos d'algo que abicaram outrora a esta terra. Até seu linguajar é quinhentista e ainda mantém uma*

*fidalgua inata. O caboclo é um filósofo, ou veja, enquanto o rei Salomão diz nos provérbios: "o número de tolos é infinito" – o nosso sertanejo, com muito mais graça e convivência, exclama: "se três dias chovesse cangalhas ainda sobrava burro sem cangalha. É desse lamentar que esse caboclo seja analfabeto e tenha ficado totalmente abandonado pelos governos contestantes e confiado nos coronéis da região, ávidos por terra e sedentos de lucros fáceis e poderio político."*

*Depoimento para Carlos Gaertner Sobrinho, publicado na Revista Blumenau em Cadernos. Acervo - Arquivo Municipal de 1975 – Blumenau, Santa Catarina.*

O tabelião e pesquisador na área de história Carlos Gaertner Sobrinho, que ao longo dos anos publicou sua obra literária em alguns periódicos de Santa Catarina, tendo convivido com caboclos da região, mantendo com os mesmos forte relações de amizade faz o seguinte relato a respeito desta importante e significativa parcela da população, se referindo mais especificamente aos hábitos e costumes.

*"Eram ligados não só pelos laços de afinidade de sangue, mas, também e principalmente, pelos laços espirituais do compadrio, apadrinhagem e afilhadismo. Reuniam-se em agrupamentos, como células contíguas, tendo entre elas, a uni-las, o cimento maior da religião católica, da língua e da ascendência racial castelhana, lusa e nativa.*

*Viviam todos da mesma forma, com a mesma singeleza, nos mesmos casebres de tábuas de pinho lascadas. Viviam da agropecuária de abastecimento. Reuniam-se em puxirões para ajudar o vizinho na derrubada, queima e plantação, pelo trabalho*

*ganhavam a comida e o baile no final do dia. Ninguém carneava uma rês sem distribuir pedaços de carne entre os vizinhos. Em caso de doença todos se prontificavam ajudar, prestando onforto moral ou procurando o erveiro com suas garrafadas de cachaça, com folhas, flores, cascas e raízes; ou o benzedor com as suas orações e rezas fortes e milagrosas. As comadres chegavam prontas para o serviço, ordenhando as vacas, tratando os animais do pátio, do chiqueiro, fazendo comida, lavando roupa suja. Quando terminava o alimento da casa do doente iam buscar em seus ranchos e assim nada faltava.*

*Mas este sistema prestativo e hospitaleiro mudava em casos de questão de divisas de terras, por danos nas roças ou sedução amorosa, aí entrava em cena as peles com facão, faca ou garrucha, pois o sertanejo tinha em alta conta sua honra e não costumava 'levar pra casa desaforo'.*

*O caboclo era pobre porque vivia de maneira muito primitiva e com o mínimo de necessidade, ignorando mesmo que houvesse outra maneira de vida mais epicurista. Tinha, entretanto, abundância de alimentação."*

*Carlos Gaertner Sobrinho. Publicação Blumenau em Cadernos, 1975.*

Ainda referindo-se aos caboclos, Carlos Gaertner relata em publicação do ano de 1976:

*"Acreditavam no Lobisomem, no Boitatá, no Negrinho do Pastoreio, na Mula-Sem-Cabeça, no mau olhado ou quebranto, no feitiço, nos benzimentos, nas simpatias, nos responsos, nas rezas fortes e nas visagens, isto é, aparições do outro mundo. Os raros sacerdotes que apareciam nos esparsos arraiais não os*

*compreendiam e procuravam, isto sim, aumentar-lhes o terror do inferno e concitavam os sertanejos a se conformarem com sua posição no mundo, pois foi Deus que assim deixou e nada acontece sem Deus querer. Assim, ao longo do tempo nossos caboclos fortificaram suas crenças, sua própria religião, onde os monges que percorriam a região foram tomando lugar de destaque dentro da religiosidade deste sofrido povo do sertão."*

Em pesquisa realizada em 1992 nos Livros das Capelas na Paróquia Porto União, encontramos referências do Frei Gregorio Kurpik, da Ordem dos Frades Menores, que demonstram muito bem a opinião sincera dos nossos caboclos a respeito de certos assuntos. Relata o sacerdote.

*"Ao entrar na capela me deparei com a mesma lotada, mas me admirei diante da quantidade de cachorros que era bem maior que o número de fiéis presentes. Comecei a homília explicando que os cachorros deviam ser deixados em casa e não trazidos para a missa. Fui interrompido por um homem acaboclado que me disse: - Padre, cachorro também é fio de Deus e precisa chegá na igreja pra arecebe as benção. Será que Deus ia gostá se o Noé não tivesse dexado os cachorro entra no "bote" pra se sarvá do tar dilúvio."*

Importante era manter os fiéis, e para isso foi preciso deixar frequentar a igreja os muitos cachorros de todas as idades, tamanhos, cores e coceiras. Frei Cristóvão pregou em nossa região no final da década de 1920 até meados de 1930.

Saindo das narrativas em que os caboclos e negros eram vistos de fora para dentro de seu círculo familiar, de sua rotina doméstica e de sua vivência social, continuamos com os depoimentos dos verdadeiros personagens desta história, a verdade esclarecedora sobre o modo de vida, desses homens e mulheres que constituíram e constituem uma parcela importante da população de nossa região, inexistindo um só local, uma só cidade, um só município que sua presença não faça parte da história, mas pelo contrário, sua contribuição se faz presente estando indelevelmente marcada neste chão. Sobre o cotidiano dos caboclos e negros que de longa data firmaram presença nesta região Leonildo Cordeiro – seu Nido como é conhecido faz seu relato.



*"Naqueles tempos começava a trabalhar cedo esse era o costume de todas as famílias, criançada tinha que ajudar no serviço, os pais davam todo dia a obrigação pra piaçada cumpri, não tinha muita prosa, a gente obedecia. Não se discordava das ordens dos mais velhos, isso era respeito*

*eles mandavam e a filharada seguia cada qual pra sua empreitada, foi assim que aprendemos tudo que foi serviço. Meus pais José Cordeiro Filho e Severina Tobias Cordeiro moravam no Herciliópolis, eles tiveram 8 filhos, eu nasci em 2 de dezembro de 1937. Depois de algum tempo fomos morar no Baixo Santo Antonio, tinha terra melhor pra plantar, era o que precisava pois naqueles anos as famílias todas que moravam por aqui tiravam seu sustento da roça.*

*No tempo que eu era piá a maioria do povo que morava lá nos lados dos campos, no Herciliópolis, Costeira, Paiol dos Bello, Macieira e Salto Veloso era caboclo e preto, tudo gente bem pobre mas trabalhador e de bastante respeito. Mais tarde vieram os colonos do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina era tudo gente de pele clara, eles contratavam os caboclos e os pretos pra fazer empreitada, derrubar mato, plantar e limpar as roças, colher e malhar o trigo e até ajudar na construção de casas.*

*Nunca passamo carestia, quem trabalhava e colhia tinha fartura de comida, não faltava feijão, quirera, canjica, biju, carne de caça, carne de porco, torresmo, paçoca de carne, virado, pão de milho, coalhada, café e leite que era guardado nas guampas de boi para não azedar. No rancho não podia faltar chimarrão, se começava o dia preparando o mate esse costume que vinha de muito tempo atrás, era feio, até falta de educação receber visita e não ofertar um bom chimarrão e um café bem preparado, isso dava mais ânimo na prosa. Toda casa tinha o guardador de fogo, quem ficava com esse trabalho precisava ficar sempre esperto, ter atenção pra não deixar o fogo apagar, se isso acontecia o recurso era buscar umas brasas na casa mais perto que na verdade ficava longe, na volta tinha que correr muito pra chegar antes que as brasas virassem carvão. O fogo ficava sempre aceso não dava pra descuidar.*

*Tinha muito tipo de trabalho, na verdade até sobrava serviço por falta de pessoa que fizesse, podia escolher ser construtor de taipa, arrumador de cerca, tirador de palanque, tropeiro, amansador de burro – meu avô José Cordeiro pegava tropa de burro pra amansar, cobrava pela quantidade de animais.*

*Tinha também os amansador de bugre, esses precisavam ter paciência na lida, prosear muito com os bugres até fazer*

*amizade. O Domingos Cordeiro que era conhecido como Domingos Bugreiro só fazia isso. Ele saía á cavalo por esses matos levando nas bruacas muito doce, cachaça, fumo, roupa vermelha e outras coisas que sabia ser do gosto dos bugres. Chegava nos toldos e conversavas bastante, no começo a prosa era difícil, mas depois se entendiam.*

*Com o tempo os bugres chegavam perto dos ranchos e deixavam pendurado num galho de árvore uns pedaços de carne, fruta do mato, pena colorida de passarinho e canudos de mel, era o jeito que tinham para agradar as pessoas. Conforme a amizade crescia eles pegavam as crianças e levavam pro toldo, ficavam com elas por alguns dias e depois traziam de volta, deixavam perto do rancho da família. Os pais ficavam com medo, mas com o tempo não se assustavam tanto, eles viam que as crianças estavam bem quando eram trazidas de volta. Naquele tempo não adiantava querer briga, precisava ter paciência, esperar as coisas se resolver, mas o povo mais antigo sabia como lidar com tudo isso.*

*Mas nem todos procuravam os bugres pra conversar, fazer amizade, cativar. Existia bugreiro que era muito ruim mesmo, a empreitada deles era matar e só recebiam o pagamento depois de mostrar a orelha do bugre que tinham matado, era a prova que estavam cumprindo o trato feito. Muitos desses homens criaram a família com o dinheiro que ganhavam fazendo esse tipo de trabalho. Tinha gente maldosa que não gostava dos bugres, falavam que atrapalhavam e faziam desaforo, daí precisava dar um jeito pra situação ficar melhor.*

*O povo todo era católico, na maioria das casas tinha oratório com o santo de devoção da família, toda noite era sagrado se ajoelhar na frente do oratório para rezar o rosário, era um costume que os pais passavam pros filhos. No lugar que a gente morava o*

*único que aparecia pra rezar missa, fazer casamento, batizado, crisma e primeira comunhão era o padre Cassio, ele era de Água Doce e vinha de vez em quando, sempre que voltava tinha muito serviço pra fazer, até catecismo ele ensinava pra criançada. Naquele tempo não tinha escola por perto, só nos povoados mais grandinho pois não era fácil achar pessoa preparada pra dar aula, quase ninguém sabia ler e escrever.*

*Pra fazer a moagem do milho era só no Veloso, tinha o moinho do Giacomini, era bem movimentado. Era o único que tinha por perto, quando se chegava sempre encontrava pessoas que estavam na frente na fila da moagem, precisava esperar um tempo até a farinha ficar pronta. No moinho se via gente que vinha de todo lado, era um lugar para encontrar os amigos. As engrenagens começavam funcionar de madrugada e quase não paravam para atender tanta freguesia. Naquele tempo só se conseguia farinha no moinho, as casas de comércio não vendiam esse tipo de produto, não dava lucro vez que todos plantavam e colhiam seu milho.*

*A primeira estrada que eu conheci foi a de Macieira até Caçador, foi aberta na base de pá, picareta, enxada e machado, levou um bom tempo para ficar pronta pois era tudo feito na base da força, o trabalho mais demorado era arrancar os tocos das árvores que estavam no meio do traçado da estrada, não dava pra desviar. Um desses tocos demorou trinta dias para ser arrancado, era uma imbuía muito grande. Cortar a árvore já foi demorado e difícil, imagine tirar o toco, uma turma parava e outra continuava, só paravam mesmo quando anoitecia.*

*Naqueles anos ninguém se assustava, ninguém escolhia trabalho, poucos davam ordem e o resto obedecia, parece que coisas davam mais certo, as pessoas eram satisfeitas e agradecidas com o que tinham. Era um tempo de pouco recurso,*



*quando ficava doente se tratava com chá, garrafada, emplastro, banha de porco, graxa de capivara, simpatia e benzimento, médico só em cidade grande, não tinha escola, não tinha estrada, se andava a cavalo pelos picadão e varava os rios enfrentando a água pois não tinha ponte, mas o povo era costumado, não conhecia outro jeito de viver. Tudo mudô pra melhor, mas o povo não tem o contentamento e a amizade de antes."*

Esse jeito simples de ser, jeito hospitaleiro, respeitador, conselheiro, pacificador, trabalhador, é próprio do caboclo e foi sendo passado de geração em geração. Quem senão o caboclo se levantaria, mesmo não tendo nada para lutar, contra toda uma nação e contra uma das empresas mais predadoras que o mundo já conheceu, a Brazil Railway Company, construtora da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e Madeira-Mamoré, entre outros mega empreendimentos realizados no solo brasileiro em troca de grandes vantagens.

Um povo que ousou lutar pela terra que o recebera e honrou como poucos o vasto chão brasileiro, pois foi tomado pelo amor a este chão. Não chegou com o intuito de esbulhar, explorar, enriquecer, veio sim para habitar, partilhar e honrar a terra que o acolhera ao desembarcar das caravelas que aportaram no natural brasileiro.

Deixemos que a mais fiel descrição sobre o caboclo seja perpetuada nas palavras do filósofo, escritor e professor Octacílio Schuller Sobrinho, quando escreve:

*"Amanhecia o século XVI e o mourisco já estava acasalando e reproduzindo com a índia do planalto e das regiões dos campos*

*curitibanos gerando o mameluco, aqui chamado de homem da cor do pinhão, ou seja, o caboclo. Lembremos de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que consolida o Caminho do Peaberu, e instala nele sete entrepostos, deixando residentes nestas minúsculas unidades 43 mouriscos e toma posse em nome da coroa espanhola, das terras meridionais brasileiras e de toda a área compreendida entre os rios Paraguai e Paraná até o Oceano Atlântico.*

*Ainda estávamos no terceiro quartel do século do descobrimento quando o Capitão Jean de Garay instala entrepostos, fixa 43 mouriscos na região de Ibituruna, fundando a cidade de São Salvador rebatizada como Zarantina (não há registros históricos sobre a Póvoa de São Salvador ou Zarantina). Como se localizavam a 10 léguas do Poço de Itá (Joaçaba ou Erval do Oeste, Zarantina pode ser Videira ou Capinzal, pois os registros igualmente não informam se é para o sul, norte, leste ou oeste do Poço de Itá.*

*Em fins do século XVI já havia comunicação entre Assunção e a região de Ibituruna, o que permitiu a fixação de três reduções jesuíticas no Estado de Santa Catarina. Quando as reduções do Guaíra, Ibituruna e Tape foram destruídas, ficou na região do Contestado somente uma que, mesmo assim, saiu do Planalto Meridional e foi localizada no Planalto Setentrional do Estado.*

*Quando em 1912 começou a Guerra do Contestado, residiam na região, cinquenta e três mil almas das quais trinta mil, direta ou indiretamente estavam envolvidas na contenda, protegendo sua propriedade e seu patrimônio constituídos pela posse da terra e pela família numerosa. Foi este homem que, primeiro o estancieiro paulista, encontrou e expulsou dizendo que comprara aquelas terras, depois veio o capitalista americano/inglês dizendo*

*serem suas as terras e tido o que nelas existia pois iriam colocar ali uma ferrovia.”*

Continua Octacílio:

*"O árabe está presente nas vicissitudes da formação do gaúcho, do Paulista, ou seja, no sul, centro oeste e sudoeste, com menor intensidade no homem do Norte e Nordeste, mas foi no Planalto Meridional e Setentrional que o mesmo consubstanciou uma identidade antropológica singular, própria e específica - O CABOCLO.*

*Dentro desta metáfora, o ibérico das entradas e bandeiras, dos exploradores que chegaram a bendita terra contestada pelo litoral atlântico e pelos rios, selvas, montes, faxinais, campos e coxinhas, apresentavam a mesma sociologia e psicologia, ou seja, a do beduíno.*

*Nas infindas e solitárias extensões do Planalto Norte Catarinense, esse homem veio encontrar o chimarrão. A cultura da erva-mate foi transmitida pelo nativo que junto com a bebida deu-lhe a filha com quem se casou e reproduziu. No lombo do cavalo ou a pé, ainda não despido da sua condição de nômade errante, com a família, procurava desenvolver uma atividade fraternal visitando seus próximos e, eventualmente não mais regressando às origens, vez que a terra era de todos e a todos satisfazia. Assim tomou posse do grande sertão das araucárias. Neste acidentado e melancólico ambiente de serra acima, durante quatro séculos pode adaptar-se, esquecendo o lençol arenoso que vibra como boca de fornalha para escrever-se como doutorando na vida de contemplação e meditação junto aos mansos rios refletindo sobre a vida como se ela fosse projeção de vales fecundos.*

*O caboclo do Contestado é a síntese primitiva e persistente do homem sofredor de energia heroica e exaltação espiritual. Despido de vaidades materiais, mas diligente e probo quanto a essência e os fundamentos humanos não temendo senão amando a morte, tudo convergir para um conceito místico e não sensual da vida.*

*Voltemos...*

*Nas andanças pelas areias movediças do deserto, montado no lombo de trêmulos camelos, segue o beduíno, entregue em sua caravana, numa fraternidade solidária que mantém a harmonia do grupo e engendra a defesa comum. Na proporção que os animais pisam naquela plataforma movediça a trilha vai deixando sulcos profundos depois apagados pelo vento. O homem do Contestado recorda esse habitat pelas lendas e cantos de seus ancestrais e é mais feliz, pois o camelo foi substituído pelo cavalo e pelo burro. De aguilhoada na mão, agora no deserto verde dos pinheiros segue livre os caminhos abertos há séculos pelo nativo. As antigas cantorias acompanhadas na viola e na gaita relembram as lutas entre mouros e cristãos permeadas de muitas lendas.*

*Sua morada, apenas um rancho que não passa de um arremedo de acampamento isolado e nu, recolhido entre os pinheiros e as imbuías, cercado pelos gravatás e as palhas de santa-fé colhidas dos taquarais, enquanto o chão batido pelo socador de cabriúva nivelava o assoalho. A parede era enfeitada por guampas que guardavam o leite, enquanto o curote num canto guardava água fresca. Do teto, pendentes de um caibro de madeira bruta e roliço, alguns porongos guardavam objetos pessoais, sementes, pregos, algumas ferramentas, além de suportar uma reboleira de tentos e uma chaleira de ferro fundido. No quarto, tentos*

*trançados de couro cru, pelegos brancos, os arreios, o poncho dependurado no oitão.*

*Na cozinha, o fogo ardia e sobre o braseiro uma panela de ferro batido, oscilava pendurada num pau, este suportado por duas forquilhas verticais fincado na terra.*

*Não faltava na cintura do caboclo a pistola carregada pela boca, ajustada no lado direito da cintura, enquanto o facão espelhado era embainhado na parte traseira da cintura, perpendicularmente colocada.*

*Em consequência de sua vida, como os árabes, o caboclo desprezava a agricultura, uma vez que esta exigia esforço e atenção permanente. Sua atividade nômade centrava-se no pastoreio. O homem da cor de pinhão da terra contestada é o vaqueiro, o pastor por excelência, porque é descendente de uma raça habituada à vida nômade - o Árabe. Este viver errante em cima do cavalo, a correr campos e florestas, a estar sempre em contato com a natureza, dormindo ao relento e alimentando-se de seus frutos, sempre foi para o caboclo motivo de prazer inusitado.*

*Seu viver livre, sem fronteiras interrompido com a chegada do progresso na forma de um Dragão de Ferro trazido pelo homem branco vindo de outras terras. O progresso chegava ao sul Brasileiro e os caboclos foram expulsos, sem direitos, vilipendiados, desmoralizados e despersonalizados, nada mais restou para o ÁRABE, agora CABOCLO, ao HOMEM DA COR DO PINHÃO, ao HOMEM DO CONTESTADO, senão ir à luta. E foi...”*

## **CAPÍTULO IV**

### **SANTA CATARINA E O PROCESSO DE OCUPAÇÃO E POVOAMENTO**

Quando a esquadra sob o comando de Pedro Álvares Cabral deixou o litoral brasileiro fazendo-se ao mar em retorno ao país de origem, a imensa área recém-descoberta pela armada de Cabral, passou a ser considerada por um bom tempo como uma verdadeira “terra de ninguém”. E, com o território que formaria posteriormente o Estado de Santa Catarina a situação não foi diferente.

Decorridos alguns anos de simples posse e ocupação jurídica da nova terra que aconteceu através de esporádicas frotas de reconhecimento e guarda-costas do litoral, isto, no entanto, não garantia aos portugueses a segurança quanto à posse efetiva do território que haviam descoberto, onde pressentiam existir riquezas incontáveis que bem poderiam ser exploradas por outros países, também interessados na expansão de seus domínios.

Ao perceber o grande valor dessas riquezas, a Coroa Portuguesa inicia uma intensa fase de capitalismo comercial, fazendo-o através de uma política monopolista, passando da economia do pau-brasil (explorado num primeiro momento), para a do açúcar, produto este de muito valor na Europa quinhentista.

Nas três primeiras décadas após o descobrimento em 22 de abril de 1500, tem lugar um intensivo povoamento da nova terra, registrado principalmente na faixa litorânea, constituído este de exploradores de

madeira, estrangeiros de diversas procedências e um expressivo número de simples aventureiros, que ali estavam para tirar proveito de qualquer situação. A presença destes indivíduos em solo brasileiro, ao contrário do que era de se esperar, não dava, absolutamente, a Portugal tranquilidade sobre a terra que por direito lhe pertencia.

Este foi um dos principais motivos que levaram os portugueses pensar mais seriamente na possibilidade de dividir o Brasil em Capitânicas Hereditárias, experiência que já havia dado certo nos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Tal ideia encontrou receptividade junto ao rei D. João III, tendo sido colocada em prática imediatamente. Ao adotar o sistema de Capitânicas Hereditárias buscavam os portugueses em primeiro lugar defender o Brasil das constantes expedições de outros países que exploravam sistematicamente o pau-brasil, ao mesmo tempo promoveriam mais intensamente o povoamento do território, desenvolvendo o plantio de cana, incrementando, por consequência, a economia açucareira que na avaliação de Portugal tinha futuro garantido.

Assinadas em 01 de setembro de 1534, as cartas de doação das Capitânicas, destinavam a, além de outros fidalgos incluídos na lista de donatários, Pero Lopes de Souza ao qual foi doado Itamaracá e ainda outro quinhão menor ao sul. No dia 06 de outubro do mesmo ano, o monarca português rubricava documento outorgando a Martim Afonso de Souza, um quinhão mais para o norte.

Nesta divisão coube ao primeiro a Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'ana, sendo que a mesma se dividia em duas partes: uma do Rio São Vicente até a Barra do Juqueriquerê, e outra da Barra de Paranaguá

até proximidades de Laguna, o que corresponde à grande parte do litoral de Santa Catarina. As cartas de doação outorgavam também aos Capitães Donatários autoridade para doar as terras que haviam recebido. Estes assim procederam, beneficiando principalmente seus capitães-mores e seus locotenentes, que por sua vez deram início ao povoamento do Brasil e dentro disso, particularmente, do litoral de Santa Catarina.

Somos hoje conhecedores através de inúmeros registros deixados, que, a partir de 1500, o litoral que posteriormente faria parte do território catarinense foi visitado por várias expedições tanto portuguesas quanto espanholas que singravam os mares com a finalidade de proceder o reconhecimento e ocupação de seus domínios. Assim, aportam sucessivamente no litoral do futuro Estado de Santa Catarina: em 1504 a expedição comandada pelo francês Binot Paulmier de Gonneville, com o navio L'Espoir; em 1514 chegam Dom Nuno Manuel e Cristóvão de Haro; no ano de 1515, João Dias Solis, em 1521, Cristóvão Jacques; no ano de 1525, Garcia Jofre de Loyasa; em 19 de outubro de 1526 é a vez da expedição de Sebastião Caboto, no mesmo ano chega Diogo Garcia de Moyer, Pedro Mendonza e seu sobrinho Gonzalo aportam em 1534 e Alonso Cabrera em 1537.

É tida como de grande importância a expedição que chega ao litoral catarinense no mês de março de 1541. Enviada às expensas do rei da Espanha a mesma tinha no posto de comandante Dom Alvar Nunez Cabeza de Vaca. Este ao chegar frente a um contingente de 400 homens, que aportara nas costas de nosso Estado foram responsáveis, entre outros, pela identificação do litoral catarinense que pouco a pouco vai sobressaindo na costa brasileira.



Adotado pelo rei D. João III, o sistema de Capitanias dividiu o Brasil em 12 partes que foram doadas a fidalgos de confiança do monarca. O donatário ao receber seu quinhão, assumia perante a Coroa Portuguesa o compromisso de promover a ocupação da área que passava a lhe pertencer, encarregando-se também pela segurança de sua propriedade. Entre as capitanias estão as de Pero Lopes de Souza, concedidas ao mesmo em setembro de 1534 e confirmada pela Carta Régia de 21 de janeiro de 1535. Parte desta doação passou a denominar-se Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Ana - correspondendo esta última ao território catarinense.

O falecimento dos donatários Martin Afonso e seu irmão Pero Lopes, provocou acirrada disputa judicial travada entre os herdeiros de ambos que reivindicavam a posse das ditas terras. O litígio entre os descendentes se arrastou até o final de 1692, quando o rei de Portugal, procurando colocar um ponto final nesta demorada contenda, confirmou a doação da Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Ana, em favor do Marquês de Cascaes, Dom Luís Álvares de Castro Noronha Sousa e Ataíde (7º Conde de Monsanto e 2º Marquês de Cascaes).

No ano de 1708, o paulista José de Góis e Moraes, propõe ao Marquês a compra da capitania. O proprietário por sua vez estipula em quarenta mil cruzados, mais 4 mil de luvas o preço pelas 50 léguas da antiga donatária de Pero Lopes de Souza. Sabedor que o proprietário estava propenso vender tal área, o rei de Portugal Dom João V, formula também a proposta de compra, fazendo-o em nome da Coroa Portuguesa.

As negociações aconteceram então através dos emissários de Sua Majestade. Estes oferecem ao Marquês a quantia por ele solicitada para a

venda, ou seja, quarenta e quatro mil cruzados. Fechado o negócio, a escritura entre as duas partes é lavrada no mês de setembro de 1711, fazendo-se o termo perante a Câmara da Cidade de São Paulo em 25 de fevereiro de 1714. Assim, a Capitania de Santo Amaro e Terras de Sant'Ana, voltam a ser novamente propriedade da Coroa Portuguesa, desmembrando-se posteriormente em dezenas de sesmarias e dotes, concedidos a pessoas de confiança do monarca e nobres da Corte, que na maioria das vezes morriam sem saber onde se localizavam as terras por eles recebidas.

A longa disputa entre os herdeiros deixou entre outros pontos negativos a não demarcação dos limites das duas capitanias, fato este que influirá no futuro causando sérios problemas entre as províncias de São Paulo e Santa Catarina, se agravando ainda mais a criação da província do Paraná, que por sua vez irá discutir juntamente com Santa Catarina a posse efetiva da área contestada, originando novo litígio que permaneceu durante décadas sem solução.

O volumoso processo que discutiu a célebre “Questão dos limites”, entre as duas províncias contendoras, se prolongou por muito tempo, durante o qual, nenhuma das duas partes investia na área que estava sendo disputada, relegando com isto ao esquecimento tanto o território quanto a população que nele se encontrava, pessoas que se viram no mais completo abandono, entregues à própria sorte. Este esquecimento proposital foi sem dúvida um dos estopins deflagradores da Guerra do Contestado, assim denominada por ter se desenrolado dentro do espaço que estava sendo reivindicado pelas duas províncias, portanto contestada.

## CAPÍTULO V

### GOVERNADOR DA CAPITANIA DE SÃO PAULO ORDENA A FUNDAÇÃO DE LAGES

Um dos maiores conhecedores dos Caminhos do Sul, o tropeiro Antonio Corrêa Pinto, nomeado Capitão Mor Regente do Sertão de Curitiba, por Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, recebe deste documento rubricado na sede da Capitania de São Paulo, em 20 de agosto de 1766, que ordenava:

*"Fundar uma povoação no Sertão de Curitiba, na paragem chamada Lages, a qual necessariamente se há de por nome para que entre as povoações desta Capitania se distinga. Ordeno ao Capitão Mor Regente, Antônio Corrêa Pinto que logo que formar a referida Povoação lhe ponha o nome de Vila Nova dos Prazeres, e da Igreja Matriz de dita Povoação, será Orago de Nossa Senhora dos Prazeres, a quem tenho por advogada, madrinha e padroeira."*

Ao se referir a respeito da área onde deveria ser erguida a povoação, Botelho Mourão escreve:

*"O terreno hé de admirável não só para que se fundem muitas fazendas de gados, mas também para cultivar frutos, além disso seguem utilidades de acudir os moradores daquele Sertão."*

Fica evidente nessa última parte do documento mandado redigir por ordem do governador da capitania de São Paulo, que as razões para a

fundação de Lages, são eminentemente de ordem estratégica, procurando coibir com esta ação as constantes investidas dos espanhóis que buscavam de várias maneiras assenhorar-se daquele território.

A vila seria, portanto, um ponto de apoio e observação numa região cobiçada por outro país.

A Povoação fundada por Corrêa Pinto, erigida como vila no dia 22 de maio de 1771, recebendo com isto foros legais exigidos pela legislação de Portugal, é, inegavelmente, um importante marco no contexto da ocupação e povoamento do interior catarinense. Ligada desde seu nascimento à atividade pecuária, com o tempo e o conseqüente aumento do rebanho, os campos existentes nas proximidades foram se tornando insuficientes para alimentar tantas cabeças.

Este problema fez com que se procurassem novos espaços que proporcionassem fartura para o rebanho, surgindo assim Curitiba e Campos Novos, que por sua vez também expandem as fronteiras, alcançando, além do Planalto, a Região Oeste do Estado, onde nascem novas povoações, entre estas Salto Veloso, que desponta mais acentuadamente a partir da chegada dos primeiros colonizadores, oriundos, na sua grande maioria, das velhas colônias do Rio Grande do Sul. Atraídos pela fecundidade do solo e pela grande propaganda, desencadeada pelas Companhias Colonizadoras, muitas famílias se estabeleceram neste chão, apostando aqui o seu futuro, sua vida; escrevendo assim importantes capítulos da história de uma terra que pela sua pujança e coragem do seu povo, despontaria como destaque dentro de sua região e dentro do estado, pela sua capacidade de produção e geração de desenvolvimento.

## **CAPÍTULO VI**

### **BRASIL E ARGENTINA DIVERGEM QUANTO A SEUS LIMITES**

As primeiras conversações entre brasileiros e argentinos, enfocando o tema dos limites, somente aconteceram em 1857, isto por iniciativa do Brasil, que desde sua independência, em 1822, se preocupava em buscar uma solução neste sentido com o país vizinho, tornado independente no ano de 1810.

No entanto, do diálogo inicial, em 1857, até a solução definitiva sobre a fronteira entre os dois países muitos anos se passaram. O problema somente foi solucionado após um longo e delicado processo, o qual na verdade teve origem ainda no período das grandes descobertas marítimas patrocinadas pelas casas reais de Espanha e Portugal.

Vejamos os precedentes que somados culminaram na Questão dos Limites entre Brasil e Argentina: "A partir da demarcação dos limites entre a América Espanhola e a América Portuguesa, por força do Tratado de Madrid (que "a grosso modo" deu ao Brasil sua atual configuração geográfica, incorporando aos domínios de Portugal todas as terras conquistadas pelas bandeiras paulistas e adotando por critério a posse efetiva do território como base do direito de domínio, que seria o Uti Possidentis), através do Tratado de Madrid o Rio Pepiri-Guaçu era conhecido pelos nomes de Pepiri e Pequiri, e o afluente do Iguaçu, que devia completar a linha divisória nesta região estava ainda, então, sem ter qualquer nome. Os Comissários portugueses e espanhóis encarregados do trabalho de

demarcação, cumprindo exatamente as instruções que tinham, reconheceram no ano de 1759 a maior parte do curso do Pepiri e descobriram e exploraram o afluente do Iguaçu, que completava a linha de demarcação necessariamente meridiana nessa paragem, para poder assim ligar dois pontos iniciais, situados um ao sul, no Uruguai, outro no norte, no Iguaçu.

Os mesmos Comissários resolveram nominar de Santo Antonio o rio que escolheram para completar a ligação de fronteira, e declararam conservar ao Pepiri ou Pequiri a aparecer nos mapas portugueses com o nome de Pepiri-Guaçu e nos mapas oficiais, ora com este, ora com o antigo nome.

Pelo Tratado de El Pardo, assinado em 12 de fevereiro de 1761, portugueses e espanhóis anularam o Tratado de Madrid. Surge em 1777 um novo tratado, o de Santo Ildefonso, que modificou o de Madrid, devolvendo à Espanha os Sete Povos das Missões, e mantendo a Colônia do Sacramento também sob o domínio daquela nação. No Tratado de Santo Ildefonso, os dois afluentes do Uruguai e do Iguaçu foram designados com os nomes de Pepiri-Guaçu ou Pequiri, o outro com o de Santo Antonio, denominações que tinham nos mapas impressos ou manuscritos consultados para o traçado da linha divisória.

O governo da Espanha ao instruir seus Comissários demarcadores, determinava com clareza, que a linha de limites era para ser traçada pelos mesmos rios Peperi-Guaçu e Santo Antonio, demarcados de comum acordo nos anos de 1759 e 1790. Porém, decorridos onze anos da assinatura deste último tratado, os Comissários espanhóis descobriram na margem direita do

rio Uruguai, acima da confluência do Pepiri-Guaçu e mais para leste, portanto, dentro do território português, a foz de outro rio, que já figurava, embora sem nome, nos mapas do começo desse século.

Diante disso, calculando-se em supostos erros que atribuíram aos Comissários incumbidos da primeira demarcação, pretenderam os espanhóis levar a fronteira não pelo Pepiri-Guaçu e Santo Antonio, mas sim, pelo rio descoberto no ano de 1788 e pelo que, nascendo na sua vertente oposta, na divisória de águas das bacias do Uruguai e do Iguazu, afluíssem para este último.

As nascentes deste fluente do Iguazu, proposto para limite em lugar do rio Santo Antonio, somente foram descobertas no ano de 1791, portanto, quatorze anos após a assinatura do Tratado. Os comissários espanhóis deram o nome de Pequiri-Guazu ao rio descoberto em 1788 e a outro cujas cabeceiras foram encontradas três anos depois, apelidaram-no de San Antonio Guazu. O primeiro figurava nos mapas portugueses e brasileiros de fins do século passado e o princípio do atual com o nome de rio Caudaloso, mas prevaleceu o de Chapecó, assim denominado pelos indígenas que habitavam a região.

Invalidado em 1801, para Portugal e Espanha, o Tratado de Santo Ildefonso, não poderia ser válido para o Brasil ou mesmo para as colônias espanholas que em seguida se tornaram independentes. No ano de 1810 as Províncias do Vice-Reinado do Rio do Prata se separaram da Espanha, desmembrando-se em seguida. A maior parte delas formou, a partir de 1816, a República das Províncias Unidas do Rio do Prata, posteriormente em Confederação Argentina e, finalmente, em República Argentina.

Entre os anos de 1810 até 1857, os argentinos não expressaram qualquer gesto que manifestasse pretensão a fronteiras mais orientais que as anteriormente estabelecidas pelos Tratados de Madri e Santo Ildefonso. O Visconde do Rio Branco negociara no ano de 1857, um Tratado onde propunha a regulamentação dos limites entre os dois países. Por sua vez, o governo argentino adiou a troca das ratificações, novamente em 1859 o Brasil instou na troca das ratificações, não obtendo sucesso no seu intento.



Mapa da área reivindicada pela Argentina

Fonte: <https://www.jornaldebetrão.com.br/noticia/282981/dia-5-de-fevereiro-de-1895-tinha-fim-a-questao-de-palmas>

No ano de 1881 a Argentina declarou que considerava os rios Chopim e Chapecó como se fossem os Pepiri-Guaçu e o Santo Antonio, dando-lhes os referidos nomes. Por sua vez as autoridades

brasileiras aceitaram que fosse efetuada a averiguação da afirmativa argentina e, pelo Decreto assinado em 6 de março de 1886, o Governo Imperial, com a chancela do Barão de Cotegipe, promulga o Tratado para o reconhecimento dos rios Pepiri-Guaçu ou Chapecó e Chopim ou Santo Antonio-Guaçu e do território que os separava, e portanto, em litígio entre os dois países. Neste meio tempo, visando a salvar a soberania nacional, são instaladas as colônias militares de Chopim e do Chapecó.

Esta ação por parte das autoridades brasileiras, teve entre outros a finalidade de proteger a principal via de ligação entre São Paulo e o Rio Grande do Sul - estrada aberta no ano de 1854.



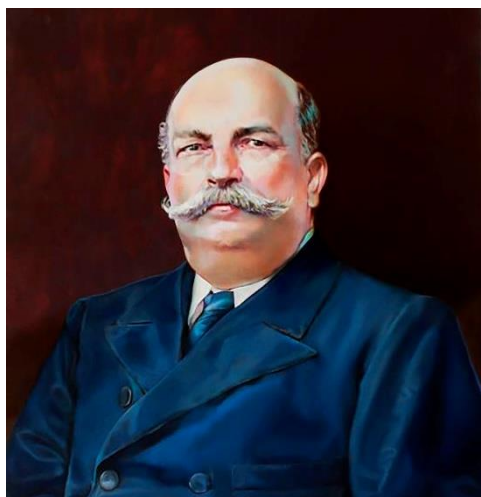
Em 1886 foi nomeada uma comissão mista, integrada por brasileiros e argentinos com o intuito de proceder a um estudo na área em litígio. A mesma realizou seus trabalhos entre 1887 a 1890, decidindo que o rio que contraverte com o Chapecó é o Jangada e não o Chopim. Diante disso, os argentinos passaram a pleitear o Jangada e não mais o Chopim, e, antes mesmo que a comissão concluísse os estudos, a Argentina reivindicou que o território contestado fosse dividido, com o que não concordaram os brasileiros. É importante lembrar que a área pretendida pelo país vizinho somava 30.621 quilômetros quadrados, espaço este que vinha sendo de longo tempo ocupado e povoado pelos brasileiros.

No dia 7 de setembro de 1889, foi efetuada na capital argentina a assinatura de um documento submetendo a questão ao arbitramento do Presidente dos Estados Unidos. Com a Proclamação da República, o governo brasileiro, representado pelo então ministro Quintino Bocaiuva e a Argentina pelo Dr. Estanislao Zaballos, assinam na cidade de Montevidéo, no dia 25 de janeiro de 1890, um Tratado estabelecendo a divisão do território contestado entre os dois países. Mas a Câmara dos Deputados, ao apreciar a questão em 10 de agosto de 1891, viu por bem não aprovar o mesmo Tratado, isto por 142 votos contra 5.

Voltava-se, diante disto, novamente ao Tratado de 7 de setembro de 1889; a questão seria julgada sob o arbitramento do presidente americano. A defesa do Brasil foi entregue ao advogado Barão Aguiar de Andrade (este vem falecer em Washington), os argentinos nomearam como defensor Nicolas Calvo (que a caminho dos Estados Unidos, falece na capital francesa). Os dois países nomeiam novos defensores, sendo pelo Brasil o Barão do Rio Branco que tem como opositor o Dr. Estanislao Zaballos.

Num trabalho digno de nota, o Barão do Rio Branco apresentou ao Grover Cleveland, Presidente dos Estados Unidos os documentos originais do Tratado de Madri, verificando-se através destes que estava ali impresso o direito do "Uti Possidentis", que diplomaticamente falando quer dizer que um país tem direito a determinado território, baseando-se também na ocupação efetiva e prolongada do mesmo, isto independente de qualquer título. O defensor da causa brasileira, mostrou de maneira brilhante que a área pleiteada pela Argentina, denominado território das Missões, pertencia pelo "Uti Possidentis", de fato ao Brasil, uma vez que havia sido ocupado pelos bandeirantes paulistas, e em seguida pelos colonizadores portugueses, até os rios Pepiri e Santo Antonio. Os Argentinos argumentavam em seu favor que o território em litígio era parte integrante da antiga Provincia das Missões da Companhia de Jesus no Paraguai.

É importante lembrar que os bandeirantes paulistas denominaram Missões, todas as terras situadas no Sul do Brasil, isto desde Guaíra até o



José Maria da Silva Paranhos - Barão do Rio Branco.  
Defensor do Brasil na questão de limites com a  
Argentina.

Fonte: <https://riobrancodosul.com.br/cidade/curiosidades/jose-maria-da-silva-paranhos-o-barao-de-rio-branco/>

Rio Grande do Sul, excetuando-se a faixa litorânea. A defesa brasileira nesta questão foi desenvolvida de forma tão brilhante pelo Barão do Rio Branco, que o Presidente Grover Stephan Cleveland, árbitro apontado com a aquiescência dos dois países, deu no dia 6 de fevereiro de 1895, ganho de causa ao Brasil, outorgando-lhe direitos definitivos sobre o denominado

Território das Missões, somando com isto ao nosso país uma área aproximada de 36 mil quilômetros quadrados.

A soberania do Brasil sobre o referido território é determinada pelo árbitro Grover Cleveland, com o seguinte parecer: "A linha divisória entre a República Argentina e os Estados Unidos do Brasil, na parte que me foi submetida para arbitramento e decisão, é constituída e ficará estabelecida pelos rios e seguidos os rios Pepiri (também chamado de Pepiri-Guaçu) e Santo Antonio, a saber, os rios que o Brasil designou na Exposição e documentos que foram submetidos, como constituindo o limite acima denominado sistema ocidental.

Com a sentença do Presidente Cleveland, os dois países formaram de imediato uma comissão demarcatória, sendo esta liderada na parte brasileira pelo General Dionísio Cerqueira, sendo pelos argentinos nomeado o Dr. Pedro Ezcurra. Os trabalhos de medição e balizamento na fronteira, foram concluídos no ano de 1903.

## **CAPÍTULO VII**

### **SANTA CATARINA E PARANÁ REIVINDICAM O TERRITÓRIO CONTESTADO**

O êxito do Barão do Rio Branco, defendendo com brilho a causa brasileira no acordo de limites, permitiu que o Brasil incorporasse definitivamente ao seu território uma extensa área de terras que vinha sendo reivindicada pela Argentina. No entanto, se por um lado a brilhante vitória do nosso defensor veio colocar um ponto final na questão com o país vizinho, por outro, acirrou mais ainda os ânimos entre as províncias do Paraná e Santa Catarina, onde cada qual reivindicava para si o território que agora pertencia ao Brasil.

A região historicamente conhecida como “Território Contestado”, e que foi alvo de disputa entre as províncias do Paraná e Santa Catarina, contenda esta iniciada antes da criação da província do Paraná em 1853 e avança através do tempo chegando mesmo ao período republicano é uma área que incluía todo o planalto meridional situado entre os rios do Peixe e Pepiri-Guaçu, alcançando grande parte do planalto norte catarinense, limitando-se ao sul com a região onde se situam as fazendas de Lages, somando 50% do atual território de Santa Catarina.

Para melhor entendermos a história do “Território Contestado” é preciso voltar algumas páginas da própria história no nosso país e unir os acontecimentos que eclodiram nesta questão mantida por longo tempo pelas províncias do Paraná e Santa Catarina. Senão vejamos: Santa Catarina fez parte até o ano de 1709 da Capitania do Rio de Janeiro que abrangia

também os territórios de São Paulo e Minas Gerais. A partir de 1709 foi incorporada à Capitania de São Paulo; esta por sua vez desmembrada do Rio de Janeiro. Passou em 1723 integrar a Ouvidoria de Paranaguá, tendo desta se desagregado no ano de 1749. No dia 20 de novembro deste mesmo ano é criada a Ouvidoria de Santa Catarina, tendo esta os seguintes limites: para o Norte pela barra austral do Rio São Francisco, pelo Cubatão do mesmo rio e pelo Negro que se mete no grande Curitiba (o Iguaçú) e mais para o sul os montes que deságuam na Lagoa Imery.

Por esta demarcação a vila de São Francisco ficava fora da jurisdição da Ouvidoria recém-criada, mas, politicamente estava subordinada ao governo da Capitania de Santa Catarina. Conforme ficou estabelecido no artigo segundo da Constituição do Império, através do qual nosso país foi dividido em províncias, obedecendo estas os mesmos limites das antigas Capitanias, era lógico, pois, que as extremas do território catarinense, outras não poderiam ser que as anteriormente estabelecidas na Carta Régia de 1749. Tal fato, no entanto, não foi entendido por São Paulo e menos ainda pela província do Paraná, criada no ano de 1853.

Durante o período em que vigorou o sistema de Capitanias Hereditárias a faixa litorânea do território que viria formar posteriormente o Estado de Santa Catarina, esteve, intercaladamente, sob jurisdição da Capitania do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, tendo ainda alguns breves momentos de total independência; mas o sertão, o interior iniciando nos Campos de Lages e Curitiba até encostar na fronteira espanhola foi duramente conquistado pelos paulistas e seus sucessores paranaenses, que, com sacrifício, venceram a densa floresta considerada mesmo inexpugnável.

Tendo assumido o comando da Capitania de São Paulo, Dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, expede no dia 7 de agosto de 1766 ao Capitão-mor Regente do Sertão de Curitiba, ordem para que: "criasse uma povoação na paragem denominada Lages, situada no sertão de Curitiba". A ordem de Botelho Mourão foi mal-recebida pelas autoridades do Rio Grande de São Pedro e pelo Vice-rei do Brasil; a estes juntaram-se ainda as autoridades eclesiásticas, também contrárias ao gesto do governador paulista.

Ao mesmo tempo em que os catarinenses renovavam suas pretensões sobre as terras situadas no Oeste, os paulistas por sua vez firmavam presença nesta mesma região, impondo se através da fundação de vilas, cada vez mais comuns na região, ou ainda implantando fazendas de gado, atividade esta em franca expansão, trazendo como consequência o desenvolvimento econômico.

No ano de 1819, paulistas e paranaenses fundaram Guarapuava, e a partir de 1832 começam a ocupar os denominados Campos de Palmas. No ano de 1841, é iniciada uma longa troca de correspondência entre os Presidentes das províncias de Santa Catarina e São Paulo, onde o assunto principal se refere à posse e jurisdição sobre os Campos de Palmas, então recentemente ocupados. Esse mesmo assunto é discutido a partir de 1843 no plenário da Assembleia do Império do Brasil.

Entre os fatos historicamente importantes registrados no ano de 1853, inclui-se a criação da Província do Paraná, fato que aconteceu através da Lei Geral no 704, sancionada em 25 de agosto do citado ano. Desmembrada de São Paulo a nova Unidade do Império herdou dos

paulistas as fronteiras meridionais que se estendiam até as margens do Rio Uruguai. Um dos primeiros atos da nova Província através de seus representantes legais, foi reivindicar junto às autoridades ligadas ao Governo Imperial que fossem mantidas as mesmas divisas, pretensão esta imediatamente repudiada pela Província de Santa Catarina, independente desde o início do Império.

É importante destacar que o território reivindicado pela província do Paraná somava 48 mil quilômetros quadrados e tinha os rios Iguazu e Uruguai como limites ao norte e ao sul respectivamente. Esta área, que desencadeou acirrada disputa entre paranaenses e catarinenses, passou a ser denominada por "Território Contestado", ou para simplificar, apenas, "Contestado".



Mapa da Área Contestada entre Santa Catarina e Paraná.

Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-7-Mapa-dos-limites-entre-o-Parana-e-Santa-Catarina-1865-1916-Fonte-Base\\_fig3\\_316475770](https://www.researchgate.net/figure/FIGURA-7-Mapa-dos-limites-entre-o-Parana-e-Santa-Catarina-1865-1916-Fonte-Base_fig3_316475770)

Decorridos apenas dois anos de sua criação, a Província do Paraná desenvolvia em 1855, a tese de que sua jurisdição se estendia por todo o

planalto meridional. Esse episódio deu início a uma luta ainda mais intensa que teve como palco o Parlamento do Império, onde os representantes das duas Províncias se empenhavam na busca de soluções para os mesmos problemas, procurando fazê-lo de maneira conciliatória, dentro das bases do entendimento.

A disputa entre as duas partes contendoras se torna ainda mais intensa quando o Gabinete Ministerial leva à sanção do Imperador o Decreto de 16 de janeiro de 1865, O Saí-Guaçu, Serra do Mar, Rio Marombas, desde a sua vertente até o das Canoas, e por este até o Rio Uruguai. Resumindo: reconhecia-se desta maneira as conquistas do Paraná no Oeste. Os representantes de Santa Catarina, como não podia deixar de ser, rebelaram-se contra o Decreto 3.378, promulgado em 16 de janeiro de 1865, exigindo de imediato seus limites até a fronteira da Argentina com o Rio Peperi-Guacu e Santo Antonio, ao ocidente, ao sul com o Uruguai e ao norte com os rios Negro e Iguaçu.

Tomando medidas no sentido de firmar sua presença no Território Contestado, o governo catarinense criava, por sua vez, através da Lei nº626, datada de 11 de junho de 1869, um novo município, este desmembrado do de Lages, com sede na freguesia dos Curitibanos e constituído pelas freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Curitibanos, São João dos Campos Novos e Nossa Senhora do Amparo do campo de Palmas e, declarava mais, “os limites do novo município são os mesmos limites extremos atuais das ditas freguesias”. Criava-se através deste ato, jurisdição sobre a área que a Província de Santa Catarina pretendia ter.



O Brasil chegava ao ano de 1889, adotando o sistema republicano de governo. Com ele o país experimentava um novo ritmo de mudanças substanciais acontecendo em todos os setores da vida nacional, menos no que se referia á velha questão de limites travada entre Santa Catarina e Paraná, litígio que parecia se impor no tempo sem uma solução final. Enquanto isso área disputada ficava entregue ao mais completo abandono tanto por paranaenses quanto por catarinenses, ninguém investia numa região que não sabia ao final da questão a que lado iria de fato pertencer.

Diante do agravamento da situação o governador Hercílio Pedro da Luz, viu por bem, entregar a defesa dos direitos de Santa Catarina ao brilhante jurista catarinense Dr. Manual da Silva Mafra, que baseado em farta documentação histórica elaborou em 1899 a "Exposição Histórico-Jurídica", por parte do Estado de Santa Catarina, sobre a Questão de Limites com o Estado do Paraná.

Deste ponto em diante a Questão dos Limites entre os dois estados vai ser tratada estritamente na área do judiciário, uma vez que até então os trâmites administrativos e legislativos não havia, por mais que tentassem, colocado um ponto final na longa pendência que se arrastava demoradamente através do tempo.

Em 1904, a Ação Ordinária no 06, elaborada pelo defensor catarinense e que teve como Juiz-Relator o Ministro Hermínio Francisco do Espírito Santo, deu a nível de Supremo Tribunal Federal, ganho de causa a Santa Catarina entregando-lhe a região situada entre o Rio Uruguai e o Rio Iguaçu, Negro e Saí-Guaçu. Os representantes paranaenses se recusaram peremptoriamente a cumprir a sentença.

No ano de 1909, o Estado de Santa Catarina, tendo recorrido, recebe nova sentença ao seu favor, sendo esta igualmente de imediato contestada pelo Paraná. Em 1910 o Supremo Tribunal Federal, estudando mais detalhadamente as razões apresentadas pelo advogado catarinense Dr. Eptácio Pessoa, e ao mesmo tempo a defesa do Dr. Rui Barbosa, causídico ao qual foi entregue a causa paranaense, dá novamente ganho de causa aos catarinenses.

*"Não conformadas com a nova sentença, as autoridades contrárias iniciam uma intensa campanha contra a decisão do Supremo Tribunal Federal que é desencadeada na imprensa. Ao mesmo tempo juntavam-se a políticos inescrupulosos que num verdadeiro jogo de influências tentavam por todos os meios, impedir que a sentença fosse cumprida e a área em questão definitivamente demarcada."*

*Licurgo Costa – O Continente das Lagens, 1982.*

*"A partir de 1912 a região contestada se transforma em palco de uma sangrenta revolta. Era o desenrolar do violento levante sertanejo, iniciado com a morte nos Campos do Irani, do Monge José Maria, e se estende até 1916. Durante este período a violência e a selvageria campearam no sertão, e a paz somente voltou à região após uma demorada permanência do exército na área em conflito, oportunidade em que foram mantidos cruentos combates entre revoltosos e o contingente repressor."*

*Alzira Scapin, Videira nos Caminho de sua História, 1996.*

Finalmente, tendo no papel de mediador o Presidente da República Wenceslau Braz Pereira Gomes e na presença dos governadores Felipe Schmidt de Santa Catarina e Afonso Camargo do Paraná, foi assinado no Palácio do Catete no Rio de Janeiro na data de 20 de outubro de 1916, o tão esperado Acordo de limites entre os dois estados.

O acordo através do qual coube ao Paraná uma área de 20 mil quilômetros quadrados da área contestada e a Santa Catarina 28 mil quilômetros quadrados, tem o teor seguinte:

*"Os Estados de Santa Catarina e Paraná, representado este pelo seu Presidente, Dr. Afonso Alves de Camargo, e aquele pelo seu Governador Coronel Felipe Schmidt, inspirados no amor à paz da República e na harmonia, confiança e amizade que os deve unir, como membros que são da mesma Pátria, acudindo ao apelo que lhes dirigiu o Sr. Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes no sentido de porem termo, por meio de um acordo, a questão de limites em que há longos anos estão empenhados, e que ora pende da decisão do Supremo Tribunal Federal, e tendo em consideração o disposto nos artigos 4 e 34 no 10 da Constituição Federal, condicionam o seguinte:*

*I) Os limites entre os dois Estados passam de ora em diante a ser os que vão em seguida indicados: No litoral entre o Oceano Atlântico e o rio Negro a linha divisória que tem sido reconhecida pelos dois Estados desde 1771. No interior, o rio Negro, desde suas cabeceiras até sua foz no rio Iguazu, e por este até a ponte da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande; pelos eixos desta ponte e da mesma estrada de ferro até a sua intercepção com o eixo da estrada de rodagem que atualmente liga a cidade de Porto União da Vitória à cidade de Palmas; pelo eixo da referida*

*estrada de rodagem até o seu encontro com o rio Jangada; por este acima até as suas cabeceiras, e daí em linha reta, na direção do meridiano, até a sua intercepção com a linha divisória das águas do Iguaçu e Uruguai, e por esta linha divisória das ditas águas na direção geral de Oeste até encontrar a linha que liga as cabeceiras dos rios Santo Antonio e Pepiri-Guaçu na fronteira argentina.*

- II) O presidente do Paraná e o Governador de Santa Catarina convocarão para o mês de novembro próximo vindouro as respectivas Assembleias Legislativas, as quais se manifestarão sobre este Acordo, depois, de resolverem a respeito da regularidade do processo nele seguido.*
- III) Em fevereiro de 1917 as Assembleias do Paraná e Santa Catarina, de novo convocadas, extraordinariamente, emitirão pela segunda vez o seu voto sobre o mesmo acordo.*
- IV) Aprovado assim em duas sessões anuais sucessivas pelas Assembleias Legislativas, dos dois Estados, será o Acordo, imediatamente submetido ao conhecimento do Congresso Nacional, e, trinta dias depois de publicada a Lei que aprovar, o Estado de Santa Catarina, por efeito da mesma Lei, entrará na posse e jurisdição da zona que, dentro do território que ora lhe é reconhecido, se acha atualmente na posse e jurisdição do Paraná.*
- V) Os dois Estados obrigam-se a não promover, assim no curso deste Acordo, como mesmo depois da sua aprovação pelo Congresso Nacional e de ser Estado de Santa Catarina empossado do território que ora lhe é reconhecido, o andamento da execução da sentença já é proferida na aludida questão de limites e dos embargos*

*que lhes forem opostos. Se a qualquer tempo alguma decisão judiciária vier a alterar a linha de limites ora ajustada, os dois Estados declaram desistir de todo benefício que daí lhes possa advir e se comprometem a manter e respeitar integralmente a linha de limites.*

- VI) Publicada a Lei de aprovação do Congresso Nacional, proceder-se-á à demarcação dos limites convencionais, onde, de acordo com os dois Estados, ela se fizer necessária. A demarcação será iniciada dentro de noventa dias e levada a efeito por delegados do Governo Federal com a assistência de um representante de cada Estado.*
- VII) Se até 15 de dezembro deste ano a Assembleia Legislativa de qualquer dos Estados não aprovar pela primeira vez o Acordo, ficará sem efeito. O mesmo acontecerá se até 31 de março de 1917 não for ele aprovado segunda vez pelas mesmas Assembleias, ou se até o dia 3 de setembro de 1917 não aprovar o Congresso Nacional.*
- VIII) A renda arrecadada pelas repartições fiscais paranaenses, no referido território, até o dia anterior ao início da jurisdição do Estado de Santa Catarina, pertencerá ao Estado do Paraná.*
- IX) Serão respeitados e mantidos pelo Estado de Santa Catarina todos os direitos privados, criados até hoje no território que passa a sua jurisdição, por atos regulares legislativos ou executivos do Estado do Paraná.*
- X) As causas pendentes no momento em que se iniciar a jurisdição do Estado de Santa Catarina, no território que lhe é reconhecido e oriundas deste território, continuarão sujeitas aos tribunais competentes do Estado do Paraná, de conformidade com a sua legislação."*

Para firmeza do que, o Governo do Estado de Santa Catarina, Coronel Felipe Schmidt, e o Presidente do Estado do Paraná Afonso Alves de Camargo, assinaram o presente Acordo, em duplicata e na presença do Sr. Presidente Wenceslau Braz Pereira Gomes, e dos senhores abaixo assinados, aos vinte de outubro de um mil novecentos e dezesseis, neste Palácio da Presidência da República, na cidade do Rio de Janeiro.



*Fonte: Autor desconhecido. Assinatura do Acordo de Limites entre o Paraná e Santa Catarina no Palácio do Catete. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1916.*

No dia 7 de setembro de 1917, o Estado de Santa Catarina tomava posse efetiva dos territórios que através do Acordo lhes pertenciam. Territórios estes demarcados por uma Comissão chefiada pelo General Antonio de Albuquerque e Souza, integrada também pelo Major de Engenheiros, Gustavo Lebon Régis, Capitão Tenente, Lucas Alexandre Boiteux e pelo Tenente Antonio Cerqueira de Souza. Os trabalhos

enfrentados pela Comissão fazem parte de um detalhado relatório que nos foi deixado pelo contra-almirante Lucas Alexandre Boiteux, onde relata os sacrifícios enfrentados durante a exaustiva tarefa da qual foram incumbidos.

No território que por direito passou a pertencer ao Estado de Santa Catarina pelo Acordo, ou seja, 28 mil quilômetros quadrados, nasceram posteriormente inúmeros municípios, entre eles *Salto Veloso*.

## CAPÍTULO VIII

### VAMOS À AMÉRICA – O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

*"...Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arrivá..."*

Na segunda metade do século XIX a Itália vivia um quadro desolador, onde a miséria, geradora da fome, campeava no seio da população de norte a sul do país. Os italianos sofriam toda sorte de privações, sendo a fome a mais terrível. A alimentação se baseava no milho, o prato mais consumido e quase sempre único, era a polenta, o pão mesmo preparado com centeio, muito raramente entrava no cardápio. Vários comerciantes manipulavam o mercado do trigo o que tornava o produto inacessível para maioria das famílias. A maior parte da população não conhecia o pão, poucos comiam broas de milho, consumidas somente em datas festivas. A expressiva maioria dos camponeses era diarista, sobreviviam dos míseros tostões recebidos pela jornada de serviço.

A carga de tributos era pesada e incluía impostos da terra para quem possuía sua propriedade, imposto para moagem quanto maior o volume mais alto o custo, taxa para o sal, além de outros. Se não conseguiam pagar os impostos que incidia sobre o terreno, o mesmo era confiscado pelas autoridades, e, sem dar ao camponês condições para quitação do débito a terra ia a leilão, sendo arrematada por grandes proprietários que lucravam com tal situação. As famílias despejadas saíam sem destino, procurando um



lugar qualquer para se abrigar, aumentando a legião de miseráveis que não parava de crescer. As pessoas nasciam, viviam e morriam no mesmo burgo, numa vida entremeada de tristeza e desesperança com mínimos instantes de alegria.

Os austeros costumes da época impediam que os mais jovens se encorajassem transpor os limites de sua aldeia e alcançar outras vilas em busca de oportunidade de mudança, pelo contrário, tinham por imposição obedecer e seguir a rígida educação familiar em que o pai era o chefe absoluto, aquele que tudo decidia, seu poder era ilimitado sobre os demais membros da família, podendo ceder os filhos para realização de trabalhos a qualquer tempo para outras famílias.

As crianças começavam a trabalhar no pastoreio muito cedo, desde os seis ou sete anos, com oito ou nove iam para a lavoura ajudar os pais no serviço de capina e aos 15 anos executavam tarefas de igual para igual com os adultos. A mulher quando solteira devia obediência ao pai, uma vez casada ao marido e em caso de viuvez passava à tutela de um irmão ou filho maior de idade, nestes casos cabia exclusivamente a viúva a responsabilidade da educação dos filhos, bem como prover sua alimentação

Sobre a Itália no período que antecede a grande emigração, relata José Carlos Radin:

*"Dos 30 milhões de habitantes, em 1871, cerca de 21 eram camponeses que trabalhava a terra de forma bastante arcaica. A comida era escassa e baseada no milho, sendo a carne artigo de luxo e consumida em raras ocasiões. A pequena propriedade (minúscula, segundo Grosselli) não assegurava o necessário para sobreviver e os contratos agrários tornaram-se impossíveis, pois*

*eram realizados de forma humilhante para os camponeses, além das ferozes imposições fiscais.*

*Esse contexto levou os camponeses italianos à emigração em massa. Conforme Gianfauto Rosseli, nos 40 anos entre 1876 e a Primeira Guerra, verificou-se uma emigração de mais de 14 milhões de italianos.*

*Isto significa dizer que houve uma média anual de 365.677 emigrantes, ou que 960 italianos por dia deixavam sua pátria. Tal movimento coletivo não pode ser visto como um ato voluntário. Sem dúvida este grande êxodo de massas humanas não foi algo natural, pois em confronto com a população do país, nenhum outro povo moderno sofreu semelhante evasão.*

*A emigração em massa constituiu-se numa válvula de escape para a Itália. Aos que ficaram abriram-se mais oportunidades de trabalho, diminuindo as pressões sociais.*

*Diante desse quadro, os camponeses pobres do norte italiano sentiram-se impotentes diante das mudanças provocadas pela rápida expansão capitalista do país. De outra parte, tornou-se difícil encontrar uma forma de contrapor-se ou conviver com elas. Isto fez com que atribuíssem aos ricos a responsabilidade pela situação em que se encontravam.*

*Neste sentido, pode-se dizer que a imigração constituiu-se numa forma de resistir à exploração que sofriam. "*

*José Carlos Radin – Ítalos-brasileiros em Joaçaba. Florianópolis: UFSC. 1995. Dissertação de Mestrado em História - 16/03/95.*

O autor Renzo Grosselli, ao se referir sobre este acontecimento descreve:

“A sociedade camponesa européia (e dentro deste contexto a italiana), tinha caracterizado a vida de milhões de pessoas durante dezenas de gerações. Esta sociedade encontrava-se radicada na terra e via nela um fator de produção essencial e único juntamente com o trabalho.”

E prossegue:

*“Era uma sociedade cujo núcleo central estava na família, onde vigoravam divisões precisas de tarefas que diferenciavam os sexos e faixas etárias. Uma sociedade profundamente permeada pelo espírito religioso que se confundia, até o ponto de identificar-se, com moral e ética social, confiando às estruturas eclesiásticas tarefas de cura das almas, administrativas, políticas, além de outras.”*

*Renzo Maria Grosselli, Vencer ou Morrer – Editora UFSC 1987.*

Essas mesmas características, é válido lembrar, acompanharam os imigrantes que vieram para o Brasil e constituíram-se nos alicerces da construção de uma vida nova nestas paragens.

Eminentemente ligada à terra esta verdadeira legião de camponeses, via de ano para ano o esgotamento do solo provocado pelo cultivo ininterrupto, acarretando diminuição cada vez maior nas colheitas. Como podemos observar, tudo contribuía para o empobrecimento cada vez maior deste grande contingente humano, que tinha na terra único meio de subsistência, e que diante do agravamento da situação, não vislumbravam

diante de si a menor perspectiva de melhora. Trabalhavam arduamente de sol a sol, sempre atrelados aos representantes da nobreza, donos de grande parte das terras, ou mesmo da Igreja, também proprietária de extensas áreas. Viviam assim, sem liberdade, sem recursos financeiros, sem acesso a uma alimentação digna, sem direitos, sem esperança

Quanto ao sistema de arrendamento ao qual muitos milhares de campesinos se submetiam por pura questão de sobrevivência, temos detalhado relato na obra Vencer ou Morrer do sociólogo e doutor em história Renzo Maria Grosselli, que assim descreve:

*"Arrendamento, contrato misto e pacto co-participativo eram os mais comuns. Arrendamento e meação eram os mais difundidos, e dadas as condições contratuais em que eram atuados, uma vez mais se transformavam num freio à agricultura da região e vinham em detrimento da produtividade e da qualidade do produto.*

*O contrato de arrendamento, durava menos de 10 anos, mais difundida era a meação. Nesta, o proprietário concedia o solo, as benfeitorias, algumas vezes os animais, e se obrigava a pagar impostos. O meeiro, por sua vez, entrava com o seu trabalho e o da família, os implementos e metade das sementes. A colheita era depois subdividida segundo proporções que variavam pouco em cada tipo de contrato. Costumeiramente, metade da colheita de cereais e frutas, dois terços de colheita da uva e todas as folhas da amoreira eram do proprietário."*

*Renzo Maria Grosselli – Vencer ou Morrer - camponeses trentinos, vênetos e Lombardos nas florestas brasileiras. Tradução: Solange Luque e Ciro Mioranza. Editora UFSC – 1987.*

Ainda neste sistema, enquanto os cereais mais nobres, entre eles a aveia, a cevada, o trigo e o centeio, bem como a grande maioria dos frutos pertenciam ao dono da terra, ao camponês que trabalhava nela restava apenas o excedente do milho que se constituía na base da alimentação da maioria das famílias. Com a farinha preparava-se a polenta, único prato consumido diariamente pela população pobre, para a qual a carne se constituía num artigo de luxo. Se por um lado este alimento satisfazia o estômago, por outro, privava o organismo de vários elementos essenciais à saúde. A falta de alimento provocando o enfraquecimento, trouxe como consequência imediata o surgimento de inúmeras doenças, entre estas a “pelagra” que causou a morte de milhares de pessoas. Esta doença alastrou-se de modo tão violento que no interior das diversas províncias, varreu completamente a população de dezenas de aldeias.

Em sua obra “Storia Dimenticata – História Esquecida”, o missionário e escritor Deliso Villa, um dos maiores pesquisadores da imigração italiana escreve:

*“... em torno de 78% dos italianos não sabiam ler e escrever. No tempo que se seguiu a a unificação os humildes ficaram como antes; sem voz, sem esperança de poder. As massas populares eram tão irrelevantes que não entravam sequer no conceito de povo. Naqueles tempos por povo entendia-se a burguesia: os funcionários públicos, os comerciantes, os advogados... Todos os demais que somavam 45% não eram considerados povo. Em 1861 apenas 600 mil podiam votar, sendo que o exercício do voto eras um privilégio conferido aos que possuíssem patrimônio ou renda. Somente os Signori, os mais abastados podiam ser votados, assim o povo comum não era representado no congresso. No ano de 1850, em 1800 comunas do reino de*

*Nápoles, 1500 não tinham estradas. Em muitas regiões não sabiam o que era dinheiro existia o sistema de troca. Em 1879 centenas de milhares de italianos habitavam grutas ou choupanas feitas de galhos e barro, sem janelas ou escavações abertas nas rochas, onde viviam 10 pessoas por vão. A malária matava 40 mil pessoas por ano, a pelagra 100 mil. Entre 1884 e 1887 o cólera tinha matado 55 mil. Morriam mais de 400 mil pessoas por ano sendo que a metade era de crianças com menos de cinco anos, porque a comida era pouca, a higiene quase nula e a consulta médica a um preço proibitivo.”*

*Deliso Villa - História Esquecida. Editora Fundação Pro-Memória. ISBN 9788586788154.*

Cansados de lutar contra toda sorte de adversidades onde sabiam jamais seriam vencedores, cansados de esperar por um milagre que não aconteceria, milhões de italianos, outra alternativa não vislumbraram do que imigrar, deixar sua terra, ao contrário, se permanecessem estariam, certamente, fadados à miséria que, incansavelmente, semeava a fome e a morte nos diversos quadrantes de um país em crise.

Um levantamento realizado por solicitação do parlamento italiano em todas as regiões da Itália entre 1881 e 1886, vem confirmar o relato de Deliso de Vila ao revelar a caótica situação em que se encontrava a quase totalidade população:

*"Existe falta de comida, remédio, dinheiro. A maior parte da população se abriga em ranchos insalubres ou em cavernas. A prática de vender crianças é comum tanto no Norte, quanto no sul do país. Em Altamura na região da Puglia, Sul da Itália por*

*ocasião da Ferragosto, festa de Assunção de Nossa Senhora, instituída pelo Papa Nicolau I, no ano de 858 e realizada no dia 15 de agosto, as crianças e jovens eram colocados à venda na praça, confundindo-se em meio a tanta outra mercadoria.*

*O povo não sabe ler nem escrever, na hora de assinar algum papel colocam um risco no lugar do nome. Somente 600 mil pessoas falam o italiano, as demais se expressavam em dialetos regionais que também são ensinados aos alunos nas poucas escolas do reino, este proceder dificulta a comunicação entre as pessoas.”*

*Relatório do Parlamento Italiano realizado entre 1881 e 1886.*

A Itália em 1887 era um país primitivo, agreste e inculto. Contava, segundo as estatísticas com uma população de 30 milhões de habitantes, sendo que a maioria deles sobreviviam da agricultura usando instrumentos agrícolas primitivos. O trabalho era braçal, raras vezes com auxílio de algum animal.



Imigração Italiana. Fonte: <https://www.italialeqal.com.br/o-dia-do-imigrante-italiano-e-sua->

E assim, a imigração que acontecia até então como um simples acontecimento sem maior expressão, transformou-se repentinamente numa verdadeira fuga em que mais de 14 milhões de pessoas, deixaram sua pátria em busca de novas fronteiras. Este imenso contingente era integrado por pedreiros, carpinteiros, tecelões, serventes, escavadores, mineiros, ferreiros, serradores, padeiros, assalariados rurais e, predominantemente, camponeses meeiros e ainda pequenos proprietários despojados de suas terras.

Podemos classificar como uma verdadeira evasão o deslocamento desta imensa massa humana. A saída expressiva dos menos afortunados, cansados de esperar por justiça, não suportando mais ver e sentir o descaso dos governantes, a opulência, ociosidade, desperdício e desrespeito dos ricos, dos senhores aos quais tudo pertencia encheu, repentinamente, as estradas, as estações das ferrovias, os portos, deixando lá ao longe no final das estradas aldeias completamente vazias.

Enquanto isso no Brasil, alguns fazendeiros abastados buscando suprir a necessidade de braços para o trabalho, tomaram a iniciativa de incentivar a vinda de estrangeiros através da imigração subvencionada, oferecendo financiamento de passagens, incluindo alojamento e o trabalho no campo, bem como ferramentas e sementes. Esta iniciativa que trouxe bons resultados foi posteriormente levada adiante pelo Governo Imperial e pelas autoridades das províncias do Império. Conforme a obra, "A Colonização Europeia no Sul do Brasil" - Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia – 1952, do geógrafo Nilo Bernardes: *"... o período de maior impulso da imigração foi entre 1874 à 1902, quando se transformou num verdadeiro êxodo"*.



Ao longo desse período se intensificou a busca por empreendedores que tivessem condições de enfrentar desafios de tal envergadura, ou seja, trazer ao território brasileiros muitos milhares de imigrantes.

## **CONTRATO JOAQUIM CAETANO PINTO JUNIOR**

O Decreto 5663 – de junho de 1874 autoriza a celebração do contrato com Joaquim Caetano Pinto Junior para importar no Império 100.000 imigrantes europeus

*"Atendendo ao que me requereu Joaquim Caetano Pinto Junior, Hei por bem autorizar a celebração do contrato para si ou por meio de uma sociedade ou companhia de organizar, introduzir no Império (exceto na província do Rio Grande do Sul), cem mil europeus, de conformidade com as cláusulas que com este baixam assinadas por José Fernandes da Costa Pereira Junior, do meu conselho. Palácio do Rio de Janeiro em dezessete de junho de mil oitocentos e setenta e quatro. Com Rúbrica de Sua Majestade o Imperador.*

*Contrato entre o Governo Imperial e Joaquim Caetano Pinto Junior para, si por si ou por meio de uma companhia, introduzir no Brasil, dentro de 10 anos 100,000 imigrantes, debaixo das seguintes condições:*

*I – Joaquim Caetano Pinto Junior obriga-se por si ou por meio de uma companhia ou sociedade que poderá organizar, a introduzir no Brasil (exceto na Província do Rio Grande do Sul) dentro do prazo de 10 anos 100.000 imigrantes Alemães, Austríacos, Suíços, Italianos do norte Bascos, Belgas, Suecos,*

*Dinamarqueses, franceses, agricultores sadios, laboriosos e moralizados, nunca menores de dois anos e maiores de 45, salvo se forem chefes de família. Desses imigrantes 20 por cento poderão pertencer a outras profissões*

*II – O prazo de 10 anos começará a correr depois de 12 meses, contados da data de elaboração do contrato: o empresário, porem poderá dar começo à introdução de imigrantes antes de findos os 12 meses, se o governo permitir.*

*III – O número de imigrantes não excederá de 5.000 no primeiro ano, podendo ser elevado para 10.000, ficando qualquer excesso dependendo de prévio consenso do mesmo Governo.*

*IV – O empresário receberá por adulto, as seguintes subvenções: 125 000 pelos primeiros 50.000 imigrantes, 100.000 pelos 25.000 seguintes, 60 000 pelos últimos 25.000 e a metade destas subvenções pelos que forem menores de 12 anos e maiores de dois.*

*V – Estas subvenções serão pagas pela Corte, logo que for aprovado que os imigrantes foram recebidos pelo funcionário competente no porto de desembarque da Província que se destinarem.*

*VI – Nem o Governo, Nem o empresário poderá haver dos imigrantes a título algum, as quantias despendidas com subsídios, socorros, transportes e alojamento dos mesmos imigrantes.*

*VII – O governo concederá gratuitamente aos imigrantes hospedagem e alimentação durante os primeiros oito dias de sua chegada, e transporte até as colônias do Estado a que se destinarem.*

*VIII - Igualmente garantira aos imigrantes que se queiram estabelecer nas colônias do Estado a plena propriedade de um lote de terras, nas condições e preços estabelecidos no Decreto n 3748 de 19 de janeiro de 1876, e obrigar-se-á, além disso, a não elevar o preço das terras de suas colônias sem avisar o empresário com doze meses de antecedência.*

*IX – Os imigrantes terão plena liberdade de se estabelecerem como agricultores nas colônias ou terras do Estado, que escolherem para sua residência, em colônias ou terras das Províncias particulares; assim como de se empregarem nas cidades, vilas ou povoações.*

*X - Os imigrantes virão espontaneamente, sem compromisso, nem contrato algum, e por isso nenhuma reclamação poderão fazer ao Governo, tendo, apenas o direito aos fatores estabelecidos nas presentes cláusulas, do que ficarão plenamente cientes.*

*XI - O Governo designará, com a precisa antecedência, as Províncias onde já tem ou vier a formar colônias, a fim de que os imigrantes conheçam desde a Europa os pontos onde poderão estabelecer-se.*

*XII – O Governo nomeará, nos pontos que tiver de efetuar o desembarque dos imigrantes, agentes intérpretes, que aos mesmos forneçam todas as informações de que careçam.*

*XIII – Todas as expedições de imigrantes serão acompanhadas de listas, contendo o nome, idade, naturalidade, profissão, estado e religião de cada indivíduo.*

*XIV – No transporte de imigrantes, o empresário é obrigado a fazer observar as disposições do Decreto n 2.168, de primeiro de maio de 1858.*

*XV – O Governo pagará ao empresário a diferença de preço da passagem entre o Rio de Janeiro e as Províncias para as quais forem enviados emigrantes diretamente da Europa, quando estas Províncias não estiverem em comunicação direta e regular por meio de vapores com a Europa, e o empresário tenha de fazer tocar nos respectivos portos vapores de outras linhas, ou por ele fretados.*

*XVI – As questões que suscitarem entre o Governo e o empresário, a respeito de seus direitos e obrigações, serão resolvidos por árbitros.*

*Se as partes contratantes não acordarem no mesmo árbitro, nomear-se-à cada uma o seu, e estes designarão terceiro, que decidirá, definitivamente no caso de empate.*

*Se houver discordância sobre o árbitro desempataador, será escolhido à sorte um Conselheiro de Estado que terá voto decisivo.*

*XVII – O empresário ficará sujeito a repatriar, à sua custa, os imigrantes que introduzir fora das condições da cláusula 1ª e que assim exijam, cabendo-lhes alojá-los, além de perder o direito de subsídios correspondentes a tais imigrantes.*

*XVIII – Igualmente não poderá transferir este contrato senão à companhia ou à sociedade que organizar, na forma da cláusula 1ª. Em fé do que se lavrou o presente contrato, que é assinado pelo Exmo. Sr Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, por Joaquim Caetano Pinto Junior pelas testemunhas abaixo declaradas*

*Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 30 de junho de 1874*

*José Fernandes da Costa Pereira Junior*

*Joaquim Caetano Pinto Junior*

*Testemunhas*

*Bernardo José de Castro*

*Augusto Alberto Fernandes.”*

*Coletânea de Leis do Império. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.*

Enquanto as autoridades italianas viam nesta evasão a oportunidade para se livrar de uma carga indesejável que gerava problemas de toda ordem, outros países, entre estes, no contexto americano o Brasil, facilitavam a entrada deste grande contingente humano formado por pessoas que traziam no corpo as marcas do sofrimento e da carência, mas que chegavam dispostas a abraçar com vontade as muitas possibilidades que surgiam á sua frente. Essas pessoas tinham grande importância dentro dos planos do governo brasileiro, que naquele momento se preocupava em ocupar os espaços do imenso território, principalmente na região Sul e com destaque para o Rio Grande, onde pretendia implantar núcleos colonização.

Além disso, o Brasil enfrentava naquela ocasião outro grande problema, ou seja, encontrar com certa urgência trabalhadores que substituíssem a mão-de-obra escrava, anteriormente usada nas lavouras cafeeiras de São Paulo, onde se concentravam as grandes plantações que moviam a economia do país.

Tais problemas, achava o governo, seriam imediatamente solucionados com a vinda dos imigrantes, homens, mulheres e jovens, dispostos a vencer através da força do seu trabalho. Pagos para divulgar

nas comunidades rurais, bem como nas cidades da Itália as maravilhas da América, os agentes de imigração como também pessoas ligadas aos empresários que atuavam no transporte de imigrantes entre a Itália e os países interessados, entre estes o Brasil, não cansavam de descrever a América como o lugar mágico onde todos os sonhos se realizariam uma terra encantada que oferecia a mesma oportunidade a todos que se aventurassem pisar neste chão em que brotavam as mais diversas searas e infinitas oportunidades, tudo ao alcance de todos.

*"A América.*

*E viva la Mérica, ze grande Cucagna. Se beve magna, e leigri se está. Pi grando contento, pi bela legria.*

*Che mai passa via, mai pi cataró...*

*La Mérica, dizia el monno, par i putei la ze come na gran piassa piena de dolsi e basta impiantare on soldo parché ghin nassa na pianta bella e tutti pole rampegarse suso e torse tanti soldi fin da ampianare le scarsele. In te sta piassa se suga, se corre, se salta, se oza; e quando se gá sê, se beve ácoa dolse, e mistra, e vin bon, e bira e gazosa e pó cosa ancora ?... e biter e miele, e rinfreschi e riscaldi, e pó e pó ancora robe bone"*

*Livro Vida e História de Naneto Pipetta – Frei Aquiles Bernardi publicado no Staffeta Riograndense entre 1924- 1925.*

*"A América, dizia o avô, é para as crianças como uma grande praça cheia de doces e basta plantar uma moeda para que nasça uma bela árvore e todos podem subir a ela e apanhar quanto dinheiro quiserem até encher os bolsos. Nessa praça a gente brinca, corre, salta, vozeia; e quando está com sede toma água doce, licor (de anis, bom vinho, cerveja, gasosa, e que mais*

*ainda? Também biter e mel, e refrescos e quentão e por fim ainda muitas coisas boas...).*”

*Tradução do livro Nanetto Pipetta, realizada por Alberto Stawinski e Maria Adami Tcacenco.*

A crônica publicada na Gazzetta di Mantova, no dia 14 de março de 1889 retrata sem retoques o que era o embarque dos imigrantes que seguiam com destino a outros países, bem como em que condições acontecia. Deste momento importante na vida de tantas pessoas o autor escreve:

*"Quando cheguei, durante a noite, o embarque dos emigrantes já havia começado há uma hora, e o GALILEU, ligado ao cais por uma pequena ponte móvel, continuava a ensacar miséria: uma procissão interminável de gente que saía em grupos do edifício defronte, onde um delegado da polícia examinava os passaportes. A maior parte, havendo passado uma ou duas noites ao relento, dormindo como cães pelas estradas de Gênova, estava cansada e cheia de sono. Operários, camponeses, mulheres com crianças ao seio, menininhos que tinham ainda junto ao peito a plaquinha de metal do asilo infantil passavam, levando sacos e valises, braçadas de colchões e cobertas, e o bilhete com o número do camarote apertado entre os lábios. As pobres mães que tinham uma criança numa das mãos; aguentavam as suas grandes trouxas com os dentes; camponesas velhas com tamancos, muitos estavam descalços, e traziam os sapatos pendurados no pescoço. De tanto em tanto; passavam entre aquela miséria senhores vestidos com elegância, padres, senhores com grandes chapéus emplumados. Depois, improvisadamente, a procissão humana era interrompida, e*

*vinha debaixo de uma tempestade de lamentos e palavrões uma manada de bois e de carneiros, os quais chegando a bordo, desviando se daqui e dali, e espantando-se, confundiam os mugidos e os balidos com os relinchos dos cavalos de proa, com os gritos dos marinheiros e dos carregadores, com o estrépito ensurdecedor da grua a vapor, que levantava no ar montes de baús e caixas. Depois do que, o desfile dos emigrantes recomeçava; rostos e roupas de todas as partes da Itália, robustos trabalhadores de olhos tristes, velhos andrajosos e sujos, mulheres grávidas, moças alegres, moços em mangas de camisa e jovens atrás de jovens, que, apenas colocando o pé na coberta, em meio aquela confusão toda, permaneciam atônitos, ou se perdiam como numa praça cheia.*

*A medida que subiam, os imigrantes passavam diante de um mesinha, atrás de qual estava sentado o oficial comissionário, o qual os reunia em grupo de meia dúzia, chamados "ranci", escrevendo os nomes sobre uma folha, que remetia ao passageiro mais velho, para que fosse com ela pegar a comida na cozinha, na hora das refeições. As famílias menores de seis pessoas se inscreviam com um conhecido ou com o primeiro que chegasse; e durante aquele trabalho de inscrição transparecia em todos um vivo temor de serem enganados pelo conto de "meio lugar" ou de quarto de lugar para jovens e crianças, a desconfiança invencível que inspira ao camponês cada homem que tinha a caneta na mão e um registro na frente. Nasciam contestações, se ouviam lamentos e protestos. Depois as famílias se separavam: os homens de um lado, de outros as mulheres e as moças. E era uma piedade ver aquelas mulheres descerem atentamente a escadinha empinada, e andar às cegas por aqueles dormitórios entre os numerosos beliches, algumas esfomeadas, outras esgotadas e espantadas, olhando com*



*inquietação as cenas que se desenrolavam ao seu redor. Os homens, deixados os poucos pertences nos dormitórios subiam, e se apoiavam no parapeito. Curiosos! Quase todos se encontravam pela primeira vez sobre um navio que deveria ser para eles como um novo mundo. As mulheres tinham os olhos vermelhos. Os jovens zombavam. Mas, em alguns se sentia que a alegria era forçada. O maior número demonstrava, além de cansaço, apatia. O céu era nublado e começava a escurecer.*

*Num determinado momento se ouviram gritos furiosos no escritório dos passaportes. Se soube depois que era um camponês com a mulher e quatro filhinhos, em quem o médico reconheceu os efeitos da pelagra. As primeiras interrogações, o pai revelou-se louco, e sendo The negado o embarque, havia tido uma crise.*

*Sobre o cais estavam uma centena de pessoas: parentes dos imigrantes, pouquíssimos; a maioria, curiosos e muitos amigos e parentes do pessoal de bordo.*

*Instalados todos os passageiros, seguiu-se sobre o navio uma certa quietude, que deixava ouvir o barulho surdo da máquina de vapor. Quase todos estavam na coberta, apreensivos e silenciosos. Aqueles últimos momentos de espera pareciam eternos.*

*Finalmente ouviu-se os marinhos na popa e na proa gritar ao mesmo tempo: 'Quem não é passageiro à terra !'.*

*Estas palavras fizeram correr um frêmito de um lado ao outro ponto do GALILEU. Em poucos minutos todos os estranhos desceram; a ponte foi erguida; soltas as amarras; a escada levantada: ouviu-se um apito e o navio começou a mover-se. Então as mulheres derramaram-se em prantos, os jovens que riam tornaram-se sérios, e viu se qualquer homem barbudo, até*

*então impassível, passar a mão sobre os olhos. A esta comoção contrastava a tranquilidade das saudações que trocavam os marinheiros e os oficiais com os amigos e parentes reunidos no cais.*

*Na cidade já brilhavam as luzes. O navio deslizava lentamente na meia obscuridade do porto, quase furtivamente, como se levasse embora um carregamento de carne humana roubada. Poucos falavam, e em voz baixa. Olhavam aqui e ali, no escuro, as mulheres sentadas, com as crianças apertadas ao peito, com a cabeça abandonada entre as mãos. Próximo ao castelo da proa uma voz rouca e solidária gritou em tom de sarcasmo: Viva a Itália! levantando os olhos, vi um velho que mostrava um punho para a pátria. Quando estávamos fora do porto, já era noite.”*



Imigrantes Italiano. Fonte: <https://emigrazioneveneta.blogspot.com/2019/02/dia-nacional-do-imigrante-italiano-no.html>

A Gazzeta de Mantova é o principal jornal local de Mântua e da província de Mântua. Foi fundado em 1664. O que lhe permite ser o jornal mais antigo do mundo entre os que ainda se publicam.

Conforme escreve Renzo Grosselli:

*"A América significava um outro mundo e quem a este se dirigia tinha decidido dar um passo grande, grandíssimo, sem retorno. Escrever "América" nos passaportes era, portanto, dar um adeus a quem partia: pouco importava se depois se dirigia ao Chile, Argentina ou ao Brasil."*

## **CAPÍTULO IX**

### **UMA GUERRA NOS SERTÕES CATARINENSES**

O grande levante sertanejo, mais conhecido por Guerra do Contestado, envolveu cerca de 30 mil pessoas, se estendeu por uma área aproximada de 28 mil quilômetros quadrados e teve sua fase mais intensa entre os anos de 1912 com a morte do Monge João Maria nos campos do Irani, avançando até quando os sertanejos foram debelados no reduto de Santa Maria, o último a ser vencido. Neste período se registrou a fase mais intensa da revolta cabocla que espalhou terror e sangue pelos sertões, deixando a marca sinistra de milhares de mortos, estima-se que durante o conflito que adquiriu foros de guerra civil, e que veio abalar até mesmo a estrutura do recém-criado regime republicano, tenham parecido entre 5 a 8 mil pessoas.

Para combater os revoltosos que haviam conquistado sucessivas vitórias em diversas escaramuças, as autoridades regionais e estaduais, solicitaram auxílio junto ao governo da República, este num primeiro momento não deu, absolutamente, importância ao movimento. Posteriormente, após terem sido realizadas várias tentativas de apaziguar os ânimos, todas infrutíferas, o Exército Nacional, através de seus superiores, deslocou para a região em conflito um contingente de 8 mil homens, comandados pelo General Setembrino de Carvalho. A força militar era formada por integrantes dos batalhões da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Na ocasião, para melhor conhecimento da área, Setembrino enviou solicitação ao Ministério da Guerra pedindo autorização para o emprego do avião nas operações militares. A região foi então sobrevoada pelos aviadores Ricardo Kirk e Ernesto Darioli. No dia 19 de janeiro de 1915 foi realizado o primeiro voo de reconhecimento, em 1º de março quando realizava mais um trabalho aéreo sobre o território em conflito, Ricardo Kirk sofre acidente que lhe custou a vida. Este fato fez com que o General Setembrino riscasse definitivamente o uso de aeronaves nas operações militares.

Ao comentar sobre a Guerra do Contestado, Ervino Mendes, entrevistado durante a pesquisa para a realização da primeira edição do livro sobre a história de Salto Veloso, nos relatou:

*"Minha mãe nos contava muitas vezes que dos campos de Herciliópolis onde morava, podia ouvir rapidamente o barulho da artilharia do Exército durante combates travados contra os sertanejos, barulho que foi ficando mais fraco à medida que os soldados avançavam no rumo de Curitiba. Quando ela falava do Monge João Maria, tinha muito respeito e devoção, disse que o 'profeta' passou muitas vezes por esta região de Salto Veloso, tendo plantado até uma cruz que fica lá para os lados de Herciliópolis, onde ainda hoje muita gente vai rezar. Ele dormiu muitas vezes nestas matas, pisou muito neste chão, pois vivia andando com seu cajado pelas trilhas no meio do mato, era seguido por muitas pessoas. O homem 'santo', como era chamado pelo povo, ensinava rezar, cantar, benzia as roças e a criação e também batizava as crianças. Todos gostavam muito dele e pediam seus conselhos. Minha mãe sempre dizia que ele era um profeta mandado por Deus."*

O movimento caboclo deixou um saldo trágico, registrando grandes baixas principalmente entre os sertanejos. Neste conflito os que não morreram de fome ou de doenças nos redutos, pereceram nas lutas contra as forças repressoras do exército que, embora em menor número, tinham a seu favor melhor aparelhamento bélico. Mas, grande parte dessas pessoas foi simplesmente fuzilada tão logo terminou o conflito, quando as forças do governo já haviam deixado a região. A pretexto de que novos grupos de jagunços poderiam se reorganizar, os que detinham em suas mãos algum poder, ordenaram simplesmente o fuzilamento de centenas de pessoas inocentes que tiveram seus corpos queimados em amontoados de grimpas em fogueiras que durante muitos dias arderam sob os grandes pinheirais.

A Guerra do Contestado levou as autoridades tanto do Paraná, quanto de Santa Catarina, discutir mais seriamente a Questão dos Limites, que culminou com o acordo assinado no Palácio do Catete na então capital da República, o Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1916, fato que aconteceu com a presença do Presidente da República Wenceslau Brás e dos governadores Felipe Schmidt de Santa Catarina e Afonso Camargo do Paraná.

Chamado inicialmente de "Sertão dos Patos" ou "Terra dos Carijós", isto pela expressiva presença de indígenas, o litoral de nosso estado foi percorrido nos primeiros tempos após o descobrimento por inúmeras expedições, cuja principal finalidade era o apresamento de índios. Assim estas expedições com o tempo foram se distanciando da faixa litorânea, avançado mais para o interior. Até o ano de 1680, escreve Licurgo Costa:

*"...não havia ainda caminhos terrestres para o sul. O Brasil era, então, apenas uma sequência de benfeitorias marítimas. Em Santa Catarina este quadro não era diferente."*

Seguindo o exemplo da maior parte do interior brasileiro, o território do atual oeste catarinense ficou por longos anos sem povoado e mesmo economicamente explorado pelos conquistadores que o desconheciam completamente. Na verdade, a presença do elemento branco no interior acontece somente a partir das primeiras expedições organizadas contra os índios aldeados nas missões jesuíticas ou ainda das tribos que tinham nos campos de Curitiba e Lages o seu habitat.

Os conquistadores chegaram a estas paragens, então pleno sertão, pelo Caminho das Tropas, aberto ainda na segunda década do século XVII, por ordem do Capitão General Antonio da Silva Caldeira Pimentel, quinto governador da Capitania de São Paulo. Através deste caminho cruzava seguidamente a gaderia arrebanhada nos campos do Rio Grande do Sul e que se destinava à região das Minas Gerais que viviam então o grande ciclo da exploração do ouro e das pedras preciosas, fato este que atraía um expressivo número de pessoas.

Para garantir o abastecimento desta grande massa humana foi preciso estabelecer, com certa urgência, uma ampla rede de transportes, e principalmente incrementar o abastecimento de gêneros de primeira necessidade.

Os paulistas viram de imediato que seria um bom negócio comprar o gado que se criava solto nas pradarias do Rio Grande, e vendê-lo em

seguida aos tropeiros que por sua vez negociavam diretamente na região mineradora.

Inicialmente os animais aprisionados nas coxilhas sulinas eram conduzidos pelo litoral até a vila de Laguna, seguindo deste ponto em diante por barcos o restante do trajeto rumo aos centros consumidores. Esse tipo de transportes, no entanto, contribuía para encarecer o custo final da mercadoria, obrigando aos interessados a encontrar uma solução que, além de baratear o produto, fizesse com que o mesmo chegasse ao seu destino num menor espaço de tempo. Desta necessidade surgiu o Caminho das Tropas, aberto por ordem expressa do então governador da província de São Paulo. E esta importante iniciativa possibilitou maior agilidade no transporte dos animais, permitindo ainda o início do povoamento do interior.

Ao longo deste caminho que pode ser considerado mesmo um "corredor de desenvolvimento do interior", foram surgindo em pleno sertão os pontos de pouso e as invernadas, locais onde os tropeiros permaneciam por determinado período antes de seguir viagem. Surgiram assim, muito lentamente, as primeiras vilas, entre estas, a de Lages, que, com o passar dos anos tornou-se mesmo um ponto de referência dentro do Caminho das Tropas.

O local onde mais tarde seria fundada a povoação passou a ser um dos pousos normais dos tropeiros que, frequentemente, também ali invernavam ou se demoravam meses e em alguns casos, mais de ano, para que seus animais se refizessem da longa viagem. Os campos circundantes, de centenas de quilômetros quadrados, ainda devolutos, eram ocupados



pelos tropeiros, paulistas e lagunenses que fundaram as primeiras fazendas ou estâncias, começaram entre 1730 e 1740 a criação de muares e equinos, paralela à de bovinos.

## **CAPÍTULO X**

### **A LUTA PELA POSSE DA TERRA - OS CAMPOS DE PALMAS**

A história do município de Salto Veloso, a exemplo de todo o Oeste Catarinense, está relacionada à descoberta dos Campos de Palmas, que numa visão mais ampla está relacionada mesmo à conquista e povoamento do Brasil.

É importante esclarecer que os Campos de Palmas compreendiam uma ampla região, abrangendo todo o Oeste de Santa Catarina e boa parte do Sudoeste do Paraná. Esta região, assim foi denominada até o ano de 1916, quando sob o arbitramento do Presidente Wenceslau Brás, solucionou-se, enfim, a Questão dos Limites entre Santa Catarina e Paraná, com a assinatura do Acordo entre as duas partes litigantes, ato este que aconteceu no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, então capital da República.

Devemos ter em mente que quando os documentos existentes se relacionam a respeito dos Campos de Palmas, estão na verdade se referindo, sobretudo, às terras que hoje pertencem ao território do Oeste Catarinense. Por extensão, Palmas passou a designar a região, sobretudo após o ano de 1855, com a criação da Freguesia de Palmas (as Freguesias eram unidades administrativas do Império, em função da concordata entre a Igreja Católica e o Governo Imperial. Elas correspondiam ao que hoje são as jurisdições dos Cartórios de Imóveis, e na sua sede, nos livros da Igreja, se faziam os registros de terrenos e direitos de posse). A Freguesia de

Palmas, para se ter uma ideia, se estendia até os limites da Província do Paraná com a de São Pedro do Rio Grande, ou seja, o rio Uruguai; ao Oeste ia até os limites, então, indefinidos com a Argentina.

Denominados pelos bandeirantes de "Campos de Biturunas" e pelos indígenas que nele viviam de "Campos de Butiatuba", os Campos de Palmas, na linguagem oficial, eram conhecidos antes mesmo da criação de Guarapuava. Os mais antigos documentos que se referem sobre esta área, informam que, já no século XVII, os paulistas, em suas incursões pelo interior, haviam atravessado diversas vezes esses campos, quando almejavam chegar às Missões Jesuíticas, situadas na província do Rio Grande do Sul. Estas incursões, além reconhecimento do interior, tinham como principal objetivo o apresamento de índios, que depois de conduzidos aos centros mais populosos ou mesmo às regiões mineradoras, eram usados pelos brancos no trabalho escravo.

Percorridos por algumas expedições que sucessivamente cruzaram a região, sem que, no entanto, seus integrantes mostrassem a mínima intenção de se fixar na área, os Campos de Palmas eram há muito tempo habitados pelos Xoklengs, povo que mesmo valente e aguerrido, não podia defender seu habitat, sofrendo repentinamente uma grande invasão promovida pelo elemento branco. Os que tentaram resistir foram aos poucos vencidos, uma vez que os conquistadores tinham a seu favor ordem do Príncipe Regente Dom João VI, que em correspondência enviada ao Governador da Capitania de São Paulo, em 5 de novembro de 1808, mandando "suspender os efeitos de humanidade, dizendo a certa altura:

*"Considerar como principiada a guerra contra os Índios bugres, habitantes dos Campos de Curitiba e os de Guarapuava, assim como a posse de todos os terrenos que deságuam no Paraná e formam do outro lado as cabeceiras do Uruguai."*

*"O crescimento das frentes pastoris na região foi de tal modo expressiva que já no ano de 1840 existiam 37 grandes fazendas de criação nos denominados Campos de Palmas, que são a porção do território brasileiro confinante com a Argentina."*

Walter Piazza – *A Colonização* de Santa Catarina. Editora Lunardelli.

Consta que em 1856, somente os bovinos soltos nas pastagens destas fazendas somavam 36 mil cabeças, aumentando com isto o poder dos latifundiários que impunham sua vontade na região, ampliando a área de suas propriedades cada vez mais.

Entre essas fazendas devidamente mapeadas e demarcadas, duas delas estão historicamente ligadas ao vilarejo, distrito e município de Salto Veloso, sendo elas: São Bento e Cruz Alta. A Fazenda São Bento teve como primeiro proprietário o Capitão-General Francisco Antonio de Araújo e Azevedo, militar e administrador colonial português que requereu, fosse a mesma legitimada em seu nome, cabendo como herança á sua filha Francisca Ferreira de Araújo e o esposo Jesuíno de Siqueira Cortes, que em 1877 passaram ao neto Diogo, filho de Rosa Ferreira de Araújo e Vicente Ferreira Bello.

Em 09 de maio de 1895 foi adquirida pela Companhia Frigorifica Pastoril Brasileira e vendida posteriormente para Antonio Fernandes dos

Santos conforme estabelece a escritura datada de 09 de dezembro de 1910. Parte da fazenda São Bento foi comprada em 1919 pelos investidores e colonizadores Miguel e Waldemar Leonardo Matte proprietários já na época da Empresa Matte, Opermann & Cia. A escritura foi lavrada na cidade do Rio de Janeiro em 05 de outubro daquele ano.

Grande parte da área restante foi adquirida pelas Companhias Colonizadoras Sul Brasileira e Alberto Schimit que colonizaram vasta área do imóvel XV de Novembro, que pertencia a Brazil Railway Company e a Fazenda São Bento. Com o falecimento de Alberto Schimidt as terras passam para sua viúva Alice Schneider Schimidt, depois Alice Schneider Etzberger, que através da compra de outras áreas adjacentes aumentou significativamente a posse de terras na região. Com a chegada das equipes contratadas pelas companhias se procedeu nova medição das áreas e sua divisão em colônias, foi o início do embate que resultaria na expulsão dos caboclos, fato este registrado em vários lugares.

Segundo o título número 23, de 11 de novembro de 1916 e 1917, residiam na Fazenda São Bento em data bem anteriores à sua medição, as seguintes famílias: Rodrigues de Macedo, Rodrigues da Silva, da Luz, Thomas da Silva, Silva, Padilha Lopes, Alves Rocha, de Jesus, Ribeiro, Cardoso, França de Abreu, Maciel dos Santos, Souza, Borges, Lugo, Gonçalves Padilha, Gonçalves de Araújo, Albuquerque, Claudino, Ávila, Rocha Porto, Evangelista da Rocha, Rodrigues de Oliveira, Alves da Silva, Moreira Leite e Gonçalves de Moraes.

A Fazenda Cruz Alta teve sua foi requerida em 06 de setembro de 1891 por Raymundo Mendes de Almeida e outros na Comarca de Palmas e

legitimada na mesma Comarca em 2 de junho de 1892. Com área de 223.111.800 m<sup>2</sup> tinha como limites com a Fazenda Campo Alto ao Norte, sendo proprietário também Raymundo Mendes de Almeida, a Leste a fazenda São Bento, a extremado-se a Oeste com as Fazendas Marrecas, Alegrete e Roseira.

Uma vez consolidado o povoamento da região, que acontece num espaço de tempo razoavelmente curto, o Presidente da Província de São Paulo ordena, em 1844, ao Coletor de Rendas da Freguesia de Guarapuava, Alferes Francisco Ferreira da Rocha Loures, o seguinte:

*"Abrir um picadão que, partindo da Freguesia de Ponta Grossa, passando pelos Campos de Palmas, em direção a Villa de Cruz Alta, comunicasse esta Província com a do Rio Grande do Sul."*

Tal empreitada é realizada no ano de 1845, tendo o Alferes contado com a participação do índio Vitorino Conda, que por sua vez teve a



Alferes Francisco Ferreira da Rocha Loures

Fonte: [https://arquivopublicouberaba.blogspot.com/2008/08/uberaba-e-o-poder-legislativo-1837-aos\\_12.html](https://arquivopublicouberaba.blogspot.com/2008/08/uberaba-e-o-poder-legislativo-1837-aos_12.html)

colaboração de seu povo na realização deste importante trabalho. Com a abertura da estrada, cresceu, como era de se esperar, a passagem de tropas. Em consequência deste acentuado crescimento, nos anos de 1854 e 1857 a estrada foi alvo da inspeção por parte dos engenheiros do Império: Beaurepaire Rochan e Gengembre Hérgréville, que se empenham no sentido de promover o melhoramento da referida via.

Em relatório sobre seu trabalho, entregue ao Presidente da Província do Paraná, separada de São Paulo no ano de 1853, o engenheiro Beaurepaire, escreve ao se referir sobre as vantagens de toda a região:

*"Todas essas vias de comunicação, que têm relação com a questão, estão compreendidas entre a margem esquerda do Iguassú e a direita do Uruguay. Elas pertencem a estrada geral que no município de Castro se dirige, por Guarapuava, ao território das Missões, no Rio Grande do Sul, estrada de muita importância, porque tem sobre a do Rio Negro, a vantagem de encurtar, de muitas dezenas de léguas, a distância que percorrem as tropas, no seu trajeto para a feira de Sorocaba, e a outra, não menor, que é a de não atravessar o município de Lages, livrando, d'estarte, o comércio dos impostos ali estabelecidos pela Província de Santa Catarina."*

No processo de ocupação dos Campos de Palmas foi inegável a valorosa participação dos indígenas que estiveram ao lado dos novos senhores que aos poucos foram conquistando a região. O povo dos campos e das florestas, conhecedor de todos os caminhos do interior, foi fundamental para que os brancos penetrassem na região e nela se estabelecessem, colaborando até mesmo na abertura das estradas que encurtariam distâncias e promoveriam o desenvolvimento de toda a área.



Índios Xoklenq – Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57656687>

O território que formaria no futuro o município de Santo Veloso, está incluído no processo de desenvolvimento dos Campos de Palmas, uma vez que se encontra na referida área. Neste contexto, tornou-se ponto de passagem obrigatória das tropas arrebanhadas nas fazendas da região e foi nas proximidades deste picadão que se estabeleceu o morador, Antonio José Veloso, seguido por outros caboclos, vindos alguns do Rio Grande do Sul e a maior parte do vilarejo de Palmas. A grande maioria destes caboclos eram posseiros e os que não estavam estabelecidos nas proximidades, permaneciam o tempo suficiente para fazer seus roçados, principalmente plantando milho, cereal muito procurado pelos estancieiros para a ceva dos suínos que eram criados à base do pinhão, e ainda para a engorda do gado, principalmente no inverno quando as rareavam as pastagens castigadas pelo frio rigoroso.



## CAPÍTULO XI

### OS GRANDES LATIFÚNDIOS

#### FAZENDA SÃO BENTO

O município de Salto Veloso está situado dentro da área territorial da antiga Fazenda São Bento, salvo algumas exceções na Linha Mendes, cujas terras pertenciam a Fazenda Cruz Alta de Raymundo Mendes de Almeida e outros, conforme documentos de 06 de dezembro de 1891 e de 02 de junho de 1893, existentes na Comarca de Palmas.

A Fazenda São Bento teve sua legitimação requerida pelo Capitão Francisco Antonio de Araújo, sendo, portanto, seu primeiro proprietário. Com o falecimento do Capitão o imóvel passou para sua filha Francisca Ferreira de Araújo que era casada com Jesuíno de Siqueira Cortes. Estes, por sua vez, fizeram no ano de 1877, termo de doação da Fazenda em favor de seu neto Diogo, filho de Vicente Ferreira Bello e Rosa Ferreira de Araújo, conforme documento abaixo transcrito:

*"Escriptura pública de Doação que fazem Jesuino de Siqueira Cortes e sua mulher, ao menor Ferreira de Araújo, de uma parte de Campos neste Districto de Palmas.*

*Saibam os que este instrumento de procuração, digo de Escriptura de Doação Virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e sete aos vinte dias do mez de Março do dito anno, nesta Freguesia de Palmas, em meu Cartório compareceram Jesuino de Siqueira*

*Cortes e sua mulher D. Francisca Ferreira de Araújo, por seu bastante procurador Benedito Vieira da Silva, todos conhecidos de mim Escriclmentvão e das testemunhas abaixo assignadas, do que dou fé e, e por elles me foi dito que possuem neste Districto no logar denominado São Bento uma parte de campos e fachinais que houveram por herança de seu finado sogro e pai o Capitão Francisco Antonio de Araújo, no valor de cento e oitenta mil réis, cuja parte de campos elles outorgantes declaram que fazem delle doação ao menor Diogo - com dois anos de idade mais ou menos, filho de Vicente Ferreira Bello e de sua mulher D. Rosa Ferreira de Araújo, moradores neste Districto, cunhado eirmã dos doadores, e que por isso transferem à pessoa do doado toda posse, juz e domínio que tinham no dito campo, que poderá desde já desfructar como seu que lhe fica sendo de hoje em diante. Me foi apresentado a procuração com o theor seguinte: Livro número cinco, folhas trinta e um e verso. Primeiro traslado de procuração bastante que fazem Jesuino de Siqueira Cortes e sua mulher, como abaixo se declara: Saibam os que este publico instrumencto de procuração bastante virem, que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e sete, aos seis dias de Fevereiro, nesta freguesia de Palmas, do termo de Guarapuava e Província do Paraná, em meu cartório appareceram Jesuino de Siqueira Cortes e sua mulher D. Francisca Ferreira de Araújo, fazendeiros, residentes em Guarapuava, conhecidos de mim e das testemunhas, do que dou fé; perante as quais por elles outorgantes me foi dito, que por este instrumencto faziam se procurador n'esta freguesia á Benedito Vieira da Silva, com especialidade que para por elles outorgantes como se presentes fossem, assignar a escriptura de doação de uma parte de campos e mattos que possuem neste Districto no logar denominado São Bento, que lhes tocou por herança deixada pelo seu finado sogro*

*e pai Capitão Francisco Antonio de Araújo, pelo preço de cento e oitenta mil réis, e que fazem dita doação em favor do menor Diogo, filho de Vicente Ferreira Bello e de sua mulher D. Rosa Ferreira de Araújo, promettendo haver por firme e valioso tudo o que fizer seu procurador, que poderá substalecer esta. E assim o disseram e me pediram este instrumento que lhes li gostaram, acceitaram e assignaram com as testemunhas presentes abaixo, conhecidas de mim José Antonio Alexandre Vieira, tabellião nesta freguesia de Palmas que escrevi e assigno. José Antonio Alexandre Vieira, Jesuino de Siqueira Cortes, Francisca Ferreira de Araújo, Possidônio José de Deos, João Antonio da Rocha. Pagaram cinco mil réis. Vieira. É o que continha dita procuração, Palmas 6 de Fevereiro de 1877. Eu José Antonio Alexandre Vieira, Tabellião que o escrevi e assigno em público e raso. Em testemunho de verdade é o que continha a dita procuração que dou fé. E como me pediram este instrumento que lhes li, gostaram, acceitaram e assignaram com as testemunhas presentes, perante Vicente Ferreira Bello que aceita a presente escripturra em favor de seu filho Diogo, e, Antonio Alexandre Vieira, escrivão de paz e nottas nesta freguesia de Palmas, que escrevi e assigno.”*

No dia 19 de abril de 1877, por motivos familiares, foi realizada uma permuta onde o menino Diogo recebeu na oportunidade a Fazenda denominada Chapecózinho, situada também na freguesia de Palmas e de propriedade de João Ferreira de Araújo e sua mulher Maria Rosa do Bom Jesus, que por sua vez ficaram com a Fazenda São Bento. A Chapecózinho escriturada então em nome de Diogo estava também avaliada em cento e oitenta mil réis, valor de sua posse anterior.

A Fazenda São Bento, um imóvel de cinco (5) léguas quadradas (léguas de sesmarias, cuja área se calcula:  $6.500 \times 6.500 = 43.560 \text{ m}^2$ , ou seja, 4.356 hectares), foi adquirida em 9 de maio de 1895 pela Companhia Frigorífica e Pastoril Brasileira a um Sindicato, tendo como representante o conselheiro José Duarte Rodrigues, segundo consta na escritura transcrita no livro número 127, fls.45 e 45 (verso), no Cartório do tabelião interino Romão Rodrigues de Branco em Curitiba, estado do Paraná. A São Bento foi posteriormente vendida a Antonio Fernandes dos Santos pela Cia. Frigorífica e Pastoril Brasileira, conforme escritura lavrada no 2º Cartório do Rio de Janeiro, constante no Livro de Notas 510, fls. 86. A mesma escritura foi registrada no livro 03 de Transcrição de Imóveis na Comarca de Palmas, constante nas fls. 102, 103 e verso, sob o no 592, datado de 09 de dezembro de 1910.

Posteriormente, Antonio Fernandes dos Santos tendo recebido proposta de Miguel e Waldemar Leonardo Matte interessados no imóvel, vende a estes, parte da São Bento. A escritura de compra e venda foi passada na cidade do Rio de Janeiro no dia 05 de agosto de 1919. Esta escritura está registrada devidamente no Livro 3, de Transcrição das Transmissões na fl. 50, com o no 169, Comarca de Cruzeiro (atual cidade de Joaçaba) no dia 16 de outubro de 1919.

Observando a migração de colonos que cada vez em maior número deixavam o Rio Grande do Sul em busca de novas fronteiras onde as terras possibilitassem a expansão da agricultura, escolhendo neste contexto o Oeste de Santa Catarina, Alberto Schimit, viu nesta verdadeira evasão, uma excelente oportunidade para ganhar dinheiro. Homem abastado que era, viajou para esta região, fixando-se mais demoradamente no Vale do Rio do

Peixe, onde adquiriu algumas áreas, incluindo entre estas uma gleba na Fazenda São Bento. Para efeito de esclarecimento é necessário que se diga que o terreno adquirido por Alberto Schimit e depois acrescentado por sua viúva Alice Schneider Schimit, tinha como limites: ao Norte - Linha dos Mendes; Sul - com o lote no 28 da Linha São Vicente; ao Nascente - com os lotes no 37, da Linha São Vicente e 100 da Consulta; ao Poente - com o Rio São Bentinho.

*"O imóvel São Bento é margeado e cortado por diversos rios, como o rio São Bento, rio 15 de novembro, rio São Vicente, rio Consulta, rio Veloso, rio Santo Antonio, rio Trinta e Arroio dos Couros. O terreno é bastante acidentado, mas corretamente plantado poderá surtir os efeitos que os colonos dele esperam."*

*Dados constantes em anotações da Colonizadora Alberto Schimit.*

Com a escritura de compra e venda em mãos, Alberto Schimit contratou agrimensores para efetuar a divisão da gleba em lotes coloniais que eram vendidos no escritório central da Companhia localizado na cidade de Porto Alegre e no Vale do Rio do Peixe por representantes estabelecidos nas estações de Itapuí (Ibicaré), Rio Bonito (Tangará), Pinheiro Preto e Perdizes (Videira), tendo ainda um mostrador oficial que residia em Rio dos Cochos (Bom Sucesso). Com a morte prematura do marido a viúva Alice Schneider Schimit, depois Alice Schneider Etzberger, passou a administrar o negócio tendo mesmo adquirido mais terras e ampliado assim a área da Companhia.

Conforme o Título número 23, datado de 11 de dezembro de 1916 e 1917, eram senhores de um direito de terras na fazenda São Bento, na área

territorial do município de Salto Veloso e adjacências os seguintes proprietários:

Julio Rodrigues de Macedo  
Antonio Rodrigues da Silva  
Graciliano Thomas da Silva  
José Antonio da Silva  
Faustino Eleutherio da Luz  
Manoel Padilha Lopes  
Sesinando Alves da Rocha  
Francisco Antonio de Jesus  
Trajano Antonio da Silva  
Franklin e Gustavo Antonio da Silva  
João Antonio da Silva  
Manoel Domingos Ribeiro  
Saturnino Ignacio Cardoso  
Generoso França de Abreu  
João Francisco da Silva  
Dalírio Francisco da Silva  
Domingos Maciel dos Santos  
Francisco Justino de Souza  
Manoel Tiburcio Borge  
José Antonio da Silva  
Alexandre Lugo  
Candido Gonçalves Padilha  
Firmino Gonçalves de Araujo  
José Verne de Albuquerque  
Rodolpho Antonio Claudino  
João Theodoro de Ávila  
João Evangelista d Rocha  
João Rodrigues de Oliveira  
França Martins  
Isaias Rodrigues de Oliveira  
Antonio Moreiras Leite  
João Gonçalves de Moraes  
Antonio Jose da Luz

Através dos nomes constantes nesta relação, podemos ter uma ideia á respeito da população cabocla e negra estabelecida no hoje município de Salto Veloso e arredores nos anos de 1916 e 1917, conforme os poucos documentos que restam sobre a Companhia Matte, Opermann & Cia pesquisados no Arquivo Público do Paraná. Os proprietários acima relacionados venderam seu direito de posse em favor de Podalírio Alves da Silva e Fábio Alves Millome, representantes de Miguel Matte na região.

Também atuaram na região de Salto Veloso vendendo terras da antiga São Bento a Companhia Selbach, Matte, Opermann e Cia, também denominada Colonizadora Sul Brasileira, que tinha como principal administrador Júlio Selbach. Atuando inicialmente como procurador de Miguel Matte, Podalírio Alves foi com o tempo adquirindo vários lotes coloniais na área da ex-Fazenda São Bento, passando ser também pequeno agente colonizador.

A presença de representantes de diversas Companhias numa região, favorecia de certa forma colonos que recebiam várias propostas de compra, na grande maioria com prazos de pagamento prolongados e juros que estavam dentro de sua realidade. Isso possibilitava aos compradores a oportunidade de adquirir terras também para seus filhos, assegurando-lhes assim o futuro na agricultura, atividade que passava então de geração para geração.

## **FAZENDA CRUZ ALTA**

No último quartel do século XIX chega á região dos campos de Palmas, Estado do Paraná, procedente do Rio Grande do Sul, um jovem chamado Antonio José Veloso, vinha como guia de um grupo de pessoas em fuga, movidas pelo desejo de escapar dos horrores de uma revolução que estava acontecendo na região da qual procediam e que espalhava destruição, terror e morte. Apesar da pouca idade, pois contava na ocasião, conforme relato de sua neta Dalva de Andrade Veloso, entre 15 ou 16 anos, enfrentou com coragem a tarefa que lhe havia sido confiada. Ao chegar no local que escolheram permanecer, o líder e seu grupo construíram ranchos de pau-a-pique, iniciando a luta pela sobrevivência, quer na procura de alimentos, quer na segurança diante da quantidade de animais das mais variadas espécies. Devemos lembrar que na época á qual estamos nos referindo, a área aqui mencionada era alvo de acirrada disputa judicial entre Santa Catarina e Paraná, sabiam as autoridades dos dois Estados litigantes das grandes riquezas contidas naquele vasto território.

Num contexto mais local, ou seja, nas Freguesias de Palmas e Guarapuava a disputa girava em torno da legalização das terras, ou mais precisamente nos títulos de legitimação que eram expedidos pelas autoridades paranaenses com jurisdição sobre o aludido território. Importante destacar que essas terras que por serem planas, portanto favoráveis a criação de gado, eram requeridas e legitimadas por pessoas de influência política e econômica, sendo por isso mesmo apadrinhadas pelo Estado. Foi em terras de um desses latifúndios que se radicou Antonio José Veloso, mais precisamente na fazenda Cruz Alta, estabelecendo-se no local



em data anterior aos pedidos por documentação legal de título de domínio e posse do imóvel, solicitados respectivamente em 6 de setembro de 1891 por Raymundo Mendes de Almeida e outros, e aprovada em 2 de junho de 1893. Em junho de 1893, documento expedido pelo governo do Paraná, declara:

*"E provado ter effectuado todos os pagamentos devidos, se acha a mesma D. Maria Isabel do Belém e Almeida, investida do Direito de domínio directo sobre as terras compreendidas na referida área, salvo direito de terceiros."*

Vale salientar que algumas pessoas que chegaram no local sob o comando do caboclo Veloso não permaneceram na área, preferindo sair em busca de trabalho nas estâncias ou vilas da região.

Os documentos a seguir mostram proprietários da fazenda Cruz Alta, bem como os desdobramentos que se seguiram até sua divisão concluída no ano de 1919, cujo documento foi redigido em presença de todos os interessados em reunião realizada na casa principal do referido imóvel. Importante lembrar que durante a tramitação do processo de demarcação e divisão a fazenda pertencia ao Paraná, e por ocasião do encerramento dos trabalhos ao Estado de Santa Catarina, isto por força da assinatura do acordo de limites ocorrido em 20 de outubro de 1916, sancionado através da Lei 1.146. Na última fase todo o trâmite jurídico ocorreu junto a comarca de Cruzeiro, hoje Joaçaba criada pela Lei 1.147, de 25 de agosto de 1917.

## Compra de uma parte de terras da fazenda Cruz Alta

*"Trajano Bapthista de Oliveira Silveira serventuario vitalício do officio de tabelião de notas desta cidade de Palmas Certifico que revendo o livro numero três de escrituras, nelle as folhas um, verso, dois e verso, encontrei a escritura de theor seguinte: Escripura de compra e venda que faz de huma parte de campos e Mattos e logradouros no lugar denominado Cruz Alta deste Distrito pelo preço e quantia de cento e vinte e três mil réis, como abaixo se declara: Saibão os que este publico instrumento de Escripura de venda virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e hum, aos sete dias do mês d'outubro do dito ano anno nesta Freguesia de Palmas, em meu cartório compareceu presente Raymundo Mendes de d'Almeida com procuração bastante de Joaquim Antonio Machado e sua mulher aquelle morador na cidade de Guarapuava, os quais trazem nomeado seu procurador Antonio Joaquim do Amaral Cruz, para assinar por eles a presente Escripura, os quais reconheço serem os próprios do que dou fé; e presentes as duas testemunhas abaixo declaradas e assinadas, pelos vendedores me foi dito que serão senhores e possuidores de huns terrenos e campos e Mattos com seus logradouros no lugar denominado Cruz Alta deste Distrito que possuem livres e desembargados de qualquer hipoteca e os quaes terrenos eles vendedores houverão por herança de seu finado pai e sogro Manuel Mendes de Sampaio e da mesma maneira que possuirão vendem como de facto vendido tem a elle comprador Raymundo Mendes de Almeida, pelo preço e quantia de cento e vinte e três mil réis que o fazer desta recebem em moeda corrente do Império e por isso lhe davão plena e geral quitação, e transpação toda posse, jus e domínio que em dito terreno tinham, na pessoa*

*d'elle comprador para que gose e desfrute como seu que fica sendo de hoje para todo o sempre. Presente o comprador por elle me foi dito que aceitava a presente Escriptura na forma estipulada. E pelo mesmo me foi apresentado o conhecimento de cisa do theor seguinte: Leocádio AFa treis Provincia do Paraná, imposto de transmissão de Propriedade Lei numero mil quinhentos e sete de vinte e ceis de setembro de mil oitocentos e ceenta e sete e. Renda Geral Exercício de mil oitocentos e cetenta e hum a mil oitocentos e cetenta e dois Rs sete mil trezentos e oitenta. O Senhor Raymundo Mendes de Almeida pagou a quantia de sete mil e trezentos e oitenta réis de ceis po cento correspondente a Rs cento e vinte e treis mil réis importância por que comprou a Joaquim Antonio Machado e sua mulher uma parte de campos e Mattos e logradouros no lugar denominado Cruz Alta neste Distrito. Collectoria de Palmas cinco de outubro de mil oitocentos e cetenta e hum o Colletor Portugal Sobrinho o Escrivao Sousa. Procuração do theor seguinte. O Tabelliao E. de Santa Maria, Villa de Guarapuava rua do Loires, Imperio do Brasil Provincia do Paraná, procuração bastante quer fazem Joaquim Antonio de Machado e sua mulher. Saibão os que este publico instrumento de Procuração bastante virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e cetenta e hum, aos ceis de Setembro na cidade de Guarapuava, em meu cartório apparecerão Joaquim Antonio Machado e sua mulher Dona Maria Romana Mendes de d'Almeida ambos de mim reconhecidos e das testemunhas presentes as quaes por eles me dito que farião por seos bastante Procuradores no Distrito de Palmas os Senhores Antonio Joaquim do Amaral Cruz e Jose Antonio Alexandre Vieira com especialidade para assinar a escriptura de venda que eles fizeram a Raymundo Mendes de Oliveira de uma parte de Campo que eles possuem na quelle Distrito no lugar denominado Campo Alto, podendo*

*substabelecer esta em quem lhe convier e os substabelecidos em outros tendo por firme e valioso tudo quanto fiser seu procurador substabelecido, a quem relevado encargo da satisfação que o direito outorga, podendo igualmente usar de todos e quaisquer recursos a bem do direito dele outorgante. E como assim disse do que dou fé, fiz este instrumento que lhes li aceitarão e assignarão com as testemunhas abaixo reconhecidos de mim Eugenio Santa Maria tabelião que escrevi e assino em publico e razo. Em testemunho da verdade Eugenio de Santa Maria, Joaquim Aires de Araujo Jaques, Frederico Viermonde por Jose Ricardo Vieira. P. g. 1 avo. Estava a data desta por sima de uma*

*João Baptista de Oliveira Silva, serventeario n.º 111*  
*Tabelião de officio de tabelião de notas desta cidade de Palmas*  
*certifico que revendo o livro numero tres de escripturas*  
*nelle as folhas 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000*

Escritura de Compra da Fazenda Cruz Alta

*Estampilha de duzentos réis. E de como assim o disseram e dou fé me pedirão este instrumento que lhes li e aceitarão e assignarão com as testemunhas Napoleão Marcondes de França e Tobias Bueno d' Andrade perante mim reconhecidos do que dou fé. Eu José Antonio Alexandre Vieira o escrevi e assino em publico e raso. Em testemunho de verdade (Esta o signal publico) Jose Antonio Alexandre Vieira, Antonio Joaquim do Amaral Cruz, Raymundo Mendes de Almeida, Napoleão Marcondes de França, Tobias Bueno de Andrade Vieira, P.G (pagou) 7\$000. Era o que se continha em a dita folha ou folhas do referido livro ao qual me reporto e do qual bem e fielmente*

*fiz extrahir apresente certidão, que, depois de conferida e achada conforme, subscrevo e assigno. Eu Tabelliao Trajano Baptista de Oliveira Silvério subscrevo e assigno. Palmas 17 de Janeiro de 1916.”*

### **Título de Legitimação de Posse**

*"Estado do Paraná. O Dr. Vicente Machado da Silva Lima, Governador do Estado faz saber que tendo D. Maria Isabel do Belém e Almeida, adquirido a título de legitimação de posse de acordo com a Lei de 18 de setembro de 1850, Reg de 30 de Janeiro de 1854, Art 179 do Reg. baixado por Decreto de de 8 de abril de 1893, cuja discriminação foi aprovada por este governo, uma área de terras tendo duzentos e vinte e três milhões cento e onze mil e e oitocentos metros quadrados ou (223.111.800 hectares) no lugar denominado Cruz Alta, do Municipio de Cruz Alta e provado ter effectuado todos os pagamentos devidos, l se acha a mesma Da Maria Isabel do Belém e Almeida, investida do do direito de domínio directo sobre as terras compreendidas na referida área, salvo direito de terceiros respeitadas as prescrições de leos e regulamentos em vigor. E para firmeza mando passar o presente titulo que vai sellado com sello da Secretaria d'Estado dos Negócios das Obras Publicas e Colonização. Curitiba, 20 de Junho de 1893. O Governador: Vicente Machado da Silva Lima. O Secretário; Joaquim Francisco Gonçalvers Junior. Titulo de domínio directo das terras adquiridas por D Maria Isabel do Belem e Almeida,*

situadas no Município de Palmas, cujo processo fica archivado Sobre N1º 5 da "Secção do Archivo" Posses Legitimadas. Secretaria d'Estado dos Negocios das Obras Publicas e Colonização, 20 de junho de 1893. O Director Carlos Vieira da

Costa. Este título fica registrado á folha 5 do livro primeiro. Secretaria d'Estado dos Negócios das Obras Publicas e Colonização, 20 de junho de 1893. Pelo ... do registro, o official archivista Evaristo Martins Franco. Continua mais meu carimbo com os seguintes dizeres: Secretaria d'Estado dos Negócios das Obras Publicas e Colonização. Estado do Paraná Nada mais continha que dito titulo que bem e firmemente a que fiz transcrever do próprio original ao qual me reporto e dou fé. Palmas, 9 de setembro de 1924. Pedro Saldanha de Souza."

Opallado.

Estado do Paraná. O Sr. Visconde Machado da Silva Luna, Governador do Estado, faz saber que tendo D. Maria Isabel de Belém e Pluvidá, adquirindo o título de legitimação de posse de acordo com a lei de 18 de Setembro de 1850, de 30 de Janeiro de 1854, Art. 179 do Reg. sancionado por Decreto de 20 Abril de 1893, cuja transmissão foi approvada por este governo, uma área de terras tendo avulsos e mistos e terrenos livres entre o ouro misto e setecentos metros quadrados de (233 MM 800 hectares) no lugar denominado Cruz Alta, do Município de Cruz Alta e provado ter effectivado todo o pagamento devido, se põe a venda D. Maria Isabel de Belém e Pluvidá, investida do direito de vender os direitos sobre as terras com prelevidas na referida área, salvo direito de terceiros respeitadas as disposições de leis e regulamentos em vigor.

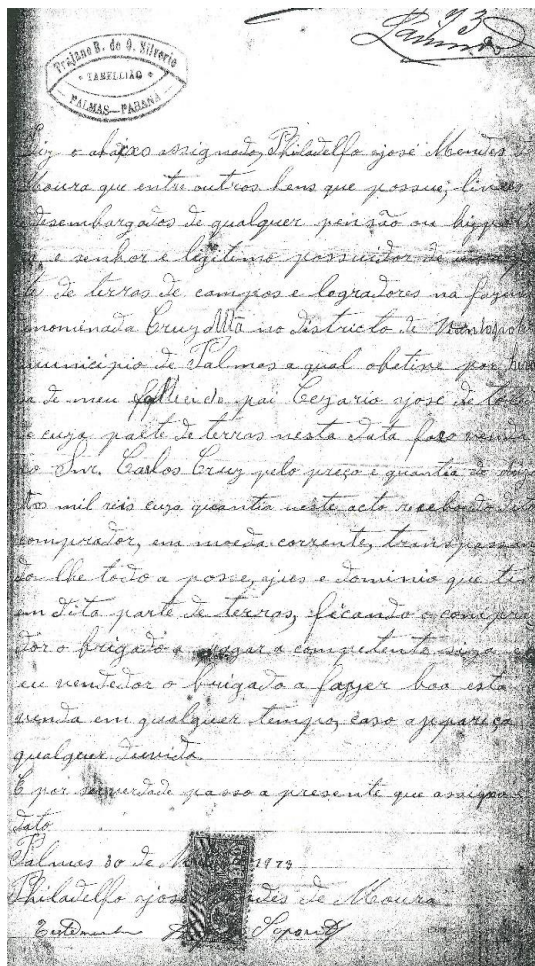
É para fins desta venda passar e present título que vai sellado com sellos da Secretaria d'Estado dos Negocios das Obras Publicas e Colonização. Curitiba, 20 de Junho de 1893.

O Governador: Visconde Machado da Silva Luna. Secretário: Joaquim Fran-  
 çoisalves Junior. Título de dominio directo das terras adquiridas por D. Maria Isabel de Belém e Pluvidá, situadas no Município de Palmas, cujo processo fica archivado sob n.º 5 da Secção de Terras Posses Legitimadas. Secretaria d'Estado dos Negocios

de 1893. O Director Carlos Vieira da Costa. Este título fica registrado á folha 5 do livro primeiro. Secretaria d'Estado dos Negocios das Obras Publicas e Colonização, 20 de junho de 1893. Pelo ... do registro, o official Archivista Evaristo Martins Franco. Continua mais meu carimbo com os seguintes dizeres: Secretaria d'Estado dos Negócios das Obras Publicas e Colonização. Estado do Paraná. Nada mais continha que dito titulo que bem e firmemente a que fiz transcrever do próprio original ao qual me reporto e dou fé.

Palmas, 9 de Setembro de 1924.  
 Pedro Saldanha de Souza

## Declaração de posse



Documento que identifica Philadelpho José Mendes de Moura como proprietário das terras.

"Diz o abaixo assignado Philadelpho Jose Mendes de Moura que entre outros bens que possui, livres e desembargados de qualquer (?) hypotheca e senhor legitimo possuidor de uma parte de terras de campos e logradouros na fazenda denominada Cruz Alta no distrito de Vicentópolis município de Palmas a qual obtive por herança de meu falecido pai Cezario José de Toledo de cuja parte de terras nesta data faço venda ao Snr Carlos Cruz pelo preço e quantia de duzentos mil réis cuja quantia neste acto recebo do dito comprador, em moeda corrente, transpassando-lhe toda a posse, jus e domínio que tinha em dita parte de terras, ficando o comprador obrigado a pagar a competente siza e o vendedor o

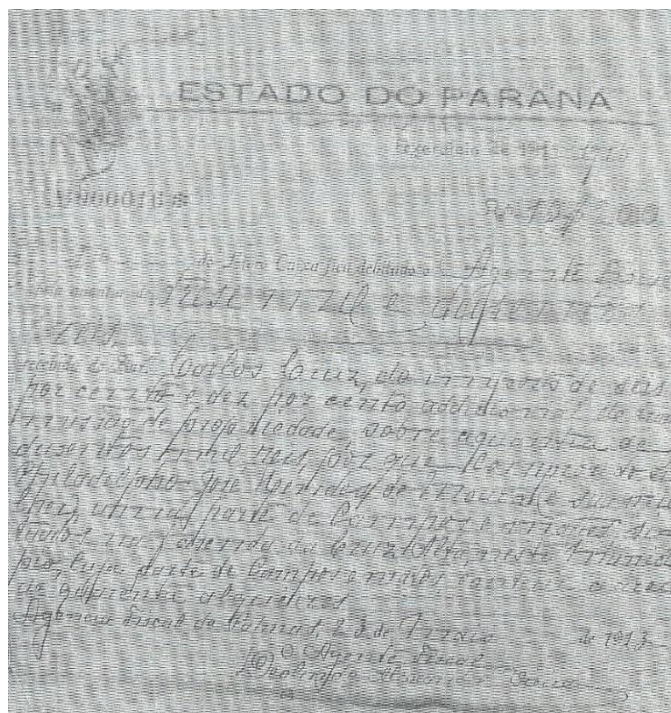
*brigado a fazer boa esta venda em qualquer tempo, caso apareça qualquer dúvida.*

*E por ser verdade passo a presente que assigno e dato*

*Palmas 30 de Maio de 1913*

*Philadelpho José Mendes de Moura."*

## Recibo de transmissão de propriedade



Recibo de Transmissão de Posse da Fazenda Cruz Alta

*"A fls.....do Livro Caixa fica debitado o Agente fiscal pela quantia de treze mil e duzentos réis*

*Recebida do Snr Carlos Cruz do imposto de seis por cento e dez por cento adicional de transmissão de propriedade, sobre a quantia de duzentos mil réis o que comprou do Snr Philadelpho José Mendes de Moura (e sua mulher), uma parte de*

*campos e matos situados na Fazenda Cruz Alta, neste município, cuja parte de campos e matos, contem a área de quarenta alqueires.*

*Agencia Fiscal de Palmas, 23 de maio de 1913.*

*O Agente Fiscal Deolino Alexandre Vieira."*

Parte deste terreno com área de três alqueires, mais ou menos, foi vendido por Carlos Cruz para Antonio José Veloso em 12 de fevereiro de 1914, conforme escritura lavrada no Distrito de Vicentópolis (Herciliópolis), pelo Tabelião Vergilio Cruz. O quinhão de terras recebido por Antonio José



Veloso ficava dentro da área de terras de Philadelpho José Mendes de Moura.

Dentro das observâncias que mais pesaram no direito de posse dos moradores no processo de demarcação e divisão da fazenda Cruz Alta, o tempo de permanência na terra foi um dos mais influíram. Tendo se estabelecido na referida propriedade antes do requerimento de posse do imóvel, feito por D Maria Isabel do Belém e Almeida, junto ao governo do Estado do Paraná, cujo título de legitimação já estabelecia: "*se acha a mesma D. Maria Isabel do Belem e Almeida, investida do direito de domínio directo sobres as terras com prendidas na referida área, salvo direito de terceiros respeitadas as prescrições de leis e regulamento em vigor*", bem como anterior também da legalização da área situada no mesmo latifúndio adquirida pelo fazendeiro Raymundo Mendes de Almeida; Antonio José Veloso teria seus direitos respeitados na divisão do imóvel, a exemplo de outros moradores ali radicados de longa data. Foi em terras do imóvel Cruz Alta que Antonio ergueu seu rancho, constituiu sua família e construiu seu pequeno patrimônio através do trabalho.

Lembrando o depoimento de sua neta Dalva Andrade Veloso, (Bitencourt por casamento), realizado na cidade de Chapecó, quando em conversa com a autora e com Danilo Tomasi, a mesma relatou:

*"Meu avô era muito novo quando chegou ali, ele dizia que tinha 15 pra 16 anos. Tiveram que escapar de uma revolução que tinha no lugar que moravam no Rio Grande do Sul. Vieram a pé, demoraram oito dias pra chegar, ele tinha que comandar as pessoas que vieram junto, estavam fugindo. No começo não tinha papel das terras, ele chegou, levantou o rancho e ficou por*

*ali mesmo. Depois de um tempo casou com minha avó, ela chamava Inês da Luz, era cabocla, quase preta. Ele sempre morou no mesmo lugar. Acho que com tempo conseguiu a terra pra si.”*

Diante do número de moradores estabelecidos de longa data, portanto, com direitos adquiridos, os proprietários da Fazenda Cruz Alta tiveram que proceder o que a justiça determinava, ou seja, a demarcação e a divisão do imóvel. Para esse grande trabalho foram contratados o engenheiro agrônomo Vespertino Marcondes de França, o agrimensor Mario de Barros que organizaram por sua vez uma equipe de apoio incumbida de auxiliar no serviço demarcatório, arbitradores sendo eles Francisco Salinet Netto e Protógenes Vieira do Amaral servindo também Vespertino Marcondes de França. A contratação incluiu também peritos, curadores, procuradores e curador geral de órfãos, cabendo aos condôminos contratar, cada qual, um procurador de sua confiança.

Os documentos obtidos junto ao Fórum de Justiça da Comarca de Palmas-Paraná, revelam que os trabalhos se procederam com organização, procurando com que cada pessoa incluída na causa tivesse os direitos respeitados. Enquanto a parte jurídica atuava naquilo que era de sua competência, a equipe de campo se empenhava nos trabalhos de demarcação e divisão de cada um dos lotes que eram denominados “Quinhões” e “Condomínios” as pessoas contempladas com os Quinhões.

A primeira reunião foi realizada com os donos da Fazenda Cruz Alta, conforme revela o documento abaixo, sendo que as demais ocorreram com a presença dos interessados e agraciados com os Quinhões.

## Mandado de citação dos condôminos da fazenda Cruz Alta

"Ilmo. Snr 1º Supplente em exercício do Juiz de Direito desta Comarca

Como requer o escrivão para mandato de citação requerido –  
Palmas 13 de março de 1916

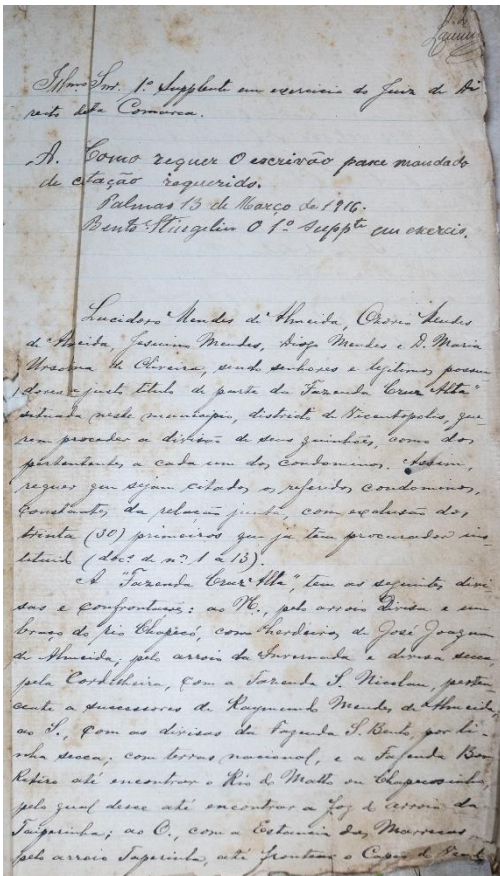
Bento Jtingelin o 1º suplente em exercício

Lucidoro Mendes de Almeida, Ozorio Mendes de Almeida, Jesuino

Mendes de Almeida, Jesuino Mendes, Diogo Mendes e D Maria Ursulina de Oliveira, sendo senhores e legítimos possuidores a justo título de parte da "Fazenda Cruz Alta", situada neste município, distrito de Vicentópolis que vem proceder a divisão de seus quinhões como pertencentes a cada um dos condôminos, constantes da relação junto com a inclusão dos (30) primeiros que já tem procuração instituída (docs de nº 1 a 13).

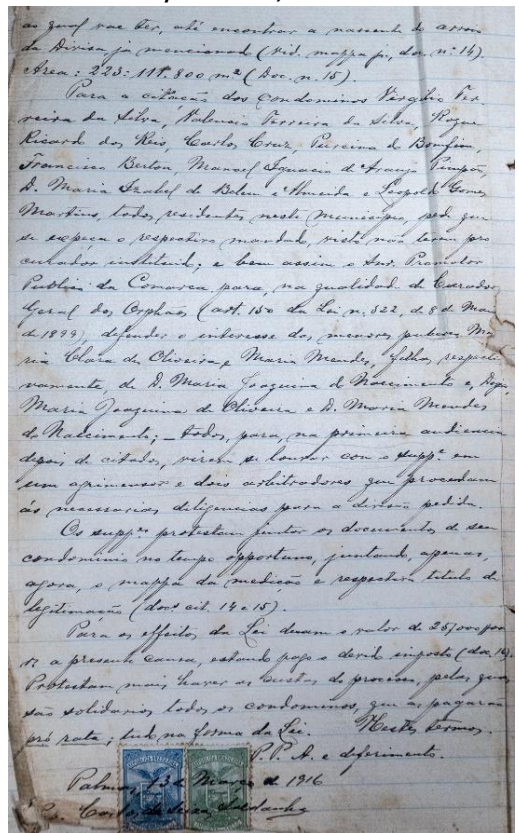
A "Fazenda Cruz Alta" tem as seguintes divisões e confrontações: Ao N. pelo Arroio da Divisa e um braço do Rio Chapecó, com os herdeiros de Jose Joaquim de Almeida, pelo arroio da Invernada e divisa secca pela Cordilheira, com a Fazenda S. Nicolau pertencente a sucessores de Raymundo Mendes de Almeida; ao S. com as divisas da Fazenda S. Bento, por linha secca, com terras nacional, e a Fazenda Bom Retiro até encontrar o Rio de Matt, ou topographia, pelo qual deve até encontrar a foz do arroio da Invernada; ao O., com a Estancia dos Marmãos pelo arroio Saguinte, até encontrar o Arroio de Bento

Fazenda São Nicolau pertencente a sucessores de Raymundo Mendes de Almeida; ao S. com divisas da Fazenda São Bento, por linha secca; com terras nacional, e a Fazenda Bom Retiro até



encontrar o Rio do Matto ou Chapecosinho, pelo qual desce até encontrar a foz do arroio Taperinha..... com a Estancia das Marrecas, pelo arroio Taperinha até fronteira do capão a qual vai ter até encontrar a nascente do arroio da Divisa (doc n1º 14). Área 223.111.800 m2 (doc n1º 15) Para a citação dos Condominos Virgilio Ferreira da Silva, Valerio Ferreira da Silva, Roque Ricardo dos Reis, Carlos Cruz, Purcina do Bonfim, Francisco Berton, Manuel Ignacio de Araujo Pimpão, D.Maria Isabel do Belém e Almeida e Leopoldo Gomes Martins, todos residentes neste município, pelo qual se expeça o respectivo mandado, visto não terem procurador constituído; e bem assim o Sr Promotor Publico da Comarca para, na qualidade de Curador Geral de Órphãos (art 150 da Lei n 1º 322 de 8 de maio de 1899) defender os interesses dos menores púberes, Maria Clara de Oliveira, Maria Mendes filhas respectivamente de D Maria Joaquina do Nascimento e, digo Maria Joaquina de Oliveira e D Maria Mendes do Nascimento; todos para na primeira audiência depois de citados virem se louvar com o ... e um agrimensor e dois arbitradores que procedam as necessárias diligencias para a divisão pedida.

Os Supp.<sup>es</sup> protestam juntar os documentos de



*seu condomínio no tempo oportuno, juntando apenas a gora, o mappa da medição e respectivo titulo de Legitimação (doc s 14 e 15).*

*Para os efeitos da Lei devem o valor de 257000\$000 a presente causa estando pago o devido imposto (doc 16). Protestam mais honrar às custas do processo pelo que sao solidários todos os Condominos, que a pagarão pro rata, tudo na forma da Lei. Nestes termos P.P. A. e deferimento.*

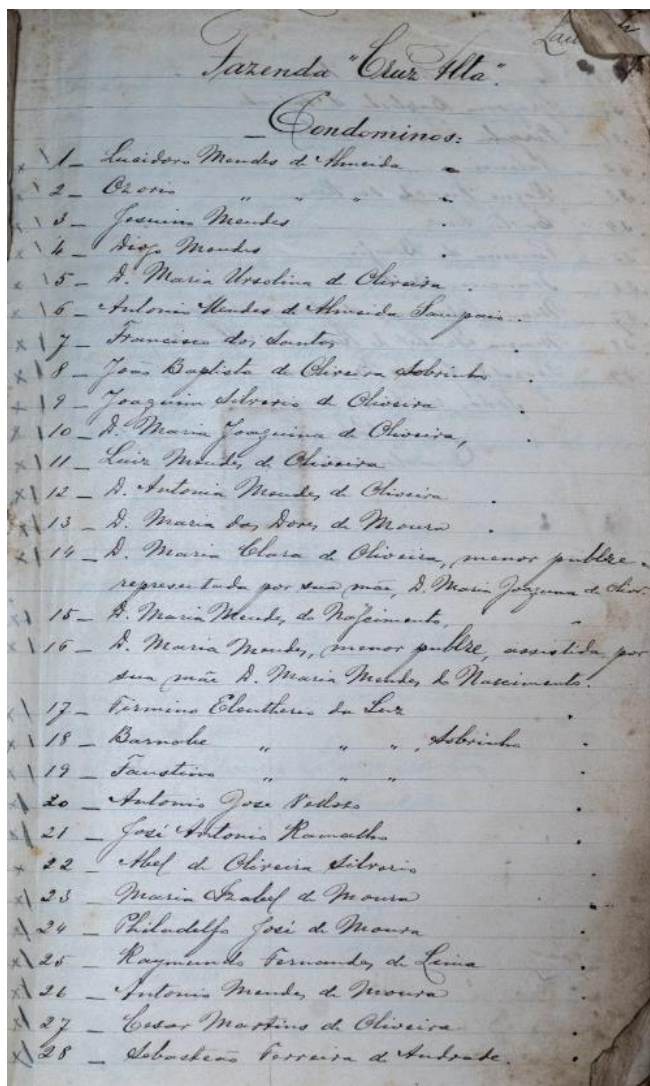
*Palmas, 13 de Março de 1916 - Carlos de Seixas Saldanha*

*Fazenda Cruz Alta*

#### *Condominos*

- 1 Lucidoro Mendes de Almeida*
- 2 Ozório Mendes de Almeida*
- 3 Joaquim Mendes de Almeida*
- 4 Diogo Mendes de Almeida*
- 5 Maria Ursulina de Oliveira*
- 6 Antonio Mendes de Almeida*
- 7 Francisco dos Santos*
- 8 João Baptista de Oliveira Sobrinho*
- 9 Joaquim Silverio de Oliveira*
- 10 D Maria Joaquina de Oliveira*
- 11 Luiz Mendes de Oliveira*
- 12 D. Antonia Mendes de Oliveira*
- 13 D. Maria das Dores de Moura*
- 14 D. Maria Clara de Oliveira, menor púbere, representada por sua mãe D. Maria Joaquina de Oliveira*
- 15 D. Maria do Nascimento*
- 16 D. Maria, menor púbere assistida por sua mãe D. Maria Mendes do Nascimento*
- 17 Firmino Eleutherio da Luz*
- 18 Barnabe Eleutherio da Luz Sobrinho*

- 19 Faustino Eleutherio da Luz
- 20 Antonio José Veloso**
- 21 José Antonio Ramalho
- 22 Abel de Oliveira Sobrinho
- 23 Maria Isabel de Moura
- 24 Philadelpho José de Moura
- 25 Raimundo Fernandes de Lima
- 26 Antonio Mendes de Moura
- 27 Cesar Martins de Oliveira
- 28 Sebastiao Ferreira de Andrade."



## **Procuração**

*"Livro 12 Fhs 63*

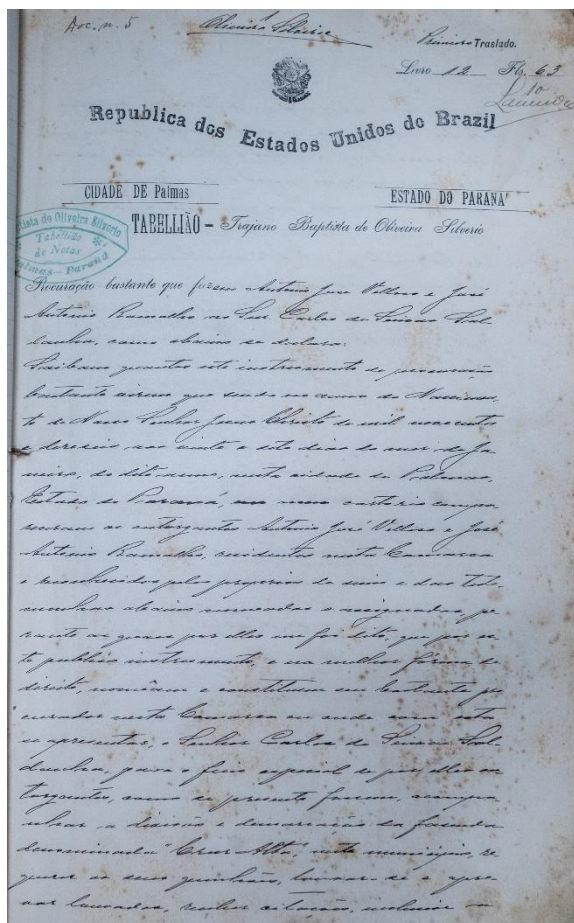
*Republica dos Estados Unidos do Brazil*

*Cidade de Palmas Estado do Parana*

*Procuração bastante que fazem Antonio José Veloso e José Antonio Ramalho ao Sr Carlos S Saldanha como abaixo se declara*

*Saibam quantos este instrumento de procuração bastante virem que no ano de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e desesseis, aos vinte oito dias do mes de janeiro do dito ano nesta cidade de Palmas Estado do Paraná em cartório compareceram os outorgantes Antonio José Veloso e José Antonio Ramalho residentes nesta comarca e conhecidos de mim e das testemunhas abaixo assinadas perante ao que por eles me foi dito que por este publico instrumento e na melhor forma de direito nomeiam e contratam seu bastante procurador nesta comarca aonde este se apresentar, o Senhor Carlos S Saldanha para o fim especial de por eles outorgantes com de presente forem acompanhar a divisão e demarcação da fazenda denominada "Cruz Alta", neste município, segurar os seus quinhões, (?) enfim a todos na forma da lei não se refere de um direito para o que lhes concedem amplos poderes como (?) substabelecem este. E como nada mais disseram do que dou fé, foi este instrumento que lhes li, aceitaram e a rogo dos outorgantes por não saberem escrever assignam Eliasario Jose de Brito e Joaquim(?) com as testemunhas abaixo, perante mim Trajano Baptista de Oliveira Silveira o lavrei."*

## Instalação dos trabalhos de divisão da Fazenda Cruz Alta



"Cópia da Audiência do dia, digo audiência especial de instalação dos trabalhos de divisão da "Fazenda Cruz Alta". Aos desenove dias do mês de outubro do anno de mil novecentos e desesseis, na casa principal da Fazenda "Cruz Alta", onde foi vindo o Juiz de Direito da Comarca Dr Artemio Campolido de Sant'Anna, comigo escrivão de seu cargo abaixo nomeado e o Official de Justiça Rufino da Silva Vieira servindo de porteiro o mesmo Juiz mandou que o dito Official abrisse ao toque da campainha a audiência especial para instalação dos trabalhos de divisão da fazenda "Cruz Alta", feita a requerimento

de Lucidoro Mendes de Almeida e outros "e disse" digo e outros. Compareceram Carlos de Seixas Saldanha procurador de Lucidoro Mendes de Almeida e outros, e disse que por parte de seus constituintes acusava as citações feitas aos interessados condôminos a agrimensor e arbitradores para comparecerem nesta audiência para o exame e conferencia dos títulos e verifficar-se o ponto de partida para Aveimentação das linhas do perímetro; e requeria que portanto que apregoadas se desse começo dos trabalhos collocando-se o marco primordial no



*mesmo ponto que foi cravado o do início do imóvel e que achasse indicado no memorial descritivo actualmente em poder do Agrimensor; disse mais que (?) do profissional conforme consta no auto de lavração foi contratado por cinco contos de réis. Apregoados compareceram o curador geral de órfãos Doutor Gilberto de Araujo Santos e os condôminos Carlos Cruz, Francisco Berton, Dona Maria Isabel Do Belem e Almeida representada por seu procurador Benedito Saddoch de Sá que pediu juntada aos autos dos títulos de domínio de seus constituintes que neste acto apresentam, dizendo estar concorde com os honoirarios do Agrimensor. O que foi deferido pelo Juiz. Deixaram de comparecer os condôminos Gregorio Bapthista de Andrade, Valencio Ferreira da Silva, Roque Ricardo dos Reis e Manoel Ignacio de Araujo Pimpão. Estiveram presentes também o Agrimensor Silvio da Cunha Carneiro e seu suplente Doutor Vespertino Marconde de França e os peritos Protogenes Vieira e Francisco Solniet Netto. Estando todos de acordo, mandou o Excellentissimo Juiz de Direito que as quatorze horas se transportassem todos com elle ao lugar que se acha o referido marco. Do que tudo lavrei este termo que o Juiz assigna comigo escrivão, partes, procuradores e peritos. Eu Pedro Laurindo de Souza escrivão o escrevi e assigno (Assignados Selton (?) de San'Anna, Gilberto de Araujo Santos, Carlos de Seixas Saldanha, Benedicto Saddoch de Sá, Sylvio da Cunha Carneiro, Vespertino Marcondes de França, Francisco Solniet Netto, Protogenes Vieira Rufino da Silva Vieira, Pedro Laurindo de Souza. Nada mais se continha que dito termo de audiência que bem e fielmente aqui transcrevi do próprio e original ao qual me reporto e dou fé. Palmas desenove de outubro de mil novecentos e deseseis. Eu Pedro Laurindo de Souza escrivão o escrevi."*



## Auto de assentamento do marco primordial

"E logo no mesmo dia mez e anno supra declarado no lugar indicado para o ponto de partida estando prompto o marco de imbuia lavrado em esquadria e sua testemunha presente o Juiz cravou o marco primordial feito a margem direita do Rio Chapecosinho anteriormente Rio do Matto; cujo marco é de Imbuia e tem a marca seguinte F.C.A. E para constar mandou o Juiz lavrar este termo que assigna com o Agrimensor partes presentes e perante mim Pedro Laurindo de Souza, escrivão que o escrevi."

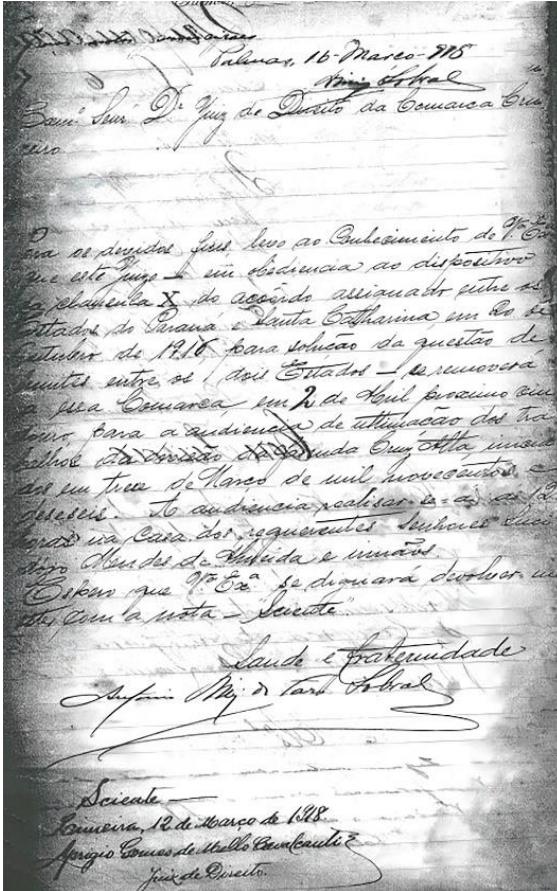
Auto de assentamento do  
marco primordial

Em 10 de Maio de 1868  
no lugar de...  
ponto de partida...  
marco de imbuia lavrado em  
esquadria e sua testemunha pre-  
sente o Juiz cravou-se o mar-  
co primordial feito a margem  
direita do Rio Chapecosinho  
anteriormente Rio do Matto; cujo  
marco é de imbuia e tem a  
marca seguinte: F. C. A. E  
para constar mandou o Juiz  
lavrar este termo que assigna  
com o agrimensor partes pre-  
sentes e perante mim Pedro Laurindo de Souza,  
escrivão que o escrevi.

Attesto em 10 de Maio de 1868  
Pedro Laurindo de Souza  
Escrivão

## Audiências

### Audiência realizada na Comarca de Palmas



"Palmas, 16 de Março de 1918

Exmº Sr Dr Juiz de Direito da  
Comarca de Cruzeiro

Para os devidos fins levo ao conhecimento de Vª Ex1ª que este Juizo – em obediência ao dispositivo da Cláusula X, do acordo assignado entre os Estados do Paraná e Santa Catharina, em 20 de outubro de 1916, para solução da questão de limites entre os dois Estados – se remocera para esta Comarca em 16 de Abril proximo seguinte para a realização de ultimação dos trabalhos da divisão da Fazenda Cruz Alta, iniciados em treze de Março de mil novecentos e dezesseis. A audiência realizar-

se-á as 12 horas na casa dos requerentes Senhores Lucidoro Mendes de Almeida e irmãos.

Espero que V 1ª Exª se dignará devolver-me este com a nota – 'Sciatis'.

Saude e Fraternidade

Antonio M. Faro Sobral

Juiz de Direito."

## **Audiência de ultimação dos trabalhos de divisão da Fazenda Cruz Alta**

*"Audiencia do dia quinze de maio de mil novecentos e dezoito. Aos quinze dias do mez de Maio de mil novecentos e dezoito n'esta cidade de Palmas na sala da Câmara Municipal, presente o Juiz de Direito da Comarca, Excellentissimo Doutor Antonio Diniz de Fáro Sobral, comigo escrivão do seu cargo abaixo nomeado foi aberta a audiência pelo Oficial de Justiça Rufino da Silva Vieira, ao toque da Campainha e mais formalidades legais. Nella compareceu o cidadão Carlos de Seixas Saldanha e por elle me doi dito que, por parte de seus constituintes Lucidoro Mendes de Almeida, Osorio Mendes de Almeida, Jesuinos Mendes de Almeida, Diogo Mendes de Almeida e D Maria Ursulina de Oliveira, requerentes da divisão da fazenda "Cruz Alta" acusação as citações feitas ao Doutor Curador Geral de órfãos interino e Major João Manoel da Cunha Sobrinho, este na qualidade de procurador dos condôminos D Maria Isabel do Belém e Almeida, Carlos Cruz e Francisco Berton para n'esta audiência (?) causas com (?) em Agrimensura e respectivo supplente que ultimam os trabalhos de divisão da fazenda Cruz Alta visto a uma escusa dos cidadãos Lybório da Cunha Carneiro e o Doutor Vespertino Marcondes de França e requeria que se (?) as citações for feitas acusadas e sob (?) a revelia dos citados que não compareceram, se procedesse a nomeação que por parte de seus mencionados constituintes e mais dos condôminos Abel de Oliveira Silveira, Maria Isabel de Moura, Philadepho José de Moura, Raimundo Fernandes de Lima, Antonio Mendes de Moura, Cesar Martins de Oliveira, Sebastião Teixeira de Andrade, Manoel Moura Rosa, Antonio José Veloso, Antonio Ramalho, Firmino, Eleuterio da Luz,*

*Barnabé Eleuterio da Luz Sobrinho, Faustino Eleuterio da Luz, Maria Mendes do Nascimento e sua filha púbere Maria Mendes, Maria das Dores de Moura, João Baptista de Oliveira Sobrinho, Joaquim Silverio de Oliveira, Maria Joaquina de Oliveira e sua filha pubere Maria Clara de Oliveira, Luiz Mendes de Oliveira, Antonio Mendes de Oliveira, Francisco dos Santos, Antonio Mendes de Almeida Sampaio, Gregorio Baphista de Andrade, Pusenia Maria de Bonfim, Leopoldo Martins cujas procaurações estão juntas aos autos; Laurentino Padilha dos Santos e Valencio Bello e não Valencio Ferreira da Silva como consta dos autos cujas procaurações apresenta n'este acto pedindo a sua (?) aos autos se louvava para Agrimensor no cidadão Aristides Guaita e em Alvaro de Barros para suplente, os quais se propõem a ultimar os trabalhos mediante o pagamento da quantia de quatro contos e quinhentos mil réis. O que pelo Juiz mandou apregoar pelo oficial de justiça Rufino da Silva Vieira, servindo de porteiro dos auditores o qual deu sua fé de estar presente apenas o curador geral de órfãos interino Doutor Silvano Alves da Rocha, o qual declarou que aprovava os peritos indicados por assim haver acordado. Em vista do que houve (?) foi aprovado o o Agrimensor e o seu suplente e ordenou que fossem os mesmos intimados por carta para virem prestar compromisso legal. Nada mais havendo a tratar se mandou o Juiz encerrar esta audiência, do que para constar fiz este termo. Eu Pedro Laurentino de Souza escrevão o escrevi. Assignados Antonio Dinis de Faro Sobral, Carlos de Seixas Saldanha, Silvano Alves da Rocha, Rufino da Silva Vieira, Pedro Laurentino de Souza. Nada mais se continha que dito termo que bem e fielmente aqui transcrevi e proferi, do qual me reporto e dou fé. Palmas 15 de Maio de 1918. Escrivao Pedro Laurentino de Souza."*

## **Audiência Especial de Encerramento dos Trabalhos da Divisão**

*"Aos desesseis dias do mez de julho de mil novecentos e desenove no Imovel "Cruz Alta" hoje pertencente ao Estado de Santa Catharina e por efeito do acordo em sua clausula decima na casa principal da fazenda, presente o Juiz de Direito da Comarca de Palmas estado do Parana Doutor Joaquim de Mello Rocha Junior, comigo Escrivão de seu cargo abaixo nomeado, e o Curador Geral de órphãos interino Mariano de Oliveira Pinto, foi aberta a audiência por mim Escrivão na falta de Official de Justiça na forma da lei. Pelo Curador Geral de órphãos foi dito que não tendo comparecido o procurador dos requerentes da divisão cidadão Carlos de Seixas Saldanha vinha da lei como representante dos menores interessados na presente divisão, acordar as citações feitas a todos os interessados, ao Agrimensor e aos arbitradores e requeria que havidas as citações feitas e acuradas e com a presença das partes, ou a sua revelia e presentes Agrimensor e arbitradores, sob o pregão se procedeu a audiência do encerramento dos trabalhos de divisão da fazenda "Cruz Alta". O que ouvido pelo Juiz mandou apregoar. Apregoados os interessados Agrimensor e Arbitradores por mim Escrivão na falta de Official de Justiça de minha fé de haverem comparecido Manoel Esteram de Camargo Filho como procurador de Manoel Ignácio de Araújo Pimpão o Agrimensor Aristides Guaitá e os Arbitradores Francisco Solniet Netto e Octacílio Leinz e as interessadas D Maria Clara de Oliveira e e D Maria Mendes representadas na pessoa do Curador Geral de Órphãos. A vista do que o Juiz deu as citações por feitas e acordadas a revelia dos que não compareceram nem por si nem por procurador e deferiu o requerido para encerramento dos trabalhos da medição e divisão da fazenda "Cruz Alta". Pelo Curador Geral foi dito que*

*tendo sido terminados os trabalhos da divisão em nome de suas curateladas e requeria que fosse a mesma encerrada sendo os autos feitos com vista as partes para dentro do prazo da lei apresentarem as suas alegações ficando assignado este prazo desde esta audiência, sob pregão na forma da lei. O que ouvido pelo Juiz mandou apregoar. Apregoados por mim Escrivão na falta de Official de Justiça dei minha fé de haver comparecido os interessados já retro citados A vista do que o Juiz deferiu na forma requerida dando o prazo por assinado. Pelo Procurador do interessado Manoel Ignácio de Araújo Pimpão foi dito que requeria ficar consignado no termo desta audiência o seu protesto contra o quinhão que lhe foi dado nas terras visto não ficarem juntas ao engenho de serra a vapor feito por sua autorização por seu filho Amazonas Rio do Brasil Pimpão não ficando consignado a sujeição de indenização do mesmo engenho e suas benfeitorias por parte dos que (?) quinhão nas terras anexas ao dito engenho bem assim não se julgar obrigado a custas em face das inúmeras irregularidades do processo divisório entre as quaes não terem os peritos acompanhado os trabalhos e assim ausentes dos serviços para poderem resolver qualquer incidente que porventura surgisse cujas faltas farão a nulidade da ação como se fará se preciso tornar-se quando tempo oportuno. Requereu mais que sejam Juntas aos Autos depois de transladado o termo desta audiência as duas Certidões que sob requerimentos possua o Escrivão da causa certificando não terem os peritos assignado as notas dos quinhões oferecidos pelo Agrimensor, cujas certidões exhibe neste acto. Pelo Curador Geral de Orphãos foi dito que em nome de suas curateladas contra protestava o protesto feito pelo Coronel Manoel Ignácio de Araújo Pimpão, alegando o seguinte: a) Que o protesto foi feito extemporaneamente visto que os condôminos da fazenda "Cruz Alta" terem cinco dias de prazo para alegarem seus*



*direitos. b) Que a reclamação salvo as divisas da indicada fazenda foi feita fora do prazo, vista que estão findas todas as divisões de terrenos da mesma fazenda. c) Que a posse total pelo protestante foi feita um anno mais depois de começada a medição sem ter havido acordo entre os demais condôminos da supra indicada fazenda que em vista do allegado (?) fundamentos jurisdição (?) as demais alegações feitas no protesto cujas alegações serão refutadas pelo advogado dos demarcantes. O que tudo ouvido pelo Juiz mandou juntar o documento apresentado pelo protestante, em relação ao protesto e contra protesto declarou que D'elles presentemente não tomava conhecimento tendo as deixado consignadas no termo de audiência, para não tolher as partes quaisquer requerimentos ou reclamações ainda mesmo que apresentadas em tempo inoportuno, pois que na presente audiência só tem por fim dar por terminados os trabalhos da divisão e estabelecer o prazo legal para as partes apresentarem suas alegações de facto e de direito sobre o processado prazo que de acordo com o despacho retro dado ficou assignado para os fins de direito, e que só depois de esgotado o prazo das alegações tendo sido estas apresentadas tomará conhecimento para resolver sobre o processado como de direito e justiça. Não havendo mais quem quisesse requerer mandou o Juiz encerrar esta audiência do que para constar fiz este termo que assigno. Eu Pedro Laurindo de Sousa escrivão o escrevi. Mariano de Oliveira Pinto, Aristides Guaitá, Francisco Solniet Netto, Octacilio Leinz e Manoel Estevam Camargo Filho.”*



A fazenda Cruz Alta foi dividida em 52 quinhões, cabendo ao condômino Antonio José Veloso o de número XXXIV (34) no documento de pagamento realizado no dia 22 de abril de 1919 na cidade de Palmas, Paraná; e número XXXVI (36) na relação final em que consta o número do quinhão e seu respectivo condômino.

*"Juridicamente falando, quinhão significa a cota ou parcela que um indivíduo recebe por direito quando há a divisão de alguma coisa ou bem material. Dentro da mesma linguagem jurídica, condômino é o indivíduo que com outro, ou outros, exerce o direito de propriedade sobre um bem não dividido, aqueles que são considerados donos da unidade mesmo sem escritura."*

*Dicionário de Oxford - Linguagens.*

A equipe encarregada pelos trabalhos de medição e divisão da fazenda levou em conta na maioria dos casos não tirar o posseiro da terra que já ocupava e na qual tinha seu rancho, bem como lavoura e benfeitorias.

Sendo uma propriedade de grande extensão territorial a fazenda era dividida a exemplo das demais existentes na região em áreas específicas quais sejam: faxinais, mato de planta, pastagem, agregados, invernada, campo e campina. No conceito da estratificação social da época os agregados gozavam de maior e confiança em relação ao fazendeiro.

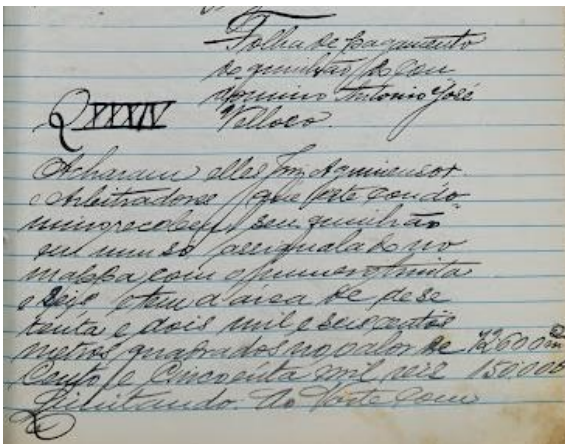
O quinhão 34, bem como o 36 estavam localizados dentro de um quinhão maior que pertencia a Philadelpho Jose Mendes de Moura, que teve também através do processo de demarcação e divisão sua terra mapeada e escriturada juridicamente. O título de posse era conferido a cada

condômino através de um documento intitulado Folha de Pagamento de Quinhão, como vemos a seguir:

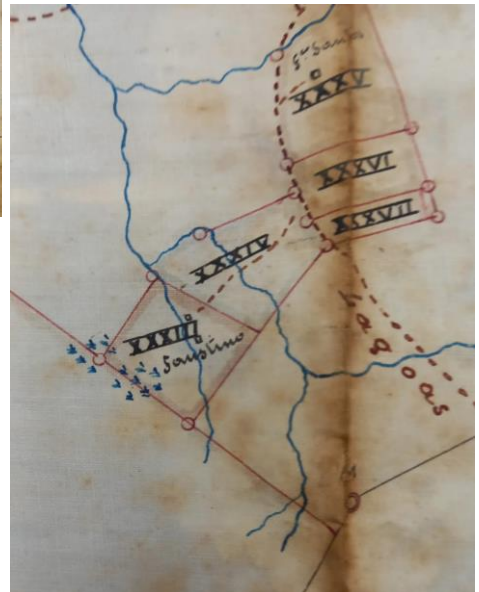
### "Pagamento dos Quinhões

#### Continuação dos pagamentos

Aos vinte e dois dias do mês de abril de mil novecentos e desenove nesta cidade de Palmas em meu cartório presente Juiz de direito da Comarca Excellentissimo Doutor Joaquim de Mello Rocha Junior, comigo escrivão de seu cargo abaixo nomeado alio presentes também o Agrimensor Aristides Guaita Netto e Octacílio Vieira continuou a fazer os pagamentos pela maneira seguinte



Q XXXIV Folha de pagamento do quinhão de Antonio José Veloso



Mapa com o quinhão 34 e 36, e no meio, a estrada das Lagoas.

Acham eles Juiz, Agrimensor e Administrador que este condômino recebeu seu quinhão de uma só assinalado no mappa com o perímetro de trinta e seis e tem a área de setenta e dois mil e seiscentos metros quadrados 72.600 m<sup>2</sup> no valor de cento e cinquenta mil reis 150:000 Limitando-se ao Norte com o quinhão numero trinta e cinco a Leste e a Oeste com o quinhão

numero trinta e dois e ao Sul com quinhão mesmo trinta e sete. Começa este quinhão em um marco de imbuia 4-X ; segue a rumo Oeste em distancia ao quatrocentos metros até a estrada da lagoa onde existe um marco com V - B dali rumo Leste e distancia de quatrocentos metros até outro marco de imbuia com 4 - V e depois rumo ao Norte a distancia de cento e oitenta metros até o ponto de partida. E por esta maioria houveram eles Juiz, Agrimensor e

o quinhão numero trinta e  
 cinco a Leste e a Oeste  
 com o quinhão numero trinta  
 e seis e ao Sul com o  
 quinhão numero trinta e  
 sete. Começa este qui-  
 nhão em um marco de im-  
 buia com 4-X ; segue a  
 rumo Oeste e distancia de  
 quatrocentos metros até  
 a estrada da lagoa on-  
 de existe um marco se-  
 guencia com 4-V segue  
 pela estrada medindo por  
 fora setenta metros até um  
 marco com V-B dali a  
 rumo Leste e distancia  
 de quatrocentos metros  
 até outro marco de imbuia  
 com 4-V e depois rumo  
 Norte e distancia de cento  
 e oitenta metros até o  
 ponto de partida. E por  
 esta maioria houveram  
 eles Juiz, Agrimensor e  
 Administrador este para  
 cumprir por este termo  
 de Pedro Laurindo de Souza  
 e Juiz e Agrimensor  
 e Administrador  
 Aristides Guaita

Administrador este pagamento feito que assinaram e que para constar fiz este termo. Eu Pedro Laurindo de Souza o escrevi.

Joaquim de Mello Rocha Junior, Aristides Guaita e Otacilio Vieira.”

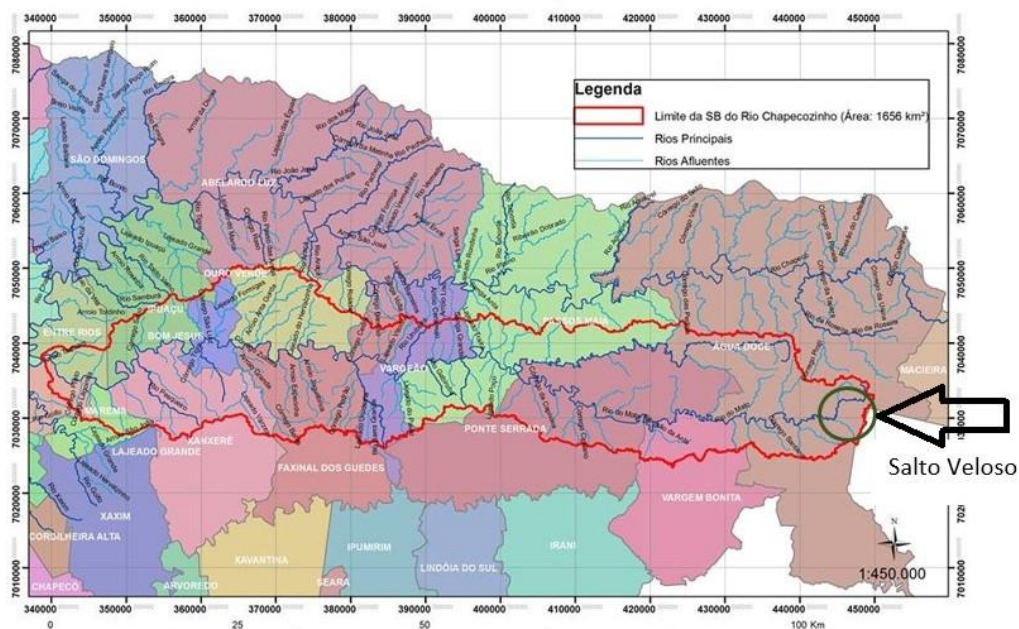
( Q XXXIV ) significa Quinhão 34.



Fotos atuais da estrada das lagoas.

As terras recebidas por Antonio José Veloso e mais a área por ele adquirida em 1914, ficavam entre as nascentes do Rio Chapecozinho e o Rio São Bentinho, ao Sul do distrito de Herciliópolis, na Linha Vista Alegre no município de Água Doce.

## Sub-Bacia do Rio Chapecozinho



A flecha indica o local das terras do quinhão de Antonio José Veloso, na Fazenda Cruz Alta.

Foi neste terreno que residiu o caboclo Antonio José Veloso e sua esposa a também cabocla Ines da Luz e os filhos do casal: Antonio Veloso, Joaquim Veloso, Manoel Veloso, Maria Madalena Veloso e Maria da Luz Veloso, sendo que o filho mais velho se estabelece tempos depois bem próximo a um rio de águas cristalinas com belíssimo salto, assim, somando este capricho da natureza e o nome do caboclo morador nas proximidades nasce o município de Salto Veloso.

## **CAPÍTULO XII**

### **COMPANHIAS DE COLONIZAÇÃO ATRAEM AGRICULTORES PARA UMA NOVA FRONTEIRA**

A América, este paraíso tão almejado, não se referia, no entanto, a um ponto específico, mas sim qualquer lugar que os recebesse, que os aceitasse e, que lhes desse as oportunidades que a terra mãe lhes havia negado. Neste novo lugar, misto de sonho e mistério, encontrariam por certa guarida e trabalho, e ali poderiam então construir uma vida com mais dignidade. Não se intimidavam diante dos obstáculos que, com certeza, iriam encontrar pela frente, pois estes seriam facilmente superados por uma gente que chegava disposta a trabalhar, pronta a vencer.

Do grande contingente de italianos que elegeram o Brasil sua “América” um número expressivo escolheu o estado de São Paulo onde havia oferta de trabalho tanto nas lavouras de café, quanto nas indústrias das áreas urbanas que mostravam acentuado crescimento. Os que não permaneceram no território paulista se dispersaram para outros locais, sendo que boa parte rumou para o sul, estabelecendo-se no Rio Grande do Sul, onde ocuparam as glebas coloniais situadas no nordeste do Estado.

Por ocasião da chegada dos italianos no Rio Grande do Sul, a situação era bem diferente do que a encontrada pelos colonos alemães que ali haviam se estabelecido meio século antes. Aos primeiros a chegar, tinham sido destinadas as melhores terras, localizadas em pontos mais planos e de fácil acesso. Os italianos, por sua vez, tiveram de contentar-se com as regiões mais íngremes e distantes.



Em discurso proferido durante as comemorações alusivas ao Cinquentenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, evento ocorrido no ano de 1925, o então governador Antonio Augusto Borges de Medeiros reconhece a diferença de tratamento dispensado a uma e outra colonização quando, ao se referir sobre cada situação assim declarou:

*"Na partilha do solo riograndense, foi a colonização italiana a menos afortunada, porque encontrou já ocupadas as melhores terras de cultura."*

Dentro deste contexto os italianos tiveram que contentar-se em ocupar as regiões mais distantes e montanhosas, cobertas de florestas virgens, locais completamente isolados. Ali não existiam estradas, ou qualquer outra estrutura que amenizasse as lutas diárias de pessoas que já chegavam com histórico de descaso e sofrimento. Aqui também se deparavam com muitos desafios o que dificultava de sobremaneira a vida naquelas paragens.

Durante conversa realizada com Vergínia Conte Giacomini em maio de 1995, ela relatou as causas que motivaram tantos colonos deixar as propriedades no Rio Grande do Sul e mudar para Salto Veloso e região:

*"Viemos por causa da terra, lá naquelas colônias o chão era bastante dobrado, muito morro, bem mais que aqui, tinha bastante pedra ficava difícil plantar e colher. Os colonos trabalhavam bastante, mas a colheita era pouca, terra bem magra, cada ano ficava mais fraca. Quando ficaram sabendo que aqui em Santa Catarina tinha terra melhor, boa pra fazer roças, muitos colonos vieram conhecer o lugar. Os que vendiam os*

*terrenos negociavam com prazo bom pra pagar, isso ajudava. Quem queria vir dava um jeito de vender a terra no onde morava, nem que fosse por um dinheiro menor do que valia e vinha para Santa Catarina. As pessoas tinham planos de fazer outros negócios, queriam trabalhar com serraria, moinho, casa de comércio, ferraria e aqui tudo estava no começo, por isso falavam que era um lugar de bastante futuro.”*

Os italianos recém-chegados, que normalmente traziam apenas na bagagem a vontade de trabalhar, encontraram inúmeros problemas e, conforme crescia o número de imigrante que chegavam ao Estado, aumentavam também as dificuldades enfrentadas por esta gente muito pobre, nada tinha de seu. Para tornar ainda mais difícil a vida dos recém-chegados, nos últimos anos do século XIX foram, repentinamente, tirados por ordem superior, alguns benefícios, anteriormente prometidos e concedidos aos imigrantes, entre eles o auxílio para a construção de moradia e para a alimentação, trabalho remunerado durante 15 dias do mês e ajuda para obter sementes e ferramentas agrícolas, sem as quais seria impossível a formação das futuras lavouras numa terra onde tudo estava para ser feito.

Além disso, foram extintas a assistência médica e religiosa. Os imigrantes se viram então praticamente desassistidos, desamparados num país onde tudo lhes era estranho, onde tudo lhes era desconhecido, até mesmo a língua. Tudo parecia contribuir para tornar ainda mais difícil a vida destas pessoas na tão sonhada América, terra em que haviam depositado todas as esperanças, chão onde pretendiam plantar seu futuro.

Assim, valendo-se unicamente da força do seu trabalho, da sua vontade de construir e não da ajuda dos órgãos governamentais, os italianos mudaram em pouco tempo a paisagem da encosta nordeste do Rio Grande do Sul, transformando a região, até então abandonada, numa área próspera pela presença de um grande número de culturas, mas com destaque para os vinhedos que rapidamente se estenderam sobre vales e serras, substituindo o verde das florestas nativas.

A expressiva chegada de imigrantes registrada mais intensamente nas últimas décadas do século XIX, teve como consequência o rápido esgotamento das fronteiras de colonização, o que aconteceu no início do século XX. Diante disso as autoridades estaduais foram levadas a definir-se pela imigração espontânea e contra a subvencionada (que havia sido extinta ainda em 1914.

*"A imigração subvencionada objetivava estimular a vinda de imigrantes, neste sistema as passagens eram pagas pelo governo brasileiro que ajudava também com alojamento e trabalho inicial no campo ou na lavoura. A imigração subvencionada estimulou a chegada de muitas famílias numerosas que somavam 12, 15 ou mais pessoas, constituídas por crianças, jovens adultos e idosos, tendo assim mais de uma geração. No sistema de parceria como era chamado o imigrante arcava com as despesas de viagem e instalação no país."*

*Brasil500anosdepovoamento.ibge.gov.br.com - 19 de junho de 2023.*

Com o aumento significativo do número de imigrantes o governo teve que limitar os favores aos que pretendiam entrar no Rio Grande do Sul. A

maior preocupação com a chegada de novas levas de imigrantes vinha da parte dos fazendeiros, que temiam o ingresso descontrolado de colonos. Com seu poder e jogo de influências, procuravam convencer as autoridades e mesmo a opinião pública de que a colonização, da maneira com que vinha sendo feita, se constituía num processo oneroso para o Estado.

*"O Rio Grande do Sul havia recebido até o ano de 1910, algo em torno de 100.000 italianos, na sua grande maioria camponeses muito pobres. Este número representa 6% dos 1.600.000 que entraram no Brasil até aquele ano."*

*Anuario estatístico della imigrazione italiana dal 1876 al 1925.  
Consultado em 19 de junho de 2023.*

Inicialmente foram destinadas aos imigrantes italianos no solo gaúcho as colônias de Caxias, Nova Milano, Conde D'Eu e Dona Isabel. Uma vez ocupados estes espaços, o que aconteceu rapidamente, foram criadas as colônias de Antonio Prado, Alfredo Chaves, Encantado e Guaporé (denominadas Colônias Velhas).

Com a vinda de mais imigrantes o que acontecia num fluxo cada vez maior, a frente de colonização se estendeu em direção a região de Passo Fundo (Casca, Vila Maria, Marau, Mato Castelhana, Agua Santa, Tapejara, Getúlio Vargas, Erechim), e de Lagoa Vermelha (Nova Araçá, Piraí, David Canabarro, Ciríaco, Cacique Doble e Sananduva). Esta nova fronteira foi tomada dentro de um período relativamente curto e com a força de trabalho dos desbravadores a paisagem se transformava de dia para dia, trazendo o desenvolvimento como consequência.

*"A ocupação do espaço territorial acontecendo de maneira acelerada e o acentuado crescimento demográfico, entre outros motivos, levaram as autoridades gaúchas pensar mais seriamente no fenômeno da imigração que vinha acontecendo de forma expressiva no Estado. Para evitar problemas que, certamente, seriam registrados no futuro, o governo do Rio Grande do Sul criou mecanismos no sentido de desacelerar este processo de ocupação desordenada, tomando medidas para controlar a entrada de imigrantes."*

Frei Rovílio Costa – Imigração Italiana no Rio Grande do Sul; *vida, costumes, tradições – 1975.*

Enquanto os gaúchos se preocupavam com a verdadeira invasão que vinha se registrando de longa data, em Santa Catarina acontecia justamente o contrário. Aqui as autoridades procuravam meios de atrair imigrantes italianos para colonizar a imensidão de terras, que ali estavam para serem desbravadas.

Um dos primeiros registros de imigrantes italianos em solo catarinense data de 1874, quando quinze famílias trentinas, de Matarello e mais doze da região de Trento chegaram à vila de Itajaí, estabelecendo-se no ano de 1875 nas margens do rio dos Cedros, onde nasceria, posteriormente, a povoação do mesmo nome.

O incentivo do Governo Imperial nessa ocasião, foi fundamental para atrair imigrantes, principalmente italianos, para o território catarinense. Mesmo sabedores das dificuldades que encontrariam pela frente, essas pessoas buscavam ansiosamente a América, pois nada seria pior do que

permanecer num país que somente tinha a lhes oferecer miséria, provocada, principalmente, pela ociosidade e ganância de um pequeno grupo de poderosos. Com o tempo aumentou significativamente o número de imigrantes que foram estabelecidos e novos núcleos coloniais, entre estes Nova Trento e Urussanga, sendo que deste último partiram, posteriormente, inúmeras famílias com destino a Oeste do Estado. A imigração foi tão importante para Santa Catarina que ainda no ano de 1920, as autoridades firmaram com o governo italiano um acordo onde procuravam "assegurar ao Estado um serviço migratório amplo". As terras inóspitas, cobertas por florestas precisavam ser ocupadas e os imigrantes italianos com seu devotado apego ao trabalho sabiam fazer isso melhor do que ninguém.

A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, inaugurada no ano de 1910, atravessando o fértil Vale do Rio do Peixe, região de incontáveis riquezas naturais, o fim da Guerra do Contestado, que por um bom período espalhou terror e sangue pelos sertões e a assinatura do Acordo de Limites, entre Santa Catarina e Paraná, pondo fim a uma secular questão, foram fatos sumamente importantes e que mudaram, de forma radical, a história do Oeste de Santa Catarina, iniciando um novo tempo e escrevendo um capítulo fundamental desta terra, que teria como desdobramento a chegada dos pioneiros/desbravadores, e com eles, o ciclo do desenvolvimento que aconteceria em todos os setores.

Os mapas exibidos pelos representantes das Companhias de vendas de terras aos imigrantes italianos e seus descendentes radicados no Rio Grande do Sul, mostravam possibilidade de acesso a uma nova fronteira, entrada para um novo território com oportunidade de crescimento. Essa

expectativa é revelada na entrevista de Ermelindo Lázzari realizada em abril de 1995, quando ele destaca:

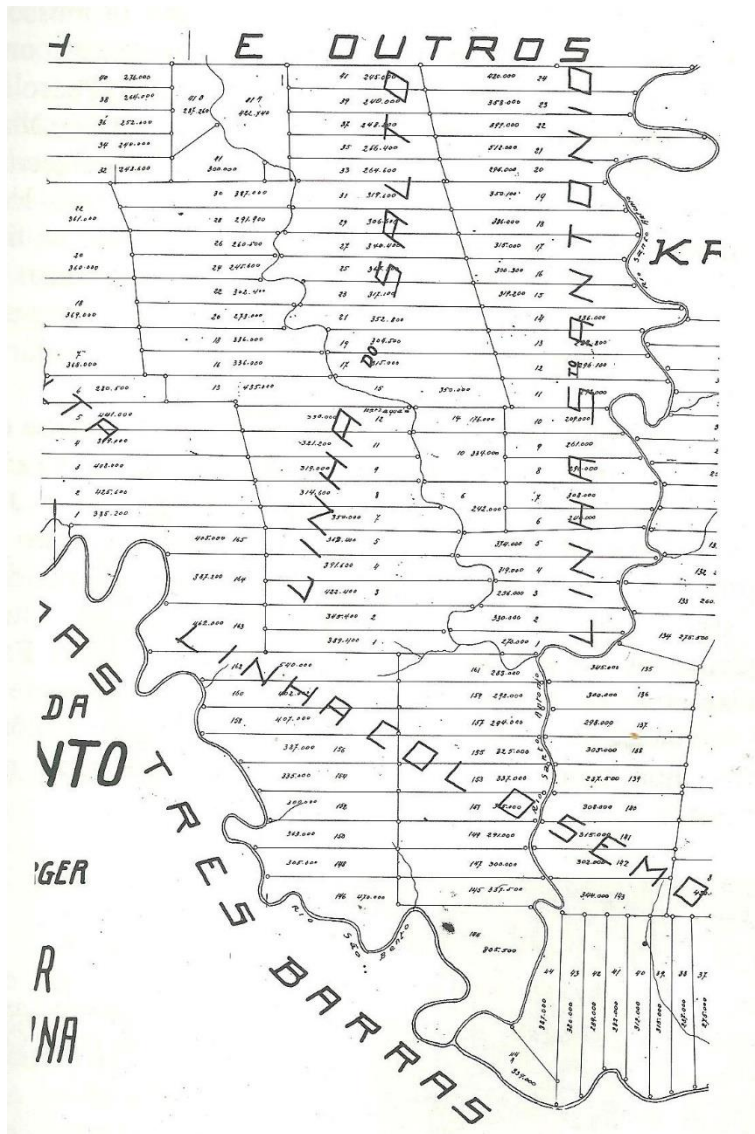
*"Se alguém falava em terra já deixava os colonos interessados, a maioria se queixava das colheitas, diziam que depois de tirar a parte do sustento da família sobrava pouco pra vender, daí não tinha como sobrar dinheiro. No lugar em que moravam tudo era longe, estradas tinham atoleiros, ficava ruim pra tirar os produtos, por isso que quando os vendedores das terras em Santa Catarina falavam que não muito longe passava estrada de ferro as pessoas ficavam bem curiosas e interessadas. Os propagandistas diziam que o trem levava uma batelada de produto em cada viagem, e que perto da linha existia armazém pra deixar as mercadorias.*

*Muitos colonos escolhiam no mapa a terra que queriam comprar, daí vinham para ver se o terreno, só depois fechavam o negócio, mas pediam bastante prazo pra pagar. Naquele tempo era bom negociar, quase ninguém cobrava juro. Tinha família que aproveitava e compravam terra para os filhos já que naqueles anos o povo todo só sabia trabalhar na roça.*

*Quando chegamos aqui já tinha caboclos que viviam nesse lugar, eles tinham bastante filhos, moravam em ranchinhos que não tinham janelas, só porta feita de taquara trançada. Eles eram bem pobres e trabalhavam por dia ou de empreitada ajudando fazer as roças e também na hora de limpar, se não fosse a ajuda deles a gente não conseguia vencer tanto serviço pois naqueles anos se trabalhava na base da enxada, foice e picareta, eram poucos que tinham uma junta de bois pra lavar."*

As famílias de imigrantes italianos estabelecidas nas Colônias Velhas do Rio Grande do Sul, todas constituídas por um grande número de filhos,

procuravam novos espaços, novas fronteiras onde o solo fértil fosse propício à agricultura, atividade esta que transmitiam aos descendentes. De encontro às pretensões desses colonos, ia justamente a propaganda desencadeada pelos agentes das companhias Colonizadoras que atuavam na região.



O Mapa mostra as áreas pertencentes a Alice Schneider Etzberger e da Colonizadora Kroff,



Em visitas realizadas a várias colônias gaúchas, ou mesmo através de anúncios feitos em diversas línguas, (com destaque para o italiano e alemão), publicados em jornais de maior circulação, os representantes dessas Companhias, procuravam intensificar cada vez mais a propaganda que tinha por objetivo divulgar a região e suas potencialidades, tornando-a, assim mais conhecida e, conseqüentemente, atraindo para cá o maior número possível de imigrantes e seus descendentes. Estes, por sua vez, mostravam-se também interessados em comprar terras férteis e inexploradas a preços acessíveis.

Assim, no ano de 1923, motivado em parte pela propaganda que mostrava ser a região bastante promissora, em parte pela vontade de conhecer novas fronteiras, onde certamente poderia garantir o futuro de seus filhos, Pedro De Bastiani decidiu deixar com sua família, a localidade de Mato Perso, interior do Rio Grande do Sul, para se estabelecer no Oeste de Santa Catarina, mais precisamente no local denominado "Salto do Veloso". A mudança aconteceu no final de 1924, início de 1925, e as terras por ele adquiridas na oportunidade situavam-se na comunidade que posteriormente passou a ser conhecida pelo sobrenome do seu desbravador.

O exemplo de Pedro De Bastiani foi seguido quase que de imediato por outras famílias, entre as quais Cezário Lázzari, João Lázzari, Noé Lázzari, Guido Fávero e José Fávero. Chegaram no dia 9 de agosto de 1927, Izidoro De Bortoli e seus familiares, também atraídos pela oportunidade que teriam em adquirir terras favoráveis à agricultura, atividade esta que passava de pai para filho por tradição. Essas famílias eram na sua totalidade oriundas

do Rio Grande do Sul, estabelecidas anteriormente no interior das Colônias Velhas, que nesta altura, já esgotadas, quase nada mais produziam.



Família de Cezário Lázari, pioneiro da Linha Conte.

Tendo chegado, via trem, até a pequena estação de Perdizes (Videira), a família de Izidoro De Bortoli, ali pernoitou na residência de Pedro Gaio. Na manhã seguinte, mal clareava o dia, saíram de Perdizes em direção ao local "Salto do Veloso". A pequena mudança, que representava tudo que possuía, era transportada em quatro cargueiros. Ao meio-dia a pequena comitiva alcançara a localidade de Rio dos Cochos (Bom Sucesso) ali,

enquanto os animais se refaziam da caminhada, aproveitaram para fazer um pequeno lanche preparado na noite anterior.



Izidoro De Bortoli, um dos pioneiros de Salto Veloso. Em sua residência foram celebradas as primeiras missas da comunidade, por sacerdotes de Bom Retiro (Luzerna).

A viagem prosseguiu através de uma picada aberta no meio da mata fechada por onde mal passavam animais. Cruzaram no lugar chamado “Vassourão” e, finalmente, chegaram à residência de Pedro De Bastiani, quando a noite já havia caído inteiramente sobre a floresta. Nas imediações desta casa a família de Izidoro De Bortoli permaneceu durante trinta dias, aproximadamente, até se mudar para seu próprio lar, construído rusticamente com os poucos recursos que possuíam.

Com as demais famílias de desbravadores que chegaram em Salto Veloso no início da colonização a história não foi diferente, todos enfrentaram inúmeras dificuldades para chegar ao local onde iriam se fixar. Em muitos casos o comprador não conhecia a área que havia adquirido, muito menos sua localização, uma vez que a compra era feita diretamente com os agentes das Companhias, ou mesmo no escritório destas, observando-se apenas os mapas das colônias que estavam sendo vendidas.

Desembarcando do trem numa das estações que julgava próxima do seu destino, os colonos enfrentavam o restante do percurso, na maioria das vezes a pé. Quando por sorte, conseguiam emprestar alguns animais para transportar a mudança constituída geralmente de poucas peças. Carroças praticamente não existiam, eram consideradas artigos de luxo. Os últimos quilômetros eram percorridos com o facão em punho, abrindo assim, uma picada no meio da mata fechada que mal dava passagem aos raios do sol. Chegando ao terreno escolhiam um local que tivesse água nas proximidades que podia ser uma fonte ou um pequeno córrego ou rio, iniciavam as benfeitorias da propriedade derrubando as árvores, cuja madeira lascada manualmente servia para construção da casa, paiol, das cercas, das mangueiras para engorda de suínos, além de outras benfeitorias. Ao mesmo

tempo que a clareira ia sendo aberta, providenciavam a construção do rancho que os abrigasse e protegesse das intempéries e também dos animais que existiam em grande número na floresta indesbravada. Casos existiam em que os homens vinham antes para construir o rancho e derrubar a mata para a formação das roças. Os desafios enfrentados pelos primeiros colonos que chegaram em terras que hoje formam o município de Salto Veloso, pode ser resumido numa frase de Verginia Conte Giacomini:

*"Tem muito suor nosso nesse chão, muito mesmo, acho que só não voltamos pro Rio Grande porque lá era bem pior."*

Por ocasião da vinda dos primeiros colonos, procedentes do Rio Grande do Sul, o que aconteceu na década de 20, o lugar então denominado Salto do Veloso já era habitado por muitas famílias caboclas que viviam da caça, pesca, coleta de frutos (principalmente o pinhão), exploravam a erva-mate desde a retirada das ramas até a venda nos vilarejos existentes a beira dos trilhos da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, dedicavam-se ao tropeirismo e faziam ainda pequenos roçados de subsistência. Nas imediações existiam também indígenas, remanescentes das tribos que haviam dominado a região, sendo estes extremamente arredios, evitando ao máximo a aproximação com os colonizadores; era também expressivo o número de pretos que viviam em todo o território tendo, no entanto, seu espaço de maior concentração populacional no local denominado "Costeira", situado próximo a vila do distrito de Herciliópolis. Esses moradores eram donos da própria terra adquirida de fazendeiros da região. Durante entrevista realizada no dia 3 de fevereiro de 2022 com Pedro de Moura,

mais conhecido como Pedro Facilita, um dos últimos moradores do lugar Costeira, ao comentar sobre o assunto ele assim se refere:

*"As famílias que moravam aqui tinham papel mostrando que eram donas das terras, era tudo certo como devia ser."*

Nascido dentro da área da Fazenda São Bento, em território que até 1916 era administrado pelo Estado do Paraná, passando fazer parte de Santa Catarina através do Acordo de limites assinado no Palácio do Catete no Rio de Janeiro em 20 de outubro de 1916, o município de Salto Veloso concentrou inicialmente uma população de caboclos e negros ligados por laços de compadrio e afilhadagem e laços de trabalho e amizade com os proprietários do verdadeiro latifúndio que necessitava de muitos homens encarregados das mais diferentes tarefas. A Fazenda São Bento fazia limites com o Rio do Peixe e a gleba XV de Novembro pertencente a Brazil Railway Company, à partir da assinatura do Decreto 10.432 de 9 de novembro de 1889.

Pesquisas realizadas e depoimentos colhidos sobre o lugar Costeira, esclarecem que ali foi inicialmente um quilombo onde se escondiam escravos fugitivos, suas famílias e descendente, somando-se com o tempo outros moradores. Os terrenos foram adquiridos pelos fundadores do lugar e com a saída dos descendentes dos pioneiros, vendidos para diversos compradores. Situado no meio de uma floresta espessa, o local de difícil acesso era, portanto, ideal para quem não quisesse ser encontrado. Posteriormente, com a assinatura da Lei Áurea, esses escravos, uma vez livres, conseguiram juntar dinheiro e comprar o pedaço de terra onde moravam e de onde tiravam sua subsistência. Com o tempo, várias famílias

deixaram o local que foi aos poucos se apagando na paisagem, e também a própria história de uma gente que soube lutar pela sua liberdade.

O morador Antonio José Veloso, um dos primeiros a se estabelecer na área ainda no último quartel do século XIX, havia construído seu rancho de pau-a-pique entre o picadão que descia dos Campos de Palmas, seguindo rumo ao "Vassourão", e um rio que corria nas imediações do casebre (lajeado São Bento) não possuía nenhum título que lhe assegurasse a posse da terra em que estava estabelecido e onde fazia pequenas plantações. Assim, no final de 1913, decide comprar uma área, sendo esta localizada entre a atual Colônia Brinco (local que se situava a serraria do mesmo nome) e a linha Congonhas, exatamente no travessão que faz divisa entre as fazendas Cruz Alta e São Bento.

A compra do terreno foi possível graças ao resultado do trabalho de Antonio, quer na exploração da erva-mate que fazia em mutirão com os demais caboclos moradores nas proximidades, quer pela atividade de tropeiro que também exercia, transportando principalmente sal para as fazendas da região de Herciliópolis e Palmas e ainda pela arte em fabricar peças de uso pessoal que tinham boa procura. Conseguindo juntar dinheiro necessário foi possível adquirir a área de terras conforme registra o documento lavrado na oportunidade cujo texto estabelece o seguinte:

*"Escriptura de venda de uma parte de terras de campos e logradouros na fazenda "Cruz Alta", que faz Carlos Cruz à Antônio José Velloso, como abaixo se declara:*

*"Saibam quantos esta virem que no ano de N. de N. S. Jesus Christo de mil novecentos e quatorze, aos doze dias do mez de fevereiro neste Districto de Vicentópolis (Herciliópolis), Comarca*

de Palmas, Estado do Paraná, em meu cartório e perante mim compareceram justos e contratados como outorgante vendedor Carlos Cruz e como outorgado comprador Antônio José Velloso, ambos residentes neste Districto e reconhecidos pelos próprios de mim e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas e que também reconheço do que dou fé. E perante as mesmas

40  
Luzerna

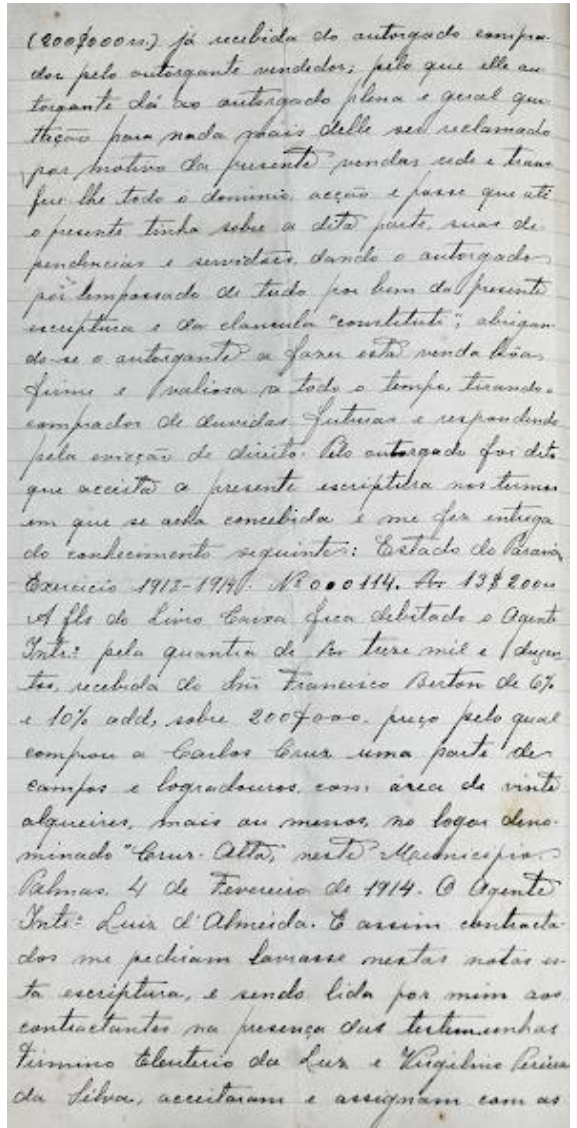
Promessa trasladada.  
L.º 11.º 2.º, fls. 20 v.º 21.

Escritura de venda de uma parte das terras de campos e logradouros na fazenda da "Cruz Alta", que foi Carlos Cruz e Francisco Baston, e me abaixo se declara:

Sabam quantas esta pessoa, que no anno de N. de N. S. Jesus Christo de mil nozentos e quatorze, nos dias duas de junho de treze, neste Districto de Curitiba, na marca de Palmas, Estado do Paraná, em meu cartório e perante mim compareceram justos contratados como outorgante vendedor Carlos Cruz e como outorgado comprador Francisco Baston, ambos residentes neste Districto e reconhecidos pelos próprios de mim e das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas e que também reconheço; do que dou fé. E perante as mesmas testemunhas pelo outorgante me foi dito, que é senhor e legítimo possuidor de uma parte de terras de campos e logradouros na fazenda "Cruz Alta", neste Districto e comarca de Palmas em commum com outros, possuindo dita parte livre de qualquer ônus judicial e extrajudicial; tem contratado com o outorgado vender-lhe da parte que possui, uma parte com a área de três alqueires, mais ou menos, com effectivamente a venda de hoje para sempre pela importância e quantia de cem mil réis (1008000) já recebia do outorgado comprador, pelo outorgante vendedor, pelo que elle outorgante dá ao outorgado plena e geral quitação para nada mais d'elle ser reclamado por motivo da presente venda, e cede e transfere-lhe todo o domínio, acção e posse que até

testemunhas pelo outorgante me foi dito que é senhor e legítimo possuidor de uma parte de terras de campos e logradouros na fazenda "Cruz Alta", neste Districto e Comarca de Palmas em commum com outros, possuindo dita parte livre de qualquer ônus judicial e extrajudicial; tem contratado com o outorgado vender-lhe da parte que possui, uma parte com a área de três alqueires, mais ou menos, com effectivamente a venda de hoje para sempre pela importância e quantia de cem mil réis (1008000) já recebia do outorgado comprador, pelo outorgante vendedor, pelo que elle outorgante dá ao outorgado plena e geral quitação para nada mais d'elle ser reclamado por motivo da presente venda, e cede e transfere-lhe todo o domínio, acção e posse que até

o presente tinha sobre a dita parte, suas dependências e servidões, dando o outorgado por empossado de tudo por bem da presente escriptura e da clausula "constituti", obrigando-se o outorgante a fazer então venda bôa, firme e valiosa a todo o tempo, tirando o comprador de duvidas futuras e respondendo pela evicção de direito. Pelo outorgado foi dito que aceita a presente escriptura nos termos em que se acha concedida e me fez entrega do conhecimento

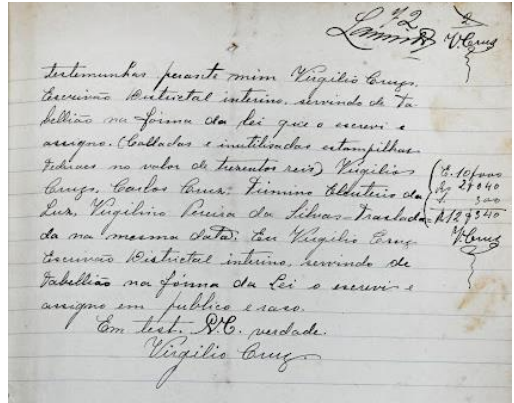


(20070000) já recebida do outorgado comprador pela outorgante vendedor, pelo que elle outorgante dá ao outorgado plena e geral quitação para nada mais d'elle ser reclamado por motivo da presente venda e transacção. He todo o dominio, accção e posse que até o presente tinha sobre a dita parte, suas dependências e servidões, dando o outorgado por empossado de tudo por bem da presente escriptura e da clausula "constituti"; obrigando-se o outorgante a fazer esta venda bôa, firme e valiosa a todo o tempo, tirando o comprador de duvidas futuras e respondendo pela evicção de direito. Pelo outorgado foi dito que aceita a presente escriptura nos termos em que se acha concedida e me fez entrega do conhecimento seguinte: Estado do Paraná, Exercício 1913-1914. N.º 000 146. Ar. 13\$ 2000. A fls do Livro Caixa ficou debitada o Agente Intro pela quantia de Rs seis mil e seiscentos, recebida do Sr. Francisco Burton de 6% e 10% add. sobre 2007000, preço pelo qual comprou a Carlos Cruz, uma parte de campos e logradouros, com área de vinte alqueires, mais ou menos, no lugar denominado "Cruz Alta", neste Município de Palmas, 4 de Fevereiro de 1914. O Agente Intro Luiz d'Almeida, e assim contractados me pediram lavrasse nestas escriptura, e sendo lida por mim aos contractantes na presença dos testemunhas firmes e talentosos da Cruz e Virgilio Peres da Silva, acceptaram e assignaram com as

seguinte, Estado do Paraná. Exercício de 1913 - 1914. N.º 000 146. Rs 6\$600. A fls do Livro Caixa ficou debitada o Agente Intro pela quantia de Rs seis mil e seiscentos recebido do Snr. Antonio José Velloso de 6% e 10% add. sobre 100\$000, preço pelo qual comprou de Carlos Cruz, uma parte de campos e logradouros com área de três alqueires, mais ou menos, no lugar "Cruz Alta", deste Município. Palmas, 4 de Fevereiro de 1914, O agente Intro Luiz d'Almeida, assim contractados me pediram lavrasse nestas



notas esta escriptura e sendo lida por mim aos contractantes na presença das testemunhas Faustino Eleutério da Luz e Gustavo Dittrich, aceitaram e assignaram com as testemunhas perante mim Vergílio Cruz, Escrivão Districtal interino servindo de Tabellião na forma da Lei que o escrevi e assignou.



Vergílio Cruz

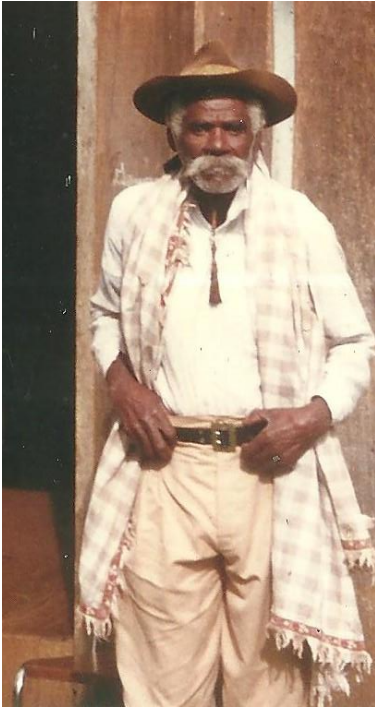
Carlos Cruz

Faustino Eleutério da Luz

Gustavo Dittrich

Transladada na mesma data. Eu Vergílio Cruz, Escrivão Districtal interino, servindo de Tabellião na forma da Lei e escrevi e assigno em público e Razo."

A confirmação de que Antonio José Veloso residiu realmente neste terreno situado na divisa das fazendas São Bento e Cruz Alta, está no



depoimento de Horácio Lima, prestado no dia 04 de junho de 1996, no município de Água Doce. Ao se referir sobre o caboclo Antonio, Horácio diz:

*"Eu era um guri de 10 ou 12 anos quando conheci o seu Antonio José Veloso, que naquela época já era um homem bastante criado, tinha lá seus 60 a 65 anos. O rancho onde ele morava com a sua mulher Inês da Luz e os filhos, quatro rapazes e duas moças, ficava bem perto da linha do travessão, quase na divisa das fazendas Cruz Alta e São Bento. Lembro muito bem que quando foi feita a marcação (medição) da fazenda Cruz Alta com*

*as terras da Companhia que tinham sido compradas dos herdeiros da Fazenda São Bento, o velho Lucidoro Mendes, que comandava o pessoal que estava trabalhando para a Companhia e também os seus empregados, ao chegar ao lugar, disse: 'aqui está o marco da terra do Antonio Veloso, lá mais para baixo vamos encontrar outro igual a este. Os dois tem de ser respeitados porque a propriedade é dele'. E assim foi cumprido."*

Prossegue Horácio em seu depoimento:

*"O rancho do velho Veloso que era compadre da minha mãe Dona Cândida tinha sido construído com troncos de madeira finos e roliços, amarrados com tiras de taquara. A cobertura era feita com uma esteira de taquara bem trançada para não deixar a*

*chuva entrar, por cima ainda uma camada de folhas de palmeira amarradas também com tiras de taquara. Ali, nesse lugar, o Veloso plantava algum roçado de milho e feijão, criava porcos soltos no mato onde engordavam com o pinhão e fazia também erva-mate que depois trocava por sal, açúcar, querosene e algum tecido. Faz pra mais de 80 anos que eu conheci o velho Veloso e ainda lembro bem da fisionomia dele; era baixote, cor de cuia, entroncado e o cabelo bem liso. Ele tinha um filho que também se chamava Antonio Veloso e que morou um bom tempo no lugar chamado Costeira, perto de Herciliópolis, depois voltou para perto da família.”*

Diz Horácio Lima, ainda se referindo a Antonio José Veloso:

*“Com meus pais ele falava sempre que tinha vindo do Rio Grande do Sul, ainda bem antes da virada do século, veio para essas bandas por causa de uma revolução muito feia que estourou por lá, durante uma das pejejas brabas que aconteceu, muitas pessoas do seu povo não resistiram. Vendo tudo isso ele resolveu sair, mudar de lugar, veio com alguns companheiros que depois foram cuidar da própria vida, enquanto que o Antonio ficou por aqui nesse lugar. Depois de uns tempos ele conheceu a cabocla Inês da Luz, os dois logo decidiram casar, os filhos deles eram registrados lá no cartório em Palmas, mas que não existe mais pois foi incendiado por causa de uma encrenca de terrenos. Nesse tempo tinha bastante desavença por causa de terra, os que tinham dinheiro brigavam mais, daí tinha discussão e briga pra ver quem ficava com mais terra.*

*O Seu Antonio, como era conhecido por todos, foi sempre muito respeitado e sério. Ele morreu com muita idade, faleceu de uma febre muito alta que deu em bastante gente, matando muitas*

*peças por essas bandas. Eu não lembro bem se ele está enterrado no cemitério que tinha atrás da bodega do Chico Manco, ou no cemitério velho de Herciliópolis, pois faz bastante tempo - bota tempo nisso."*

Em 1920 no local onde nasceria posteriormente a vila de Salto Veloso, mais precisamente na rua João Domingos Cantú, se estabeleceu Francisco Anastácio, o fato de ter uma das pernas mais curtas, rendeu-lhe o apelido de "Chico Manco". O rancho por ele construído situava-se à beira do picadão que descia de Herciliópolis através do qual passavam costumeiramente tropeiros, bem como transeuntes que simplesmente cruzavam pelo local anonimamente. Atrás do rancho de Anastácio existia um cemitério, ali eram sepultadas pessoas que habitavam nas imediações uma vez que no interior da floresta moravam famílias de caboclos e negros que mantinham quase nenhum contato com os recém chegados. O fato de ser sepultados no local apenas moradores das imediações, ou seja, pretos e caboclos fizeram com que o campo-santo ficasse conhecido como Cemitério dos Pretos.

Vendo a falta que um comércio fazia no local em que se estabelecera Francisco Anastácio, ou melhor, "Chico Manco" decidiu montar ali uma pequena bodega, no princípio muito humilde, nas prateleiras improvisadas colocou algumas garrafas de aguardente, fumo, querosene, sal, açúcar e munição. Este foi o primeiro comércio do nascente vilarejo de Salto Veloso. O lugar era ideal para este tipo de atividade e em pouco tempo se tornou ponto de parada dos tropeiros e de outras pessoas que ali costumeiramente descansavam antes de prosseguir em sua jornada.

Também no ano de 1920, veio morar na localidade posteriormente chamada Linha De Bastiani, em homenagem ao seu primeiro colonizador Pedro De Bastiani, o caboclo Manoel Alves, que por ser procedente da região de Lages, foi logo apelidado de Neco Lageano. Em depoimento prestado para a elaboração da primeira edição do livro da história de Salto Veloso, lançado em dezembro de 1996, a Senhora Clarentina Camargo, na ocasião com 102 anos, moradora da cidade de Água Doce e entrevistada em 6 de junho de 1996, ao ser perguntada se havia no passado conhecido alguém que morava em Salto Veloso, disse:

*"Eu conheci o tal de Neco Lageano, que certa feita ajudou meu finado marido numa viagem com tropas que fizeram lá para as bandas de Lages, isso porque o Neco era conhecedor dos caminhos daquela região. Na Costeira, onde a gente morava ele quase não vinha porque era muito longe do seu rancho."*

Outros depoentes, entre os quais Pedro De Bortoli, que também conheceu Manoel Alves, assim se refere sobre ele:

*"Era um homem de grande bondade e muito respeitado por todos. Morava ali nas proximidades da gruta de Nossa Senhora de Lurdes com sua família, num rancho de pau-a-pique. Vivía da caça, pesca e das pequenas roças que plantava, criava também animais, que quando vendidos, eram tropeados pelos carreiros até as vilas mais próximas."*

*"Entre as boas lembranças que tenho dele - destaca ainda em sua entrevista -, uma delas está ligada à Revolução de 30, quando muitos bandoleiros passavam pela região e costumavam levar em nome do governo e mesmo da revolução, tudo o que*

*podiam tirar dos colonos. Durante o período revolucionário, Neco ajudou muitas vezes esconder alimentos e animais, levando-os para o interior da floresta, longe do alcance dos bandoleiros. Ele aconselhava também os soldados e os voluntários para que não cometessem violências contra as famílias que estavam cuidando apenas do seu trabalho. Por esta e outras ações, Neco era tido como pessoa de respeito e também de grande Valentia.”*

O caboclo Manoel Alves é lembrado por ter sido grande colaborador dos moradores, intermediando em favor dos mesmos diante dos militares e principalmente grupos de bandoleiros simpáticos á revolução que extrapolavam seu poder em relação aos colonos de origem europeia. Durante o período revolucionário a que se refere Pedro De Bortoli, as perseguições foram mais violentas em relação aos brancos, dificilmente os nativos eram molestados pelos grupos que promoviam desordem, incluindo saques nas casas e roubo de animais, levando até mesmo a última vaca de leite da família. Estes foram os motivos que levaram Neco Lageano se impor como defensor dos colonos que não queriam se envolver em briga, mas apenas cuidar de sua numerosa família e de seu trabalho.

Não tendo título que lhe assegurasse a posse da terra onde morava, nem condições para acertar o montante solicitado pela Companhia Colonizadora, interessada em vender o terreno, Manoel Alves, outra solução não vislumbrou a não ser abandonar a área onde por tanto tempo havia residido, mudando-se com a família para outra região, deixando no local muitos amigos, sendo que os mais velhos ainda relembram do velho caboclo, referindo-se a ele com respeito.

Procedente de Caxias do Sul, Cristino Alves, veio para o lugar Salto Veloso no ano de 1920. Na oportunidade, olhando bem a região, achou que as terras por aqui eram excelentes para quem quisesse trabalhar na lavoura. Regressando do Rio Grande do Sul, convenceu seus parentes, Valêncio Alves dos Santos, Maria Joaquina dos Santos e João Maria Rodrigues, dizendo que este era um lugar de muito futuro. Os conselhos de Cristino foram ouvidos e a mudança aconteceu logo em seguida. Desse grupo também fazia parte Felisberto Cardoso dos Santos, então com 5 anos de idade.

A viagem do pequeno grupo, que chegou em Salto Veloso no final do mês de abril de 1921, durou 8 dias e foi realizada no lombo de mulas. Saíram de Caxias do Sul e através de velhas trilhas que existiam no meio da mata, venceram as distâncias viajando cerca de 9 horas por dia, parando somente para se alimentar, enquanto os animais descansavam. Quando a noite caía por inteiro procuravam abrigo em algum rancho, onde os moradores geralmente ofereciam um paiol ou galpão para o pernoite. Estando longe de vilarejos, ou mesmo de qualquer rancho nas imediações, improvisavam um abrigo com folhas de xaxim, enquanto um ficava montando guarda os outros dormiam. Na manhã seguinte, tão logo clareava o dia reiniciavam a caminhada.

Ao chegar se estabeleceram no lugar onde nasceria posteriormente a cidade de Salto Veloso, onde na ocasião, existia apenas a bodega de "Chico Manco". A beira do picadão que seguia em direção a Herciliópolis moravam três famílias de caboclos, o restante era ocupado por uma floresta imensa que parecia não ter fim. O pequeno grupo morou perto do picadão que atravessava a sede do município por, aproximadamente, dois anos,

mudando-se então para a localidade de Linha Barraca, onde adquiriram do fazendeiro Epaminondas Ribas, uma área de 23 alqueires.

Decorridos alguns anos, Felisberto Cardoso dos Santos, agora casado, e por isso mesmo pensando mais seriamente no futuro, decidiu comprar um terreno, para tanto escolheu a Linha São Vicente, local que na época o preço das terras era mais acessível. Nessa localidade o terreno foi comprado de Valêncio Alves dos Santos, mas com o tempo, mesmo tendo pago pela propriedade ao antigo dono, Felisberto e outros moradores estabelecidos na referida área tiveram que realizar o acerto, ou seja, nova compra das terras, desta vez junto aos representantes da Colonizadora de Alice Schneider Etzeberger, proprietária de grande parte das terras que posteriormente formariam o município de Salto Veloso.

Nesta localidade, Felisberto foi um dos que se empenharam no auxílio aos caboclos, que mesmo possuindo, em muitos casos, títulos de posse dos terrenos onde moravam, foram despejados por determinação da Companhia que se dizia dona de toda a área, conforme estabelecido na escritura de compra e venda.

Cumprindo ordens superiores um grupo de policiais, muito bem armados, chegaram nos locais apontados pela Companhia, dando início a um processo de despejo, onde as famílias viam seus ranchos incendiados sem que nada pudessem fazer. Se isso não bastasse, queimavam também a produção que estava nos galpões improvisados. Os caboclos, além de ficarem sem abrigo, enfrentavam a fome e muitos passavam a perambular sem destino, ou quando possível empregavam-se nas fazendas mais próximas.



A ocupação das colônias destinadas aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, aconteceu de forma bastante acelerada e não foi preciso muito tempo para que as fronteiras agrícolas estivessem esgotadas. Além disso a topografia bastante acidentada e o solo empobrecendo a cada nova colheita, frustrava as expectativas das famílias, formadas na maioria por um grande número de filhos. A alternativa era então buscar novos espaços inexplorados, onde as terras por certo seriam mais férteis e próprias para a agricultura. A propaganda feita pelas Companhias Colonizadoras ia de encontro aos interesses desta gente ávida para expandir seus interesses no trabalho da terra que lhe responderia em produção abundante e resultaria na compra de novas áreas onde poderiam estabelecer seus filhos também ligados ao manejo do solo.



João De Bortoli, esposa e filhos - Linha De Bastiani. A família chegou em Salto Veloso um ano após a vinda de Izidoro De Bortoli.

Foi essa mesma vontade determinante, que trouxe para Salto Veloso no final de 1929, início de 1930, as famílias de João De Bortoli, Honorato Giacomini e Pedro Giacomini, vindos de Flores da Cunha e Caxias do Sul, respectivamente.

Buscavam à exemplo de outros tantos, novos espaços para trabalhar e, como diziam, construir seu futuro.



Famílias de Pedro e Libera Conte e Pedro e Verqínia Giacomini.

Sabina De Bastiani, que acompanhou esta verdadeira epopéia, descreve o trajeto desde o desembarque do trem, a chegada nas terras que haviam comprado, bem como as dificuldades para construir a casa, relatando em entrevista:

*"Quando desembarcamos na estação da Estrada de Ferro começaram as dificuldades, dali até Rio dos Cochos (Bom Sucesso) viemos à cavalo e depois enfrentamos o resto do caminho percorrendo uma trilha aberta pelos cascos dos animais. Meu pai ia na frente com o facão para cortar os galhos mais grossos que impediam a passagem. Demoramos algum tempo neste caminho, não sei quanto, mas lembro que quando chegamos ao nosso destino já estava anoitecendo. No começo nos abrigamos de qualquer jeito, isto até que construímos a*

*nossa casa, para isso derrubamos um pinheiro grande, descascamos, dividimos em toras, serramos manualmente tábua por tábua e também farquejamos as tabuinhas para a cobertura. Recordo muito bem que quando chegamos aqui não tinha nada, por onde quer que se olhasse a gente só via mato. Era o azul do céu e o verde da mata que cobria tudo."*

No dia 19 de junho de 1932 chegava em Salto Veloso, Pedro e Libera Giacomini Conte com os filhos mais velhos. A viagem de Caxias do Sul, onde



Pedro e Libera Giacomini Conte, no ano de 1926.

moravam até a estação de Pinheiro Preto foi realizada de trem. O trecho de Pinheiro Preto até Rio dos Cochos (Bom Sucesso) aconteceu numa carroça emprestada, mas deste ponto em diante o único meio de chegar a casa de Pedro Giacomini que se localizava na hoje Linha

Vígolo (Chácara de Nereu Zancanaro), era através de uma trilha aberta pelos cascos dos animais, por isso mesmo muito precária. Tendo chegado em Rio dos Cochos, tiraram da carroça os poucos pertences da família que foram deixados na casa de colonos, e seguiram a pé o restante do percurso, demorando mais de quatro horas até chegar a residência de Pedro Giacomini onde pernoitaram. Na manhã seguinte, tendo emprestado alguns cargueiros voltaram à Rio dos Cochos para buscar a pequena mudança.

Em 1936 se estabeleciam em Salto Veloso as famílias de Lídio Sônego e Olívio Mafioletti, sendo esta última, oriunda de Urussanga, Santa Catarina. As terras por eles adquiridas situavam-se na localidade de Linha Mendes. Também vindos de Urussanga, chegaram logo em seguida as famílias de José Civiero e Leoni e Carolina Mafioletti. No ano de 1934, se fixou em Linha Congonhas a família de João Gregório.



Família de João e Tereza De Bastiani.

## CAPÍTULO XIII

### ANTONIO VELOSO - UM CABOCLO, UMA IDENTIDADE, UMA HISTÓRIA.

Primogênito dos seis filhos do casal Antonio José Veloso e Igenes Maria de Jesus, o menino Antonio Veloso veio ao mundo aos vinte e cinco dias do mês de outubro de mil oitocentos e noventa e quatro na Freguesia de Palmas, Paraná, em terras da fazenda Cruz Alta, então alvo de disputa por meio de requerimentos de título de domínio posse solicitados por



Vigário Achilles Saporiti.

peessoas de grande influência política e financeira na região de Palmas e por isso mesmo apadrinhadas pelo governo do Paraná. O recém-nascido foi batizado pelo Vigário de Palmas Padre Achilles Saporiti em oratório privado no dia nove de novembro de mil oitocentos e noventa e quatro. Foram seus padrinhos Raymundo Mendes de Almeida e D<sup>a</sup> Eugenia Mendes d'Oliveira.

Conforme dados constantes na pesquisa realizada pelo Monsenhor Natalício José Weschenfelder:

*"a região de Palmas tinha em 1890, 9.420 habitantes sendo: 4.750 brancos, 2.100 mestiços (caboclos), 2.000 índios e 570 negros."*



Cúria Diocesana

Certidão de Batismo

Assim tem

Antônio


Aos nove de dezembro do ano de oitocentos e noventa e quatro nesta paróquia de Palmas em Ciratório privado baptizo solemnemente, a Antônio nascido em vinte e cinco de outubro do corrente anno Pátrio natural de Antonio José Veloso e Tígnez Maria de Jesus; filhos padroeiros Regimundo Mendes d'Alencar e D<sup>na</sup> Eugénia Mendes d'Oliveira.

O Vigário Achiles Sapariti

CONFIRMAÇÃO: Nada consta

Declaro para os devidos fins, e em favor do vicário, que o assentamento acima se encontra no Livro de Registro de Batizados, lavrado no Livro 08 Folha 32 nº 05710 Arquivo da Cúria Diocesana de Palmas - Francisco Beltrão - PR.

Palmas - PR, 15 de maio de 2023  
"Deus in fine Periculi"

  
Pe. Rosângela Dória Wilkes  
Vicária



Registrado:  
Livro 08 Folha 32 Nº 05710  
TAXA: R\$ 30,00

Poe. São Paulo - Cx. Postal 410 - Cx. Postal 741 - 05555-000 Paulista - SP  
Fone: (19) 3003-1134 - E-mail: cc@palmasdiocese.com.br

Durante visita ao município juntamente com o filho Alcides realizada em dezembro de 1995, Dalva de Andrade Veloso, pelo casamento Dalva de Bittencourt, repetiu enquanto caminhava ao lado de seu filho pelas ruas da cidade cujo nome evoca sua família materna a mesma narrativa da entrevista concedida por ela em sua residência na cidade de Chapecó no dia 18 de julho de 1995:

*"Quando meu avô chegou aqui era solteiro, tinha uns 15 ou 16 anos, depois de um tempo, quando estava com mais idade ele conheceu minha avó, ela chamava Ines da Luz, era esse nome dela que a família conhecia. No lugar que viviam o padre ia de vez em quando e também não tinha cartório, por isso foram morar junto até conseguir fazer o casamento no papel. Eles tiveram seis filhos: o primeiro foi Antonio Veloso, depois veio mais um piá, desse ninguém falava o nome, diziam que ele morreu antes de ser batizado, em seguida nasceu minha mãe Maria Madalena Veloso, depois vieram Joaquim Veloso, Manoel Veloso e Maria da Luz Veloso."*



Cúria Diocesana

Certidão de Batismo  
Inteiro Teor

Maria

Às vinte de outubro de mil novecentas e cinco, na Estrela dessa Paróquia baptizei solenemente a Maria, nascida a vinte de agosto do corrente anno, filha legitima de Antonio José Veloso e de Ignês Maria de Jesus. Foram padrinhos João Baptista de Oliveira e Gertrudes Mendes. E para constar fiz este assento que assigno.

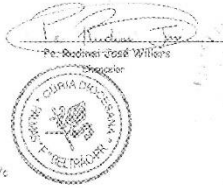
O Vigário Pa. Solano Schmitt, OFM

OBSERVAÇÃO: Nada consta.

Declaro para os devidos fins, e o bem da verdade, que o assentamento acima se encontra no Livro de Registros de Batizados do Arquivo da Cúria Diocesana de Palmas - Francisco Beltrão sob a seguinte indicação Livro 11 Folha 201v nº n/c.

Palmas - PR, 15 de maio de 2023

"Do Rio Paranaíba."



Registrado:  
Livro 11 Folha 201v nº n/c  
TAXA: R\$ 30,00

Rua São Manoel, 513 - Cx. Postal 50 - 85551-900 Palmas - PR  
Fone: (41) 3251-1134 - E-mail: curia@palmas@proteobv.com.br

Registro Civil de Palmas, local em que se encontrava o acervo documental da cidade e região foi incendiado conforme declarações de Horacio Lima em 1996, segundo ele por motivo de crença de terra, tal fato foi confirmado pela Tabela responsável pelo cartório em 2023, restando somente registros feitos a partir de 1960. Os documentos relativos aos filhos de Antonio José Veloso e Ines da Luz (conforme constante nas certidões de

Nos livros de Registros de Batizados do Arquivo da Cúria Diocesana de Palmas – Francisco Beltrão, foram encontrados as Certidões de Batismo de Antonio (acima descrito), Maria Madalena e Joaquim, faltando documento referente a Manoel e Maria da Luz Veloso. O Cartório de



Cúria Diocesana

Certidão de Batismo  
Inteiro Teor

Joaquim

Às dezesseis de fevereiro de mil novecentos e sete baptizei solenemente, a Joaquim, nascido a vinte e oito do mez passado. Filho legitimo de Antonio José Veloso e Maria Ignês de Jesus. Foram padrinhos Hernabê Baptistista da Luz e Esclaticista Avila da Luz. E para constar fiz esse assento que assigno.

O Vigário Pa. Solano Schmitt, OFM

OBSERVAÇÃO: Nada consta.

Declaro para os devidos fins, e o bem da verdade, que o assentamento acima se encontra no Livro de Registros de Batizados, levado no Livro 12 Folha 51 nº n/c no Arquivo da Cúria Diocesana de Palmas - Francisco Beltrão - PR.

Palmas - PR, 15 de maio de 2023  
"Do Rio Paranaíba."



Registrado:  
Livro 12 Folha 51 nº n/c  
TAXA: R\$ 30,00

Rua São Manoel, 513 - Cx. Postal 50 - 85551-900 Palmas - PR  
Fone: (41) 3251-1134 - E-mail: curia@palmas@proteobv.com.br

batizado, Maria Ignez de Jesus), fazem parte do arquivo da Cúria Diocesana Senhor Bom Jesus e nos revelam que Maria Madalena Veloso nasceu em 20 de agosto de 1905, sendo batizada pelo Vigário Padre Solano Schmitt no dia 20 de outubro do mesmo ano, foram seus padrinhos João Baptista de Oliveira e Gertudes Mendes. Joaquim Veloso nasceu em 28 de janeiro de 1907 e foi batizado pelo reverendo Solano Schmitt em 19 de fevereiro do mesmo ano, tendo como padrinhos Barnabé Eleutherio da Luz e Escolástica Avila da Luz.

Prosegue Dalva em seu relato:

*"A gente ficava pouco tempo com meus avós, nessa época nossa família morava na Macieira, era longe da casa deles. Aqui, (referindo-se a Salto Veloso), eu não vinha quando era criança, mas sabia que meu tio morava por esses lados e que o lugar era conhecido pelo nome dele. Lembro que ele era casado e tinha um piá, vez ou outra quando ia na nossa casa levava junto o guri e a mulher, ela era preta como os outros, gostava de conversar, contar causos e dar risada, por isso a criançada gostava dela.*

*O picadão que ia até no lugar que moravam os pais da minha mãe já era desmatado naquele tempo, passava bastante gado que descia de rumo dos campos e também tropa de burro que subia, eram negociantes que mascateavam em todo lugar. O tropeiro mais velho que nós conhecemos chamava Agripino, ele era bem preto, tinha uns 60 anos, levava tropa de gado pra São Paulo. Nesse picadão passava bastante gente a pé, tinha andarilhos que andavam de um lado para outro e também bandidos que passavam em bandos. Esses eram perigosos, levavam cavalos e se conseguiram roubavam até as moças da*



*família. Na nossa casa tinha o negro Napoleão que ficava na escuta, se sabia que tinha bandido por perto ele fechava as moças num quarto, pregava as janelas por dentro e cuidava pra nada de ruim acontecer com elas, as crianças tinham que ficar sempre perto dos pais. O Napoleão tinha sido escravo quando criança e moço, ele mostrava o braço com marca e um número, mas a gente não sabia qual era, ninguém conseguia aprender, não existia escola naquele tempo. Ele falava que aquele sinal queria dizer que o patrão era dono da vida dele.*



ESTADO DE SANTA CATARINA  
2º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS  
Comarca de Joaçaba

Certidão de Transcrição

CERTIFICO, a pedido verbal de parte interessada, que revendo nesta SERVENTIA, o Livro 3A de TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES, e as fls. 014, do mesmo Livro sob nº. 1.288 consta a **TRANSCRIÇÃO**: Consta folha de pagamento do quinhão do concômodo Antonio José Veloso. XXXIV - Acharam eles, juiz, agrimensor e arbitadores que este condômino recebeu seu quinhão em um só, assinalado no mapa com o número 36 e tem a área de 72.600,00m<sup>2</sup>, no valor de 150.000,00, localizado na Fazenda Cruz Alta, Distrito de Hercílioópolis, Água Doce (SC), limitando: ao Norte, com o quinhão número 35; a Leste e a Oeste, com o quinhão número 32, e, ao Sul com o quinhão número 37, começa este quinhão em um marco de imbuia 4X; segue a rumo Oeste e distância de 400 metros até a csirada da Isgoa, onde existe um marco de Palmeira com 4X; segue pela estrada medindo 180 metros até um marco com VB, o rumo Leste e distância de 400 metros até outro marco de imbuia com 4V; e depois rumo a norte e distância de 180 metros até o ponto de partida. **Figura como adquirente: ANTONIO JOSÉ VELOSO, e como transmitente: DIVISÃO DO IMÓVEL CRUZ ALTA.** O título foi de uma Certidão de Divisão do Imóvel Cruz Alta, extraída pelo Escrivão Seldanha da Gama Ribas, de Palmas, Estado do Paraná, em 22 de maio de 1942, no valor de Cr\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros). Registro Anterior não consta. **AVERBAÇÕES:** (Nada consta nesta coluna). A transcrição foi efetuada em 08 de março de 1946.

O referido é verdade e deu fé,  
Joaçaba, 04 de Novembro de 2022.

*Antônio Judicant Cavali*

Rua Getúlio Vargas, 155 - Sala 301 - Fone: (47) 3321-1100 - Joaçaba - SC  
www.registro.joaçaba.sc.gov.br

Certidão de Transcrição

*meu pai. Quando a gente brigava alguém já gritava pra parar a comitiva, os mais velhos tiravam os briguentos dos cestos e faziam caminhar á pé, e ainda por cima descalços, que era pra aprender.*

*Os preparativos pra ir na casa dos avós começavam bem antes e no dia marcado se levantava de madrugada, os mais velhos queriam estar na estrada antes do amanhecer. A criança era colocada dentro de cestos de taquara forrado com pelegos, levavam também uma canastra com comida e guampas cheias de leite. Arrumavam um cargueiro em cada lado no lombo do cavalo e juntavam duas ou três crianças em cada cesto, isso dava muita briga. Minha mãe levava junto também os afilhados dela e do*

*Guardo boa recordação do meu avô, ele tinha pele cor de cuia puxando pro escuro, era alto, não era gordo, cabelo bem liso e barba rala, quieto, pouca prosa, sempre sério; minha avó era cabocla quase preta pouca coisa mais baixa que o marido, magra e com cabelo bem preto. Chegava bastante povo no rancho deles, vinham negociar as coisas que tinha pra vender, ele fazia arcos, flechas, espadas de metal e peças de taquara trançada que era usada pra proteger as pernas, sabia também curtir e trançar qualquer tipo de couro. Esses trabalhos ele ensinou para os filhos homens, mas nem todos pegaram gosto por este tipo de serviço, falavam que só dois mais velhos continuaram o ofício do pai.*

*Numa das vezes que estava ajudando reunir tropa de gado, meu pai Clementino Teixeira de Andrade Belo, era assim que ele chamava, parou na casa do vovô. Naquele dia ele viu uma criança de uns sete anos que estava ajudando nos serviços, gostou da menina, achou que era trabalhadeira e educada, então disse para o pai dela: 'eu vou casar com a sua filha, volto pra buscar quando ela estiver moça feita e puder cuidar de família'. Falou isso e foi embora, mas a promessa ficou. Quando tinha passado bastante tempo voltou e perguntou se ela queria casar com ele, depois que a moça aceitou o pedido ele falou se meu avô dava permissão e também abençoava eles e também todos os filhos que iriam nascer. Com a permissão e a bênção eles se despediram e foram viver nas terras que meu pai tinha em Macieira.*



Família de Clementino Teixeira de Andrade Belo e Maria Madalena Veloso com os filhos.

Cópia autorizada pelo Departamento de Registro do Estado de Santa Catarina



ESTADO DE SANTA CATARINA  
2º OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS  
Comarca de Joaçaba

**Certidão de Transcrição**

CERTIFICO, à pedido verbal de parte interessada, que revendo nesta SERVENTIA, o Livro 3A de TRANSCRIÇÃO DAS TRANSMISSÕES, às fls. 004 do mesmo Livro sob nº 1.232, consta a TRANSCRIÇÃO. Consta uma parte de terras de campos e Ingradouras, na Fazenda Cruz Alta, Distrito de Hercílioópolis, Município de Água Doce (SC), Comarca de Palmas (PR), em comum com outros, com a área de três alqueires, mais ou menos. **Figura como adquirente: ANTÔNIO JOSÉ VELOSO**, residente em Campos Novos (SC), e como **transmitentes: CARLOS CRUZ**, residente em Hercílioópolis, Água Doce (SC). O título foi de uma Certidão de Escritura de Compra e Venda, extraída pelo Escrivão Recortes Costa Metzger, em 03 de dezembro de 1947. A escritura foi lavrada em 12/02/1914, no valor de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), Registro Anterior nº 11.692, às fls. 276, Livro 3G, **AVERBAÇÕES**. (Nada consta nesta coluna). A transcrição foi efetuada em 28 de janeiro de 1948.

O referido é verdade e dou fé.  
Joaçaba, 04 de Novembro de 2022.

- 1) Motta Lúcia Vieira Neves - Oficial Terceiro
- 2) Volquiza de Deus e Silva - Oficial Substituto
- 3) Mariléia Peres da Silva Galeski - Escrevente Coordenadora
- 4) Carla Carolina Azeiteiro - Escrevente Substituída
- 5) Natália Pereira da Silva - Escrevente Autorizada
- 6) Cleci Aparecida Amurim Ferreira - Escrevente Autorizada
- 7) Cibele Luciana - Escrevente Substituída
- 8) Izabela Paola Cordeiro - Escrevente Autorizada



**Emolumentos:**  
01 - Certidão de Transcrição - Isento..... R\$ 0,00  
Imp: R\$ 0,00  
Sincs: R\$ 0,00  
Total: R\$ 0,00

A presente certidão tem validade de 30 dias a contar da data da sua expedição.  
Neste mesmo registro por meio eletrônico. Qualquer alteração no ato do ato eletrônico, será considerado fraude.

Sistema de Matrícula, 2019 - Sistema de Matrícula - 2019 - 1º Edição - 14/01/2019 - 14/01/2019  
www.registro.sc.gov.br

Página 01

Cópia autorizada pelo Departamento de Registro do Estado de Santa Catarina

*Meus avós viveram sempre no mesmo lugar, a terra que moravam era deles e ficava bem na beira dos campos. Não eram de muita proza, lá vez ou outra contavam causos de antigamente. Eram da Igreja Católica e faziam reza pra São Sebastião e Divino Espírito Santo. No lugar quer moravam não tinha capela nem escola, quase ninguém sabia ler e escrever. Sempre viveram da roça, criavam uma ponta de gado e bastante porco na mangueira, uma vaca pro leite que era misturado na farinha de biju. Eles faleceram no lugar*

*que sempre moraram e foram enterrados no cemitério que tinha não muito longe do terreno deles, era o único que tinha na redondeza.*

*A Macieira já era um povoado grandinho quando minha mãe foi morar no lugar, ela encontrou na casa, os filhos do primeiro casamento do meu pai que já eram crescidos. A nossa casa ficava*



Belmiro Veloso de Andrade

*no meio do povoado e era grande para acomodar bastante gente. Por perto da casa e espalhados no mato moravam famílias de caboclos e pretos que viviam com o dinheiro da venda de erva-mate e farinha de biju que eles mesmo fabricavam.*

*Foi nesse povoado que nascemos eu e meus irmãos: Belmiro Veloso de Andrade, em primeiro de setembro de mil novecentos e vinte e um, eu Dalva de Andrade Veloso, no dia vinte de abril de mil novecentos e vinte e oito, Dina Veloso de Andrade (faleceu com pouco tempo de vida), José Veloso de Andrade, em dezesseis de agosto de mil novecentos e quarenta, João Veloso de Andrade (não lembro quando nasceu) e Trindade Odilha, em doze de julho de mil novecentos e quarenta e dois. Naquele tempo os filhos casavam cedo ou saíam pra procurar serviço em outros cantos, com nossa família não foi diferente, foi cada um cuidar de sua vida. Mais tarde meus pais mudaram para o Paraná por causa que era mais fácil comprar terra com bastante tempo para pagar, os filhos mais novos foram com eles, falavam que naqueles lados tinha mais futuro pra quem era novo.”*

## Certidão de Inteiro Teor de Nascimento

ESCRITÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS  
DE ERVAL VELHO - SC  
COMARCA DE HERVAL D'ESTE - SC

**CERTIDÃO DE INTEIRO TEOR DE NASCIMENTO**  
REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS  
DALVA DE ANDRADE VELOSO

105940 01 35 1946 1 00014 107 0000866 22

Certifico que, a pedido de parte interessada, revendo os livros de Registros de Nascimento desta Serventia, encontrei as fls. nº 107 do livro A-14, com registro sob nº 866, o termo com a seguinte transcrição: Aos vinte e três dias do mez de Novembro de mil novecentos e quarenta e seis, nesta Vila de Erval Velho, em Cartório compareceu DALVA DE ANDRADE VELOSO e apresentou-me um requerimento com o despacho do MM Dr. Juiz de Direito, mandando tomar por termo sem multa, de acordo com o Decreto Lei Federal nº 13.566 de trinta de Setembro de mil novecentos e quarenta e três e suas prorrogações, as declarações da requerente, que é a seguinte: "DALVA DE ANDRADE VELOSO", do sexo feminino, côr branca, dos serviços domésticos, nasceu neste distrito, no dia vinte de Abril de mil novecentos e vinte e oito, filha legítima de CLEMENTINO BELO e sua mulher MARIA MADALENA DE ANDRADE VELOSO, naturais do Estado do Paraná, agricultores, cazados em Palmas, em data ignorada. São avós paternos: GASPAR BELO e MARIA BELO DE ANDRADE; e maternos: ANTONIO VELOSO e MARIA INEZ DA LUZ. E para constar faizei este termo, que lido e achado conforme, assina a rogo da declarante por não saber escrever Zelfertino Bittencourt, com as testemunhas Arcangelo Vettori e Benjâmin Dambrós. Eu Felipe Victor Bittencourt, Oficial Interno do Registro Civil, que o escrevi e assino. Assinaturas. Era o que continha em dito assento, o qual foi fielmente extraído do próprio original. Ressalvadas eventuais divergências de nomes e letras de difícil identificação por se tratar de ato manuscrito.

O referido é verdade e dou fé.  
Erval Velho - SC, 22 de março de 2023.

Moisés Gasparino  
Mário Geremias Lopes  
Escrivão de 2ª Classe

Modelo Certidão - 10/2018

Emplacamento  
Escritório de Registros de Nascimento - Local 1  
Sala de Processamento (SAP) 10292-1001P  
Total: 1 termo

5334/SC - Nº: 001018

*"Registro Civil de Pessoas Naturais*

*DALVA DE ANDRADE VELOSO*

*Certifico que, a pedido da parte interessada, revendo os livros de Registros de Nascimento desta Serventia, encontrei a fls.nº 107 do livro A-14, com registro sob nº 866, o termo com a seguinte transcrição: Aos vinte e três dias do mez de Novembro de mil novecentos e quarenta e seis, nesta Vila de Erval Velho, em Cartório compareceu DALVA DE ANDRADE VELOSO e apresentou-me um requerimento com o despacho do MM Dr, Juiz de Direito, mandando tomar um termo sem multa de acordo com o Decreto Lei Federal nº 13.556 de trinta de Setembro de mil novecentos e quarenta e três e suas prorrogações as declarações da requerente, que é a seguinte: " DALVA DE ANDRADE VELOSO", do sexo feminino, côr branca, dos serviços domésticos, nasceu neste distrito, no dia vinte de Abril de mil novecentos e vinte e oito, filha legítima de CLEMENTINO BELO e sua mulher MARIA MADALENA DE ANDRADE VELOSO, naturais do Estado do Paraná, agricultores, cazados em Palmas, em data ignorada. São avós paternos: GASPAR BELO E MARIA BELO DE ANDRADE; e maternos: ANTONIO VELOSO E MARIA INEZ DA*

*de Direito, mandando tomar um termo sem multa de acordo com o Decreto Lei Federal nº 13.556 de trinta de Setembro de mil novecentos e quarenta e três e suas prorrogações as declarações da requerente, que é a seguinte: " DALVA DE ANDRADE VELOSO", do sexo feminino, côr branca, dos serviços domésticos, nasceu neste distrito, no dia vinte de Abril de mil novecentos e vinte e oito, filha legítima de CLEMENTINO BELO e sua mulher MARIA MADALENA DE ANDRADE VELOSO, naturais do Estado do Paraná, agricultores, cazados em Palmas, em data ignorada. São avós paternos: GASPAR BELO E MARIA BELO DE ANDRADE; e maternos: ANTONIO VELOSO E MARIA INEZ DA*

*LUZ. E para constar lavrei este termo, que lido e achado conforme, assina a rigi da declarante por não saber escrever Zeferino Bittencourt, com as testemunhas Arcangelo Vettori e Benjamin Dambros. Eu Felipe Victor Bittencourt, Oficial Interino do Registro Civil, que o escrevi e assino. Era o que continha em dito assento, o qual foi fielmente extraído do próprio original. Ressalvadas eventuais divergências de nomes e letras de difícil identificação por se tratar de ato manuscrito.*

*O referido e verdade e dou fé*

*Erval Velho – SC, 22 de março de 2023*

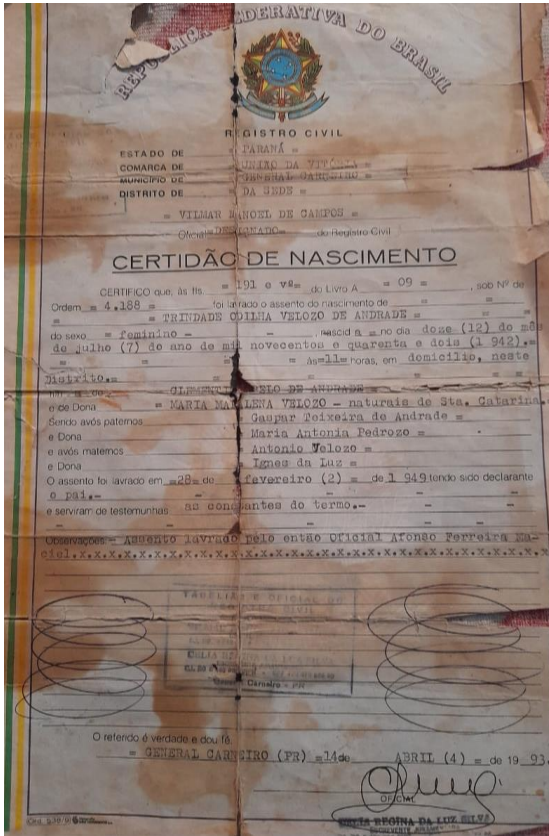
*Maiki Germano Nunes*

*Escrevente Substituto.”*



Dalva de Andrade Veloso

Dalva nasceu na localidade de Macieira em 20 de Abril de 1928 e foi registrada no Cartório de Herval Velho em 23 de novembro de 1946. Casou-se com Valdomiro Bittencourt Sobrinho no Cartório de Registro Civil de Rio Uruguai (Piratuba), no dia 18 de fevereiro de 1950. Tinha 67 anos quando concedeu entrevistas e esteve em visita ao município. Seu tio Antonio Veloso contava com 34 anos quando a sobrinha nasceu.



*"REPÚBLICA FEDERATIVA DO  
BRASIL*

*REGISTRO CIVIL*

*Estado do Paraná*

*Comarca de União da Vitória*

*Município de General Carneio*

*Distrito da Sede*

*Vilmar Manoel dos Santos - Oficial  
Designado do Registro Civil*

*CERTIDÃO DE NASCIMENTO*

*Certifico que, às fls 191 e vº do  
Livro A 09 sob o Nº de Ordem  
4.188 foi lavrado o assento de  
nascimento de TRINDADE*

*ODILHA VELOZO DE ANDRADE, do sexo feminino, nascida aos  
doze (12) do mês de julho(7) do ano de mil novecentos e  
quarenta e dois (1942) às 11 horas, em domicilio, neste Distrito,  
filha de Clementino Belo de Andrade e de Dona Maria Madalena  
Velozo, naturaes de Sta. Catarina, sendo avós paternos Gaspar  
Teixeira de Andrade e Dona Maria Antonia Pedrozo e avós  
maternos Antonio Veloso e Dona Ignez da Luz. O assento foi  
lavrado em 28 de fevereiro de 1949, tendo sido declarante o pai  
e serviram de testemunhas as constantes do termo.*

*Observações: Assento Lavrado pelo então Oficial Afonso Ferreira  
Maciel*

*O referido é verdade e dou fé*

*General Carneiro (PR) 14 de Abril (4) 1993."*



Trindade Odilha Veloso de Andrade e o esposo Lucidoro de Oliveira Belo

No dia dez de julho de mil novecentos e trinta e sete comparece ao cartório na sede do Distrito de Herciliópolis, município de Cruzeiro (Joaçaba), o Sr. Luiz Mendes de Oliveira, brasileiro, viúvo, fazendeiro, domiciliado e residente na Fazenda Estrela neste Distrito e, na presença das testemunhas adiante nomeadas e assinadas, de acordo com a Lei Federal 252, declarou na oportunidade:

*"Que em domicílio, no município de Palmas, Estado do Paraná, no dia vinte e nove do mês de agosto do ano de mil novecentos e quinze às 20 horas, nasceu uma criança de cor parda, do sexo masculino, a qual foi posto o nome de Gercindo Leirias Veloso, filho legítimo de Antonio Veloso e Dona Maria Rita Veloso, brasileiros, ele de paradeiro ignorado, ela de serviços domésticos, natural deste Estado, residente neste Distrito. Sendo avós paternos Antonio Veloso e Ines da Luz, já falecidos, e avós*



*maternos Efigenio Leirias de Almeida e Rita de Almeida'. Serviram de testemunhas no ato conforme estabelecido em lei os Srs. João Batista de Oliveira e Francisco Marcelino Inocencio."*

Assinada pelo Presidente Getúlio Vargas, a Lei Nº 252, de 22 de setembro de 1936, prorroga o prazo para o registro civil de nascimentos:

*"O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte Lei:*

*Art. 1º Os nascimentos ocorridos no território Nacional desde 1 de janeiro de 1879, que não forem registrados no tempo próprio, devem ser levados a registro dentro do prazo de um ano mediante: 1º Petição de despacho do juiz do civil e do lugar de nascimento se o registrando tiver doze anos de idade ou mais."*

Nascido em 1915, Gercindo contava com 22 anos quando foi registrado oficialmente, não existindo, até então, como cidadão perante a Lei. Conforme certidão de casamento de Gercindo Leirias Veloso e Izabel Antonio Barbosa, o enlace ocorreu em dez de setembro de mil novecentos e trinta e sete, ou seja, três meses após expedida a Certidão de Nascimento, sem a qual não seria possível a realização do matrimônio.

Consta ainda que na ocasião do registro de Gercindo, era incerto o paradeiro de seu pai Antonio Veloso, na falta deste, o documento foi solicitado por Luiz Mendes de Oliveira, pessoa aparentada com Dona Eugenia Mendes de Oliveira e Raymundo Mendes de Almeida, padrinhos de batizado de Antonio Veloso.

**"REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS**  
**CERTIDAO DE NASCIMENTO DE INTEIRO TEOR**  
**NOME**  
**GERCINDO LEIRIAS VELOSO**  
**MATRÍCULA**  
**106831 02 55 1937 100008 149 000351097**

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO INTEIRO TEOR

NOME:  
GERCINDO LEIRIAS VELOSO

MATRÍCULA:  
106831 02 55 1937 1 00008 149 0003510 97

Certifico que revendo os livros de Nascimento, deste ofício, encontrei no livro A-008, folha 149, sob o número 0003510, o registro cujo teor segue: Aos dez dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e trinta e sete, nesta Séde do Distrito de Hercílio Poliss, Município de Cruzeiro, Estado de Santa Catarina, em o meu cartório compareceu o cidadão Luiz Mendes de Oliveira, brasileiro, viúvo, fazendeiro, domiciliado e residente na Fazenda Estrela, neste Distrito e, na presença das testemunhas adiante nomeadas e assinadas, declarou-me: Que em domicílio, no Município de Palmas, Estado do Rio Grande do Sul, digo, Estado do Paraná, no dia vinte e, digo, assinadas, de acordo com a Lei Federal Nº 252, declarou-me: Que em domicílio, no Município de Palmas, Estado do Paraná, no dia vinte e nove do mês de Agosto do ano de mil novecentos e quinze as vinte horas, nasceu uma criança de cor parda, do sexo masculino, à qual foi posto o nome de Gercindo Leirias Veloso, filho legítimo de Antonio Veloso e de sua mulher Dona Maria Rita Veloso, brasileiros, ele de paradeiro ignorado, éla de serviços domesticos, natural deste Estado, residente neste Distrito. Sendo avós paternos, Antonio Veloso e Inéz Veloso, já falecidos e avós maternos Efigenio Leirias de Almeida e Rita de Almeida, ele residente neste Município, éla já falecida. Do que para constar, lavrei este termo que lido e achado conforme vai assinado pelo declarante e pelas testemunhas João Bâtista de Oliveira e Francisco Marcelino Inocencio, residentes neste Distrito. Eu, Receres Costa Mateuz, Oficial do Registro Civil, que o escrevi, dou fé e assino. Veem-se a assinatura de: Receres Costa Mateuz. Este registro pertence ao arquivo de Hercílio Poliss, que atualmente encontra-se anexado a Escrivania de Paz de Água Doce/SC. Era o que continha o referido registro aqui fielmente transcrito. Eu, KIMBERLY RAMOS HULTHMANN, Escrevente, que o digitei, dou fé, subscrevo e assino.

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou Fé.  
Água Doce, 25 de novembro de 2072

KIMBERLY RAMOS HULTHMANN  
Escrevente

ARREBRASIL AA 027971583 BRP

NOME DO OFÍCIO: Escrivania de Paz de Água Doce  
OFÍCIO: Escrivania de Patricia Boschetti Ribeiro  
MUNICÍPIO: Água Doce/Joaquim/SC  
ESTADO: PIAUI XV de Novembro, 1531 Centro, Água Doce - SC,  
Cep: 82254-000, Fone/Fax: 49.3524.0218

*Certifico que revendo os livros de Nascimento deste ofício, encontrei no livro A-008, folha 149, sob o número 0003510, o registro cujo teor segue. Aos dez dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e trinta e sete, nesta Séde do Distrito de Hercílio Poliss, Município de Cruzeiro, Estado de Santa Catarina, em meu cartório compareceu o cidadão Luiz Mende de Oliveira, brasileiro, viúvo, fazendeiro, domiciliado e residente na Fazenda Estrela, neste Distrito e, na*

*presença das testemunhas adiante nomeadas e assinadas, declarou-me: Que em domicílio, no Município de Palmas, Estado*

*do Rio Grande do Sul, digo, Estado do Paraná, no dia vinte e, digo; assinadas, de acordo com a Lei Federal Nº 252, declarou-me: Que em domicílio, no Município de Palmas, Estado do Paraná, no dia vinte e nove de Agosto do ano de mil novecentos e quinze as vinte horas, nasceu uma criança de côr parda, do sexo masculino, á qual foi posto o nome de Gercindo Leirias Veloso, filho legítimo de Antonio e de sua mulher Dona Maria Rita Veloso, brasileiros, ele de paradeiro ignorado, éla de serviços domésticos, natural deste Estado, residente neste Distrito. Sendo avós paternos, Antonio Veloso e Inêz da Luz, já falecidos e avós maternos Efigenio Leirias de Almeida e Rita de Almeida, ele residente neste município, éla já falecida. Do que para constar, lavrei este termo que lido e achado conforme vai assinado pelo declarante e pelas testemunhas João Batista de Oliveira e Francisco Marcelino Inocencio, residentes neste Distrito. Eu, Receres Costa Mateuz, Oficial dfo Registro Civil que o escrevi, dou fé e assino. Veem-se as assinaturas de Receres Costa Mateuz. Este registro pertence ao acervo de Herciliópolis, que atualmente encontra-se anexado a Escrivania de Paz de Água Doce/SC. Era o que continha o referido registro aqui fielmente transcrito. Eu, Kimberly Ramos Hulthmann, Escrevente, que o digitei, dou fé, subscrevo e assino. O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Água Doce, 25 de novembro de 2022. Segue assinatura da Escrevente.”*

  
 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
 REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

**CERTIDÃO DE CASAMENTO**

**NOMES**  
**GERCINDO LEIRIAS VELOZO** \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_  
**IZABEL ANTONIO BARBOZA** \_\_\_\_\_ CPF \_\_\_\_\_

**MATRICULA:**  
**106831 01 55 1858 2 00005 122 0000270 96**

**NOMES COMPLETOS DE SOLTEIRO, DATAS E LOCALS DE NASCIMENTO NACIONALIDADE E FILIAÇÕES DOS CÔNJUGES**  
**GERCINDO LEIRIAS VELOZO**, brasileiro, natural de Palmas/PR, nascido no dia vinte e nove de agosto de mil novecentos e quinze (29/08/1915), filho de Antonio Velozo e Maria Rita Velozo  
**IZABEL ANTONIO BARBOZA**, brasileira, natural de Água Doce/SC, nascida no dia dez de maio de mil novecentos e vinte (10/05/1920), filha de Zeferino Antonio Barboza e Etelvina Lucio Barboza.

**DATA DE REGISTRO DO CASAMENTO (POR EXTENSO)** \_\_\_\_\_ DIA \_\_\_\_\_ MÊS \_\_\_\_\_ ANO \_\_\_\_\_  
 Dez de setembro de mil novecentos e trinta e sete (10 | 09 | 1937)  
 REGIME DE BENS DO CASAMENTO \_\_\_\_\_

Comunhão Universal de Bens \_\_\_\_\_

**OBSERVAÇÕES**  
 À cônjuge IZABEL ANTONIO BARBOZA faleceu em Videira-SC, no dia 14/04/1997, termo nº 2537, folhas 181, Livro C-08, Hercilópolis-SC. Anotação lavrada e assinada aos: 06/05/1997. Este registro pertence ao Cartório da localidade de Hercilópolis-SC que atualmente seu arquivo encontra-se anexado ao Cartório de Água Doce-SC. Do que dou fé.

Emolumentos: Certidão R\$ 35,00; Fundos R\$ 7,00; Selo R\$ 0,00. Total R\$ 42,00.  
 O conteúdo da certidão é verificado. Dou Fé.  
 Água Doce, 14 de julho de 2023.

OFICINA DE REGISTROS: Patrícia Boschetti Ribeiro  
 ENDEREÇO: Rua XV de Novembro, 159, Centro, Água Doce  
 SC. Cx. Postal: 89524-000. Fone/Fax: 49.3524.0218

**BIANCA APARECIDA MARTINS GEMELLI**  
 Escrevente

Poder Judiciário  
 Estado de Santa Catarina  
 Selo Digital de Fiscalização  
 Selo controlado  
**GVM59410-FN8X**  
 Confira os dados do selo em  
[www.tjsc.jus.br/selo](http://www.tjsc.jus.br/selo)

**ESCRIVANIA DE PAZ**  
 CNPJ Nº 83.825.453/0001-07  
 Patrícia Boschetti Ribeiro  
 Escrevente de Paz/Desembargadora  
 Fone: (49) 3524-0218  
 ÁGUA DOCE - SANTA CATARINA  
 COMARCA DE JOAÇABA

ARPENEGAS/SC - BA 018775552 BRP

*"República Federativa do Brasil  
 Registro Civil de Pessoas  
 Naturais*

*Nomes*

*GERCINDO LEIRIAS VELOZO  
 IZABEL ANTONIO BARBOSA*

*MATRICULA:*

*106831 01 55 1858 2 00005 122  
 0000270 96*

*Gercindo Leirias Veloso,  
 brasileiro, natural de Palmas/PR,  
 nascido no dia vinte e nove de  
 agosto de mil novecentos e  
 quinze (29/08/1915), filho de  
 Antonio Velozo e Maria Rita*

*Velozo*

*Izabel Antonio Barbosa, brasileira, natural de Água Doce/SC,  
 nascida no dia dez de maio de mil novecentos e vinte  
 (10/05/1920), filha de Zeferino Antonio Barboza e Etelvina Lucio  
 Barboza*

*Data de Registro do Casamento*

*Dez de setembro de mil novecentos e trinta e sete (10/09/1937)*

*Regime de bens do Casamento*

*Comunhao Universal de Bens.*



Izabel Antonio Barbosa

*A cônjuge IZABEL ANTONIO BARBOSA, faleceu em Videira – SC, no dia 14/04/1997, termo nº 2537, folhas 181, Livro C-08, Hercilópolis-SC que atualmente seu acervo encontra-se anexado ao Cartório de Água Doce-SC. Do que dou fé.*

*O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Água Doce, 14 de julho de 2023. Bianca Aparecida Martins Gemelli – Escrevente.”*

### **Depoimento de Maria Barbosa Veloso Pedroso**



Maria Rita Veloso

*"Quando meu pai faleceu, deixou os filhos bem pequenos, por isso minha mãe permitiu que eu fosse morar com minha avó Maria Rita Veloso, foi quem me criou desde bem criança. Ela morava no Paiol Velho (antes Paiol dos Belo). Meu pai Gercindo faleceu de acidente, ele era muito novo, naquele tempo não tinha médico e o hospital ficava longe. Com a morte do marido minha mãe Isabel Barbosa sentiu que eu ia ficar muito bem cuidada se fosse viver na casa da minha avó.*

*Eles trabalhavam na roça e quando fiquei grandinha eu também acompanhava. A gente passava muito bem, tinha fartura, a vida era abundante. Sempre tinha porco pra carnear, galinhas no terreiro, vaca de leite. Na roça a gente colhia de tudo: milho, feijão, arroz, batata-doce, mandioca e moranga, naquele tempo não tinha trigo, esse veio depois. Como não tinha trigo se fazia broa pra tomar café e polenta pra comer com leite, não se costumava fazer doces, quase ninguém tinha esse costume. O arroz era socado no pilão e depois abanado numa peneira de taquara até sair toda a casca. No pilão a gente fazia canjica pra comer com carne de porco defumada. Também usava o monjolo pra pilar o milho pra canjica e fazer o biju, que depois ia pro forno. Essas coisas se fazia pro gasto da família, mas minha avó ajudava as pessoas pobres, então sempre repartia um pouco da comida com quem precisava. Quando carneava um porco já deixava as vasilhas preparadas para guardar a carne que era cozida na banha e colocada nas latas, daí era só pegar o quanto se queria e esquentar. Lá fora tinha a casa pra defumar a carne de porco, antes a gente cortava em pedaços, salgava e colocava tempero, isso conforme o gosto das pessoas.*

*Meus avós moraram por bastante tempo ali perto do salto do rio Veloso, onde é hoje a cidade, mas naquela época não tinha nenhuma outra casa, eles viviam bem, sozinhos, isolados ali. Minha avó ia lavar as roupas no salto e levava junto o filho dela, meu pai, que naquela época era neném. Ela tinha medo de deixar a criança sozinha no rancho pois alguém podia roubar, já sabia que tinha índios nos matos e eles levavam crianças. Então colocava o filho num balaio e levava junto, deixava o balaio bem perto dela, assim podia cuidar melhor. Enquanto lavava roupa escutava os índios atirando pedras na água, mas não acertavam nela. Para deixar eles ver que não estava com medo, ela se virava*

*para o lado que vinham as pedras e fazia que estava contente e procurava mostrar alegria e rir. Depois que fazia isso eles iam embora. Com o tempo os índios se tornaram amigos dela e deixavam na porta do rancho canudos de taquara cheios de mel e outras coisas do mato que eles achavam bonito. Mas nunca se mostravam, vinham sempre escondido, assim ela nunca conheceu quem levava os presentes e deixava na porta da casa.*

*Depois de um tempo minha avó casou com João Batista Antunes, ele era respeitoso e trabalhador. Quando precisava comprar roupa e outros produtos que não se encontrava mais perto, era ele que ia buscar em Joaçaba, ficava longe, demorava até dois dias entre ida e volta, trazia as mercadorias dentro de bruacas de couro pra evitar que molhassem caso chovesse. Mais tarde montaram loja em Salto Veloso, isso facilitou a vida de quem morava por perto. Quando meu avô adotivo ia pra longe e demorava voltar, quem ficava na casa aproveitava para acudir as famílias que precisavam de ajuda. Enquanto minha avó separava as coisas que ia doar, eu e minha irmã de criação saía para avisar as pessoas, assim quando chegavam era só pegar e voltar para casa. Ela tinha o cuidado de encher latinhas com banha, sabia que era uma das coisas que mais precisavam na casa pois era usada até como remédio. Era uma pessoa de grande bondade, ajudou muita gente.*

*Quando cheguei pra viver na minha nova casa encontrei uma filha adotiva da minha avó. Ela tinha mais idade que eu, era bem loira e de olhos claros, sabia costurar como ninguém, aprendeu sozinha, sem ninguém ensinar. Costurava tudo à mão, pois naqueles anos nem se pensava em máquina de costura. Minha avó contava que a mãe dessa mocinha deu ela quando era recém-nascida e foi embora. Pra conseguir criar foi difícil, era tão miudinha que precisava dar o leite com uma colherinha e aos*

*poucos, mas com muito cuidado e atenção a criança vingou e depois de crescida ficou prendada, pessoa de grande sabedoria. Quando eu casei, foi ela que costurou meu vestido de noiva, o tecido fui eu que escolhi do meu gosto na loja do Cantú, que nessa época já vendia de tudo.*

*Existiam muitos costumes diferente no passado e todos seguiam, o povo sabia que vinham de antigamente, os mais velhos ensinavam e os novos respeitavam e obedeciam, assim, quando tinha baile, uma das primeiras coisas que faziam era esticar uma corda no meio do salão, num lado dançavam os negros e os caboclos e na outra os brancos. Nunca vi ninguém desrespeitar isso, era costume, se obedecia. A gente estava no baile pra dançar, não pra perder tempo discutindo por nada. Outro divertimento que as pessoas gostavam eram as carreiradas, a mais conhecida era feita na raia de Linha Congonhas, reunia muito povo. Vinha gente de todo lado, as famílias começavam a chegar um dia antes, montavam as barracas bem perto da raia e aproveitavam a festa. As corridas começavam cedo e só terminavam no final da tarde, depois sim as pessoas voltavam pra casa.*

*Nos casamentos também se escolhia alguém que fosse igual nos costumes, no jeito de viver. Desde o começo os caboclos e os*



Festa de celebração de Crisma da Capela de Paiol dos Belo (Paiol Velho). No lado esquerdo, Maria Rita Veloso (de cachecol), esposa de Antonio Veloso. A direita, o Bispo Coadjutor de Lages D.Afonso Niehues. 1959. Acervo: Zita Maria



*pretos não queriam que os filhos casassem com italianos e esses também não gostavam que os filhos casassem com os pretos e caboclos. A vida era desse jeito, a gente conheceu e seguiu os costumes que vieram de muito tempo atrás. Eu mesma não queria casar com italiano, não se entendia nem o que eles falavam, o jeito que eles conversavam era diferente do nosso.*

*No meu tempo de criança lembro que o povo era bastante misturado, veja o caso da minha irmã de criação, ela era branquinha e tinha os olhos claros, mas existia por esses lados todos muitos pretos, caboclos, mestiços e brancos, todos viviam em paz. Existia pobreza, mas boa parte do povo tinha como se sustentar. A maior parte das pessoas eram da religião católica, mas quase não recebiam visita dos padres, era só de vez em quando. Existia naquele tempo o costume de fazer a "Cerimônia das Almas", um grupo de pessoas saía na noite antes do dia de finados cantando músicas, rezando e tocando a matraca. Eles iam de casa em casa fazendo saudações e rezas, eram convidados pra entrar e continuar as orações dentro da casa, depois se serviam do café oferecido pela família e seguiam adiante com a estrada iluminada pelos fochos de taquara. A devoção terminava a meia-noite dentro do cemitério com rezas e cantos acompanhado pelo som da matraca.*

*No lugar que minha avó morava não tinha escola no começo, os moradores só conseguiram construir tempos depois. Um dos primeiros professores foi Paulo Abude, vinha de Água Doce, ele deu aula pra mim. Tinha muita criança que precisava estudar.*

*Eu não conheci meu avô Antonio Veloso, acho que era bem pequena quando ele faleceu. Minha avó Maria Rita falava pouco dele, dizia que foi enterrado num cemitério antigo, o primeiro que teve no lugar. Mas com o tempo tudo foi mudando, ficando diferente conforme a cidade ia crescendo. O bom mesmo é saber*

*que ele, minha avó e meu pai foram os primeiros a morar nesse lugar, num tempo que só tinha mato e mais nada.”*

*Depoimento concedido em 06 de outubro de 2021.*

Em conversa sobre a localidade de Salto Veloso nos primeiros anos subsequentes a chegada dos colonos procedentes, na grande maioria do Rio Grande do Sul, Alcides Conte, entrevistado em 14 de junho de 2022, assim descreve o local:

*"Recordo que tinha uma ou outra casa, a população era bem escassa, poucas famílias moravam no povoado, o resto era tudo mato fechado. Os colonos compravam terras mais retiradas e pela falta de estradas ficava difícil chegar na vila, tinham que andar por carreiros que só davam passagem à cavalo. As estradas foram feitas mais tarde pelos colonos, eles se juntavam para fazer o serviço. Depois que montaram o moinho e melhoraram um pouco o comércio as coisas mudaram, daí vinham pessoas de longe.*

*Lembro como se fosse hoje, tanto dele quanto do rancho que ele vivia. Eu era pequeno e sempre acompanhava minha mãe quando ela ia levar o almoço pro meu pai, ele estava construindo uma casa maior para nós. No caminho a gente passava pelo carreiro que tinha no lado do rancho que morava o Antonio Veloso. Eu via ele sempre junto do casebre, as vezes estava pegando lenha numa pilha que tinha encostada na parede e levando pra dentro da casa, ou fazendo outra coisa ali por perto. Queria ficar mais tempo olhando, mas minha mãe puxava meu braço e eu tinha que seguir quase correndo. Hoje imagino que ela tinha medo pois não conhecia quem vivia ali.*

*O rancho que ele morava, ficava quase na esquina da Avenida Pio XII com a rua Antonio Veloso, na esquerda de quem sobe, era pequeno e bastante velho, dava pra ver que já estava preto pelo tempo. A porta que parecia feita de taquara, pendia pro lado de fora, ficava dependurada quase caindo. Perto do casebre tinha uns pés de couve plantado, mas era só isso. Se ele criava algum bicho devia ser atrás da casa, mas lá, por causa do mato, não se conseguia ver nada.*

*Na época que eu conheci o Antonio, penso que ele devia ter uns 50 anos, mas como era de cor bem morena podia ser que tivesse mais, já que pessoas morenas sempre mostram ter menos idade. Via ele sempre sério e fazendo alguma coisa perto da moradia, se conversava fazia isso com pessoas mais velhas. Era morador antigo, devia conhecer todos que moravam por perto. Nunca vi outras pessoas na casa, acho que morava sozinho.*

*Na minha imaginação de criança eu tinha muita vontade de chegar mais perto e entrar no rancho, pensava que se fizesse isso ia achar coisas diferentes lá dentro, coisas que não existiam em outro lugar. Parecia que tinha ali no lugar e no rancho um encantamento forte, mágico e bonito, uma coisa que só criança sente, sabe como é, mas não consegue explicar. Não sei por quanto tempo o Antonio Veloso ficou morando nesse lugar, nem para que localidade mudou depois que saiu dali. Eu cresci e continuei minha vida, mas nunca esqueci o quanto aquele homem e o casebre quase caindo mexiam como minha imaginação de guri.”*

Também conhecedora da história de Salto Veloso, Leticia Claudina Giacomini Rech, lembra com detalhes como era a localidade por ocasião da vinda de sua família que a exemplo de outras procurava também espaços

promissores e com mais oportunidades em diferentes setores, mas principalmente na agricultura, atividade na qual já trabalhavam no Rio Grande do Sul. Ao se referir sobre a localidade de Veloso como era então conhecida, Leticia descreve:

*"No tempo que nossa família chegou, eu lembro que tinha só três ou quatro ranchos onde hoje é a cidade, moravam só famílias de caboclos. Não tinha estradas só carreiros, um deles vinha sentido Rio dos Cochos (Bom Sucesso), outro seguia em direção a Herciliópolis, esses eram os mais velhos, os mais usados pelos moradores. Naqueles anos o lugar era pouco desmatado, tiveram trabalho para tirar o mato e fazer estradas. Depois, pouco a pouco foram montando o que mais precisava: moinho, serraria, casa de comércio, cantina e construindo a igreja que servia também de escola. Enfrentavam a vida com coragem, não ficavam com receio que as coisas dessem errado. Eles tinham sabedoria para montar desde uma usina elétrica até um moinho, fosse ele grande ou pequeno. Acreditavam em tudo o que faziam e trabalhavam com muito animo, pois sabiam que o trabalho trazia bons resultados.*

*Bem no começo quando chegamos aqui, lembro que o Antonio Veloso morava num ranchinho não muito longe do salto. Ele ficou amigo do meu pai e os dois falavam seguido, eu imagino que era sobre negócios. Essas conversas aconteciam quase sempre no lugar onde meu pai trabalhava. Quando se passava por perto do rancho dava pra ver que era muito pobre, mas assim eram também os outros caboclos, eles viviam com poucas coisas, eram gente bem simples que não faziam mal pra ninguém. Depois de algum tempo não vimos mais o Antonio Veloso, as pessoas falavam que ele tinha ficado doente e faleceu. Era uma época*

*difícil pra todos, não se tinha recurso para acabar com as doenças a não ser os remédios de ervas.*

*As famílias que mudaram do Rio Grande do Sul e também de outros lugares, bem como as que de longo tempo já estavam aqui em Salto Veloso, eram muito corajosas. Se hoje vivemos numa terra de paz e abundância, devemos agradecer aos que vieram antes de nós pelo trabalho e empenho, cada família que aqui morou contribuiu para deixar este lugar melhor para seus filhos e netos."*

### **Atestado de Óbito de Gercindo Leirias Veloso**

*"ATESTADO DE OBITO DE GERCINDO LEIRIAS VELOSO*

*Angelo Ferronato, Alcides Dallagnol, Augusto Legnani, Germano Grasiotin, oficial do Registro Civil*

*Nº 29. Aos vinte de março de um mil novecentos e quarenta e seis neste Distrito de Arroio Trinta, município de Videira, Comarca de Videira, Estado de Santa Catarina em meu cartório compareceu Angelo Giacomini e declarou que no dia quatorze do corrente mês e ano, as dezoito horas, como se verifica no Atestado firmado firmado pelos senhores Antonio Vivan e Angelo Giacomini que verificaram o óbito faleceu no lugar de sua residência neste Distrito, Gercindo de Leirias Veloso do sexo masculino com trinta e um anos de idade de cor preta natural de Palmas estado do Parana, domiciliado e residente em Salto do Veloso neste Distrito, casado com D... Veloso no cartório do Distrito de Herciliopolis, deste Estado, filho legítimo de Antonio Veloso e D. Maria Veloso e residentes e domiciliados em Consulta Distrito de Agua Doce neste Estado, o qual morreu sem*

*testamento e com bens a inventariar, segundo o Atestado faleceu sem assistência médica, causa da morte acidente e vai ser sepultado no cemitério particular do Veloso deste distrito. Do que para constar, lavrei este termo que depois de lido e achado conforme vai assinado por mim Oficial do Registro Civil que o escrevi e assino. Registro e Certidão Cr\$ 600. O presente Registro e Certidão paga Cr\$ 0,30, 5% TA.*

*Angelo Giacomini*

*Antonio Vivan*

*Germano Grasiotim Oficial de Registro Civil”*

Entrevistado em 19 de novembro de 2021, Júlio Schneider, que nasceu aos 29 de maio 1931, contava com 90 anos de idade por ocasião de seu depoimento e provando seu conhecimento, assim descreve a região que conheceu desde quando era criança:



Júlio Schneider e Marilene Vieira Schneider

*"Eu cheguei aqui com 7 dias de vida, cresci nessa região, isso aqui tudo era sertão, só gente que tinha coragem vinha pra cá. Herciliópolis, naquela época era conhecido como Sédia, o maior número de morador era caboclo, mas tinha também famílias de negros.*

*Quando era um rapazote atravessava pelo Veloso ajudando conduzir tropa, tinha só umas três casas que ficavam na beira do carreirão, era o único lugar de passagem, não existia outro caminho, mas afastado tinha um taquaral fechado e moitas de espinhos, o*

*resto era mato com as árvores juntando as copas. Foi nesse tempo quando trabalhei de tropeiro que conheci o Antonio Veloso, ele morava num rancho quase encostado na picada que se passava com gado e porco.*

*Algumas vezes a gente parava e pedia se ele conseguia alguma comida pra nós. O Antonio não falava nada, ia antes conversar com a mulher, depois voltava e dizia que era pra esperar. Ele era pessoa simples, bem-vista e pelo que se sabia bastante conhecido. Com o tempo, deixei de trabalhar com tropa, fui lidar com outro serviço, e nunca mais vi o Antonio, nem se continuou morando no mesmo lugar.”*



Adelina Alves de Chaves Rodrigues

*“Bem antigamente meus pais Ramiro Alves de Chaves e Delfina Machado da Silva moravam em Joaçaba num lugar chamado Linha Caragoatá, foi lá que eu nasci no dia 18 de novembro de 1930, naquele tempo eles já trabalhavam na roça. Certa feita alguém contou que aqui nesses lados tinha terra pra vender, ficaram interessados e vieram ver de perto, se agradaram dos terrenos e logo fizeram a mudança, trouxeram as coisas que tinham no lombo de cavalo dentro de cestos de taquara.*

*Quando chegaram, o lugar tinha outro nome, depois mais tarde começaram a chamar Linha Baixo Santo Antonio, por causa do santo padroeiro. No começo tiveram que limpar o terreno, cortar o mato devagarinho, isso pra fazer as roças. Cada ano faziam um pedacinho de lavoura e assim foram*

*aumentando a plantação. Custoso mesmo ficava na hora de vender a produção, era tudo levado com cargueiro, já que não tinha nem estradas pra carroça.*

*Os moradores todos da redondeza se conheciam, se ajudavam. As pessoas prezavam manter amizade, gostavam de prostrar umas com as outras, contar das crianças, aprender outra novena, falar da plantação. O povo costumava ir longe pra assistir a reza da missa, numa festa de igreja, num puxerão, num baile, assim a gente se reunia e ficava sabendo das coisas, por isso que escutei muitas vezes falar desse tal de Antonio Veloso. Conversar com ele não conversei, ver ele também nunca vi, mas escutava as pessoas quando prostavam o nome dele, falavam que morava meio longe daqui.”*

O atestado de óbito de Gercindo, registrado em 20 de março de 1946 no Cartório do Distrito de Arroio Trinta, consta o seguinte ao se referir aos pais:

*"Gercindo de Lérias Veloso do sexo masculino com 31 anos de idade de cor preta natural de Palmas Estado do Paraná, domiciliado e residente em Salto Veloso, deste Distrito, casado com D ...Veloso no Cartório de Herciliópolis, deste Estado, filho legítimo de Antonio Veloso e D Maria Veloso, residentes e domiciliados em Consulta Distrito de Água Doce, neste Estado.”*

Confirma-se através deste documento que Antonio residia na localidade de Linha Consulta em 1946. Nascido em 1894, Antonio tinha 52 anos de idade em 1946, quando do falecimento de seu filho Gercindo. Não existem registros sobre sua presença em outras localidades, nem registro de óbito nos cartórios alvo de pesquisa.



## CAPÍTULO XIV

### COMUNIDADES RURAIS PROCESSO DE POVOAMENTO NO INTERIOR

#### LINHA DE BASTIANI

O nome da comunidade rende homenagem ao primeiro desbravador Pedro De Bastiani que ali se fixou em fins de 1924, início de 1925. O segundo morador foi Izidoro De Bortoli, a esposa Erminia Izotan e os onze (11) filhos, sendo: Afonso, Aurora, Albertina, Biazio, Veronica, Pedro, Natal, Catarina, Antonio, Suzana e Maria.



Família de Izidoro e Erminia De Bortoli, uma das primeiras a se estabelecer em Linha De Bastiani.

As primeiras casas da Linha De Bastiani e das demais comunidades que posteriormente foram surgindo, eram construídas com tábuas lascadas, farquejadas manualmente, possuíam sótão para guardar alimentos como arroz, trigo, milho, etc., servindo também para dormitório. No porão ficavam as ferramentas e outros apetrechos utilizados no dia-a-dia e também os equipamentos para a fabricação e armazenagem do vinho. Grande parte dos colonizadores cultivavam um parreiral na propriedade. A cozinha era construída separada do corpo da casa, para que em caso de incêndio não se perdesse toda uma estrutura executada com muito sacrifício.



Casamento de Luiz Gaio e Aurora De Bortoli, em 1941.

Inicialmente o comércio era baseado na troca dos produtos agrícolas por outros que não possuíam, entre os quais: sal, açúcar, café, querosene, tecidos, munição etc. As compras eram feitas principalmente em Perdizes (Videira), onde se chegava através de trilhas primitivas que cruzavam no

local denominado "Vassourão", saindo em Rio dos Cochos (Bom Sucesso), deste ponto subindo em direção a Vitória e atravessando de balsa o Rio do Peixe, chegava-se a Vila de Perdizes. A viagem se constituía numa verdadeira aventura e conforme depoimento de pessoas mais idosas da comunidade demorava dois dias entre ida e volta, era imprudente se aventurar com cavalo ou carroça na picada mal aberta depois que a noite caísse. Quando chovia se tornava impossível percorrer o trajeto.

A religiosidade esteve presente desde o início na vida dos moradores que tinham o costume de rezar o "terço" todas as noites. Aos domingos as famílias se reuniam também para a reza do "terço", sendo este um momento de encontro dos colonos que durante os demais dias da semana trabalhavam arduamente na lavoura. Este hábito era comum em todas as comunidades. A presença de um sacerdote na localidade foi solicitada pelos moradores junto aos padres de Bom Retiro (Luzerna), que atendiam toda a região.



Encontros dominicais dos pioneiros eram comuns no início da colonização.

Inicialmente as visitas sacerdotais aconteciam uma vez por ano e se constituíam num verdadeiro acontecimento social. As missas eram celebradas na residência de Izidoro De Bortoli, com a presença de todos os moradores. Por ocasião da visita do sacerdote, um dos moradores vinha ao seu encontro no Rio dos Cochos (Bom Sucesso), levando um animal para o transporte do padre, sendo esta mesma pessoa acompanhava o religioso na volta.

Um dos trabalhos mais difíceis enfrentados pelos desbravadores, era sem dúvida a formação das primeiras lavouras. O mato era sendo derrubado aos poucos, tendo como únicas ferramentas serrotes, machados e foices, em seguida cortavam-se as árvores todas de grande porte, sendo a madeira em boa parte aproveitada. Uma vez no chão, as grandes árvores eram divididas em toras e estaleiradas de maneira a facilitar sua retirada do lugar, em seguida eram puxadas por juntas de bois ou mesmo "ternos de mulas" até um local em que eram serradas manualmente ou para pequenas e rústicas serrarias que começavam a ser montadas para o aproveitamento da quantidade de madeira em oferta. O restante do mato que restava depois da retirada das árvores de maior porte era deixado para secar e depois em seguida queimado, se iniciando para proceder então o plantio. As pedras que existiam em grande quantidade nos terrenos eram aproveitadas e amontoadas e serviam entre outros para a construção de "taipas", levantadas nas divisas da propriedade e também para fazer encerras, locais em que eram fechados porcos, novilhos e potros para evitar a fuga desses animais, pedras colocadas umas sobre as outras, formando "cercas".

Nos primeiros tempos as pessoas que adoeciam eram tratadas unicamente com remédios caseiros, garrafadas, simpatias e benzimentos, quando os casos apresentavam maior gravidade e as ervas não surtiam efeito, os doentes eram internados num pequeno hospital que existia em Perdizes (Hospital Cruz Vermelha) ou Cruzeiro (Joaçaba). O transporte dos enfermos era feito geralmente com carroça.

A construção da primeira escola na comunidade aconteceu por volta de 1969, e no dia 3 de março de 1970, a professora Elza De Bortoli abria as portas da escola para a primeira turma de alunos.

## LINHA CONTE



Noé Lazzari e Emília De Bortoli Lazzari com os filhos Maria e Marcelino. Linha Conte, 1943.

A origem do atual nome da comunidade (anteriormente chamada Linha da Barra), prende-se ao fato de grande parte dos moradores ali estabelecidos terem o sobrenome Conte.

Abrindo picadas no meio da mata para passar com seus poucos pertences, chegaram ao local em fins de 1929, e durante o ano de 1930, as famílias de Cezário Lazzari, João Lázari, Noé Lázari, Guido



Casa de Pedro e Libera Conte - Comunidade de Linha Conte.

Fávero e José Fávero, todos radicados anteriormente nas colônias de Flores da Cunha e Farroupilha.

O exemplo das famílias pioneiras foi seguido logo depois por Pedro e Libera

Conte, vindos de Mato Perso, então pequena comunidade rural de Flores da Cunha. No ano de 1938 chegaram Angelo e Genoveva Conte com dois filhos. Nos primeiros meses o casal residiu na escolinha onde estudavam as crianças das famílias residentes nas imediações.



Direita para a esquerda: Biagio, Pedro, Afonso e Faustino De Bortoli (na árvore).

Uma vez morando em sua nova terra o agricultor procurava atrair para a região seus parentes, bem como os amigos mais chegados. Foi essa propaganda e também uma grande vontade de progredir num lugar que estava começando, os motivos que atraíram para a florescente localidade as famílias de Adelino e Irene Verona, Guerino Lázzari, Giácomo Vigolo, Angelo e Tereza Gaio, José e Maria Vigolo, Pedro e Josefina Conte, João e Aurora Meglioraro, entre outras. A grande maioria vinha das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul onde as terras já esgotadas não ofereciam condições de sobrevivência para essas famílias que tinham na agricultura seu único meio de subsistência.

A falta de estrada foi uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos pioneiros. O transporte tanto de pessoas quanto de produtos era feito no lombo de animais e as viagens para as vilas maiores, onde trocavam produtos agrícolas por outros que não possuíam, eram sempre demoradas e perigosas.



Todo o transporte era realizado no lombo de animais

A primeira escola da localidade foi edificada em 1935/36, unicamente com recursos dos moradores que se empenharam para que seus filhos tivessem acesso á escola e através dela ao aprendizado. Na construção da mesma trabalharam Vitório Zanella e João Conte, entre outros. Diante das prioridades da comunidade, os agricultores deixavam o trabalho na propriedade para construir um bem comum que seria de grande importância na vida de seus filhos e netos. Uma vez erguida e pobremente

mobiliada, a escola reuniu os alunos que estudavam sob a firme direção e orientação do professor João Meneguzzi.



Nossa Senhora Assunta ao Céu foi entronizada Padroeira de Linha Conte, anteriormente denominada Linha Barra do Veloso. Na foto, a primeira Capela da Comunidade erguida pelos pioneiros.

## **LINHA CONGONHAS**

Sobre a origem do nome da comunidade que, inicialmente, se chamava Alto Veloso, os moradores entrevistados apontam duas versões: a primeira estaria ligada a inauguração do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Como existia na localidade um campinho de futebol, situado na propriedade de Fidélis Barichello, os rapazes que ali, costumeiramente, disputavam partidas, faziam algumas brincadeiras em relação ao local onde as mesmas aconteciam, e referindo-se ao mesmo chamavam-no de “Campo do Congonha”, em alusão ao aeroporto paulista, sobre o qual os noticiários



radiofônicos davam na ocasião grande destaque. Geralmente, quando os atletas da casa perdiam o jogo, os vencedores por sua vez faziam chacotas, dizendo em frase rimada: "*Campo do Congonha, perde e não tem vergonha*". Assim o apelido dado ao campo passou, com o tempo, designar toda a comunidade.



Famílias Schuantz, Morais e Ribeiro.  
Linha Congonhas, 1948. Foto: Wenceslau Suldovski

Na segunda versão os entrevistados fazem referência a um rapaz, que procedente do estado de São Paulo, ocupava na firma Cantú o posto de Guarda-Livros (Contador). No ano de 1949, durante uma domingueira (festa popular promovida por uma família, muito comum no interior), esse jovem teria, na ocasião, tecido alguns comentários sobre um lugar no interior de São Paulo chamado "Congonhas". Tendo gostado muito do lugar e também da maneira amável que fora recebido na domingueira, passou a

se referir ao local, nominando-o de "Congonha", pois dizia que ali a natureza tinha muito em comum com a região de Congonhas, sua terra natal.

O primeiro colono a se estabelecer e desbravar esta localidade foi, segundo depoimentos, João Gregório, que ao chegar, no ano de 1934, encontrou no local as famílias de João Cruz, José Ricardo da Silva, Batista Barulho, entre outras. Eram caboclos que exploravam a erva-mate e faziam pequenas roças de milho, feijão e mandioca, desconhecendo o cultivo do arroz e do trigo. As lavouras eram feitas em pequenas clareiras, mantendo intacta o restante da exuberante floresta nativa. Nas imediações viviam também índios que eram arredios aos brancos, estes não tinham habitações permanentes, mantendo diversas choças espalhadas pelas matas circunvizinhas.

Os lotes coloniais vendidos a preços acessíveis atraíram para o local a família de Jorge Suldovski, que aos 12 anos deixou, por vários motivos, a Checoslováquia, terra de seus antepassados. Os Suldovski, segundo Ladislau, um dos filhos de Jorge, chegaram em Linha Congonhas no ano de 1936. A viagem que realizaram da localidade de "Leãozinho", proximidades de Bom Retiro (Luzerna) foi feita através de trilhas no lombo de animais com a mudança sendo transportada em cargueiros. Na oportunidade trouxeram também gado leiteiro, uma novidade para a época, quando pouquíssimos agricultores trabalhavam com bovinos.

Nas cozinhas das casas dos primeiros colonos pioneiros, era improvisado o "fogolaro", uma espécie de quadrado de madeira cheio de terra, ou rodeada de pedras, no meio do qual se acendia o fogo para cozinhar os alimentos. Sobre o fogolaro, numa das vigas, dependuravam

uma corrente de ferro com ganchos para pendurar panelas e caçarolas. Os baldes eram feitos de madeira, e os pratos, de lata envernizada. Não existiam copos de vidro.



Família de Celino Trento.

Quando os colonizadores ou mesmo outros antigos moradores adoeciam e o caso se complicava, o doente era então levado até o curandeiro Valeriano Arco, um espanhol, que segundo diziam, sabia benzer como ninguém. Valeriano receitava chás e poções que ele mesmo elaborava, cujas fórmulas jamais ensinou para ninguém. Caso o tratamento indicado por Valeriano não conseguia curar o doente e caso precisasse de um tratamento mais especial era providenciada a ida até um dos hospitais mais próximos, no caso Perdizes (Videira), Cruzeiro (Joaçaba) ou mesmo Marcelino Ramos, cidade que diziam ter mais recursos para tratar a saúde.

Causava estranheza aos colonos o fato de os índios não terem o hábito como os caboclos de fazer lavouras, ou roçados como diziam então para produzir seu alimento, mas ao contrário, se alimentavam somente daquilo que a natureza produzia, ou seja: caça, pesca, mel e frutos da floresta. Achavam estranho também o costume dos caboclos que seguidamente mudavam de rancho, não esperando muitas vezes nem a colheita do roçado que haviam feito. Nos depoimentos prestados por antigos moradores, estes mencionaram a boa convivência que tiveram com as famílias de caboclos, tidos como pessoas sérias e prestativas. Em muitas ocasiões os caboclos eram contratados para os mais variados serviços na propriedade, mas principalmente na capina e na colheita das roças.

Entre as maiores dificuldades enfrentadas pelas famílias dos primeiros colonos estão sem sombra de dúvida a falta de estradas, o trabalho sacrificante para derrubar a mata nativa e assim fazer as primeiras lavouras, a total ausência de moinhos, das casas de comércio nas proximidades e a falta de compradores para os produtos agrícolas, que em muitos casos eram jogados fora para dar espaço a próxima colheita. Quando isso ocorria as famílias enfrentavam dificuldades para adquirir produtos que não tinham origem na propriedade, sendo necessário improvisar em muitas situações.

Construída no ano de 1938 a primeira escola da comunidade se chamava “Escola Colônias Linha Congonhas”, passando algum tempo depois denominar-se Escola Nereu Ramos. A obra foi possível graças à participação dos moradores que se uniram para que seus filhos tivessem acesso ao ensino, oportunidade que muitos pioneiros não tiveram.

## **LINHA MENDES**

Uma parte das terras desta localidade pertenciam, no passado, a Raymundo Mendes de Almeida, que requereu a legitimação das mesmas na Comarca de Palmas em data de 02 de setembro de 1891, sendo tal solicitação aprovada no dia 02 de junho de 1893. O nome da comunidade está, portanto, relacionado ao primeiro proprietário que ainda no século XIX, requereu legitimação da gleba, que possuía no total uma área de 223.111.800 m<sup>2</sup>.

Procedente da região de Urussanga, Santa Catarina, chegou em 1936 no lugar posteriormente denominado Linha Mendes, Lídio Sônego, sua mulher Degmérita e os filhos. No local por ocasião de sua chegada já moravam algumas famílias caboclas que tinham seus ranchos de pau-a-pique construídos no meio da mata. Não tinham hábito de fazer pequenas roças como os demais sertanejos estabelecidos nas imediações. Se alimentavam, basicamente, da caça, da pesca e frutos, abundantes na floresta.

Devotas do monge José Maria pelo contato que haviam tido com esta figura mística, durante as ocasiões que o mesmo cruzara o local dirigindo-se aos Campos de Palmas, essas famílias tinham sua própria religião fundamentada em credices e superstições, comuns em pessoas que viviam no mais completo abandono. Segundo relatos de pioneiros de Linha Mendes esses primeiros moradores eram pessoas de boa índole, mas um tanto arredias. Viam os elementos de cor branca, principalmente de origem europeia como adversários que chegavam para tirar-lhes a terra que achavam ser sua, uma vez que nela habitavam de longa data.

Uma verdadeira aventura, assim pode ser considerada a viagem da família de Lídio Sônego, desde Urussanga até o local onde havia adquirido uma propriedade. Foram 29 dias de viagem através de antigas picadas mal abertas no meio da mata, atravessando regiões íngremes e rios caudalosos. O único meio de transporte era o cavalo, que vagorosamente vencida os caminhos do sertão. A “mudança” constituída de poucos pertences, bem como os alimentos que traziam para enfrentar os primeiros tempos antes da colheita que demoraria alguns meses, foram transportados em 15 cargueiros, ali estava tudo o que possuíam. No início, como não existia outro local, se abrigaram num velho rancho que lhes foi cedido por um caboclo que morava nas imediações, ali permaneceram até construir sua própria casa.



Leoni e Carola Mafioletti e filhos - Linha Mendes.

No início de 1938 chega ao lugar, a família de Olivio Mafioletti. Nesse mesmo ano ali se estabelece Leoni Mafioletti, e pouco tempo depois vem o casal José e Maria Civiero, todos procedentes dos arredores de Urussanga. Procuravam nesta região terras que fossem favoráveis à agricultura e que estivessem dentro de seu alcance financeiro.



Família de Jose e Maria Civiero - Linha Mendes.

Vencendo o trajeto Urussanga/Perdizes (Videira), através do trem, José e Maria Civiero, mais os seus quatro filhos, fizeram o restante do percurso no lombo de animais, demorando um bom tempo para chegar ao local onde iriam se estabelecer. Na mudança, constituída por poucos objetos, o casal trazia, cuidadosamente guardada entre os pertences a imagem de São Donato, que por opinião geral dos moradores foi entronizado como padroeiro da comunidade.

A falta de uma capela não impedia as primeiras famílias de manifestar sua fé. Estas se reuniam dominicalmente na residência de José

e Maria Civiero, e diante da imagem de São Donato rezavam o terço, ou faziam novenas em honra ao santo. Este costume perdurou até a construção da primeira capela inaugurada no dia 23 de julho de 1953. A obra foi possível graças a união dos moradores que não mediram esforços para realizar esta conquista, que resultou da soma de esforços de toda a comunidade.



O processo de preparação do terreno para o plantio incluía a retirada das árvores maiores, divididas, e então eram arrastadas por juntas de bois.

Seguindo exemplo das demais localidades do interior, as primeiras casas construídas em Linha Mendes foram erguidas com madeira farquejada e cobertas com tabuinhas. Costumeiramente faziam duas casas, uma que era maior, abrigava os quartos e uma ampla sala de estar, outra, distando 5 ou 7 metros que servia de cozinha, refeitório e lavador de louças. Era uma precaução contra possíveis incêndios numa época que não existiam fogões, mas simples “fogolaros” para cozinhar os alimentos, dentre estes a polenta, prato que não podia faltar na mesa da maioria das famílias.



Nas paredes da cozinha e também da sala colocavam muitos pregos para pendurar chapéus e roupas, ali costumeiramente colocavam a espingarda. Para enfeitar as paredes, panos bordados com figuras



Primeira casa de José e Maria Civiero, construída em Linha Mendes

de santos, ou mesmo ramos de flores coloridas, neles escreviam-se geralmente frases religiosas. As casas, na grande maioria, eram construídas com sótão e porão, enquanto o primeiro servia de dormitório ou mesmo depósito de objetos e estocar cereais, o porão era lugar ideal para as pipas de vinho e alimentos entre eles queijos e salames onde a temperatura amena os conservava por mais tempo.



Mário Massuco, esposa e filhos - Linha Mendes.

A vinda de diversas famílias para o local, o que aconteceu num curto espaço de tempo teve, como consequência a presença de um grande número de crianças e adolescentes em idade escolar. Isto levou os moradores providenciar com certa urgência a construção de uma escola na

localidade. Diante da demora dos órgãos oficiais em solucionar o problema os moradores ergueram por conta própria um prédio escolar, que foi construído no ano de 1947, recebendo a primeira turma em 1948. Denominava-se Escola Vidal Ramos, e pertencia na época a Arroio Trinta, então distrito de Videira.



Primeira Capela de Linha Mendes, construída em 1943.

Entre as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros segundo declarações prestadas para a elaboração do presente trabalho, destacam-se a falta de estradas que permitissem o acesso às vilas onde comerciavam seus produtos, a falta de médicos, profissionais encontrados somente em cidades de maior porte, o trabalho difícil enfrentado para fazer as primeiras roças, numa época em que a mata nativa era vencida unicamente com machados e serrotes, e também a escassez de alimentos antes da primeira colheita. Foi um período muito difícil, superado aos poucos pelo trabalho e persistência de uma gente que não se intimidava ante os desafios próprios de uma terra onde tudo estava para ser feito.

## LINHA SÃO VICENTE

O nome da comunidade que no passado se chamava Barra Bonita, é uma homenagem ao santo padroeiro, São Vicente, cuja data se comemora no dia 20 de fevereiro, está ainda relacionado ao rio do mesmo nome que passa na localidade.



Prefeito Abel Abati (ao centro), discursando na inauguração da casa de Riquelmo Pasin em Linha São Vicente - 1958/59.

Parte das terras situadas na área que posteriormente seria denominada São Vicente, foram adquiridas no início dos anos 30 por Alberto Schimit, que procedeu então ao trabalho de demarcação e divisão dos lotes coloniais. Com o falecimento do empreendedor, a propriedade, passou por direito à esposa Alice Schneider Schimit, que tendo outros interesses na região adquiriu em seguida novas áreas localizadas nas imediações.

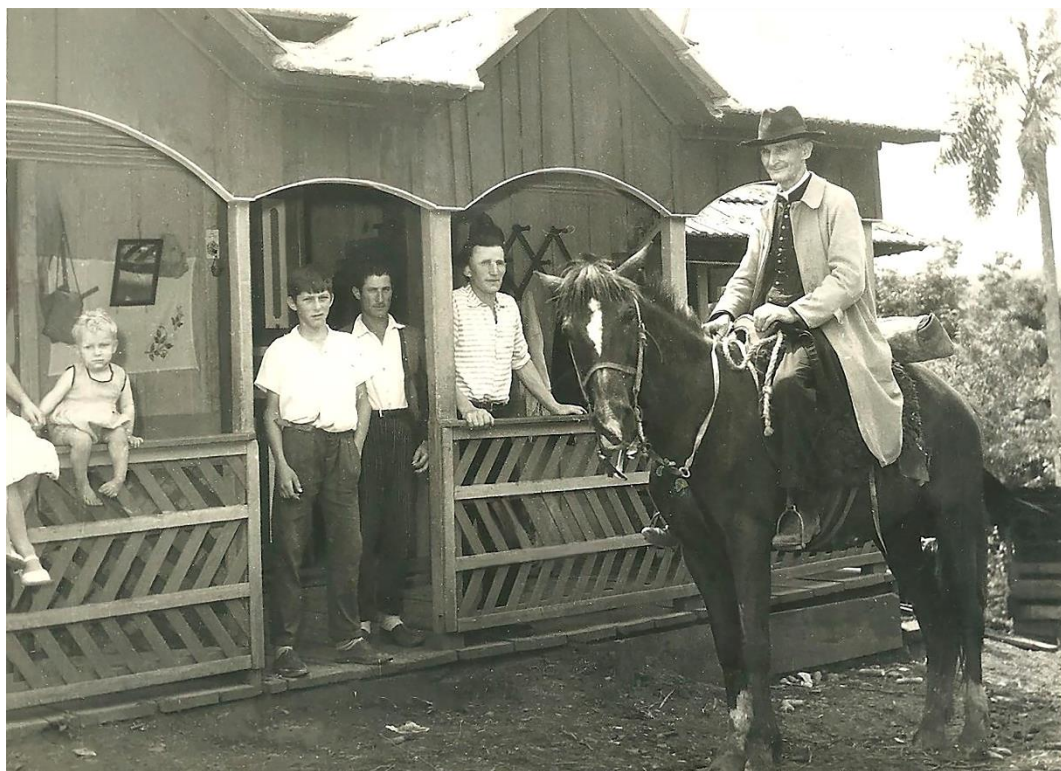
Outra parte das terras que também alcançam a referida comunidade, mais precisamente a gleba treze (13), foram adquiridas dos proprietários da Fazenda São Bento pela firma Kroeff, Selbach & Cia. vendidas algum tempo depois com a participação, inclusive, do governo brasileiro através do Instituto Nacional de Imigração e Colonização - (INIC), a Andreas Thaler, ex-Ministro da Agricultura da Áustria, o qual, juntamente com alguns de seus compatriotas haviam decidido deixar aquele país, fugindo assim dos crônicos e seculares problemas da posse da terra, agravados ainda pela intensa crise econômica dos anos de 1929 e 1930, que atingiam em cheio os pequenos camponeses e artesãos do Tirol austríaco.



A esquerda vemos o caboclo Pradelino Rodrigues com o chapéu na mão para cumprimentar o Pe.João Reitmeir

Para proteger os patrícios que imigravam, o ex-ministro organizou então a "Sociedade Austríaca de Colonização no Exterior". Em seguida, Andreas Thaler percorreu inúmeras regiões da América do Sul, preferindo fixar-se no Brasil Meridional, onde adquiriu uma área da Companhia

Colonizadora Kroeff, Selbach & Cia, situada dentro do território da ex-fazenda São Bento, onde instalou no dia 13 de outubro de 1933 o primeiro grupo de imigrantes tirolezes. Este núcleo se transformou com o passar do tempo no município de Treze Tílias.



Chegada do Pe. João Reitmeir na casa de Riquelmo Pasin em Linha São Vicente, sendo recepcionado pela família.

O sacerdote pernoitava na residência, e no dia seguinte rezava missa pela manhã, almoçava com a família e depois retornava para Treze Tílias. A visita do padre acontecia a cada dois meses e era aguardada por todos os moradores. Foto: Jair Pasin

Com a anexação da Áustria à Alemanha, acontece a fusão da "Sociedade Austríaca de Colonização no Exterior" à "Sociedade Alemã de Colonização no Estrangeiro", esta com sede em Berlim, e diante do estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, a partir de 1942, tem início um processo de reparação de guerra. Face a este fato, diante do parecer e proposta da Comissão de Reparação de Guerra, o Governo Brasileiro, através do Decreto no 24.811, do dia 13 de abril de 1948, incluiu a referida

colônia no regime de administração do Governo Federal, dando-lhe também no mesmo documento o nome de "Papuan", ou melhor, "Núcleo Colonial Papuan". O primeiro Decreto foi revogado, entrando em vigor posteriormente o de nº 42.282, de 19 de setembro de 1957, cessando assim a administração do Governo Federal sobre a mencionada área.

No ano de 1959, o Governo Federal, na pessoa do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, comprou o "Núcleo Papuan", negócio este realizado diretamente com o Governo Austríaco. Uma vez concluídos os trâmites legais, foram iniciados os trabalhos de legalização das terras ali situadas, incluindo tanto os proprietários, cujos terrenos se encontravam escriturados, quanto os posseiros que não possuíam qualquer documento que lhes assegurasse a posse da terra onde residiam.



Ao centro o agrimensor Aldroaldo Martins (com as mãos cruzadas), á esquerda Riquelmo Pasin, e a direita José Piai. A foto marca o jantar de comemoração de encerramento dos trabalhos de medição das terras de linha São Vicente e região. Aparecem também no retrato os integrantes do grupo de apoio do agrimensor e convidados para a ocasião. A equipe, formada por 10 pessoas ficou hospedada nas residências de Riquelmo e Feliciano Comunello Pasin. Foto de julho de 1961. Acervo Jair Pasin.

Neste programa de legalização, o Governo Federal facilitou a forma de pagamento dos terrenos em prestações semestrais, feitas junto ao Banco do Brasil. Uma vez liquidada a dívida, o morador recebia a escritura definitiva da área que por direito passava lhe pertencer. O trabalho efetuado pelo Governo neste sentido, beneficiou um considerável número de pessoas e parte delas ainda continua vivendo nas terras onde trabalha e tira o sustento de sua família.



O plantio de trigo era comum em todas as propriedades. Na foto, a maneira de transportar o cereal das roças até os paióis.

O trigo foi durante muitos anos, uma das principais atividades agrícolas do município.



Através de uma das escrituras redigidas dentro deste programa, temos uma ideia da seriedade com que este projeto era conduzido, pela equipe incumbida de levá-lo a efeito:

*"Escritura pública de promessa de venda de lote rural número 21, da Gleba 13, do Núcleo Colonial Papuan, situado no Distrito e Município de Salto Veloso, Estado de Santa Catarina, que faz, o Instituto Nacional de Imigração e Colonização, na forma abaixo...*

*"Saibam todos quantos esta pública escritura de promessa de venda virem, que aos vinte e sete dias do mês de março do ano de mil novecentos e sessenta e um, nesta Vila de Treze Tílias, Município e Comarca de Joaçaba, Estado de Santa Catarina, em meu Cartório, perante mim Tabelião, compareceram: de um lado, como outorgante promitente vendedor o INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, Autarquia Federal, com sede no Distrito Federal, representada por seu Presidente Doutor Ivan Luz, e este por Félix Von Schwerdtner, Liquidante do Núcleo Colonial Papuan, ao qual foram delegados poderes para a assinatura da presente, conforme Portaria número 889, que se arquivava neste Cartório; e de outro lado, como outorgado comprador, Riquelmo F. Pasin, brasileiro, casado, lavrador, residente no Núcleo Colonial Papuan e presentes as testemunhas Werner Altenburger e Divino Ancillero, maiores e meus conhecidos. E, na presença das mesmas testemunhas aludidas, pelo outorgante promitente vendedor, por seu aludido representante, me foi dito: 1) - Que é dono, senhor, único e legítimo possuidor do Núcleo Colonial Papuan, situado nos municípios de Joaçaba e Videira, no Estado de Santa Catarina; II) - Que as terras que compõem o referido Núcleo foram pelo outorgante adquiridas da Sociedade Oesterreichisch Auslandssiedlungs-Gessellschaft m.b.h., pela escritura de 25 de março do ano de 1959, lavrada em Notas do 10o Ofício do Rio de Janeiro, no Livro 1.295, a fls 38, escritura essa devidamente transcrita no Registro de Imóveis da Comarca de Caçador, no*



*Livro 3 - A, a fls 23, sob o no 1.612 e protocolada no mesmo Ofício sob o no 11.776; III) - que, dentre as terras que compõem o Núcleo Colonial Papuan, compreende-se o lote rural 21, da Gleba 13; IV) - que no lote supra descrito já se havia localizado o outorgado, colonizando-o, embora sem autorização expressa do outorgante, ou seus antecessores, que, entretanto reconhece a ocupação mediante pagamento do preço da avaliação efetuada em 05 de dezembro de 1959 e constante da cláusula seguinte; V) - que o preço certo e combinado pelo qual o outorgante, por esta escritura, promete vender o referido lote ao outorgado é de Cr\$ 260.522,50 (duzentos e sessenta mil, quinhentos e vinte e dois cruzeiros e cinqüenta centavos) por conta do qual recebe do mesmo neste ato, como sinal - e principio de pagamento a quantia de Cr\$ 32.565,30 (trinta e dois mil, quinhentos e sessenta e cinco cruzeiros e trinta centavos). O saldo restante será pago em 7 (sete) prestações iguais e semestrais de (Cr\$ 32.565,30), acrescidas dos juros de 6 (seis) por cento ao ano, sobre o saldo devedor, com vencimentos em 17/12/61, 17/6/62, 17/12/62, 17/6/63, 17/12/63, 17/6/64 e 17/12/64, na Agência do Banco do Brasil, na cidade de Joaçaba, neste Estado; VI)- que a escritura definitiva da venda será conferida após pago o saldo do preço a que se refere a cláusula V (cinco) supra e satisfeitas as formalidades legais.*

*Treze Tílias, 27 de março de 1962.”*



Agrimensor Aldroaldo Martins de Curitiba, enviado pelo governo do Paraná para medir as terras devolutas da região. A partir da medição, cada caboclo e colono recebia seu quinhão com 10 anos para pagar. Com o término da quitação o comprador recebia a escritura expedida pelo governo do Paraná. Na foto o agrimensor ao lado da filha e esposa.

Na área que futuramente viria formar a comunidade de São Vicente, bem como nas imediações, viviam por ocasião da compra dos terrenos pelas Companhias Colonizadoras Alberto Schimit e Kroeff, Selbach & Cia., dezenas de famílias caboclas, estas, na eminência de serem despejadas dos terrenos em que moravam de longa data, uniram-se com o intuito de pedir preferência de compra. Numa primeira tentativa não foram ouvidos, nem sequer recebidos, tal tratamento perdurou por muitos meses. Cansados diante de tantas recusas, decidiram enviar um representante ao Rio de Janeiro para negociar diretamente com o Governo Federal.



Primeira usina elétrica trifásica da comunidade de São Vicente inaugurada em 1965 por Riquelmo Pasin.  
Na foto (da direita para esquerda), Riquelmo, padre João Reitmaier e seu motorista.

Escolheram para representá-los na então Capital da República o senhor Ramiro Alfere, que obteve a resposta que o tal pedido seria analisado, como de fato aconteceu, inclusive com algumas famílias recebendo títulos de posse. Este fato não foi aceito pelas Companhias Colonizadoras que iniciaram o despejo, feito de forma radical e violenta, simplesmente expulsando as famílias, que tinham ainda os ranchos e a produção armazenada em paióis improvisados, destruídos pelo fogo. Nesta ação de vilania e crueldade não foram respeitados nem mesmo os que possuíam título de posse anteriormente expedidos, dando origem a um volumoso processo.

Nesta questão atuaram na defesa das famílias atingidas profissionais da justiça que não concordando com a violência praticada pelo grupo de

homens armados, devidamente pagos pelas Companhias, formaram uma equipe de peritos, sendo a mesma integrada por: Francisco Mendes, João Inocêncio, João Maria Corrêa, Leovindo Ciqueira e André Ambrosini. Estes, concluídos os trabalhos de levantamento dos prejuízos sofridos pelas famílias, incluindo também no relatório o tempo em que residiam no local, e ainda, a existência de título de posse, deram parecer favorável aos caboclos. Tais documentos foram anexados ao processo onde os atingidos reivindicavam apenas indenização das perdas sofridas durante a operação despejo.

Entre as primeiras famílias que se estabeleceram em Linha São Vicente, estão: Valêncio Alves dos Santos, Jesuíno Silva, João Pereira, Felisberto Cardoso dos Santos, Belizário Rodrigues de Oliveira, Ramolino Rodrigues, Jango Rodrigues, João Camargo, além de outras. A grande maioria era procedente da região de Palmas, vivia da exploração da erva mate, cultivo de pequenas rocas e principalmente do trabalho como tropeiros, transportando no lombo de mulas os mais variados produtos para as mais diferentes regiões.



Primeira patrula que entrou na linha São Vicente. Patroleiro Balduino Dalvesco.



Desfile de 7 de setembro na comunidade de São Vicente, organizada pelo professor Riquelmo Pasin, 1961. Acervo: Josias

A primeira escola da comunidade foi construída no ano de 1950, no mesmo espaço, onde reuniam-se os moradores, principalmente aos domingos, para rezar o terço, recebendo, esporadicamente também, a visita de um sacerdote para celebrar a Santa Missa. O primeiro professor a lecionar na comunidade de São Vicente foi Elizeu Zardo, com a incumbência de alfabetizar 90 crianças em idade escolar que nunca haviam tido antes contato com a escola.

Em caso de doença, o tratamento era feito com ervas, simpatias ou rezas especiais. Existiam na região dois remedieiros muito procurados: Aristides Cardoso e um preto velho conhecido apenas por "Seu Maurílio".



Festa para comemorar a nova cobertura com telhas de barro na primeira igreja construída na Linha São Vicente, 1966. Era costume dos moradores colocar os revólveres embaixo da igreja e pegar na saída da reza.

As primeiras habitações dos moradores da comunidade eram simples ranchos construídos de pau-a-pique, cobertos com capim ou tabuinhas. A grande maioria das casas não possuía assoalho. Na década de 40, com a chegada das primeiras famílias de imigrantes italianos e seus descendentes, oriundos em grande parte do Rio Grande do Sul, o estilo das casas sofreu transformações, sendo as mesmas construídas, então, com três pisos, incluindo sótão e porão. A exemplo das demais localidades circunvizinhas, aqui também construía-se a cozinha separada do restante da casa para evitar que em caso de incêndio toda a construção fosse atingida.



Um dos primeiros caminhões de Salto Veloso, usado no transporte da madeira do local de origem até a serraria.

## **LINHA CONSULTA**

Em 12 de agosto de 1921, Alberto Schimit adquiriu de Waldemar Leonardo Matte e sua esposa, extensa área de terras situadas na ex-Fazenda São Bento. Algum tempo depois, o mesmo investidor, comprou de Miguel Matte e esposa, através de seu procurador Podalírio Alves, outro terreno, sendo este de menor proporção e situado também dentro do referido imóvel.



Família de Eugênio Abitante e Brigida Lorenzetti Abitante.

No final de 1923, começo de 1924, Schimit contratou uma equipe para realizar os trabalhos de demarcação dos terrenos de sua propriedade, bem como a divisão dos mesmos em lotes coloniais visando à elaboração dos mapas da Companhia. Com intuito de facilitar a complicada tarefa que tinham pela frente, os agrimensores e seus auxiliares, contratados por Schimit, decidiram formar dois grupos de medição; um deles iniciou os trabalhos no São Bento, deste subindo no sentido Norte; o outro, começou no lugar chamado Alto Consulta, vindo no sentido Sul.

O encontro dos dois grupos aconteceu, coincidentemente, próximo ao local em que haviam montado o acampamento, e onde, diariamente, no final da tarde, início da noite os dois grupos faziam a conferência (consulta) dos trabalhos executados durante o dia. Deste fato se originou o nome da comunidade.



Um dos primeiros moradores da localidade foi Alberto Tortatto. Homem de confiança dos proprietários, atuava como administrador da gleba "Linha Consulta". Entre os primeiros compradores de terras situadas no local, figuram Máximo e Gildo De Bastiani, conforme registra a presente escritura:

*"Escritura pública de compra e venda que entre si fazem Alice Schneider Schimit e Máximo e Gildo De Bastiani.*

*Saibam quantos esta pública escritura de compra e venda de uma área de terras virem, que aos vinte e quatro dias do mês de julho do ano de mil novecentos e trinta e nove, nesta Vila de Vitória, município de Caçador, em meu cartório, perante mim, compareceram partes entre si justas, avindas e contratadas a saber: de um lado como outorgante vendedora a Sra. Alice Schneider Schimit, viúva, brasileira, do comércio e de outro lado, como outorgados compradores, os Srs. Máximo e Gildo De Bastiani, brasileiros, solteiros, maiores, agricultores, residentes no distrito de São Luiz deste município. Em presença de testemunhas me foi dito que a Sra. Alice Schneider Schimit é senhora e legitimada possuidora de uma área de terras, sem benfeitorias, lote colonial no 18, com 369.000 m<sup>2</sup>, mais ou menos, situado na Linha Consulta, Fazenda São Bento, distrito de São Luiz, município de Caçador, confrontando ao Norte com o lote colonial no 20; ao Sul com o lote colonial no 7; ao Oeste com O Arroio Couro; ao Leste, com a Linha do Salto. Resolve vender, como de fato vendido a tem, aos outorgados compradores Máximo e Gildo De Bastiani, pelo preço certo e ajustado de Rs 3.7008000 (três contos e setecentos mil réis), já pagos, podendo diante disso os outorgados empossar-se desde já da aludida área, pois a eles transfere neste ato e pela cláusula "Constituti", todo direito que ela outorgante tinha sobre a*

*mesma. Pelo presente documento os outorgados obrigam-se cultivar a área, que passa a lhe pertencer, dentro do prazo de seis meses imediatos. São Luiz, 24 de abril de 1939.”*



Esquerda para direita: Luiz Abati, Luiza Abati Cesca, Hilda Abati De Bortoli, Amabile Abati Ferronato, Florinda Verôna Abati e Afonso Abati. Foto de 1945.

Em 25 de julho do mesmo ano, o tabelião Bertoldo H. Ruecher, registra:

*"Escritura pública de compra e venda, que entre si fazem a Sra. Alice Schneider Schimit e Afonso Abatti, como abaixo declara:*

*Saibam quantos esta pública escritura de compra e venda de um lote colonial virem, que aos vinte e cinco dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e trinta e nove, nesta Vila de Vitória, município de Caçador em meu cartório, perante mim, compareceram partes entre si justas, avindas econtratadas, a saber: de um lado como outorgante vendedora a Sra. Alice Schneider Schimit, brasileira, viúva do comércio, e de outro lado, como outorgado comprador, o Sr. Afonso Abatti, brasileiro, casado, agricultor, residente no distrito de São Luiz, neste município, reconhecidos de mim e das testemunhas, adiante nomeadas e assinadas que dou fé. Em presença das*

*testemunhas me foi dito que a Sra. Alice Schneider Schimit é legítima possuidora de uma área de terras, sem benfeitorias, lote colonial no 40, com 276:000 m, mais ou menos, situado na Linha Consulta, da Fazenda São Bento, distrito de São Luiz, município de Caçador, confrontando ao Norte, com a linha de divisão com terras de Júlio Selbach e outros; ao Sul com o lote nº 38; ao Oeste com terras da Gleba Linha Consulta; e ao Leste com a Sede do Salto do Veloso, de acordo com a planta de Colonização. O memorial está inscrito sob o nº 3 da Comarca de Caçador, resolve vendê-lo, como de fato o tem vendido ao outorgado comprador Afonso Abatti, pelo preço certo e ajustado de Rs 2.800\$000 (Dois contos e oitocentos mil réis). Transfere neste ato ao outorgado pela cláusula "Constituti", todo o domínio direito, ação é posse que tinha sobre a aludida área. Vila de Vitória, 25 de julho de 1939."*

A partir de 1940 se estabelecem na referida comunidade as famílias de Angelo Ferronato, Guerino Borga, Tranqüilo Falchetti, Leocelino Cardoso dos Santos, Jacó Abati, Orsolino Abati, Antonio Abati, José Espinello, Domingos Godinho, Eugênio Abitante, Benedito Stain, Atilio Farias, Luiz Benato, Batista Tinelli, entre outras.

Essas famílias, como a grande maioria dos pioneiros de Salto Veloso, eram procedentes dos municípios gaúchos de Flores da Cunha, Caxias do Sul, Guaporé, além de outros. Algumas deixaram as localidades de Urussanga, Nova Trento e Tubarão, onde também atuavam os agentes das Companhias Colonizadoras que através de intensa propaganda, procuravam atrair colonos para as áreas onde se desenvolvia em ritmo acelerado o processo de colonização. Alguns moradores que ali se fixaram, residiam

anteriormente na região de Lages, São Joaquim e nos campos de Palmas. Por ocasião da chegada dos colonos, já existiam morando no local, algumas famílias de caboclos, sendo que estes não possuíam título que lhes assegurasse a posse da terra onde haviam construído seus ranchos de pau-a-pique.

As residências das famílias recém chegadas eram espaçosas e possuíam três pisos incluindo sótão e porão. As portas e janelas eram de madeira com tramelas, o vidro nas janelas era considerado um luxo, por ser na época, raramente encontrado. Para prevenir possíveis incêndios, construíam a cozinha separada do restante da casa onde ficavam as demais dependências (sala e quartos). Quando a claridade do dia se apagava com a chegada da noite, a iluminação no interior das residências era feita pelos "lumin" ou "seral", mantidos com querosene, ou mais comumente, com banha de porco.



Colheita do trigo - O cultivo deste cereal era obrigatório em todas as propriedades.

Os colonos, uma vez formada a lavoura, que acontecia com a derrubada da mata nativa, cultivavam principalmente feijão, arroz, milho e trigo, sendo os dois últimos culturas obrigatórias em todas as propriedades, pois enquanto o milho garantia a polenta, o trigo permitia que as famílias

preparassem o pão, alimentos estes que não faltavam no cardápio diário das famílias constituídos por um grande número de filhos.



Mutirão para malhar o trigo. Linha Consulta. Propriedade de Antonio Neff, 1945.

Nos primeiros tempos existiam apenas trilhas primitivas feitas pelas patas dos animais. Essas trilhas foram transformadas em estradinhas estreitas, abertas pelos colonos. Inicialmente o único meio de transporte era o lombo dos animais que, vagarosamente venciam os precários caminhos do interior. Quando surgiram as primeiras carroças, foram consideradas além de novidade, um grande avanço para o transporte dos produtos.

A construção de uma Capela na comunidade foi um dos primeiros objetivos dos moradores que se uniram para transformar o projeto em

realidade. O pequeno templo foi edificado no ano de 1944, quando foi celebrada também a primeira missa, sendo esta oficiada pelo Padre José Garzotte que atuava então na paróquia de Iomerê. Posteriormente, as visitas pastorais foram realizadas por um período aproximado de 20 anos, pelo sacerdote João Reitmeyer, que atuava na paróquia de Treze Tílias.



Capela de Linha Consulta

Preocupados com a educação de crianças e adolescentes em idade escolar, as famílias providenciaram no ano de 1942 a construção de uma escola que foi erguida com a colaboração de todos. Este local serviu também de igreja durante algum tempo, mas logo em seguida foi iniciada a Capela, inaugurada com uma festa que marcou na história da comunidade.

## **LINHA SANTO ANTONIO**

A origem do nome da comunidade está relacionada a um "Capitel", construído pelos primeiros moradores na divisa de duas propriedades. Devotas de Santo Antonio as famílias pioneiras colocaram neste capitel a imagem do santo de sua devoção.

Procedente da Região de Nova Treviso, hoje Siderópolis, chegou no ano de 1942 ao local, depois denominado Linha Santo Antonio a família de Pedro e Josefina Vitali. Posteriormente, se estabeleceram na mesma localidade Jacó Macarini, Mário Macarini, Hildebrando Rossi, João Nava e Primo Viero, famílias essas vindas de terras riograndenses, ou mesmo de regiões de Santa Catarina, colonizadas por imigrantes italianos. Todas buscavam nesta nova fronteira a oportunidade do trabalho na terra de onde tirariam a riqueza na forma de grãos e frutos.

A grande maioria dos colonos que se fixaram em Linha Santo Antonio, chegavam até a estação de Videira através do trem; deste ponto em diante seguiam no lombo de animais ou mesmo em carroças, onde transportavam a mudança formada por poucos objetos. Chegando ao local providenciavam uma palhoça onde se abrigavam até a construção da casa, que era iniciada com a escolha e derrubada de um pinheiro de grande porte, o qual, se transformava em madeira para a residência espaçosa, formada geralmente por três pisos, para abrigar com certo conforto a família, formada por grande número de pessoas.



Famílias reunidas durante festa de aniversário.

No início dos anos 40 já existiam algumas estradas carroçáveis que cortavam as propriedades situadas em Linha Santo Antonio, estradas que foram abertas pelos colonos com a custa de pás, picaretas e enxadas, num trabalho que demorou por longos meses. Naquela época, uma das maiores



Primeira ponte construída na Linha Santo Antonio.



dificuldades enfrentadas pelos moradores do interior, era a travessia dos rios, muitas vezes permaneciam ilhados durante períodos chuvosos, o que acontecia não raras vezes. Nestas ocasiões, enfrentavam falta de muitos de produtos, já que as chuvas os impossibilitavam de chegar às vilas próximas, onde costumeiramente compravam muitos alimentos consumidos pela família.

Antes da construção da primeira escola que foi erguida no ano de 1975, as crianças eram incentivadas pelos próprios pais a estudar, e frequentavam a escola de Linha Val Verde, situada nas proximidades, favorecendo o acesso dos alunos da comunidade Santo Antonio.

A vida social das famílias era inexpressiva, reuniam-se apenas aos domingos, preferencialmente, pela manhã para rezar o "terço", depois voltavam aos afazeres habituais. Os moradores tinham por costume fazer "serão" ou "filó" na casa dos vizinhos, oportunidade que aproveitavam para conversar, distrair-se no jogo de baralho enquanto tomavam chimarrão ou vinho. As mulheres também participavam e geralmente levavam algum trabalho manual para ser feito enquanto conversavam, principalmente sobre assuntos familiares. O "serão" ou "filó" fazia parte da própria cultura dos imigrantes italianos, que era um costume que aproximava as famílias que geralmente residiam distante umas das outras.

Entre os legados mais preciosos trazidos pelos colonizadores de Linha Santo Antonio, estava a profunda religiosidade e a fé inabalável, manifestada inicialmente nas orações feitas em família. Com a construção da escola no ano de 1975, as celebrações religiosas passaram acontecer neste mesmo espaço, tendo sempre a expressiva presença da comunidade.

## **LINHA NOVA BRASÍLIA**

A comunidade tem seu nome ligado a um dos grandes acontecimentos históricos do Brasil moderno, ou seja, a transferência da Capital Federal da cidade do Rio de Janeiro para Brasília. Este fato, registrado em 21 de abril de 1960, foi acompanhado com interesse pelos moradores através, principalmente de noticiários radiofônicos. Diante do evento de real importância, passaram desta data em diante, denominar o local de "Linha Nova Brasília", em referência à Capital da República, erguida no coração do país.

Depoimentos prestados por pessoas que de longa data estavam estabelecidas nesta localidade, informam que viviam no passado dezenas de famílias caboclas, na grande maioria procedentes da região de Lages, Curitiba, São Joaquim e mesmo dos campos de Palmas. Muitos dos que ali residiam não possuíam qualquer documento que lhes garantisse direito de propriedade sobre a terra onde haviam construído seu rancho e cultivavam plantações. Neste contexto, alguns moradores eram donos de 4 alqueires, outros de 3, outros de apenas 1, mas o importante é que essas propriedades, embora minúsculas, estavam asseguradas em lei e devidamente escrituradas em grande parte no cartório de Palmas, que numa certa noite pegou fogo. Assim, em meio as labaredas, desapareceu um grandioso acervo de documentos de terras localizadas nos mais diferentes locais da região.

Uma vez concluída a medição das terras, agora propriedade das Companhias, estas promoveram entre 1932/35, uma verdadeira "limpeza" ou "varredura" na área, quando foram despejadas dezenas de famílias que

viviam na região, segundo diziam como simples intrusos. A ordem para retirar os caboclos vinha diretamente dos administradores das Companhias Schneider Schimit e Kroeff, Selbach & Cia, sendo esta última proprietária da gleba 13, do Núcleo Colonial Papuan.

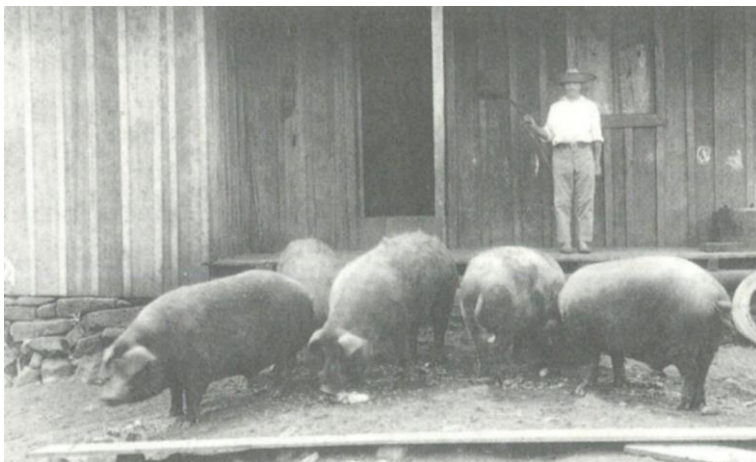
Diante da força policial enviada pelas colonizadoras não adiantava argumentar. Com os ranchos destruídos pelo fogo e proibidos de reerguê-los, não tiveram outra alternativa senão deixar o local definitivamente. Grande parte destas famílias rumou para o Estado do Paraná, deixando-se ficar nos campos de Palmas ou Guarapuava. A equipe de peritos que atuou neste caso, palmilhando a região onde o despejo aconteceu, elaborou relatório que foi anexado ao processo aberto na ocasião, através do qual, apenas algumas famílias foram indenizadas pelas perdas que sofreram.

Com o fim do despejo foi iniciada a venda dos lotes coloniais situados em Linha Nova Brasília. Entre os primeiros proprietários figuram, segundo registros em cartórios: José Guilherme e João Milani, Alexandre e Pedro Abati, Edmundo Zimmermann, Donatilio Boeira, Adão, Otávio e João Rocha, Atílio Barbosa e Salvador Rodrigues, mais conhecido por Negrinho Salvador. Grande parte destas famílias estavam anteriormente radicadas no interior do Rio Grande do Sul, mais precisamente nas Colônias de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Guaporé e Antonio Prado. Outras vieram da região de Lages e Palmas.

O acesso ao local onde haviam comprado o terreno era feito, geralmente através de picadas abertas à custa de facão, desviando as árvores de maior porte. Construir a casa se constituía também numa tarefa difícil, pois começava com a derrubada de um pinheiro transformado em

madeira (tábuas lascadas, cepos, tabuinhas, etc). Aos poucos erguiam a residência que necessariamente era espaçosa para a família formada por muitas pessoas. Enquanto a casa não ficava pronta abrigavam-se em palhoças improvisadas, cercadas com esteira de taquara e cobertas com capim.

Nos primeiros meses, antes da formação das lavouras e da colheita, alimentavam-se basicamente de caça, pesca e dos produtos que costumeiramente traziam na mudança para garantir a sobrevivência da família no período inicial, quando tudo estava para ser construído. A distância entre a comunidade onde moravam e as vilas mais próximas era vencida no lombo de animais. As estradas foram abertas mais tarde, graças ao trabalho dos colonos. Os produtos eram transportados em cargueiros através de picadões praticamente ocultos no meio da floresta. Nos primeiros tempos dos recém-chegados, na falta de dinheiro, trocavam os produtos cultivados na propriedade por sal, açúcar, querosene, tecidos, munição, etc. Esta era então prática comum, aceita em todo o comércio da região.



Criação de suínos.

As terras favoreciam o cultivo do feijão, arroz, milho e trigo, plantados em quantidade. Os colonos iniciaram desde cedo a criação de suínos que tinham boa aceitação nas "Fábricas de Banha", onde a venda era feita. Os porcos, geralmente de raças bem rústicas, engordavam com milho, pastagem ou mesmo frutos silvestres, comuns em todas as propriedades.

Grande parte dos moradores que se fixaram em Linha Nova Brasília eram católicos, expressavam sua religiosidade nas orações em família ou mesmo em grupos nos terços" dominicais, ocasião em que a comunidade se reunia. Consultados sobre o padroeiro da localidade, escolheram São José, e em sua homenagem, construíram no final de 1958, início de 1959 uma capela, onde o santo padroeiro, foi solenemente entronizado no dia 19 de março de 1959 durante missa oficia da pelo Padre João Reitmeyer. Este foi um dos acontecimentos de repercussão dentro da comunidade, contou com a presença de um público que com entusiasmo participou da festa, deixando os moradores surpresos diante de tantas pessoas que ali se reuniram para prestigiar o evento.

Inicialmente as aulas eram ministradas na capela, mas não tardou para que a comunidade se mobilizasse no sentido de construir uma escola, sendo esta inaugurada no dia 21 de 1960. Dois anos mais tarde, em agosto de 1962, a localidade recebeu um novo prédio escolar, este mais espaçoso para atender o crescente número de alunos.

Coragem e determinação, esperança no futuro e confiança na força do trabalho, foram estes elementos que nortearam os colonos que corajosamente enfrentaram e venceram toda sorte de desafios, a falta de

assistência médica, a solidão de um lugar perdido na imensidão da floresta, a distância que os separava das vilas de maior expressão, a falta de conforto. Mas, tudo foi superado por pessoas que jamais fraquejavam diante das dificuldades impostas pela vida.

## **LINHA ALTO VELOSO**

No passado o que na atualidade pertence a Linha Alto Veloso fazia parte da Vila do Veloso. O desmembramento aconteceu somente no início dos anos 60, quando o movimento emancipacionista foi vitorioso e o distrito tornou-se município, tendo a Vila do Veloso como sede. Deste ponto em diante a localidade denominada Alto Veloso, transformou-se em comunidade do novo município.

Dentro do contexto de ocupação o lugar depois batizado com o nome de Alto Veloso, recebeu os primeiros moradores no final da década de 30, início de 40, quando chegaram, procedentes do Rio Grande do Sul as famílias de Antonio Lando, José Zamboni, Luiz Vivian, Antonio Rombaldi, entre outras.

O desbravamento da área não foi diferente das demais localidades que hoje formam o território municipal. Na falta de estradas, esses pioneiros chegaram ao terreno que haviam adquirido através de trilhas abertas pelas patas dos animais, transportando os poucos pertences no lombo de mulas.



Propriedade de João Marino e Maria Santian em Linha Alto Veloso, no ano de 1944,



Procedentes de Farroupilha (RS), José e Vicenza Maziero Zamboni - Chegaram em Salto Veloso no ano de 1948. Na foto, o casal com os filhos, em 1956.

Uma vez no local improvisavam um abrigo onde a família permanecia até mudar-se para uma casa maior e mais segura. Inicialmente escolhiam um pinheiro que estivesse próximo do lugar da construção, cuja madeira fosse mais fácil de lascar, tinham conhecimento disto pela forma das

grimpas, depois esperavam a fase favorável da lua para o corte da árvore; em seguida usando machados, cunhas e malhos de madeira ou de ferro dividiam o pinheiro ao meio preparando então a madeira que era farquejada com machados e facões, incluindo desde os cepos até as taboinhas usadas na cobertura. Este processo manual era lento e a casa demorava alguns meses para ser concluída. Casos havia em que, diante da urgência da construção, reuniam-se em mutirão com os vizinhos para terminar a obra com maior brevidade. As casas, mesmo erguidas com material rústico obedeciam a estilo europeu, ou seja, inspiravam-se nas residências de algumas regiões da Itália, terra natal de muitos imigrantes que fizeram do Brasil sua nova pátria.



O rápido desenvolvimento da região é mostrado na construção das casas em estilo europeu.

Segundo levantamentos realizados na comunidade nos anos de 1995/96 durante pesquisa para a primeira edição do livro sobre a história do município de Salto Veloso junto aos moradores mais antigos, estes mencionaram que por ocasião da chegada dos primeiros colonos, já viviam na área algumas famílias de caboclos, que não permaneceram no local mudando-se algum tempo depois. Eram pessoas de fácil amizade e



dispostas a colaborar com os novos moradores, mas, quando irritados por qualquer motivo se tornavam perigosos e vingativos. Andavam, geralmente, armados com revólveres e facas e nas pelejas mostravam grande destreza e valentia. Sua religião era baseada principalmente nos ensinamentos do monge João Maria, que afirmavam ter o mesmo percorrido a região curando doentes e benzendo fontes de água. No pensamento dos caboclos o monge era um homem santo que veio á terra para ajudar o povo, assim, tudo o que ele havia ensinado, era sagrado e por isso mesmo seguido com muito respeito pela população cabocla.

Vencer a floresta foi um dos grandes desafios enfrentados pelas famílias de colonos que, entre os inúmeros lotes coloniais mostrados através dos mapas das Companhias Colonizadoras, optaram a se estabelecer nas terras situadas no local, posteriormente denominado Alto Veloso. Ao chegar, nada existia além de mata. Iniciavam roçando os arbustos menores, em seguida usando machados e serrotes abriam uma clareira retirando grandes pinheiros, imbuias, cedros, canelas, esse espaço era geralmente destinado a futura moradia. Depois, com trabalho persistente iam cortando e queimando o mato para formar as roças, serviço este que durava meses, às vezes, anos. O plantio era feito com “xaxo”, enxada e arado. O transporte da lavoura até o paiol era feito primeiramente em cestos de taquara carregados nas costas, depois no lombo de cavalo e em seguida com carroça, sendo que esta última, poucos possuíam.



Terreno sendo preparado para o plantio.

Com o tempo as trilhas abertas pelos cascos dos animais se transformaram em pequenas estradas que pacientemente foram abertas pelos pioneiros com o auxílio de ferramentas primitivas. Esses caminhos, embora estreitos, facilitavam a passagem de carroças que transportavam os produtos até vilas maiores, onde eram vendidos ou trocados por produtos não produzidos na propriedade.

A mobília das casas era bem simples, geralmente fabricado por eles mesmos, e consistia de pequenos armários, lavatório, “fogolaro”, camas de madeira e os colchões de palha de milho. Fronhas e lençóis feitos de algodão, ou mesmo sacos de açúcar ou sal emendados através de costura manual. As cobertas de cama eram de lã ou de algodão, no quarto do casal geralmente um baú, onde guardavam as roupas mais delicadas e os objetos de maior valor.

Alto Veloso e Vila do Veloso estiveram sempre intimamente ligadas. Os moradores mantinham estreita ligação. Muitas decisões eram tomadas em conjunto, como, por exemplo, a construção da primeira capela que também serviu de escola, e que teve a colaboração dos moradores das

demais comunidades. Nos primeiros tempos as crianças e adolescentes de Alto Veloso foram alfabetizados na escolinha da Vila; fato este que perdurou até a construção do primeiro prédio escolar da comunidade, erguido no ano de 1967.

As pessoas mais idosas, principal base para a elaboração deste trabalho, foram unânimes em dizer que as famílias, as comunidades eram unidas. Existia solidariedade, preocupação com os problemas enfrentados pelos amigos, ou parentes, e todos, se irmanavam na busca de soluções. E acima de tudo mantinham uma fé convicta em Deus que os tornava fortes, perseverantes e corajosos em suas atitudes e decisões. Sem Deus e a força do nosso trabalho não teríamos chegado aonde chegamos, diziam, ao concluir as entrevistas feitas num clima de emoção, motivado por tantas lembranças guardadas no coração de pessoas que são a própria história de Salto Veloso.

## **CAPÍTULO XV**

### **RELIGIOSIDADE - A COMUNIDADE UNIDA NOS CAMINHOS DA FÉ**

Ao partir da terra natal, deixando para trás uma vida de penúria e desesperança, os imigrantes italianos o faziam com as mãos absolutamente vazias de bens materiais, mas traziam no coração o valioso tesouro da fé.

Um povo que durante séculos vivera estritamente ligado à Igreja, um povo por isso mesmo permeado por um profundo espírito religioso a ponto de confiar às estruturas clericais, além do trabalho de cura das almas, também tarefas administrativas e políticas, era pois, perfeitamente compreensível que ao buscar outro recanto para viver, trouxesse, profundamente enraigados dentro de si os valores religiosos.

Assim, este povo uma vez estabelecido na terra que o recebia, plantava neste solo a frondosa árvore da fé. Entre as primeiras providências que as famílias tomavam dentro de uma comunidade mesmo que formada por um pequeno número de moradores, era a construção da capela que se tornava o centro da vida social da comunidade. Ali se reuniam dominicalmente as famílias depois de enfrentar uma semana estafante de trabalho.



Primeira Capela da Vila do Veloso. Na foto, presumidamente de 1935, noivos e convidados, em pose especial, conforme costume entre os pioneiros.

O esgotamento das colônias destinadas aos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, o que aconteceu num período de tempo razoavelmente curto, entre outros motivos, fez com que um grande número de imigrantes e seus descendentes buscassem novos espaços para expandir seus interesses, principalmente na área agrícola. Assim, na procura de novas fronteiras chegaram ao território que formaria posteriormente o município de Salto Veloso.

Deixando uma terra que diante de tanto trabalho pouco lhes havia proporcionado, vinham em busca de novas oportunidades, de uma vida melhor. A bagagem material que traziam era inexpressiva; cabia perfeitamente em alguns cargueiros transportados no lombo de mulas. No entanto, a riqueza maior permanecia no coração, se traduzia em esperança e fé.

Esta fé os animava e fortalecia, e mesmo tendo enfrentado um dia de trabalho intenso, quando a noite chegava, a família rezava o "terço" e a "ladainha", um costume que passava de geração para geração. Era um

momento importante na vida familiar, quando os nonos, pais e filhos, depois do jantar, reunidos sob a luz do lampião de querosene, dobravam os joelhos e, esquecendo por instantes o cansaço, agradeciam pela jornada que chegava ao fim.

Com o passar do tempo e a conseqüente chegada de mais famílias, se fazia necessária no pequeno povoado de Salto Veloso, a presença de um sacerdote. Informados que um padre, procedente de Bom Retiro (Luzerna), vinha esporadicamente até a Vila de Rio dos Cochos (Bom Sucesso), localidade não distante do Veloso, alguns moradores aguardaram o dia em que o sacerdote oficiava na pequena capela. Dirigindo-se ao local expuseram o caso ao religioso que respondeu nada decidir sem a ordem de seus superiores e que tal pedido deveria ser feito diretamente a eles.

Regressando a Salto Veloso, o mesmo grupo decidiu, alguns dias depois, dirigir-se a Bom Retiro, fato este que aconteceu no final de maio de 1929. Recebidos pelos sacerdotes, obtiveram como resposta, para que tivessem um pouco de paciência, pois diante do grande número de capelas a serem atendidas, a visita poderia demorar até mesmo algumas semanas, o que de fato se registrou, pois a celebração somente aconteceu no final de julho de 1929.

Avisados que o sacerdote estava em Rio dos Cochos e não poderia se deslocar até a localidade por falta de transporte, os moradores pediram a Neco Lageano para que fosse ao encontro do padre, levando um cavalo para servir a montaria ao religioso. O pedido foi aceito e Neco se dirigiu até o vilarejo de Rio dos Cochos, retornando no final da tarde, início da noite em companhia do padre Alberto Francisco. No dia seguinte foi oficiada na

residência de Izidoro De Bortoli, a Santa Missa, a primeira celebrada no território de Salto Veloso.

A celebração se constituiu num fato histórico, reunindo todas as famílias da nascente comunidade. Na oportunidade, o sacerdote além de officiar missa, ouviu confissões, ministrou o sacramento do batismo em 9 crianças, realizou bênçãos especiais e conversou com as pessoas, principalmente sobre a procedência das mesmas, como era o local onde moravam anteriormente e os motivos que as levaram escolher a localidade de Veloso para reiniciar a vida.

Durante a breve permanência de Padre Alberto, foi solicitado ao mesmo a permissão para erigir uma capela na Vila de Salto Veloso, que contava na época com várias famílias ali estabelecidas. Ao mesmo tempo convidaram o religioso para que retornasse outras vezes, se possível com maior frequência. Neco Lageano que recebera a missão de servir de guia ao sacerdote, foi recompensado com uma certa quantia pelo trabalho prestado e também pelo empréstimo do cavalo de sua propriedade que servira de montaria ao religioso.

Ao se referir sobre as visitas dos sacerdotes em Salto Veloso, Sabina De Bastiani, destaca em seu depoimento:

*"O padre vinha 1 vez por ano, raramente 2 vezes. Isto no começo. As missas eram rezadas sempre na casa de Izidoro De Bortoli, onde o padre confessava, fazia batizados e casamentos. As famílias que moravam perto ou longe, deixavam tudo o que tinham para fazer e vinham participar da missa. Uns andavam horas, percorrendo quilômetros para chegar na vila. Não*

*importava que estivesse fazendo um dia bonito ou chuvoso, mesmo assim todos compareciam.*

*A visita era considerada uma festa. Depois da missa a gente aproveitava para conversar, saber das novidades e conhecer as famílias recém-chegadas, que vinham também do Rio Grande do Sul. Eram na verdade pessoas conhecidas, até mesmo antigos vizinhos. Naquele tempo a gente não tinha quase nada, se trabalhava muito para melhorar na vida, conseguir comprar as coisas que precisava e fazer capital para dar um futuro melhor aos filhos, a gente era pobre, mas muito unidos. Uns procuravam ajudar os outros. Acho que por isso e pela grande fé em Deus é que conseguimos vencer tantas dificuldades."*

Em seu depoimento, Sabina diz ainda que os padres de Bom Retiro (Luzerna), atenderam Salto Veloso durante um curto período, em seguida o local foi assistido pelos sacerdotes de Perdizes (Videira) e Faxinal Branco (Iomerê). Como passar do tempo, as visitas se tornaram mais frequentes. Isto pelo crescente número de moradores, pela criação de novas paróquias situadas em distâncias relativamente curtas e também pelos caminhos que se apresentavam em melhores condições, favorecendo o acesso entre as diversas comunidades da região.

Localizada no espaço, hoje ocupado pelo pavilhão de festas da Igreja Matriz, em terreno cuja aquisição foi muito favorecida pela proprietária Alice Schneider Schimit, que na realidade redigiu uma espécie de termo de doação junto a Cúria Metropolitana de Lages, através da Paróquia de Perdizes (Videira), a primeira capela erguida em Salto Veloso, foi iniciada no começo de 1932 e concluída no segundo semestre do mesmo ano. Os



trabalhos de construção foram realizados por Pedro De Bastiani, Izidoro de Bortoli, Pedro Giacomini, Honorato Giacomini, Cezário Lázzari, João Lázzari, Guido Fávero, Noé Lázzari, João De Bortoli, Alexandre De Bastiani, entre outros. (Depoimento de Verginia Conte Giacomini, em 19 de junho de 1985).

Erguida com tábuas de pinheiro farquejadas e coberta com tabuinhas a capela media 6x8m. Tinha, além dos bancos rusticamente trabalhados à mão, um pequeno altar coberto por uma delicada toalha de linho, bordada pelas mulheres da comunidade. A construção foi providenciada tendo em vista o crescente número de moradores estabelecidos nas colônias ao redor do povoado. A conclusão da pequena igreja foi considerada uma conquista pelas famílias que haviam, inclusive, escolhido a padroeira que ali seria entronizada em breve.

Consultados sobre o padroeiro ou a padroeira para a comunidade, os moradores elegeram por consenso, Santa Juliana, padroeira da localidade de Mato Perso, no Rio Grande do Sul, colônia onde residiam muitas famílias que migraram para Salto Veloso. Durante a construção da capela foi realizada uma coleta entre a população. A quantia arrecadada ultrapassou trezentos mil réis. Este dinheiro serviu para a compra do crucifixo, toalha para o altar e na obtenção dos documentos enviados a Paróquia de Perdizes e desta para a Cúria Metropolitana de Lages.

A compra da imagem da padroeira foi solicitada através de carta escrita por João De Bortoli e Pedro Giacomini, endereçada a José Conte, que ainda residia na região de Mato Perso. Incumbido de tal missão, Conte



se dirigiu a Caxias do Sul onde realizou a compra conforme pedido que lhe fora feito, enviando em seguida a imagem, via trem, até a estação de Perdizes (Videira), onde era esperada por alguns moradores.

Sendo a grande maioria das famílias pioneiras devotas de Santa Juliana, escolheram-na Padroeira da localidade.

A imagem, vinda de Caxias do Sul, foi entronizada na pequena Capela numa solenidade com a presença de todos os moradores.

No trecho entre Perdizes e a localidade chamada Vassourão a imagem foi transportada por carroça. Neste ponto foi recepcionada por dezenas de pessoas e levada em procissão até a vila de Salto Veloso, onde um grande número de fiéis recebeu a padroeira, saudando-a com orações, cânticos e salvas de palmas. Nesta ocasião, pela primeira vez na história da comunidade, foram estourados fogos de artifício, que para muitos se constituíam numa novidade.



Primeira Eucaristia.

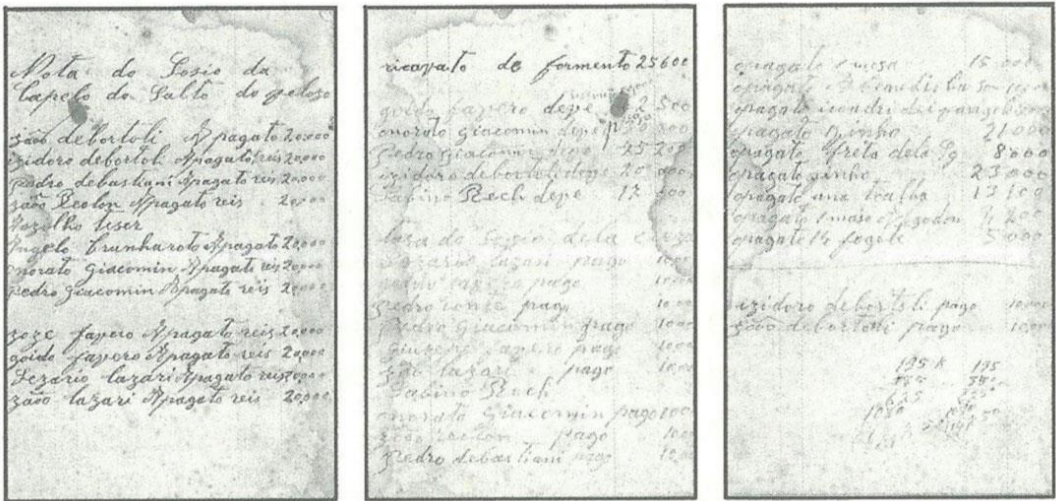
A festa de entronização de Santa Juliana como padroeira de Salto Veloso, aconteceu no final do mês de janeiro de 1933, com a celebração da missa pelo Padre José Antonio Granzotte, que atuava em Faxinal Branco (Iomerê). Durante entrevista com Verginia Conte Giacomini, realizada no ano de 1985, ao se referir sobre este acontecimento, disse emocionada, enquanto passava entre seus dedos as contas do rosário que sempre tinha em mãos:

*"Enquanto eu viver não vou esquecer a festa que fizemos para Santa Juliana. Acho que foi um dos dias mais bonitos que o Veloso já viveu. Depois que a imagem foi colocada no altar e o padre rezou missa, a gente se sentia mais protegida, mais segura e trabalhava até com mais vontade."*

Um fato interessante relacionado a chegada de Santa Juliana, refere-se a opinião das famílias caboclas que residiam na comunidade. Convidadas a participar da festa, retiraram-se logo que a Santa foi colocada sobre o

altar, quando viram aos pés da imagem a figura do diabo. Saíram da festa comentando que a Santa podia ficar, mas o diabo tinha que sair, pois dentro da igreja não era lugar para ele.

O expressivo crescimento da população local, registrado num tempo relativamente curto, levou os membros da diretoria, juntamente com a comunidade, providenciar a construção de uma nova igreja, pois a primeira se tornara pequena diante de considerável número de fiéis. Construída nos primeiros anos da década de 30, a capela apresentava os danos causados pela ação do tempo, sendo necessária a demolição, pois do contrário poderia colocar em perigo o público que ali dominicalmente se reunia.



Primeira caderneta de anotações da Capela Santa Juliana.

Erguida no ano de 1945 com a efetiva participação dos moradores, a segunda capela media 12 metros de largura por 18 de comprimento. Visando angariar recursos para o pagamento do material usado na construção e também para comemorar a inauguração, foi organizada uma grande festa contou com a presença da comunidade e mesmo de pessoas de vilas mais distantes. Construído em madeira e coberto com

tabuinhas o segundo templo estava situado no espaço onde posteriormente foi edificada a igreja Matriz.

Inicialmente a assistência religiosa era prestada aos moradores de Salto Veloso por sacerdotes de Bom Retiro (Luzerna). Durante um breve período o trabalho de "cura das almas" esteve sob a incumbência dos padres Salvatorianos que estavam frente a Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Perdizes (Videira), passando algum tempo depois aos sacerdotes Camilianos de Faxinal Branco (Iomerê). Com a criação da Paróquia de Nossa Senhora dos Campos de Arroio Trinta, através do Decreto assinado pelo bispo Dom Daniel Hostin, no dia 22 de maio de 1949, a capela de Santa Juliana foi incluída na área de abrangência da nova paróquia, sendo o atendimento religioso realizado pelo vigário desta. No começo dos anos 50, os moradores de Salto Veloso estabeleceram entre outras metas a construção de uma igreja maior. Seria o primeiro passo para a criação da Paróquia de Santa Juliana, acontecimento que a comunidade aguardava com certa ansiedade.

Este desejo está claramente visível na correspondência enviada ao Bispo Dom Daniel Hostin no ano de 1954, onde as lideranças locais, assim se expressam, "*add litteram*":

*"Salto Veloso - Arroio Trinta - Videira, 5 de Junho de 1954 Excia. Revma. D. Daniel Hostin O.F.M. Bispo da Diocese de Lages - Santa Catarina Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo*

*O povo de Salto Veloso, pertencente a paróquia de Arroio Trinta, Município de Videira, nesta Diocese, vem mui humildemente a presença de V. Excia, e das pessoas que representam, para um pedido que vem da alma, ditado pela consciência que nos*

*legaram nossos saudosos antepassados, expondo a V. Excia. as necessidades que carecemos, urgentes, de caráter espiritual e social, que, só com o apoio de V.Excia. como já tantas vezes o tendes demonstrado, poderiam ser satisfatoriamente resolvidas.*

*A nossa Capela, de Salto Veloso, dista da Matriz 10 quilômetros. Nesta nossa zona vivem atualmente 280 famílias, com a presença de 2.500 almas, aproximadamente, na totalidade católicos praticantes.*

*Para a instrução e educação de todos os meninos, aptos para a escola, dispomos de duas escolas estaduais, sendo: uma Reunida "agrupada" e outra Desdobrada; mais uma municipal desdobrada e, ainda, três escolas simples municipais, num total de 315 alunos matriculados.*

*Existem numerosos alunos, que estão sem matrículas devido a escassez de escolas.*

*Outro motivo que nos impele a recorrer a V. Excia., é de caráter municipal, pois a nossa sede entre breve será eleita como um Distrito do Município de Videira.*

*Com referência ao Serviço Espiritual, nossa Capela necessita da presença diária de um padre para atender as múltiplas necessidades espirituais, pois a frequência na Igreja é digna de toda admiração. Quem repartirá então o Pão Espiritual ao nosso povo ? A Igreja nos domingos é bastante frequentada: nos mesmos dias, quando não há a Santa Missa, os fiéis se reúnem numerosos para a reza do terço, e, vigorejam as Associações Religiosas, como a dos Cruzados, das Filhas de Maria, e Apostolado da Oração.*

*As visitas do Vigário de Arroio Trinta são insuficientes tanto numericamente como pela eficiência espiritual: é a pura Santa Missa, os batismos e nada mais. Conferências das Associações*

*Religiosas nunca fez. É uma insuficiência de contraste o preparo das crianças à Primeira Comunhão e confissões em geral, pois o Vigário de Arroio Trinta, só confia na boa vontade e capacidade dos elementos desta localidade.*

*Excia., não podemos ficar neste pé, queremos com apoio de V. Excia. um padre que conosco esteja, que trabalhe para nós e para todos, pela nossa Santa Religião, pelas nossas almas. Excia., todo o progresso territorial, todo o desenvolvimento social, o multiplicar-se das famílias em nossa terra, clamam perante Deus, e nossas consciências, a necessidade do sacerdote, nosso pai, nosso guia, nosso chefe espiritual, para angariarmos o céu.*

*Nos dê, Excia. RVma., esta satisfação, nos dê o nosso padre, e ficar-lhe-emos eternamente gratos.*

*Assinam: Antonio Ferronato, Abel Abati, Vitório Zanella e João Conte."*

Esta reivindicação, na verdade, vinha sendo feita pelos moradores de Salto Veloso desde a década anterior e está registrada no Livro Tombo da Paróquia de Arroio Trinta onde o primeiro vigário, Padre Aloisio Orszulik, relata à certa altura:

*"Constatei que de todas as capelas da paróquia que são 6, a mais fervorosa é a de Salto Veloso. Esta pediu mais missas por mês. Querem também um sacerdote para a comunidade."*

Em registro no Livro Tombo da mesma paróquia no início de 1950, Padre Orszulik destaca:

*"No Salto Veloso aconteceu a inauguração do Apostolado da Oração e recepção de 24 membros. No Salto Veloso reunião de apostolado e eleição da diretoria. Continuam solicitando um padre que fique na capela."*

Apenas 30 dias após o envio da primeira correspondência endereçada a Dom Daniel, uma segunda carta é redigida ao bispo, tendo esta o teor seguinte: (*ipsis litteris*)

*"Salto Veloso, 8 de Julho de 1954.*

*Excia. Revma. D. Daniel Hostin, O.F.M.*

*Bispo Diocesano de Lages*

*Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo*

*Caro e Amado Senhor,*

*Excia., conforme ficamos de comunicar-vos o parecer do snr. Padre Vigário de Arroio Trinta, com referência a criação de uma Paróquia em Salto Veloso, falando com o mesmo, disse-nos: 1) Primeiramente depende de V. Excia. Acha possível a criação da nova Paróquia, tornando-se porém um tanto diminuta, a atual, isto a que pertencemos de Arroio Trinta. 2) Que ele comunicar-se-ia com V. Excia. 3) Que também concorda em ser transferido em caso da realização da nova paróquia que tanto almejamos.*

*Assim sendo Excia., mais uma vez dirigimo-vos nosso singelo e humilde apêlo, para que se torne realidade esta nossa sincera e sublime ambição.*

*Solicitamos a V. Excia. a Santa Benção que todos almejam e beijando-vos respeitosamente a mão, subscrevemo-nos os paroquianos que muito vos amam e estimam.*



*Assinam a correspondência: Abel Abati, Vitório Zanella, Antonio Ferronato e João Conte.”*

Determinados em construir uma nova igreja, esta em alvenaria e bem mais ampla que a erguida em 1945, os velosenses tiveram seus projetos momentaneamente interrompidos pelo vigário de Arroio Trinta, Padre Augustinho Rombaldi, que possuía jurisdição sobre a capela de Santa Juliana. Argumentava este, que a comunidade, mesmo sendo eminentemente formada por católicos praticantes, não dispunha de recursos financeiros para construir uma obra de tamanhas proporções. Além disso, afirmava o vigário, a Diocese não dispunha de dinheiro para tal fim, e por último, achava inadmissível que uma capela fosse maior que a própria igreja Matriz, que ora estava sendo construída.

Não aceitando tais imposições e convictos em seus propósitos, os velosenses formaram uma comissão que se deslocou até Lages para entrevistar-se com o Bispo. A mesma era integrada por Antonio Ferronato, Vitório Zanella, Abel Abati, João Conte, João Domingos Cantú e Pedro Giacomini. A viagem foi realizada com o Jeep da firma Cantú. O trajeto Salto Veloso-Lages foi vencido em muitas horas, isto pelas péssimas condições das estradas de terra que se encontravam, na ocasião, praticamente intransitáveis.

Recebidos por Dom Daniel, relataram a este o motivo da viagem e a solicitação de tal entrevista. Depois de ouvir atentamente o assunto exposto pelo grupo, disse o bispo achar interessante a idéia, e que no seu entender não via, absolutamente, nada que fosse contrário aos interesses da

Paróquia de Arroio Trinta. No entanto, ressaltou Dom Daniel, existia o problema financeiro, e teria dito:

*"Os senhores sabem que a Diocese não poderá ajudá-los com dinheiro, e na minha opinião os senhores não terão condições financeiras para bancar tal empreendimento pois a construção que pretendem é bastante vantajada."*

Em resposta João Domingos Cantú, que não era homem de meias palavras, retrucara:

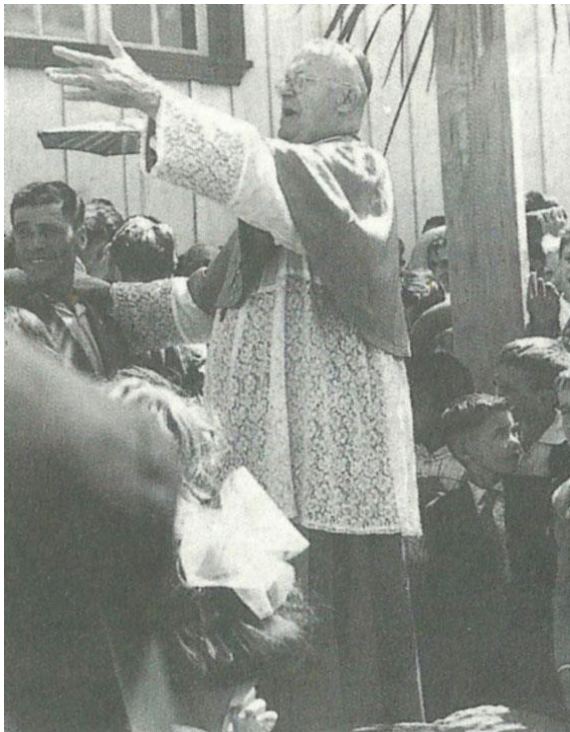
*"Se a gente não tivesse coragem para fazer a igreja, a gente não tinha vindo até aqui, não ia gastar o seu tempo e muito menos o nosso, porque lá no Veloso tem muito serviço a nossa espera. Se a gente não tem dinheiro a gente faz dinheiro com trabalho. Nós sabemos que o povo quer a igreja e vai ajudar na construção."*

Convencido que a comunidade estava mesmo disposta enfrentar tal desafio, Dom Daniel consentiu na construção da obra. A comissão, no entanto, não duvidando em nenhum momento da palavra empenhada pelo bispo, mesmo assim, solicitou uma carta do próprio punho, onde constavam o sinal e o selo da diocese, autorizando o início das obras de construção da igreja. Na despedida, formularam convite a Dom Daniel para que presidisse pessoalmente a solenidade de lançamento da pedra fundamental do novo templo. Em resposta, o bispo teria dito que gostaria muito de participar deste momento importante da vida religiosa dos moradores de Salto Veloso.



Chegada do Bispo Dom Daniel Hostin em Salto Veloso.

No final de 1959, Padre Augustinho, escreve na página 21 do Livro Tombo da Paróquia de Arroio Trinta:



Lançamento da Pedra Fundamental da Igreja Matriz pelo Bispo Dom Daniel Hostin.

*"A Comissão da capela de Salto Veloso, sem falar com o Padre Vigário, dirigiu-se pessoalmente a S. Excia. R. Dom Daniel Hostin, pedindo-lhe que viesse no dia 16 de fevereiro (1960), dia da festa de Santa Juliana, padroeira da capela, para benzer e lançar a Pedra Fundamental da nova capela de alvenaria que pretendem construir. O Bispo compareceu, a nova capela estará pronta dentro de um ano e meio. Será maior que a Igreja Matriz."*

No dia 8 de abril de 1960 foi assinado o contrato de mão-de obra para a construção da igreja. O mesmo foi firmado de um lado pelo Engenheiro Antero Marcolini, em nome da "Construtora Oeste", estabelecida na cidade de Caçador, e do outro lado a igreja Santa Juliana, então representada pelos senhores: João Domingos Cantú, João Conte e Antonio Ferronato. No entanto, as obras haviam sido iniciadas na solenidade de lançamento da Pedra Fundamental, fato registrado no dia 16 de fevereiro, durante a visita do Bispo de Lages.

Nos meses subsequentes os trabalhos de construção sob a responsabilidade do construtor Ivo Hulmann, se mantiveram sempre em ritmo acelerado e a comunidade se fez presente de várias maneiras, quer no auxílio direto da obra quer na doação de prendas (milho, trigo, feijão,



animais, etc.), posteriormente vendidos e transformados em dinheiro, ou mesmo organizando festas com intuito de arrecadar recursos.

A obra foi realizada com o apoio de todos os segmentos da sociedade, empenhada na concretização de um sonho que se tornou real graças à união, persistência e determinação da comunidade.

Concelebração de Missa pelo Bispo Diocesano Dom Daniel Hostin e sacerdotes da região, na inauguração da Igreja Matriz.

Resultado principalmente do esforço da comunidade, a igreja foi inaugurada pelo Bispo Dom Daniel Hostin, no mês de fevereiro de 1962. Referindo-se ao evento o pároco de Arroio Trinta, escreve na página 32 do Livro Tombo:



Dom Daniel Hostin, autoridades e lideranças, durante a inauguração da Igreja Matriz, em 25 de fevereiro de 1962.

*"No dia 25 de fevereiro de manhã, passou por Arroio Trinta S. Excia. Revm, Dom Daniel Hostin, D.D. Bispo Diocesano. Dirigiu se a Salto Veloso para a inauguração da nova Igreja, quase totalmente pronta. Em Salto Veloso uma multidão esperava o Bispo que benzeu o novo templo e cantou missa. S. Excia. foi hospedado na residência do Sr. Lourenço Vivan para refeições e na sacristia para dormir. No dia 26 a festa de inauguração continuou e às 14:00 horas do mesmo dia S.Excia. administrou o Santo*

*Sacramento da Crisma a 290 pessoas. A organização da festa esteve a cargo do padre Pedro Pontin."*

A festa de inauguração da igreja foi um dos maiores acontecimentos registrados na história de Salto Veloso, comparável às comemorações registradas quando da emancipação do município. O evento contou com a presença de autoridades eclesíásticas e civis, além de um público expressivo de toda a região.

Em reunião realizada na residência episcopal na cidade de Lages no mês de dezembro de 1962, oportunidade em que foi organizado o programa da diocese para o ano de 1963, ficou estabelecido para o mês de junho uma visita pastoral para a futura Paróquia de Salto Veloso, que tinha no comando o Padre Wunibaldo Tomas Woerl. Na correspondência, Dom Daniel ressaltava que diversos assuntos seriam discutidos na ocasião. Não existem registros que esta visita tenha de fato acontecido, uma vez que o bispo esteve no município três meses depois.



Primeira fotografia da Igreja Matriz, uma vez concluídos os trabalhos de construção.

Em 1º de setembro de 1963, os velosenses recebem comitiva presidida por Dom Daniel Hostin, Dom Afonso Niehuns bispo coadjutor, acompanhados por outros sacerdotes ligados à Cúria Metropolitana. Na ocasião em presença do Padre Wunibaldo, dos fabriqueiros da Matriz (Avelino Biscaro, Alfredo Falchetti, Valentin De Bastiani e Vitório Zanella) e grande público, teve lugar a benção da Pedra Fundamental da Casa Canônica. A construção desta obra aconteceu num curto espaço de tempo.

Desmembrada da Paróquia Nossa Senhora dos Campos de Arroio Trinta, a Paróquia de Santa Juliana foi criada no segundo semestre de 1963, tendo como primeiro vigário o Padre Wunibaldo Tomas Woerl, que se empenhou na organização da mesma, inclusive na formação da diretoria, assim composta: Presidente: Padre Wunibaldo Tomas Woerl Vice-Presidente: Alfredo Vroering Secretário: Remy Cantú Tesoureiro: Antonio Ferronato Membros: Plácido Abitante, José Meglioraro, Angelo Conte, Olímpio Rech e Frederico De Bortoli. Em grupo os integrantes da diretoria prestaram o devido juramento diante da imagem de Santa Juliana.

O primeiro vigário permaneceu frente a Paróquia Santa Juliana até o dia 8 de maio de 1966. Durante o período em que a diocese se encarregava da substituição do primeiro vigário, a paróquia foi atendida durante breve período pelo Padre Augustinho Rombaldi. No dia 08 de junho de 1966, assumiu a direção da mesma o sacerdote José Roldi, permanecendo até a vinda do Padre Alfredo Trichero.

Em sua primeira mensagem no Livro Tombo, o novo pároco escreve:

*"Regularmente provisionado pelo Exmo. Bispo Diocesano Daniel Hostin, em 09 de novembro de 1966, de forma absolutamente*

*privava, até chegando de improviso debaixo da chuva, carregando minha mudança, entrei na casa canônica desta cidade de Salto Veloso, onde me instalei na qualidade de vigário.”*

Padre Alfredo era carinhosamente chamado de “noninho” pela população, isto pela idade avançada, o que não o impedia de ser muito atuante.



Lançamento da Pedra Fundamental da Casa Canônica.

No dia 20 de novembro foi eleita a Diretoria da Fábrica da igreja, (atualmente denominada Diretoria Administrativa), tendo sido empossados, respectivamente:

Presidente:	Padre Alfredo Trichero
Vice-Presidente:	José Meglioraro



Tesoureiro: Antonio Ferronato  
Membros: Plácido Abitante,  
Angelim Conte,  
Olimpio Rech,  
Frederico De Bortoli.

A paróquia Santa Juliana registrada no dia 05 de abril de 1966, a chegada de 4 Irmãzinhas da Imaculada Conceição, tendo como supervisora a Irmã Celis Assunta. Posteriormente chegaram ao município as Irmãs de São José de Chambéry. Em abril de 1967, foram iniciados os trabalhos de reforma do antigo pavilhão. As obras que se estenderam por alguns meses estiveram a cargo dos paroquianos. No mês de novembro do mesmo ano a comunidade recebeu visita de 2 padres capuchinhos da cidade de Vacaria (estado do Rio Grande do Sul), para a celebração das Santas Missas na Paróquia, o comparecimento dos fiéis impressionou os dois sacerdotes.

Alegando problemas de saúde Padre Alfredo pediu exoneração de Vigário da Paróquia Santa Juliana no mês de abril de 1968. Nesta ocasião, a mesma passou ser administrada pelo PIME - Pontifício Instituto das Missões, que enviou sacerdotes de Fraiburgo que permaneceram na direção dos trabalhos até a nomeação do novo pároco. Os sacerdotes Biagio Simonetti e Antonio Palarmo, foram atuantes no período que estiveram no município, realizando junto à comunidade inúmeras ações, entre elas a organização pastoral, principalmente com a juventude que foi convidada a participar mais efetivamente da vida religiosa da comunidade.

Eram dez horas da manhã do dia 28 de julho de 1968, quando foi empossado o novo vigário da Paróquia Santa Juliana, Padre Domingos Giroto. A cerimônia presidida pelo Padre Biagio Simonetti contou com a

participação de dezenas de pessoas. Nascido em Treviso, na Itália em 04 de abril de 1915, Domingos Giroto desembarcou no Brasil em 1948. Antes de atuar em Salto Veloso trabalhou na cidade de Bragança Paulista, São Paulo e Sertanópolis, interior do Paraná. Líder por natureza, Padre Giroto se fez presente em muitas ações junto aos velosenses, contando sempre com a colaboração da sociedade. Permaneceu no município durante 7 anos.

Sua primeira mensagem escrita no Livro Tombo da Paróquia é na verdade uma descrição detalhada de Salto Veloso por ocasião de sua chegada ao município em 1969. Nesta importante página histórica ele relata:

*"A maioria das crianças (de 8 anos) já crismadas e com primeira comunhão. Um grupo escolar na cidade com primário e ginásio, 7 escolas primárias rurais na zona rural, todas estaduais (só no Paio dos Bellos é escola municipal de Água Doce), 4 irmãs da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada (Nova Trento). Quase todo povo é rural, proprietário de colônias, só na cidade, um pequeno comércio (2 lojas) e indústria (2 serrarias), 1 marcenaria, 2 ferreiros, 1 fábrica de calçados, 1 moinho, 1 fábrica de vinhos. Na cidade tem um hospital da Prefeitura, 2 dentistas, 1 posto da Acaresc, 2 mecânicas, 1 posto de gasolina, 1 açougue e 1 cinema."*

No ano de 1968, visando melhorar o aspecto dos arredores da igreja Matriz, a Paróquia na pessoa do vigário Domingos Giroto, a administração municipal através do prefeito Darci Pedro Cantú e a comunidade, iniciaram um trabalho de melhoramento que culminou na construção da denominada Praça da igreja Matriz. Em 1969 foram realizados entre outros serviços a

explosão das grandes rochas com uso de dinamite e a limpeza da área, executada com a colaboração da comunidade. As obras foram interrompidas durante algum tempo sendo reiniciadas no ano de 1972, os últimos retoques neste importante local dentro do contexto urbano aconteceram no ano de 1973, quando foram acrescentados alguns detalhes que somados emprestam mais beleza e harmonia ao conjunto da igreja Matriz.

Durante reunião realizada no dia 18 de maio de 1969, nas dependências da Casa Canônica entre o Padre Domingos Giroto, membros do Conselho Paroquial e representantes da comunidade especialmente convidados para a ocasião, ficou decidido, em consenso, que a Paróquia Santa Juliana, passaria compor, juntamente com as demais paróquias da região, à Diocese de Caçador. Ficou determinado também que o município estaria presente na cerimônia de sagração de Dom Orlando Dotti, primeiro bispo da nova Diocese, acontecimento este registrado no dia 25 de maio de 1969. A comitiva de Salto Veloso era formada por 30 pessoas dos diferentes segmentos da sociedade.

A primeira visita de Dom Orlando Dotti ao município aconteceu no mês de agosto de 1970. Permaneceu uma semana entre os paroquianos. Neste período visitou além do comércio e indústria na sede municipal, todas as capelas da paróquia, realizando inúmeras celebrações.

Durante férias do padre Domingos Giroto, o comando da Paróquia fica nas mãos do Padre César Tonelletto, isto de abril até agosto de 1975. Ao retornar, o vigário apresenta problemas de saúde, solicitando aos superiores sua transferência para São Paulo. O pedido é aceito e a

sociedade se despede emocionada deste abnegado líder que acompanhou passos importantes da caminhada empreendida pelo povo de Salto Veloso em busca do desenvolvimento material, mas sem esquecer jamais os valores espirituais da religião, manifestados através da fé.

## **PROVISÃO DE POSSE**

Aos que esta nossa Provisão virem, saudação, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

*"Fazemos saber que, atendendo ao bem espiritual da Paróquia Santa Juliana de Salto Veloso, havemos por bem prover o Rev. Pe. Luiz Pierdoná no cargo de vigário da referida Paróquia, com as faculdades, direitos, privilégios e obrigações de direito.*

*Servirá neste cargo, como convém ao Serviço de Deus e ao bem das almas de seus paroquianos, aos quais assistirá com os socorros espirituais, pregando-lhes a palavra de Deus, ensinando-lhes a doutrina cristã e fielmente as prescrições conciliares e as praxes deste bispado. Poderá, por igual tempo, exercer pleno uso de ordens em toda a diocese, de acordo com as determinações da Providência eclesiástica de Florianópolis. Haverá no desempenho do seu cargo todos os emolumentos que legitimamente lhe pertencem. Mandamos, pois, a todos os fiéis católicos da Paróquia de Santa Juliana que reconheçam ao Rev. Pe. Luiz Pierdoná por seu legítimo vigário e como tal o estimem, obedeçam e bem o tratem em tudo quanto são obrigados.*

*E para que seja inteiramente observada, será publicada à estação da missa paroquial no primeiro domingo ou dia festivo*

*que se seguir a sua recepção ou no ato da posse, e transcrita no Livro Tombo.*

*Dada e passada em Nossa Residência Episcopal de Caçador, sob o nosso sinal e selo de nossas armas, no dia 03 de dezembro de 1975.*

*Dom Orlando Dotti - Bispo Diocesano.”*

Na véspera do Natal de 1975, durante missa celebrada pelo bispo Dom Orlando, aconteceu a posse do Padre Luiz Pierdoná no comando da Paróquia. Os moradores da sede municipal e das comunidades rurais se fizeram presentes, prestigiando e saudando o pároco e desejando-lhe êxito nesta missão que seria desenvolvida no seio de uma comunidade com profunda convicção de fé.

Nomeado pelo Bispo Dom Marchioro para assumir a paróquia de Fraiburgo, Padre Luiz Pierdona é substituído pelo reverendo Salomão Soares de Oliveira, que passou a responder pela paróquia a partir de 8 de março de 1981. Este permanece no cargo até o mês de agosto do mesmo ano. Diante da solicitação de que deveria retornar ao município de Lages, do qual era procedente, foi substituído pelo Padre Vilmar Moretti.

## **PROVISÃO DE POSSE**

Aos que esta nossa Provisão virem, saudação, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

*"Fazemos saber que, atendendo ao bem espiritual da Paróquia Santa Juliana de Salto Veloso, houvermos por bem prover o Revmo. Pe. Vilmar Moretti, no cargo de Vigário da referida Paróquia com as faculdades, direitos, privilégios e obrigações de direito.*

*Servirá neste cargo como convém ao Serviço de Deus e ao bem das almas de seus paroquianos, guiando-se em tudo pelas disposições canônicas e pelos usos e costumes legítimos deste nosso bispado, gozando dos direitos e cumprindo obrigações inerentes ao seu cargo. No exercício de suas funções terá uso de ordens e jurisdição necessárias para o bom desempenho do seu cargo.*

*Mandamos pois a todos os fiéis católicos da Paróquia de Santa Juliana que reconheçam ao Revmo. Pe. Vilmar Moretti por seu legítimo vigário e como tal o estimem e bem o tratem em tudo quanto são obrigados.*

*Para que esta seja observada será publicada à estação da Santa Missa paroquial no primeiro domingo ou dia de festa que se seguir a sua recepção ou no ato da posse, e devidamente transcrita no Livro Tombo.*

*Dada e passada na Residência Episcopal de Caçador, sob o sinal e selo de nossas armas, no dia 14 de agosto de 1982.*

*Dom Oneres Marchioro*

*Bispo de Caçador."*

Durante o mês de março de 1985, chegaram ao município de Salto Veloso, mais precisamente à Paróquia Santa Juliana, as Irmãs Dulce e Alice, da Congregação de São José Chambéry. Durante a permanência desenvolveram um grande trabalho junto a sociedade, auxiliadas

principalmente por grupos ligados à igreja. As irmãs deixaram o município no final de 1987. Haviã sido convocadas para atuarem em outra missão fora do Estado.

Na ausência do Padre Vilmar Moretti, solicitado para atuar em outra paróquia, assume, no dia 23 de janeiro de 1988, o padre Antonio Beluzzo, no ano seguinte, ou seja, ao longo de 1989 passa a contar com a colaboração do então seminarista Élcio Alberton.

Atendendo solicitação do Bispo Diocesano para atuar no Centro de Formação na cidade de Caçador, Padre Antonio Beluzzo deixa Salto Veloso. No dia 24 de fevereiro de 1991 Padre Elcio Alberton assume as paróquias Santa Juliana de Salto Veloso e Nossa Senhora dos Campos de Arroio Trinta. Em 21 de fevereiro de 1993, os trabalhos de "Cura das almas" frente a Paróquia ficam em mãos do Padre Milton Batista de Almeida (somente Salto Veloso). No dia 13 de junho de 1993, retorna ao comando de Padre Élcio Alberton, e em 11 de fevereiro de 1994 assume Padre Valmor de Deus.

Fatos ligados à Paróquia Santa Juliana que também merecem destaque são: a reforma da igreja Matriz, cujos trabalhos realizados ao longo de 1993 e concluídos para a Festa de Santa Juliana em fevereiro de 1994; o trabalho de administração da Paróquia e da formação de lideranças, sob o comando das Irmãs Lorena Sozin e Letícia Muller, que completam sua atuação na comunidade fazendo-se presentes em setores ligados à área religioso-social.

Resultado do esforço da comunidade, a construção do Pavilhão Paroquial, ou salão de festas, foi outra grande conquista da sociedade. Na

cerimônia de Benção da Pedra Fundamental, foi redigida, em alusão ao marcante acontecimento, a seguinte ata:

*"Aos vinte e sete dias do mês de maio de 1979, sendo João Paulo II papa, Dom Oneres Marchioro, Bispo desta Diocese de Caçador, Pe. Luiz Pierdona, Vigário desta Paróquia, Orlando de Bortoli, Quinto Patel, D. Carmem Verona, Reinaldo Vígolo, Angelo Zamboni, João Abati, Clóvis Biscaro, Angelo Conte, Luiz Abati, Maria de Bortoli, diretoria da Matriz, foi constituída uma comissão administrativa e financeira para a construção do novo Salão Paroquial, sendo os seguintes membros: Arlindo de Bortoli, Antonio Ferronato, Jayme Vivan, Darci Cantú, Avelino ZanESCO, Felipe Conte, Alcides Oss, Natal de Bortoli, Olímpio Borga, Jovelino Tomazi. General João Batista de Figueredo, Presidente da República do Brasil. Sr. Jorge Konder Bornhausen, Governador do Estado de Santa Catarina, Sr. Abel Abati, Prefeito Municipal de Salto Veloso, Sua Excia. Revma. Dom Oneres Marchioro benzeu a Pedra Fundamental do novo salão paroquial em presença de uma grande multidão de fiéis."*

Uma das cópias desta ata foi devidamente lacrada numa pequena caixa de metal e concretada numa das colunas da construção.

Um dos episódios relacionados diretamente as primeiras visitas dos sacerdotes de Faxinal Branco (Iomerê) a Salto Veloso refere-se à travessia de um rio que apresentava o volume d'água alterado pelo recente período de chuvas. Não existindo pontes a passagem era feita através do leito, e muitas vezes era preciso ser corajoso para enfrentar a correnteza. Tendo celebrado em Salto Veloso, um sacerdote aventurou-se a voltar no mesmo dia, e mais ainda, enfrentar a travessia de um rio caudaloso. Ele após um grande susto conseguiu chegar à outra margem, mas sua montaria e os



papéis (espécie de diário), onde registrava todos os acontecimentos da Vila do Veloso, bem como das comunidades que posteriormente passaram integrar o município do mesmo nome, perderam-se para sempre, levados pela correnteza do rio.

## **CAPÍTULO XVI**

### **OS PIONEIROS ERGUEM A PRIMEIRA ESCOLA**

#### **A EVOLUÇÃO NO PROCESSO EDUCACIONAL NO MUNICÍPIO**

Mesmo enfrentando as agruras, os obstáculos e o trabalho incessante numa terra cheia de desafios onde quase tudo estava para ser construído, as famílias que se estabeleceram a partir de 1920 em terras que viriam constituir o território do futuro município de Salta Veloso, não deixavam um só instante de se preocupar com o futuro de seus filhos.

Essa preocupação, comum a todos, era demonstrada principalmente nas conversas que aconteciam depois do "terço", dominicalmente rezado na casa de uma das famílias, onde os assuntos discutidos pelos moradores, giravam em torno dos diversos problemas enfrentados na "colônia", sendo que a educação das crianças, se constituía num dos principais. Importante ressaltar que estamos nos referindo a um tempo em que não existiam recursos acessíveis para a realização de tal obra, nem disponibilidade de professores. Portanto, a escola deveria ser construída pela comunidade, como também encontrar alguém preparado para lecionar, feito isso teriam ainda que arcar com a remuneração do professor.

Foi num desses encontros de domingo que as famílias dos colonos decidiram erguer na localidade, mais tarde denominada Linha Conte, a primeira escola construída no território que formaria posteriormente o município de Salto Veloso. Localizada na então propriedade de Pedro Conte,

a escola edificada em 1934/35, estava situada ao lado de uma estradinha aberta pelos colonos.

Medindo 8x8m a obra foi erguida rusticamente com tábuas farquejadas e coberta com tabuinhas. Trabalharam na construção da mesma os pioneiros Pedro Conte, Honorato e Pedro Giacomini, Guido Fávero, João Lázzari, Izidoro De Bortoli, Pedro De Bastiani, auxiliados nos serviços de carpintaria por alguns rapazes, entre eles João Conte. O mobiliário interno era bastante pobre, constituído apenas de algumas "carteiras", bancos escolares e mesa, feitos igualmente pelos construtores.

Uma vez concluída a escola os moradores se depararam com outro problema, ou seja, a falta de um professor, pois não existia no local e mesmo nas imediações uma pessoa que reunisse condições de alfabetizar os alunos. A solução foi encontrada no vilarejo de Rio dos Cochos (Bom Sucesso), onde, após algumas conversas com João Meneguzzi, este aceitou o convite feito pelas famílias, "assumindo a classe", como se costumava dizer.

O material escolar formado por lousas para cada aluno, quadro-negro e giz, foi adquirido em Bom Retiro (Luzerna), por Pedro Conte, Guido Fávero e João Meneguzzi, que enfrentaram o percurso no lombo de cavalo. As lousas e o giz foram transportados em cargueiros e o quadro-negro, amarrado sobre os mesmos. Sendo o trajeto entre as localidades de Rio dos Cochos e Linha Conte bastante longo, precário e difícil de ser percorrido na época. O professor Meneguzzi passou a morar na casa da família de Pedro Conte, atendendo convite deste, retornando somente nos finais de semana.

Diante do crescimento populacional da Vila do Veloso, surgiu ali também a necessidade de uma escola. Na falta de um espaço para tal fim a igrejinha local foi transformada em sala de aula, tendo como primeira professora a senhora Cecília Vivan, qualificada para este posto pela formação educacional no Colégio Sagrado Coração de Maria, na cidade de Porto Alegre, onde havia realizado seus estudos.



Cecília Vivan – Primeira professora da vila de Salto Veloso.

Procedentes das “Colônias Velhas”, do Rio Grande do Sul, os imigrantes trouxeram sua cultura, criando, inclusive, o primeiro coral da vila do Veloso. Seus integrantes interpretavam basicamente canções do folclore italiano, uma vez que essa era a língua oficial na Colônia.

O coral que era formado por vozes masculinas, teve como um dos seus primeiros maestros, Orestes Rossetto. A presença do grupo era solicitada em todas as festas da comunidade, como também de localidades vizinhas por se tratar de uma atração inovadora na época.



Integrantes do 1º Coral de Salto Veloso. Em pé: Vicente Ferronato, Afonso De Bortoli, Angelo Ferronato e Victório Zanella.  
Sentados: Arcolino Biscaro, José Vígolo, Toni Ferronato e Jacó Vígolo.

Em depoimento no mês de março de 1966, Cecília comentou seu trabalho e também as inúmeras dificuldades enfrentadas, que na atualidade, quando o computador está ao alcance dos estudantes e as aulas podem ser assistidas através da televisão via satélite, parecem, nos dias atuais, cenas de um filme de aventura produzido por um diretor de imaginação fértil, mas na verdade estas cenas aconteceram de fato e tiveram lugar num tempo que não dista muito do momento que estamos vivendo:

*"Sou natural de Guaporé, no Rio Grande do Sul, onde nasci no dia 12 de janeiro de 1915, mas a paróquia à qual meus pais João Ben e Angélica Bevegnu pertenciam fazia parte da jurisdição de Bento Gonçalves. A gente frequentava a capela de Santa Terezinha do Menino Jesus, e foi nessa capela que eu e meu marido Lourenço Vivan nos casamos no dia 03 de fevereiro de 1940. Quando solteira eu lecionava na pequena escola da localidade chamada Santa Tereza. Logo que ficamos noivos, em 1939, os pais de Lourenço, Luiz Vivan e Genoveva Tonial, compraram um terreno em Santa Catarina, num lugar chamado Salto Veloso, onde segundo diziam, as terras eram boas e produziam muito bem. Neste mesmo ano Lourenço, mais algumas pessoas vieram para o local e construíram uma casa, que foi erguida ali perto onde está hoje a serraria dos De Bortoli.*

*Um ano depois com a volta de meu noivo à Guaporé nos casamos. Na semana seguinte ao casamento viemos para Salto Veloso. Saímos de Guaporé num caminhão fretado para trazer a mudança de meus sogros Luiz e Genoveva e de meus cunhados Elio e Plácida. Viemos de caminhão até Passo Fundo onde pernoitamos. Na manhã seguinte embarcamos com destino a Itapuí, depois Barra de São Bento (Ibicaré), Lourenço despachou a mudança também para o local.*

*Chegamos em Itapuí pelas 10:30 horas da manhã, conforme horário ferroviário da época. Na estação estávamos sendo esperados por Afonso Abati e Antonio Lando, que avisados da nossa vinda, ali estavam com duas carroças puxadas por burros, para transportar a mudança até Salto Veloso. Como haviam trazido somente um animal de montaria, resolvemos que minha sogra tinha direito e seguiria com a mudança, Luiz e Elio fariam o percurso a pé. Lourenço, eu e minha cunhada Plácida ficamos*

*em Itapuí esperando carona de um caminhão dos tirolezes que não demoraria seguir para Treze Tílias.*



Sabino e Carmela Rech com os filhos.

Sua primeira residência estava situada na saída da sede municipal em direção à linha De Bastiani.

*Os carroceiros Antonio Lando e Afonso Abati, sabendo que chegaríamos com fome e que não existia um lugar sequer para fazer um lanche, haviam trazido mel e um queijo de bom tamanho que foram devidamente repartidos entre os que seguiriam viagem e os que ficavam em Itapuí esperando uma carona. Chegamos em Treze Tílias às 18:00 horas, ali encontramos os que tinham vindo com a mudança, eles estavam esperando para seguirmos juntos o restante do percurso.*

*Do vilarejo de Itapuí até chegar em Treze Tílias e depois até Salto Veloso as estradas (na verdade trilhas pra carroças) erram péssimas e se isso não bastasse, a gente teve que atravessar dois rios (pelo vau), o São Bento e o Veloso. Antes mesmo de chegar na metade do caminho a noite havia chegado por completo, e na escuridão tudo se tornava mais difícil, mais*

*perigoso. Na margem dos rios os animais se recusavam entrar nas águas, e depois de muito insistir para que enfrentassem a correnteza, as rodas das carroças enroscavam nas pedras do leito. Foi preciso entrar nos rios e retirar as pedras, do contrário, ficaríamos ali a noite toda.*

*Depois de muito esforço conseguimos, finalmente, vencer estes obstáculos. Subimos então costeando o rio Veloso, passamos na localidade de Barra do Veloso onde tinha um ou outro morador, e na casa de Pedro Conte, paramos para que os animais descansassem. Quando ali chegamos eram mais de 21:00 horas. Fomos convidados a entrar e nos sentamos ao redor de uma grande mesa, a dona da casa Libera Conte nos ofereceu vinho doce para nos refrescar. Era a noite de 9 de fevereiro de 1940, época de vindima, no ar quente da noite se misturavam o cheiro da uva madura e da floresta formada principalmente por pinheiros.*

*Proseguimos viagem e um pouco antes da meia noite chegamos na Vila de Salto Veloso. Eu e minha cunhada Plácida, muito curiosas, esperávamos com expectativa, encontrar um povoado onde morassem muitas famílias, mas qual nada, vimos somente a pequena capela e no alto de uma colina, observamos uma luz fraca, devia ser um lampião que iluminava o interior de uma casa. Só tinha mato, capim e bastante moita de hnapindá. Quando chegamos ali moravam apenas 5 famílias: Antonio Lando, Izidoro Marmentini, Brasiliano Cantú, Chico Manco e Luís Loff.*





Pedro e Verginia Giacomini, com os primeiros filhos do casal.

*Nas proximidades do povoadinho moravam Pedro e Verginia Giacomini, Afonso e Fiorinda Abati, Sabino e Carmela Rech. Nas colônias mais distantes, em torno de 4 ou 5 quilômetros moravam Pedro De Bastiani, João De Bastiani, Izidoro De Bortoli. Na localidade de Barra do Rio Veloso com o rio São Bento lembro das famílias Lázzari, Fávero, Trento, Conte, Tramontina e Zanella.*



Família de Afonso e Florinda Abati.

*Depois da ponte sobre o rio Veloso, na rua Saul Brandalise, ali onde está o frigorífico da Perdigão (JBS, quando da publicação da segunda edição do livro), boa parte do terreno pertencia a Honorato Giacomini. Na parte de trás da Igreja Matriz, onde foi construído depois o Colégio de 2º Grau e a Escola Básica, morava a família de Batista Tinelli, e na subida do morro, em direção a Arroio Trinta estava a casa de José Sartorel.*

*Do local onde existia a primeira capela até a casa que Lourenço e Antonio haviam construído, tinha um grande taquaral e a gente passava por uma pequena trilha. Depois da casa do meu sogro Luiz Vivan, moravam Carlos e Alberto Anciliero, e, indo rio acima, nas proximidades da hoje divisa do município de Salto Veloso com Água Doce, estava estabelecido Jerônimo Bridi. Moravam também por ali algumas famílias caboclas.*

*Nossa chegada foi alegre, fomos bem recebidos por todos, mas na época as pessoas estavam muito preocupadas, pois afinal o mundo vivia a segunda guerra mundial, ninguém sabia o que*

*poderia acontecer. Lembro que no interior chegavam muitas notícias, na verdade boatos, mas assustavam homens, mulheres, jovens e crianças. Foi um momento muito difícil e depois começou uma grande perseguição, onde foram cometidas muitas injustiças contra pessoas inocentes.*

*No domingo dia 17 de fevereiro de 1940 aconteceu a festa em honra a Santa Juliana, na parte da manhã houve missa, assistida por um grande número de fiéis. Neste mesmo dia, logo depois do almoço, eu e Lourenço nos preparamos para ir a Videira, para seguir depois a Caçador providenciar os papéis para a escola que iria funcionar na capela. Tendo recebido convite para lecionar, fiquei muito feliz, pois era o que eu gostava de fazer.*

*Arreamos os animais e seguimos através de trilhas uma vez que não existiam estradas, era preciso dar a volta na Barra do Veloso, São Bento e Santo Antonio, passar pelo vilarejo de Rio dos Cochos (Bom Sucesso) e Faxinal Branco (Iomerê) para, finalmente, chegar em Videira. Nesse trajeto o rio Veloso e o São Bento, foram atravessados com certa dificuldade, os cavalos enfrentaram bem a correnteza; mas quando chegamos ao rio Santo Antonio a coisa mudou de figura, ficamos muito apreensivos, a correnteza era forte e assustava a qualquer um.*

*Não conhecíamos a profundidade do rio, a água bastante turva impossibilitava que a gente enxergasse qualquer pedra no seu leito. Tentamos fazer com que os cavalos entrassem na água, mas se recusavam, mostrando se assustados. Do ponto onde a gente estava retornamos por um carreiro no meio do mato, um pouco mais para cima, encontramos, casualmente um caboclo de foice no ombro. Lourenço dirigindo-se a ele disse:*

*- Eu e minha mulher precisamos ir até Videira, mas parece que hoje não vai dar para atravessar esse rio, tá muito feio!*

*- Que nada, respondeu o nosso amigo. Venham comigo que eu conheço bem o "vau", onde podemos atravessar.*

*Seguimos por um bom trecho no meio do mato até chegar num determinado lugar.*

*'É !' aqui disse ele, enquanto arregaçava as bombachas. Pegou depois as rédeas do meu cavalo e falou para Lourenço. 'Você vem atrás com muito cuidado, nesse trecho é preciso dar uma volta, pois se atravessar em linha reta a correnteza leva nós três e os cavalos também'.*

*Confesso que mesmo tendo atravessado anteriormente muitos rios tive medo, a correnteza era muito forte e a água chegou bater bem acima da cintura do nosso guia. Chegando a outra margem agradecemos primeiro a Deus e depois ao nosso guia que teve um gesto de amizade e bondade para conosco*

*Depois de algumas horas, com as roupas um tanto molhadas, chegamos no povoado de Rio dos Cochos, onde pernoitamos. No dia seguinte passamos por Faxinal Branco e chegamos em Videira, dali embarcamos no trem com destino a Caçador, naquela cidade nos dirigimos à Prefeitura, ali prontamente os funcionários encaminharam os papéis de minha nomeação como professora da Vila do Veloso. Foi um momento importante de minha vida, e na viagem de volta, comentei com meu esposo que não via o momento de começar as aulas, eu sabia que existiam ali muitas crianças que precisavam ser alfabetizadas. No dia 27 de fevereiro de 1940, fiz eu mesma a matrícula de 26 alunos. Alguns já tinham passado a cartilha, mas a maioria era principiante.*

*Durante o ano, conforme iam chegando novos moradores, estes queriam que seus filhos fossem recebidos na escola, e muitos deles já estavam no 2º ou no 3º livro como se dizia então.*

*Naquela época as crianças frequentavam a escola até os 11 ou 12 anos, depois, sendo menino ou menina, precisavam ajudar os pais nos serviços da casa e principalmente na roça. Quem tinha aprendido alguma coisa até então, tudo bem, do contrário, os pais não permitiam que os filhos continuassem estudando.*



Escola da Comunidade de Linha São Vicente.

*A relação entre professora e alunos era a melhor possível. As crianças de 6, 7 ou 8 anos sentavam no meu colo para que eu pudesse ensinar-lhes as lições. Os alunos tinham grande afeição pela professora, e eu por eles, existia uma amizade e um carinho especial entre a gente.*

*O recreio acontecia sempre às 10:00 horas e não durava mais de 15 minutos, eu costumava ensinar algumas brincadeiras, mas o tempo era pouco. Geralmente aproveitava para ensinar as lições aos mais fracos e que tinham dificuldade para aprender. Na hora do lanche os que traziam alguma coisa de casa tudo bem, do contrário, ficavam com fome pois não existia merenda preparada na escola.*

*As aulas aconteciam na pequena capela transformada em escola de segunda à sábado, ali não existia o mínimo conforto para os alunos, a construção não tinha janelas de vidro, os bancos eram pesados. Nos dias frios ou de chuva era preciso fechar as janelas e a porta, o interior da escola ficava então totalmente escuro. Para iluminar um pouco o ambiente e continuar lecionando a gente "emprestava" os tocos das velas que sobravam das missas rezadas aos domingos. Isso aconteceu muitas e muitas vezes. Na "classe" os alunos aprendiam gramática, matemática, história, geografia, ciências e noções de religião, tudo era muito difícil mas existia boa vontade de ambas as partes tanto da professora com os alunos, quanto das crianças para a professora. Eu contava também com a amizade dos pais dos alunos, famílias que apesar de muito pobres, uma vez que também estavam começando a vida num lugar diferente, nunca se negaram a colaborar com a escola e com a professora.*

*Aos sábados, assim que terminavam as aulas era preciso limpar a escola/igreja, pois domingo vinha o padre para celebrar a missa. Recordo que era um padre da ordem dos Camilianos e morava em Iomerê. Na época, uma pessoa da Vila do Veloso era encarregada para ir buscar o padre levando um animal para transportar ele. Quando terminavam a missa e os assuntos dele na capela, essa mesma pessoa acompanhava na volta, era um jeito de retribuir, dar atenção ao padre que sempre mostrou atenção e amizade para com todos.*

*Os alunos me ajudavam no trabalho de limpeza da sala de aula. Primeiro levavam os pesados bancos para fora, deixando-os no pátio de grama bonita que tinha em frente a capela, depois o chão era esfregado com água e sabão. Todos colaboravam e em pouco tempo a escola se transformava em igreja, a gente não*

*esquecia nem o vaso de flor sobre a mesa da professora que no dia seguinte virava altar para a celebração da missa.*

*No final de 1940 a escola tinha um número de 30 alunos, o espaço era insuficiente e a construção que nos abrigava não oferecia condições de segurança, os moradores já pensavam em construir uma escola, sendo que esta foi erguida ao lado da capela.*

*No ano de 1946, recebi correspondência de Florianópolis, via Caçador, informando que minha escola passaria ser Escola Estadual, foi sem dúvida uma conquista para a comunidade. Quero dizer que se eu pudesse voltar no tempo eu faria tudo novamente, eu tinha vocação e amor à profissão, e acima de tudo eu gostava muito dos meus alunos. Entre as palavras que mais gosto de ouvir são: 'Dona Cecília, a Senhora foi minha professora, eu aprendi as primeiras letras na sua escola'. Isto me proporciona grande alegria por saber que estas pessoas carregam no coração um pouco daquilo que ensinei, levam na memória a minha lembrança. Para mim ensinar, educar uma criança não é profissão, é missão. Tudo valeu a pena, eu fiz na vida aquilo que mais gostava, que era ensinar."*

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIDEIRA

Quadro Demonstrativo da Matrícula (inicial e final), Frequência e Promoção das Escolas Municipais do Ano Letivo de 1953

Nº. ord.	LOCALIDADE	DISTRITO	PATRONO	NOME DO PROF.	MAT. INICIAL			MAT. FINAL			FREQ. MÉDIA			PROMOÇÃO			OBS.
					m	f	t	m	f	t	f	t	m	f	t		
1	Gram. Cap. Fidêncio	1º sub-distrito	Cap. Pereira Prestes	Olga Lousch	13	12	25	10	7	17	8	7	15	6	3	9	
2	Campina Bella	>	Carlos Gonos	Erica E. Huff	23	5	32	27	11	38	26	10	39	16	8	24	
3	Sede Rigo	>	Gerônimo Coelho	João Balduino	16	13	29	15	19	26	14	9	23	4	2	6	
4	Linha Santo Antonio	>	Marechal Eugardes	Vidal G. Tires	17	21	38	17	24	38	15	13	33	10	11	21	
5	Rio Tiare	>	Palidoro Santigo	Angelo L. Rigo	22	14	36	29	15	45	17	11	23	15	9	24	
6	Aparicida	>	Siqueira Campus	Caterina L. Castilhos	13	15	28	14	15	29	12	13	25	9	12	21	
7	Paseo Grande	>	Barreiros Filho	Humberto S. Coser	9	10	19	3	14	22	7	10	17	6	8	14	
8	Passo da Felicidade	>	1º de Maio	Cristina Bertuel	22	20	42	21	19	40	20	17	37	12	17	29	
9	Linha Meleiros	>	Benjamin Constant	Santolina Matos	27	24	51	26	21	47	21	15	36	12	9	21	
10	Lagoado da Cruz	>	Dr. Scholtz	Anirabile Matana	11	9	20	14	12	26	12	11	23	11	11	22	
11	Linha Tinel	>	Prof. Epídio Barbosa	Jolanda Mazurek	17	9	26	17	9	26	14	8	22	10	6	16	
12	Linha Caxias	>	Duque de Caxias	Pierina Rigo (mtb)	17	8	25	17	7	24	15	7	22	5	3	6	
13	Campo Experimental	>	13 de Maio	Waltrudes Kupfer	18	12	30	14	6	20	9	7	15	9	1	10	
14	Linha Patrielo	>	Dr. Duarte Paranhos	Erica E. Huff	9	9	18	11	10	21	10	9	10	3	5	10	
15	Montebelico	>	João Bolleux	Maria J. de Araujo	13	22	35	---	---	---	---	---	---	---	---	---	funcionou até junho de 53
16	Barra Lagos. Biazolo	>	José de Alencar	Jandira D. Berille	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	
17	Milton Costa	>	Milton Leite Costa	Luiz V. Bartolomeu	---	---	16	---	---	---	---	---	---	---	---	---	
18	Imbuíel	2º sub-distrito	Alfredo O. T. Ribas	Marcelino Tafarel	25	15	40	26	12	38	19	25	35	6	3	19	
19	Linha Otávio Zeller	>	Nº de Novembro	Freida Rodemboser	12	12	24	9	6	15	8	7	15	5	4	9	
20	Linha Quatara	Arroio Trinta	Manoel Dias	Hilda A. Marchiori	24	15	39	24	13	37	21	12	33	15	6	21	
21	Linha São Vicente	>	Otávio Oliveira	Francisco P. dos Sant.	10	10	20	12	13	25	9	10	19	---	---	---	
22	Gramado Sto. Antonio	>	Marechal Floriano	José Brambila	11	13	24	12	14	26	12	13	26	7	7	14	
23	Rio Congonhas	>	Nereu Ramos	Heloisa H. da Silva	20	15	35	23	18	38	16	17	33	7	10	17	
24	Linha Felinto Muller	>	Tiradentes	João Ruzza	26	17	43	26	14	40	33	12	35	11	16	27	
25	Rio Mendes	>	Vidal Ramos	Divo Marcarini	35	27	62	28	14	42	29	18	48	18	11	29	
26	Linha R. Sto. Antonio	>	Prof. O.P. de Sousa	Hilda A. Marchioro	15	5	20	13	8	21	13	7	20	6	8	9	
27	Barra do R. Velozo	>	Ivo d'Aquino	Augusto J. Scopel	19	14	33	9	13	22	9	12	21	6	9	15	
28	Vassourão	>	Alcino Guimarães	Severino Reana	16	15	31	11	15	27	8	16	21	8	10	19	
29	Gamelão	>	Solano Rosa	Divo Marcarini (Sub)	13	11	24	10	11	21	9	19	18	6	8	14	
30	Rio Paiol	>	Gorelves Dias	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	Fech da F/prof
31	Fazenda do R. Verde	X de Novembro	Dr. Hercílio Luz	Ize G. L. da Rocha	11	4	15	7	4	11	6	3	9	4	3	5	
32	Baía	>	Mendonso Lobato	Hilda G. dos Anjos	12	6	18	10	5	15	6	9	6	4	10		
33	Barro Preto	>	Anita Garibaldi	Irene Wandseher	10	11	21	16	9	19	8	7	15	8	7	15	criada em 6/5/53
34	Serraria Alta	>	Luiz Trindade	Cleza da S. Lima	22	19	41	23	21	44	20	17	37	12	14	26	
35	Serraria Tortalho	>	Pinou Bornhausen	Maria dos S. Martins	18	9	19	10	9	19	7	8	15	8	5	13	
36	Linha Esperança	Lourenço	Antônio Teixeira	Elvina E. Cabossa	8	13	21	8	13	21	7	12	19	5	9	14	
37	Linha Belocenta	>	José do Patrocínio	Otávio Carvalho	16	13	29	14	12	26	14	11	25	7	9	16	
38	Linha Paganini	>	Santinha da Gama	Glória Franciosi	11	3	14	11	13	14	9	3	11	---	---	---	
39	Linha Barichelo	>	Barão do Rio Branco	Maria Z. Lemhain	12	14	26	13	16	29	10	13	23	5	6	10	
40	Linha Ponecho	>	J. J. de Souza Cabral	Josefina do C. Leite	20	13	33	20	13	33	18	11	29	11	11	29	
41	Linha Palmeirinha	>	Ondina M. Gonzaga	Giacomo Toneta	11	6	17	11	5	16	9	4	14	5	1	6	criada em 6/4/53
42	Linha Pantinel	>	Olavo Bilac	Ida Fantinel	13	6	19	13	6	19	12	5	17	9	5	14	
43	Sambaiá	Iponémia	Barão do Rio Branco	Heretia C. Moraes	14	9	23	13	9	22	7	11	15	1	2	3	
44	Salto do R. das Pedras	>	Pedro Anchieta	Betritz A. Carognato	29	20	49	19	19	38	17	16	33	14	11	26	
TOTAIS					654 528 1182 614 472 1086 617 432 949 339 272 611												
					Matriculas inicial: 1.182 alunos												
					Matriculas final: 1.082 >												
					Promoções: 611 >												

Escolas existentes em Salto Veloso no ano de 1953 (transcrição).

Nº Ordem	Localidade	Distrito	Patrono	Nome do Professor
21	Linha São Vicente	Arroio Trinta	Otávio Oliveira	Francisco T. dos Santos
22	Gramado Santo Antonio	Arroio Trinta	Marechal Floriano	José Brambila
23	Rio Congonhas	Arroio Trinta	Nereu Ramos	Heloisa H. da Silva
24	Linha Felinto Muller	Arroio Trinta	Tiradentes	João Ruzza
25	Rio Mendes	Arroio Trinta	Vidal Ramos	Divo Marcarini
26	Linha R. Santo Antonio	Arroio Trinta	Prof.O.P.de Sousa	Hilda A. Marchioro
27	Barra do Rio Velozo	Arroio Trinta	Ivo d'Aquino	Augusto J. Scopel



## **ESCOLAS REUNIDAS NÉLIA RIBEIRO DE ALMEIDA**

No dia 27 de fevereiro de 1940 a professora Cecília Ben Vivan, devidamente nomeada pelo município de Caçador realizava na capela da Vila do Veloso, local onde as aulas passariam ser ministradas a matrícula de 26 crianças. Em 1941, contando com um número de 31 alunos passou, por determinação do Município de Caçador ao qual estava subordinada, denominar-se "Escola Municipal Lourenço Lima", sendo professora Cecília Vivan. Permaneceu sob a jurisdição de Caçador até a emancipação político-administrativa de Videira em 1943, e instalado oficialmente no dia 1º de março de 1944, integrando a partir de então o quadro jurisdicional do recém-criado município.



Desfile cívico na Av. Pio XII, na época denominada Rua Principal.

Em 1947 torna-se Escola Estadual (Cecília Vivan havia sido informada sobre este fato ainda no ano de 1946). Um ano depois, em 1948, assumiu a regência da mesma o Senhor Abel Abati, sendo este seu segundo

professor. Diante do expressivo número de estudantes a escola tornou-se desdobrada no mesmo ano que Abati passou a responder pela regência.

Funcionando até esta data ao lado da capela, a escola apresenta espaço físico inadequado e insuficiente para receber os alunos. A população estudantil apresentava um crescimento surpreendente, isto levou a população, representada por suas lideranças, redigir uma correspondência, endereçada ao município de Videira, cujo texto apresenta o teor seguinte:

*"Salto Veloso, 3 de Novembro de 1948*

*Exmo. Sr. Alfredo Odilon Tabora Ribas DD.*

*Presidente da Câmara Municipal de Videira*

*A população de Salto Veloso, no distrito de Arroio Trinta, neste município, por seus representantes abaixo afirmados, vem mui respeitosamente, solicitar de V. Excia. que sempre demonstrou interesse por tudo o que diz respeito ao engrandecimento deste pedaço de nossa Pátria, para que se digne tomar providências no sentido de ser oficiado a quem de direito, que doamos ao Estado de Santa Catarina uma gleba de terras, com dez mil metros quadrados, para nela ser construída uma ESCOLA RURAL, em vista do crescido número de crianças em idade escolar.*

*Este núcleo colonial, um dos mais jovens do nosso próspero município, se ufana com orgulho de ser um dos principais celeiros da jovem Videira, pelo seu grandioso desenvolvimento, cujo trabalho honra o nosso distrito e também o nosso município, apela para V. Excia. e demais Vereadores, a fim de que seja atendida esta justa pretensão de um povo laborioso e trabalhador.*

*A gleba em apreço foi adquirida pelo povo de Salto Veloso de dois proprietários que são: De Felipe Giacomini - Três mil metros quadrados, confrontando a Oeste com a Estrada Geral, a Leste e Norte com Afonso Abati e ao Sul com Felipe Giacomini. De Afonso Abati - sete mil metros quadrados, confrontando a Oeste com Felipe Giacomini e Estrada Geral, ao Norte com Sabino Rech e ao Sul com o mesmo Afonso Abati.*



Desfile Cívico

*Certos de que este nosso oferecimento merecerá apoio de V. Excias, do Senhor Prefeito Municipal e do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado de Santa Catarina, aproveitamos o ensejo para, em nosso nome e do povo de Salto Veloso, agradecer penhorados o interesse pelo desenvolvimento do ensino neste rincão de nossa Pátria. Assinam: Abel Abati, José Arisi e Luiz Cantú.”*

A solicitação acima referendada encontrou receptividade junto às autoridades municipais de Videira, bem como no âmbito estadual. O prédio

escolar foi erguido com alguns recursos do Estado e do Município de Videira, mas a participação da comunidade foi decisiva para a rápida conclusão da obra, realizada ao longo de 1949. Neste local funcionou até 1953 como Escola Estadual Desdobrada.

Diante do expressivo número de alunos o regente Abel Abati, segundo solicitação feita junto ao Estado, contrata como professora auxiliar Maria Zardo e um pouco mais tarde Suely Azambuja. No ano de 1952, quando foi elevada à categoria de "Escolas Reunidas Nélia Ribeiro de Almeida", contava com 122 alunos, residentes na Vila e nas comunidades rurais situadas nas imediações.

Ata de Instalação das Escolas Reunidas Professora Nélia Ribeiro de Almeida:

*"Aos vinte e dois dias do mês de outubro de hum mil novecentos e cinqüenta e dois, sendo Presidente da República o Sr. Getúlio Dornelles Vargas, Governador do Estado de Santa Catarina o Sr. Irineu Bornhausen, Secretário de Educação Sr. Fernando Ferreira de Mello, Diretor do Departamento de Educação Sra. Ondina Nunes Gonzaga, Inspetor Geral de Ensino Professor Abelano de Souza, Prefeito Municipal de Videira Sr. Antonio Gaio e Inspetor Escolar da 22a Circunscrição Professor José Benedito Ribeiro. Foram instaladas as Escolas Reunidas "Professora Nélia Ribeiro de Almeida" da Vila Veloso, Município de Videira, criada pelo decreto lei no 1. A Direção foi criada, ou melhor, entregue ao Professor Abel Abati e a vacância ficou assim constituída: Professoras Norma Zonteira Melo, Suely Azambuja e Abel Abati. Nada mais havendo a tratar, eu, José Benedito Ribeiro, Inspetor Escolar, lavro a presente ata, que vai assinada por mim, José Benedito Ribeiro, Abel Abati e Norma Zonteira Melo."*

Diretor, professores e alunos das Escolas Reunidas Professora Nélia Ribeiro de Almeida, recebem nos dias 22 e 23 de outubro de 1953, a primeira visita do Inspetor Escolar, Professor José Benedito Ribeiro, que em seu livro de anotações faz o seguinte registro sobre a visita:

*"Funcionam no prédio as associações: Pelotão de Saúde Escolar e Biblioteca Escolar, tudo sob a orientação do professor Abel Abati. Reina no ambiente muita harmonia entre o corpo docente e a direção. As reuniões pedagógicas acontecem mensalmente. O Senhor Abel Abati, responsável pela direção é cumpridor de seus deveres e tem senso administrativo."*

Ao se referir sobre o prédio, colocou em suas observações: "notei a ausência de instalações sanitárias condizentes, de resto, tudo em ordem".

O Decreto nº 714, de 27 de setembro de 1963, transforma as Escolas Reunidas Professora Nélia Ribeiro de Almeida em Grupo Escolar Professor Enoé Schutel, sendo que no dia 26 de agosto de 1965, foi inaugurado o prédio que através de sucessivos melhoramentos ali executados se transformou na Escola Básica Cecília Vivan.

*"Ata de Inauguração:*

*Aos vinte e seis dias do mês de agosto de hum mil novecentos e sessenta e cinco, às 15 horas, foi inaugurado o Grupo Escolar "Professor Enoé Schutel" na cidade de Salto Veloso. Não havendo mais nada a tratar, eu, Darci Padilha Biscaro, lavrei a presente ata. Salto Veloso, 26 de Agosto de 1965."*

Na ocasião em que foi inaugurada a escola possuía 4 salas de aula e demais instalações incluindo espaço adequado para a direção e sala para

os professores. Com a inauguração da obra Salto Veloso, dava mais um importante passo no setor educacional.

Através do Decreto NSE 3178 de 17 de setembro de 1965, foi criado o Ginásio Normal Dib Cheren, cuja ata de instalação estabelece:

*"O Governador do Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições Decreta: Art. 1º - Fica criado um Ginásio Normal na cidade de Salto Veloso, para funcionar a partir do ano letivo 1966; Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor a partir da data de sua publicação, salvo as disposições em contrário.*

*Palácio do Governo em Florianópolis, 17/09/65*

*Celso Ramos*

*Governador do Estado,"*

A solenidade oficial de instalação do Ginásio Normal Deputado Dib Cheren, teve lugar no dia 27 de fevereiro de 1966. As aulas eram ministradas em anexo ao Grupo Escolar Professor Enoé Schutel.

No ano de 1971, pelo Decreto TOB 10.400, assinado em 08 de fevereiro de 1971 foi criada a Escola Básica Enoé Schutel, que decorridos 21 anos, ou seja, em 29 de abril de 1992, passa a denominar-se Escola Básica Professora Cecília Vivan, isto por força do Decreto no 1683, assinado pelo Governador Vilson Pedro Kleinübing.

A mudança do nome da escola foi realizada por solicitação da própria comunidade, destacadamente o público estudantil, que através deste ato homenageia a primeira professora da Vila do Veloso, que vencendo desafios, conseguiu alfabetizar muitos dos homens e mulheres que ajudaram a fazer a história do município.

Ata da Assembleia Geral Extraordinária, para mudança do nome da Escola:

*"Aos dezessete dias do mês de fevereiro de novecentos e noventa e dois, no Ginásio de Esportes da Escola Básica Enoé Schutel, realizou-se a Assembleia Geral com a presença de pais, alunos e professores para a apresentação do resultado da pesquisa, então realizada, sobre a troca do nome da Escola. Segundo apontamentos da pesquisa, o nome escolhido foi 'Escola Básica Professora Cecília Vivan'. Apresentado o devido resultado, todos os presentes homologaram o nome escolhido com uma grande salva de palmas. A Direção da Escola, antes de confirmar em definitivo o novo nome da Escola deixou a palavra livre para pronunciamento sobre o assunto. Fizeram uso da palavra o Exmo. Sr. Prefeito Municipal Odivar Clóvis Biscaro, e o Presidente da Associação de Pais e Professores (APP) Dr. Zelir Zapelini, os quais disseram que o nome escolhido é sem sombra de dúvida uma grande homenagem a quem dedicou parte de sua vida à Educação. Pelo resultado da pesquisa e pelos pronunciamentos dentro em breve a Escola passará de Escola Básica 'Enoé Schutel' a Escola Básica 'Professora Cecília Vivan'. A Diretora, Sra. Carmem Verona, agradeceu a presença de todos e convidou os pais e professores para permanecerem alguns minutos para os avisos gerais de início de ano letivo. Nada mais havendo a tratar encerrou-se a reunião da qual foi lavrada a presente ata.*

*Salto Veloso, 17 de fevereiro de 1992."*

A Escola Básica Professora Cecília Vivan está sob a Coordenação da Secretaria Executiva Regional de Educação (SERE 149) de Caçador - é mantida pelo governo do Estado.

## **COLÉGIO CENECISTA EURICO GASPAR DUTRA**

Esta entidade voltada à formação educacional dos velosenses é fruto da atuação de uma comunidade perseverante em seus objetivos, que devidamente, representada por seus líderes, se empenhou na tarefa que culminou com a criação da CNEC em Salto Veloso. O trabalho da população neste sentido tinha como finalidade, implantar no município um curso de 2º grau, do contrário, os jovens que desejassem prosseguir seus estudos, deveriam, na falta deste, dirigir-se a outros municípios da região.

Um dos primeiros e importantes passos dados no sentido da implantação da CNEC no município foram dados pelo Padre Domingos Giroto, grande incentivador e colaborador deste projeto, que se incumbiu de conseguir todas as informações necessárias junto a CNEC Estadual, uma vez obtidas repassou-as à comunidade que agilizou todo o processo para que esta aspiração se tornasse realidade.

Assim, no dia 11 de julho de 1974, teve lugar nas dependências do salão paroquial da Igreja Matriz uma reunião com as lideranças comunitárias, onde a principal ordem do dia foi a criação da Escola. Marcaram presença naquela oportunidade o Senhor Eduardo Mário Tavares, Administrador Estadual da CNEC e Saturnino Dadan, auxiliar direto. Estes num primeiro plano mostraram ao público um retrato geral da Escola, finalidades e objetivos, realizando ainda uma explanação sobre os requisitos necessários à implantação da mesma no município.

A etapa seguinte, ou seja, a organização dos documentos que formariam o processo reivindicatório, esteve a cargo dos professores Jayme



Vivan e Odivar Clóvis Biscaro, que se empenharam na agilização deste trabalho, realizado num curto espaço de tempo.

Constituiu-se também na ocasião a primeira Diretoria da entidade, assim formada:

Presidente:	Antonio Ferronato.
1º Vice-Presidente:	Abel Abati.
2º Vice-Presidente:	Darci Pedro Cantú.
1º Tesoureiro:	Valdemar Bridi.
2º Tesoureiro:	Pe. Domingos Giroto.
Conselho Fiscal:	Moisés Giacomini, Remi Silvio Cantú, Dr. Mário Cunha Amorim, Afonso Laurindo De Bortoli.
Diretoria Administrativa:	Jayme Vivan.
Secretário:	Odivar Clóvis Biscaro.

O nome dado pela comunidade ao Colégio é uma homenagem ao ex-presidente da República, "Eurico Gaspar Dutra", que coincidentemente, faleceu no dia em que foi realizada a primeira reunião para tratar do assunto "Colégio Cenecista". Tendo como sede as dependências da Escola Básica Enoé Schutel, o Colégio iniciou suas atividades no ano de 1975, com o curso Assistente de Administração, apresentando um quadro de 33 alunos. Seu funcionamento fora devidamente autorizado pelo Decreto no 1.077, assinado no dia 02 de outubro de 1975.

Dois anos depois do início das aulas, graças a colaboração da comunidade e também de entidades do setor educacional, o Colégio possuía sede própria, inaugurada em 1977, situada na rua João XXIII. No ano de 1985 foi criado o curso de Técnico em Contabilidade, seis anos depois, ou

seja, em 1991, seus alunos podiam optar também pelo curso de Educação Geral.

O Colégio Cenecista Eurico Gaspar Dutra teve como primeiro Diretor Jayme Vivan, que permaneceu no cargo durante um período de 03 anos, entregando posteriormente a direção a Benedito Prestes, e este, por sua vez a Honorino Abati.

A direção do Colégio de 2º Grau, como é popularmente conhecido no município, esteve e está sob responsabilidade de pessoas identificadas com a entidade, prova disto é o expressivo número de alunos que frequentaram os cursos ali ministrados e que hoje ocupam diversos postos a nível municipal, estadual e mesmo nacional. Mérito este partilhado também pelos professores que, decisivamente, colaboraram na formação destes jovens que ao longo do tempo passaram pelas salas de aula deste estabelecimento educacional.

Acompanhando de perto a evolução que acontece nas mais diferentes áreas e participando, efetivamente do desenvolvimento galopante registrado no planeta onde vivemos, a direção do Colégio implantou recentemente entre outros um Curso de Informática, ligando Salto Veloso ao mundo também através do computador. A formação dos jovens é uma preocupação constante da CNEC a nível municipal, bem como as transformações pelas quais passa a educação que se direciona cada vez mais para a globalização, e dentro de uma modernidade que acontece em ritmo acelerado- Salto Veloso, consciente disto, prepara-se para esta nova realidade.

## **ESCOLAS SITUADAS NO INTERIOR**

- Escola Isolada Municipal Vereador Egídio Cesca - Linha Conte.
- Escola Isolada Estadual Linha Mendes - Linha Mendes.
- Escola Isolada Estadual - Linha Congonhas.
- Escola Isolada Estadual Alto Veloso - Linha Alto Veloso.
- Escola Isolada Municipal Santo Antonio - Santo Antonio.
- Escola Isolada Municipal Vereador João Domingos Cantú - Linha De Bastiani.
- Escola Isolada Estadual Linha Consulta - Linha Consulta.
- Escola Isolada Estadual de Linha Alto Consulta ou Nova Brasília.
- Escola Isolada Estadual São Vicente - Linha São Vicente (As datas de construção das escolas, bem como os primeiros professores, constam no capítulo VIII).
- A estrutura educacional de Salto Veloso, inclui Jardim de Infância Pequeno Príncipe e Creche "Nona Verginia".

## **DOCUMENTOS REFERENTES AS ESCOLAS DE SALTO VELOSO**

*"Prefeitura Municipal de Videira*

***Projeto de Lei nº 34, de 18 de agosto de 1951***

*Senhor Presidente*

*O incluso Projeto de Lei nº 34, pede autorização para fazer doação ao Estado de uma área de terras de 2.500 metros quadrados, de propriedade do município, cita em Linha Consulta, distrito de Arroio Trinta. Conforme comunicação do Exmo. Sr. Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde, nosso município foi contemplado com mais uma unidade de Escola Rural, que ficará localizada na Linha Consulta, em virtude da*

*grande matrícula que apresenta. O restante da área necessária será doada pela população. Tratando-se de doação que favorecerá a Educação de nossa juventude com a construção de mais uma unidade escolar modelo, conta este executivo com a aprovação do aludido Projeto de Lei.*

*Antonio Gaio*

*Prefeito Municipal”*

### **"Ofício nº71/58**

*Exmo. Sr.*

*Apraz-me vir à presença de V. Excia., por intermédio do presente, afim de vos informar que, o requerimento de nobre componente desta Casa aprovado em Plenário, considerando-se o constante aumento da população, tendo-se ainda em conta o progresso crescente que dia a dia se vem verificando no Distrito de Salto Veloso, neste município, ultrapassando mesmo as previsões anteriormente formuladas quanto a esse desenvolvimento, a atual Escola Reunida desse Distrito não satisfaz às atuais exigências face ao elevado número de alunos aos quais se deve ministrar o devido ensino, pois que dispõe a mesma de área mui diminuta, não comportando a introdução de novas classes.*

*Isto pôsto, rogo a V. Excia. seja determinado ao Exmo. Sr. Secretário da Educação para que, em breve, sejam procedidas as necessárias verificações quanto ao acima exposto, determinando, posteriormente, seja construída nesse Distrito um Grupo Escolar nos moldes dos inúmeros já concluídos por esse*

*Poder em diversos municípios, atendendo-se, assim, a tão justa aspiração do povo do Distrito de Salto Veloso.*

*Cumprе esclarecer ainda a V. Excia, que grande parte, ou mesmo a totalidade da área destinada à construção desse Grupo Escolar, será doada pela população dessa localidade.*

*Certo de que o presente contará com a habitual e mui valiosa atenção de V. Excia., sirvo-me ainda desta oportunidade para vos apresentar meus protestos de elevada consideração e apreço.*

*Miguel Lopes da Silva - Presidente.*

*Salão das Sessões, 25 de Junho de 1958”*

*"Exmo. Sr.*

*Heriberto Hülse*

*MD Governador do Estado*

*Florianópolis - SC.*

**Projeto de Lei n° 30/58 C.M.**

O Prefeito Municipal de Videira

*Faço saber a todos os habitantes deste município que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:*

*Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a receber por doação de João Domingos Cantú e sua Mulher, uma gleba de terras com*

área de 10.000 metros quadrados, situada no lugar denominado Linha Consulta, no distrito de Salto Veloso, neste Município, para construção de uma Escola. Art. 2º - Fica investido o Senhor Prefeito Municipal dos poderes necessários para representar no ato da transmissão da propriedade a Prefeitura Municipal. Art.3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 26 de Agosto de 1958

João Domingos Cantú - Vereador

Luiz Ferlin - Presidente em Exercício”

### **"Projeto de Lei nº 30/58**

*Autoriza a aquisição por doação de área de terras situada em Linha Consulta, destinada à construção de uma escola municipal.*

*Examinando referido Projeto de lei, esta Comissão manifesta-se inteiramente favorável quanto a redação de origem.*

*Está o mesmo, portanto, apto para ser aprovado pelo plenário.*

Sala das Sessões, 27 de agosto de 1958

Luis Ferlin - Relator

Luíz Zardo - Membro

César Augusto Filho – Membro.”

## CAPÍTULO XVII

### ASSISTÊNCIA MÉDICA

No início dos anos 50 surge em Salto Veloso a primeira farmácia. Seu estoque era limitado a medicamentos básicos e remédios homeopáticos. O proprietário Nelson Mayer (prático) era solicitado também para tratar de casos que não requeriam maiores cuidados, caso contrário o doente era encaminhado a Arroio Trinta, Videira ou Joaçaba.

Em 1955 foi criada uma sociedade, da qual participavam pessoas dos mais diferentes setores da comunidade. Uma das primeiras tarefas deste grupo foi tratar da aquisição de um prédio no qual, onde foi instalado o primeiro hospital, que serviu à comunidade até o ano de 1982. O primeiro médico do município foi o Dr. Anízio de Jesus Belo Vieira, que permaneceu em Salto Veloso até 1959. Este hospital foi muito bem equipado (dentro da realidade da época), sendo um dos melhores da região.



Nesta casa que estava situada na Av. Pio XII, funcionou o primeiro Hotel de Salto Veloso. Posteriormente suas dependências foram adaptadas para a instalação do primeiro Hospital.

No ano de 1969 foi iniciado o atendimento aos agricultores, e no dia 06 de julho de 1973, passou à Fundação Médica Social. Formou-se então a primeira diretoria da entidade.

## **FUNDAÇÃO RURAL E MATERNIDADE DE SALTO VELOSO**

*"Aos dezesseis dias do mês de julho de 1973, nesta cidade de Salto Veloso, comarca de Videira, Estado de Santa Catarina, no salão paroquial, às catorze horas, sob a presidência do Sr. Prefeito Municipal Antonio Ferronato, reuniu-se considerável número de pessoas, em sua maioria agricultores, de todo o território municipal para votarem sobre a viabilidade de transformar em Fundação Rural o Hospital Maternidade Salto Veloso, patrimônio da Prefeitura Municipal. O Sr. Prefeito fez ampla exposição sobre as vantagens da transformação, em Fundação Rural, seja pela receptividade de verbas, maior acesso a recursos financeiros, através do FUNRURAL e outros órgãos governamentais. Falou também da necessidade de se construir novo prédio para o hospital, em virtude do estado precário do atual e das dificuldades de se obter a prorrogação do alvará do funcionamento junto as autoridades sanitárias pelo motivo do hospital não apresentar o mínimo de exigências do departamento atual de saúde pública. Expôs ainda que a Prefeitura fará doação do terreno e de todo o material e equipamento cirúrgico existente no atual Hospital. Frisou, porém, que a municipalidade não tem condições de sozinha enfrentar ou fazer face às grandes despesas com a construção do novo hospital. Disse que embora a Fundação traga enormes vantagens ao agricultor, necessitará de um pouco de sacrifício e esforço de cada um para levar a bom termo o empreendimento. Todos os presentes aprovaram as*



*razões apresentadas pelo Prefeito, concordando plenamente com a transformação em Fundação do Hospital e Maternidade Salto Veloso, com a edificação do novo prédio. Em virtude disso, passou-se à votação para eleger como presidente do conselho deliberativo, o Sr. Antonio Ferronato, Prefeito Municipal, este aceitou e agradeceu a confiança demonstrada, que foi feito, por unanimidade e em seguida apresentou à assembléia os nomes dos que iriam compor a diretoria e o Conselho Fiscal (...). Os eleitos foram saudados por uma salva de palmas. Em seguida o Presidente propôs fazer uma arrecadação de Cr\$ 100,00 de cada família do Município, com possibilidade de contribuir sem grande sacrifício; os mais abastados poderiam contribuir com mais. Foi aceita por todos a proposta. Em virtude disto e das "Linhas" interiores para arrecadar o tributo junto as famílias, tocando este cargo aos seguintes senhores: Cidade - Afonso De Bortoli, Valdemar Bridi e Carmem Biscaro. Interior - Alcides José Oss e Jovelino Tomazi, na Linha Congonhas. Na linha Mendes - Avelino Abati. Na Linha Santo Antonio - Olímpio Borga. Linha De Bortoli - Natal De Bortoli. Linha Barra do Veloso - Ângelo Conte. Linha Consulta - Ivo Falchetti. Linha Nova Brasília - Zeferino Abati. Linha São Vicente - Riquelmo Pasin. Ficou esclarecido que mesmo aquele que contribuir com a taxa mínima de Cr\$ 100,00 será considerado sócio fundador e membro do conselho deliberativo. Após isto o Presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a reunião, com a assinatura da ata."*

## **ATA DE INSTALAÇÃO**

*"No dia vinte e cinco de agosto de hum mil novecentos e setenta e três, às dezesseis horas, procedeu-se à instalação e benção*

*das dependências do Hospital e Maternidade Salto Veloso, transformado em "Fundação Médica Social de Salto Veloso", na Avenida Pio XII. Estavam presentes os senhores: Antonio Ferronato, Prefeito Municipal; Valter Vivan, Presidente da Câmara Municipal e representantes do comércio e da agricultura. As Cerimônias tiveram início com as bênçãos do estabelecimento, procedida pelo Revmo. Padre Domingos Giroto, seguindo-se a leitura, pelo Sr. Prefeito, da Lei que autoriza a doação do terreno além do material e equipamento hospitalar à nova Fundação: Art.1 - Fica o chefe do poder executivo autorizado a doar uma área de terra urbana, com superfície de 6.897 m<sup>2</sup>, com escritura para que o atual Hospital e Maternidade Salto Veloso seja transformado em Fundação; Art. 2 - Doa também todo o equipamento cirúrgico existente no Hospital e Maternidade Salto Veloso; Art. 3 - Deverá a Fundação fazer jus à doação do novo prédio hospitalar; Art. 4 - Esta lei entra em vigor na data, onze de julho de hum mil novecentos e setenta e três. A partir desta data começou a solicitação de verbas para a construção do novo hospital. Em janeiro de hum mil novecentos e setenta e cinco, começou a caminhada para a construção do hospital."*

### **ATA DE LANÇAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO NOVO HOSPITAL**

*"No dia dois de novembro de hum mil novecentos e oitenta e um, com início às nove horas, reuniram-se no próprio local de construção as seguintes autoridades: Sr. Claudemir Cesca; Sr. Valter Vivan, Presidente da Câmara de Vereadores; o Vereador Juvelino Tomazi, Presidente do Sindicato Rural de Salto Veloso; Sr. Felipe Conte Sobrinho e demais pessoas. Dando início, o Sr.*

*Jaime Vivan agradeceu a presença de todos e pediu que se alegrassem com ele. Em breves palavras esclareceu a finalidade do ato e disse que o lançamento da construção de um hospital, que estava sendo feita, era um velho sonho de toda a população velosense. Em seguida, passou a palavra ao Prefeito Municipal, Sr. Claudemir Cesca, que inicialmente falou da incansável luta despendida durante muitos anos para se conseguir um Hospital para Salto Veloso. Ele fez questão de mencionar o nome do ex-Prefeito Abel Abati, que trabalhou em prol desse benefício. Finalmente, disse o Sr. Prefeito, graças à Secretaria da Saúde, que se comprometera em nos ajudar nas obras, podemos registrar esse fato. Da parte da Prefeitura, disse que estará disposto a ajudar em tudo o que for possível.”*

Os trabalhos de construção do Hospital foram iniciados no dia 20 de novembro de 1981. Sua inauguração aconteceu em 06 de novembro de 1982, às 17h. A obra uma vez concluída somou Cr\$ 12,5 milhões.

A Fundação Médica Social Rural de Salto Veloso, mantenedora do Hospital Santa Juliana, vem se empenhando para proporcionar à população um atendimento cada vez melhor. Buscando aperfeiçoar os diversos setores da unidade, a mesma passou nos anos de 1995/96 por um trabalho de reforma e ampliação em suas dependências, inclusive sala de cirurgia. Além disso a fundação que tem na presidência Felipe Conte Sobrinho, conseguiu com o auxílio da Administração Municipal 92/96, investir na compra de novos equipamentos que foram instalados no final de 1995, início de 1996.

## **CAPÍTULO XVIII**

### **DA LOCALIDADE DO VELOSO À MUNICÍPIO DE SALTO VELOSO**

Ao estudar profundamente o contexto histórico de Salto Veloso e mais especificamente em relação ao nome do local, anterior à sua emancipação política, observamos que existem na verdade ao longo da história três denominações empregadas tanto em documentos pesquisados quanto em alguns depoimentos colhidos. Visando esclarecer a título de conhecimento, vez que poucos sabem desta particularidade histórica, realizamos uma pesquisa de documentos desde 1948 buscando nos fragmentos que ainda restam sobre os trabalhos realizados pelo primeiro prefeito eleito de Videira, Angelo Ponzoni, entre 1948 e 1951; documentos da gestão de Antonio Gaio segundo prefeito eleito de Videiras (entre 1951 e 1956) e primeiro a elaborar um mapa em 1952, que inclui Salto Veloso; acervo documental da câmara de vereadores de Videira; antigo rótulo e nota fiscal de empresa na área da fabricação de vinhos; documentos da Casa da Cultura de Arroio Trinta; depoimentos de Angelo Ponzoni em 1974, Antonio Gaio em 1993 e Leopardo Boeira, este último realizado durante a pesquisa para o lançamento da primeira edição do livro em 1996. Como demonstramos a seguir, a localidade, hoje município de Salto Veloso, tanto em documentos quanto em depoimentos teve as seguintes denominações: Veloso, Salto, Salto do Veloso, Salto do Rio Veloso e Salto Veloso com a justificativas de 05 de dezembro de 1961, constante no acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Videira.

Depoimentos e documentos pesquisados:

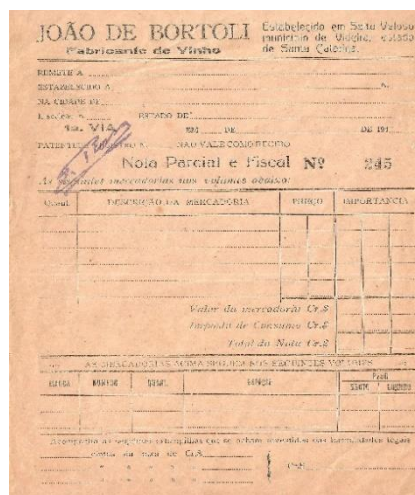
*"Uma das maiores obras que fizemos na época foi abrir a estrada Videira-Palmas, passando por Iomerê, Arroio Trinta, 'Veloso', Vicentópolis (Herciliópolis) e até bem adiante. Fizemos descurvamento, cortes, aterros e pontes. O povo que morava na região largava tudo o que estava fazendo pra ir ver o trator trabalhando. Nunca tinham visto um trator de esteira antes."*

*Depoimento de Ângelo Ponzoni, primeiro prefeito eleito de Videira (entre 1948 e 1951). Entrevista concedida no ano de 1974.*

Este depoimento é confirmado por D. Maria Barbosa Veloso Pedroso, entrevistada em 06 de outubro de 2021, quando relata:

*"Vinha gente de todo lugar para ver a máquina abrir a estrada, a gente que morava no Paiol dos Belo ia também."*

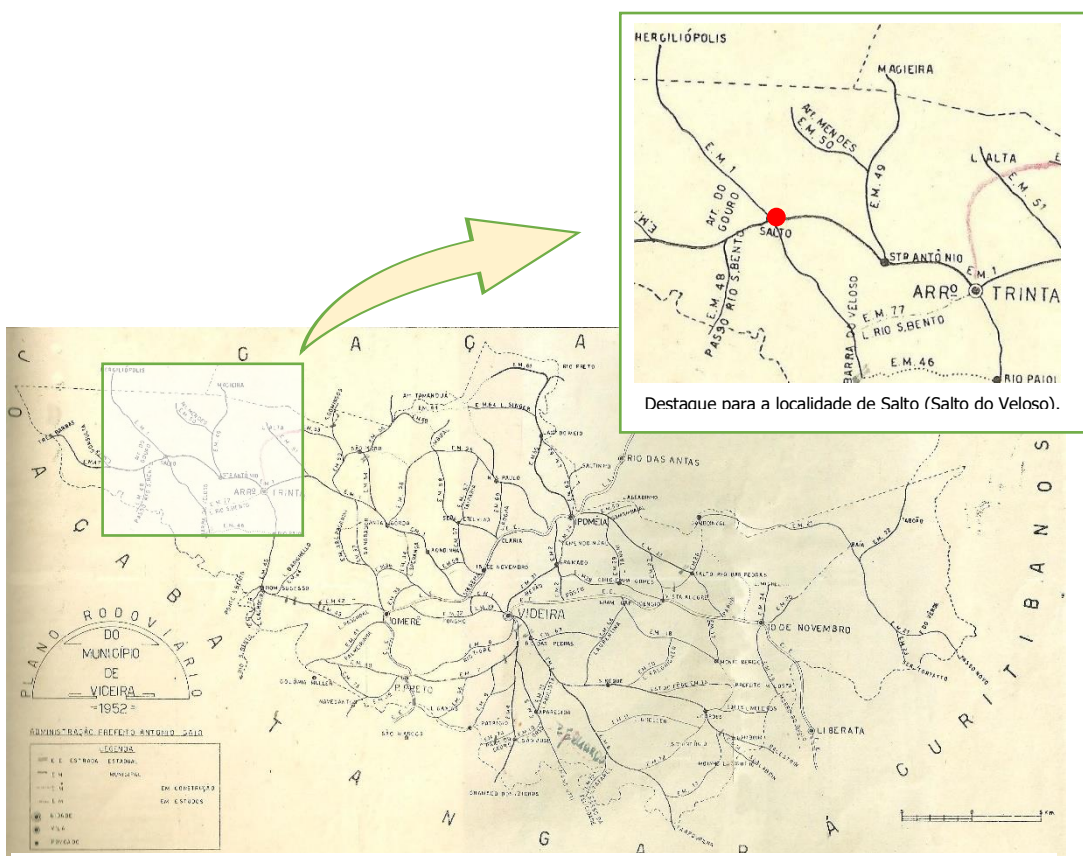
Rótulo de vinho - *"Safr de 1948 – Vinho Tinto de Mesa. Fabricante e Exportador João De Bortoli. 'Veloso' Município de Videira."*



Relatório sobre dados técnicos da Usina da Indústria "Salto Veloso Ltda".

Relatório da administração de Antonio Gaio, segundo prefeito eleito de Videira, editado em 1953: "Abertura da Estrada Rio Paiol, 'Salto Rio Veloso', via Vassourão - 13 quilômetros - valor 12.430,00. Abertura da Estrada 'Salto do Rio Veloso', via Vassourão, Tres Barras via Consulta - 9 quilômetros - valor 2.630,00."

Mapa desenhado em 1952 em que aparece apenas o nome "Salto". Documento este constante no relatório editado no final do mandato iniciado em 31 de janeiro de 1951.



Mapa do município de Videira em 1952.

Correspondência endereçada ao Bispo Diocesano Dom Daniel Hostin, datada de 8 de julho de 1954: *"Excia., conforme ficamos de comunicar-vos o parecer do snr. Padre Vigário de Arroio Trinta, com referência a criação de uma Paróquia em 'Salto Veloso'".* O documento é assinado por Abel Abati, Vitctório Zanella, Antonio Ferronato e João Conte.

Requerimento em Ata do vereador João Domingos Cantú, de 19 de abril de 1955: *"...referente a Estrada Três Barras no 'Veloso' e sobre o traçado das ruas da 'Vila do Veloso'".*

Solicitação em Ata do vereador João Domingos Cantú, de 11 de março de 1955, para a criação do *"Distrito do Veloso"*.

*"Estado de Santa Catarina. Câmara Municipal de Videira. Comissão de Justiça. Parecer. Objeto: 'Distrito de Salto Veloso'. Requerimento para sua criação, com abaixo assinado dos moradores. Projeto de Lei nº 4/57. O Prefeito Municipal de Videira. Faço saber a todos os habitantes do Município que a Câmara aprovou e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Fica criado o Distrito de 'VELOSO', desmembrado do Distrito de Arroio Trinta. O novo Distrito terá por sede a atual 'Vila de Veloso'. Esta Lei que sugerimos, e o nosso parecer. Sala das Sessões em 1º de maio de 1955. Irio Zardo Relator. César Augusto Filho."*

*"Estado de Santa Catarina. Prefeitura Municipal de Videira.*

*CERTIDÃO: Agostinho Rossetto, Secretário Municipal de Videira, Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições... CERTIFICA em virtude do pedido verbal de parte interessada e por determinação do Senhor Prefeito Municipal que a 'Vila de Salto Veloso', no Distrito de Arroio Trinta, tem uma renda anual aproximada de cento e setenta e cinco mil, cento e vinte e dois*

*cruzeiros (Cr\$. 175.122,00). O referido é verdade e dou fé. Prefeitura Municipal de Videira, 14 de março de 1.957."*

*"OFÍCIO N. 37/56: O Vereador abaixo subscrito, consultando a opinião dos moradores da Linha Mendes, bem como a população do 'Rio Velozo', digo 'Rio Velozo' que residem no nascente, pedem e estão de acordo com a abertura de uma estrada que ligará a Linha Mendes com a 'Vila de Salto Velozo'. Que esta demarcação não está obedecendo a um traçado pré-estabelecido, mas está sendo descrita para demonstrar mais ou menos a pouca distância que liga a 'Vila de Salto' com a Linha Mendes. Os moradores portanto daquela Linha, bem como os de 'Salto Velozo' esperam receber desta casa seu integral apoio, vindo assim de encontro a uma velha aspiração destes dois povoados. Sala das Sessões, 28 de novembro de 1956."*

*"CERTIDÃO: Certifico, a requerimento da parte interessada que a renda arrecadada por esta Repartição, durante o exercício de 1.956 no território que faz parte o lugar denominado 'SALTO VELOSO', é mais ou menos uma renda de Cr\$ 484.717,20 (quatrocentos e oitenta e quatro mil setecentos e dezessete cruzeiros e vinte centavos). Coletoria Estadual, 25 de Março de 1.957."*

*"CERTIDÃO: Certifico que revendo os arquivos desta Coletoria, verifiquei que Distrito de 'SALTO DO VELOSO', deste município de Videira, rendeu no exercício de 1956 a importância de Cr\$ 47.482,70 (quarenta e sete mil quatrocentos e oitenta e dois cruzeiros e setenta centavos). Coletoria Federal de Videira 1957."*



*"REQUERIMENTO: A Comissão Organizadora da Creação do 'Distrito de Salto Veloso', no Município de Videira Estado de Santa Catarina, por seu vereador abaixo assinado, requer a V.S. se digne encaminhar ao Presidente da Câmara Estadual, os requerimentos abaixo. Salto Veloso, 2 de abril de 1.957. Assinado: João Domingos Cantú."*

*"ATESTADO Nº27/57 – O cidadão Luiz Leoni, Prefeito de Videira, Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições... ATESTA que a área de terras pertencentes ao 'Distrito do Veloso', criado pela Lei Municipal 7/57, de 6 de abril de 1957, possui mais de cinco mil (5.000) habitantes. O referido é verdade e dou fé. Luiz Leoni Prefeito Municipal."*

*"PROJETO DE LEI Nº 61/57*

*Procedência: Câmara Municipal de Videira. Autor: Deputado Heitor Guimarães. Ofício nº 7/57 – 'Cria o Distrito do Veloso' desmembrado do de Arroio Trinta. Lei n. 268, de 27 de junho de 1957."*

Indicação em Ata do vereador José Luiz Lázzari, julho de 1955, solicitando informações do Poder Executivo, e sugerindo medidas na Estrada Arroio Trinta a "Velozzo" e serraria Comelli.

Indicação em Ata do vereador Querino Schüller, julho de 1957, "...que seja criada uma Escola Pública Municipal na Linha Francisco Millani, na localidade de Consulta no 'Distrito de Veloso'".

Indicação do vereador Querino Schüller, agosto de 1957, solicitando providências para efetivação dos reparos na estrada da Linha São Vicente no "*Distrito do Veloso*".

Parecere da Comissão de Justiça, setembro de 1957, referente ao "*Distrito de Veloso*", sugerindo e apresentando Projeto de Lei em referência.

*"PORTARIA nr. 7/59- 28 de fevereiro de 1959: O cidadão Querino Schüller, prefeito provisório do Município de Arroio Trinta, no uso das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica dos Municípios de Santa Catarina, ..., resolve: DESIGNAR Guilhermina Cecília de Oliveira, para exercer na função de professora padrão "D", do quadro único do Município, para ter exercício na Escola Municipal 'NEREU RAMOS', sita na localidade denominada Linha Congonhas, no 'Distrito do Veloso', deste município."*

*"PORTARIA Nr. 14/59 – 10 de Agosto de 1959: O cidadão Vicente Dondoni, Prefeito Provisório do Município de Arroio Trinta, no uso das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica dos Municípios do Estado de Santa Catarina, ..., resolve: DESIGNAR: ANTONIO BUENO CARNEIRO, para exercer as funções de Intendente Exator do 'Distrito do Veloso', deste Município."*

As informações acima são resultado de pesquisa realizada no acervo da Câmara Municipal de Videira, local que se encontra grande parte da história de muitos municípios da região. O processo de trabalho incluiu a leitura dos Livros de Atas desde 1948 até a emancipação político-administrativo do Município, bem como outros documentos constantes do acervo. Vale salientar que nos períodos em que Salto Veloso não tinha

representantes na Câmara, vereadores de outras localidades defendiam os interesses da coletividade através de solicitações que sempre eram atendidas, querelas, políticas existiam, mas quando se tratava do bem comum, eram superadas ou transferidas para um acerto posterior, o importante mesmo era a participação, a colaboração benéfica na vida das pessoas que viviam em dezenas de comunidades espalhadas num município que somava, na época, 1.200 km<sup>2</sup>.

Importante esclarecer, que no período alvo da pesquisa eram muitas vezes realizadas duas sessões por semana, somente assim os vereadores conseguiam atender as inúmeras solicitações que chegavam diariamente aos representantes do poder legislativo.

As informações levantadas durante a leitura nos mostram que no início o local era conhecido apenas pelo nome do primeiro morador, o caboclo Antonio Veloso, passando posteriormente ser acrescentado ao mesmo o rio que corria por perto, bem como o salto que existia nas imediações do rancho do solitário morador, ou seja: Rio Veloso, Salto do Rio Veloso, Salto Veloso, Vila de Salto Veloso, Distrito de Veloso e finalmente Município de Salto Veloso, criado pela Lei Nº 782 de 15 de dezembro de 1961, estabelecendo no Artigo 2º: "*... o Município de Salto Veloso terá como sede a localidade do mesmo nome*". O município foi solenemente instalado no dia 30 de dezembro de 1961.

O nome dado ao município figura no documento abaixo, lido e arquivado na Câmara Municipal de Vereadores de Videira, defendendo a emancipação do município de Salto Veloso na sessão do dia 5 de dezembro

de 1961, da qual fizeram uso da tribuna os vereadores João Domingos Cantú, Abel Abati e Querino Schüller:

#### “MEMORIAL

*Veloso, Senhor Presidente, é alguma coisa de épico e de lírico, mas de vigor e de espírito de luta, também de grandeza de ânimo e de generosidade que frutificou num espírito de união e de conagração quase único na história de Santa Catarina.*

*Nós todos de Videira comprovamos e verificamos que esta união em Veloso se evidenciou em todos os momentos de nossa vida como Município e essa Casa mesmo testemunhou a fortaleza e a solidez destes laços.*

*Juntos os moradores de VELOSO, na mais perfeita união, fizeram do extremo oeste do nosso Município um verdadeiro recanto de prosperidade, de trabalho e de grandeza econômica.*

*Os vereadores que assinam o presente Projeto de Resolução, pertencentes a partidos políticos há décadas em campos adversos, mas em comum com toda a população de Veloso, vem pleitear junto a esta CÂMARA uma reivindicação que sob todos os títulos reputam não só justa como também indispensável para seu desenvolvimento.*

*Somente com a criação do Município de Veloso, a população inteira terá a maior assistência da administração municipal, e Veloso por sua auto-determinação procurará acertar mais plenamente nos seus objetivos que nada mais são do que o bem estar e o progresso econômico, cultural e harmonia social das populações do OESTE CATARINENSE.*

*Sua população, a do distrito, já hoje nos números representa considerável parcela ultrapassando de muito o mínimo por Lei exigido, para a criação do Município.*

*Na sua produção agrícola e na sua indústria as bases inabaláveis de sua pujança econômica, reside a constante elevação da contribuição do distrito de VELOSO para o erário público, quer municipal, estadual ou federal. Assim é que o limite imposto no número II do artigo 96, da Constituição do Estado de Santa Catarina é ultrapassado não de uma, mas em Veloso se arrecada vinte vezes mais do que os trezentos mil cruzeiros exigidos pela Constituição Barriga-Verde.*

*A vila de VELOSO COM SEU hospital salto velosos; esplendido prédio dotado de moderníssimas instalações; o GRUPO ESCOLAR, recentemente criado; o belíssimo templo católico, a IGREJA DE SANTA JULIANA, majestosa Igreja uma das mais belas de todo o estado de Santa Catarina; prédio onde funciona o MOINHO das INDÚSTRIAS SALTO VELOSO LTDA, o prédio onde está instalada a cantina da INDÚSTRIA E COMÉRCIO GIACOMINI LTDA; o prédio de modernas e amplas linhas, sede da poderosa CANTÚ S.A. Comércio e Indústria; agradáveis, modernas e amplas e obedecendo as linhas atuais da arquitetura brasileira se encontram vivendas magníficas.*

*Uma usina hidrelétrica no Salto do Rio Veloso, abastece de energia e de luz a próspera vila.*

*No interior do distrito ainda é de se destacar o progresso das localidades de BÉLGICA, (BRASÍLIA), LINHA CONSULTA, CONGONHAS, RIO MENDES E SÃO VICENTE.*

*No setor de suinocultura, granjas moderníssimas, que obedecem aos mais rigorosos preceitos técnicos, asseguram uma produção sempre crescente e extremamente valiosa das raças mais selecionadas e as mais procuradas pelos frigoríficos. Destas granjas é cada vez maior a exportação de suínos para todo o Brasil e principalmente para o ESTADO DO RIO DE JANEIRO.*

*Na indústria de vinhos, seus produtos são apreciados e vendidos em todo o Oeste Catarinense e grande parte do Estado vizinho do Paraná.*

*A malharia Santa Rita contribui com seus artigos para a variedade e pujança da indústria do Veloso. A MADEIREIRA SALTO VELOSO, fábrica de móveis e esquadrias fornecedora de parte do mercado paulista, a SERRARIA DE BORTOLI e a SERRARIA ZARDO, contribuem extraordinariamente para que a indústria além de múltipla, se torne ponderável fator de progresso econômico.*

*Tudo isto, Senhor Presidente, justifica e muito bem justifica a aspiração da população do Veloso que quer com a autonomia assegurada aos Municípios continuar a prosperar.*

*Com a restauração de seu nome antigo o de SALTO VELOSO, quer o atual distrito constituir um município tendo a certeza de que o advento do Município trará uma nova era para o bem estar econômico e social de sua população.*

*Eis porque senhor Presidente, os que firmam o presente PROJETO DE RESOLUÇÃO, sabem que encontrarão dos vereadores não só o pleno conhecimento das condições acima descritas, como também a aprovação para suas justas reivindicações do povo de Salto Veloso e como também os interesses do município de Videira.*

*Sala das Sessões, 5 de dezembro de 1.961*

*João Domigos Cantú*

*Abel Abati*

*Querino Schüller.”*

Das inúmeras pessoas que concederam entrevistas durante a pesquisa para a primeira edição do livro de Salto Veloso, editado em dezembro de 1996, bem como dos novos capítulos acrescentados na segunda edição, publicada em 2023, destacamos trechos de três depoimentos que trazem mais informações sobre o tema aqui abordado, sendo o primeiro deles prestado no ano de 1984 por Ângelo Ponzoni, prefeito de Videira entre 1948 à 1951. Ao se referir sobre as principais obras de seu governo, comentou:

*"...um trabalho muito grande foi abrir a estrada de Videira, Iomerê, Arroio Trinta, Veloso, Herciliópolis, continuando até bem mais adiante".*

Perguntado se quando a estrada foi aberta as localidades já eram conhecidas por esses nomes, respondeu:

*"...Iomerê, Veloso e Herciliópolis, sim, mas Arroio Trinta a maioria das pessoas ainda chamavam de Encruzilhada".*

Entre um e outro dos muitos benzimentos que rezou durante quase toda a tarde, Leopardo Boeira lembrava dos acontecimentos de sua infância e juventude:

*"Meus pais vieram do Rio Grande do Sul, moramos tempo no Herciliópolis, a gente ia seguido no Veloso por causa do moinho. Sabe como é, família grande, gastava bastante comida, daí precisava ir no moinho quase toda semana. Mais tarde colocaram também uma loja no Veloso, daí ficou melhor pro povo que morava no Herciliópolis."*

Em entrevista concedida por Alcides Conte no dia 14 de junho de 2022, ele relata:

*"Eu era pequeno e acompanhava minha mãe quando ela ia levar almoço para meu pai que estava construindo nossa casa. A gente passava no carreiro que tinha no lado do casebre que morava o Antonio Veloso. Eu via ele de perto do rancho, perto da porta, estava sempre fazendo alguma coisa. Eu tinha muita vontade de chegar perto e ficava olhando pra ele, mas minha mãe puxava meu braço para eu andar mais depressa."*

Quando perguntado se ouvia o barulho do salto que ficava próxima ao local, respondeu:

*"Não escutava, naquele tempo era tudo mato bem fechado, uma árvore maior que a outra, isso abafava o barulho que não chegava até o carreiro que a gente passava todo dia, no começo nem pensava que ali tinha um salto d'água grande e bonito. Quem conhece a cidade hoje em dia nem imagina como isso aqui era antigamente."*



## CAPÍTULO XIX

### SALTO VELOSO - PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO

O movimento emancipacionista do Salto Veloso cujo comando estava nas mãos das lideranças da comunidade, contando com a aprovação da sociedade, deu um grande passo com a criação do distrito de Salto Veloso, conforme documento assinado pelos vereadores de Videira:

*"Senhor Presidente,*

*Passamos às mãos de Vossa Excelência a inclusa representação dos moradores do Veloso neste Município.*

*Nesta oportunidade, fazemos sentir a Vossa Excelência que estamos de pleno acordo com a criação do Distrito do Veloso, por ter os requisitos legais a mesma criação e ser imperiosa a sua criação, para atender aos justos interesses de seus habitantes e para melhor administração do nosso município e progresso de nossa comuna.*



João Domingos Cantú

*Sala das Sessões, 11 de maio de 1955.*

*Assinam: João Domingos Cantú, Felipe Camilo Sheler, Marcolino Brunetta, Heinrich Arndt, João Zardo, Querino Schuller, Luiz Ferlin, César Augusto Filho, José Luiz Lázzari, Pedro Ponzoni e Miguel da Silva."*

Este primeiro documento, resulta na criação do Distrito através da Lei nº 7/57, a qual estabelece:

*"O Prefeito Municipal de Videira*

*Faço saber a todos os habitantes do Município que a Câmara Municipal decretou e eu sanciono a seguinte Lei:*

*Art.1º - Fica criado o Distrito de Veloso desmembrado do Distrito de Arroio Trinta.*

*Parágrafo único - O novo Distrito terá por sede a atual Vila de Veloso.*

*Art.2º - O território do Distrito de Veloso terá os seguintes limites:*

*a) ao Norte - com o Distrito de Herciliópolis, Município de Joaçaba, por uma linha seca e reta, sendo a mesma linha de divisa entre os municípios de Joaçaba e Videira.*

*b) ao Sul e Oeste - com o Distrito de Herciliópolis, Município de Joaçaba, pelo Rio São Bento até a divisa do lote rural 165 com 164, daí pelo travessão 165 à barra do Rio Santo Antonio, com um Arroio em uma volta, confrontando com o lote rural número 132.*

*c) a Este - com o Distrito de Arroio Trinta, partindo da Barra do Rio Santo Antonio com um arroio, a partir do lote rural número 132, pelo Rio Santo Antonio até encontrar o afluente Lageado do Potrilho, onde se encontra a junção das divisas, distrito de Herciliópolis, início da linha seca e reta referida no item "a" e mais a linha divisória do Distrito de Macieira, Município de Caçador com o Município de Videira Art. 3º - Homologada a alteração da divisão territorial prevista na presente Lei, fica o Executivo Municipal autorizado a providenciar a respectiva instalação. Art. 4º – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

*Prefeitura Municipal de Videira, 6 de Abril de 1957."*



Caminhão Chevrolet no ano de 1932 da Prefeitura de Videira, que servia o Distrito do Veloso.  
Com a emancipação o veículo retornou ao município-mãe.

## **ATESTADO**

*"O cidadão Luiz Leoni, Prefeito Municipal de Videira, Estado de Santa Catarina, no uso de suas atribuições.*

*ATESTA: que a área de terras pertencentes ao Distrito de Veloso, criado pela Lei Municipal 7/57, de 06 de abril de 1957, possui mais de 5.000 (cinco mil habitantes).*

*O referido é verdade e dou fé*

*Luiz Leoni - Prefeito Municipal.*

*O projeto de Lei no 61/57, da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, aprovou, no dia 26 de junho de 1957, a Lei Municipal 7/57, criando o Distrito de Veloso."*

O movimento pró-emancipação do Distrito, intensificou-se com a criação do município de Arroio Trinta no ano de 1958, fato este que surpreendeu toda a comunidade Velosense que via neste ato uma manobra

política, fruto de um processo atropelado, sem consulta prévia à população e por interesses meramente políticos.

A Câmara deu o veredito na ausência do vereador João Domingos Cantú, não presente à sessão, uma vez que Arroio Trinta não possuía representantes na Câmara de Vereadores de Videira. Salto Veloso por sua vez era representado na época por Abel Abati e João Domingos Cantú. A aprovação de tal processo, como não podia deixar de ser, criou um clima de inconformismo e revolta na população de Salto Veloso, diante da notícia de que de hora em diante iriam pertencer ao novo município.



Primeira ponte construída sobre o Rio Santo Antonio, no então Distrito do Veloso.

*"Câmara Municipal de Videira*

*RESOLUÇÃO Nº 3/57*

*O Sr. Cezar Augusto Filho, Presidente da Câmara Municipal de Videira.*

*Faz saber a todos os habitantes do Município que a câmara Municipal e eu promulgo a seguinte Resolução: Art. 1º - Respeitando o artigo 7 e parágrafo, da Lei Orgânica dos Municípios, a Câmara Municipal de Videira concorda com o desmembramento do Distrito de Arroio Trinta para futura criação do Município do mesmo nome, concordando ainda com a alteração das divisas de limites do Município de Videira para proceder-se ao respectivo desmembramento, obedecendo o território a ser concedido aos limites e divisões abaixo discriminadas*

*1) Cederá o Município de Videira os Distritos de Arroio Trinta e Salto Veloso.*

*2) Cedera parte do segundo Sub-Distrito de Videira, obedecendo-se à seguinte linha divisória:*

*a) Com o Município de Videira: Começa nas cabeceiras do Rio Tamanduá, no ponto em que termina a divisa do Distrito de Ipoméia, Município de Caçador, com o Município de Videira; deste ponto em linha reta até alcançar a Ponte Altamiro Guimarães, sobre o Rio Quinze de Novembro, descendo-se por este até encontrar a barra de um Arroio ou Sanga, sobre o lote número 13 da Linha Paulina e seguindo-se por este Arroio ou Sanga, até a sua nascente sobre o lote colonial número 72, também na Linha Paulina; deste ponto em linha reta até alcançar a nascente de uma Sanga ou Arroio sobre o lote colonial número 29 da Linha Colossemos seguindo-se por esta Sanga ou Arroio abaixo até fazer barra no Rio São Bento, no lote colonial*

*número 7 da mesma Linha Colossemos, e que fica entre os rios Arroio Trinta e Arroio dos Cochos.*

*b) Com o Município de Joaçaba: Começa na barra da Sanga ou Arroio com o Rio São Bento no lote número 7 da Linha Colossemos (final da divisa com Videira), subindo até o Rio São Bento até encontrar a barra do Rio São Bentinho e subindo por este até a Imbuia Marcada (atual divisa dos Municípios de Joaçaba e Videira), partindo da Imbuia Marcada, seguindo-se em linha seca até encontrar a nascente do Lageado da Pedra Lisa e descendo por este até a sua barra no Arroio Paiol Velho (este Arroio em continuação ao seu curso toma o nome de Arroio Veloso), subindo do Arroio Paiol Velho até alcançar as cercas existentes em terras da Viúva Maria Clara Mendes, seguindo-se por estas até encontrar uma Sanga que fica no Rio Paiol das Taboas, seguindo-se pelo seu curso até fazer barra com o Rio Santo Antonio e subindo o Rio Santo Antonio até alcançar a Estrada Caçador-Palmas (divisas atuais entre Caçador e Joaçaba).*

*c) Com o Município de Caçador: Partindo da atual divisa Macieira Herciliópolis na Estrada Palmas Caçador, seguindo-se pela estrada até alcançar o Quilômetro Trinta; deste ponto seguindo-se pela estrada que liga Linha Garibaldi, atravessando o Lageado Grande e sempre por esta estrada até encontrar outra estrada que liga São Luiz ao Rio São Pedro, seguindo-se por este mesmo rio até encontrar as atuais divisas de Macieira com Taquara Verde no Município de Videira; desta divisa em linha reta até alcançar as cabeceiras na divisa atual dos Municípios de Videira e Caçador (que se verifica no canto da divisa de Ipoméia, Distrito de Caçador com Videira). Sala das Sessões Dezembro de 1957."*

Na época, em nível estadual, havia uma grande rivalidade entre os partidos P.S.D. (Partido Social Democrático) e U.D.N. (União Democrática Nacional), sendo que um partido de menor expressão O P.T.B. (Partido Trabalhista Brasileiro), se transformava no fiel da balança.

Apesar desta rivalidade todas as lideranças de Salto Veloso, que representavam os dois principais partidos, se uniram no sentido de encontrar uma solução para o problema que havia surpreendido a todos, uma vez que o processo encaminhado pela Câmara Municipal de Videira havia sido aprovado na Assembleia Legislativa do Estado.

Diante de tal situação, o vereador João Domingos Cantú, consultou um dos principais líderes da época (integrante do PSD), o senhor Celso Ramos, que se preparava para enfrentar uma candidatura majoritária ao governo do Estado. Ramos sugeriu então ao vereador para que as lideranças de Salto Veloso definissem a situação em permanecer a comuna vinculada a Arroio Trinta, ou do contrário, procurar meios jurídicos para encontrar assim, o melhor caminho a ser seguido em busca da solução deste impasse.

Formou-se então, diante de tal resposta uma comissão da qual participaram João Domingos Cantú e Darci Pedro Cantú, representando o P.S.D. e Abel Abati e Antonio Ferronato, representando a U.D.N. Segundo orientação anteriormente recebida o P.T.B., também deveria estar representado. Como não houvesse na época diretório municipal formado, foram improvisados 2 representantes deste último partido, sendo respectivamente Antonio Biscaro e Avelino Biscaro.

Uma vez formada a comissão, seus integrantes dirigiram-se em comitiva a Florianópolis para a tomada da decisão final do assunto "Arroio Trinta". Recebidos por Celso Ramos, este reuniu sua equipe técnica, e após vários debates com os representantes de Salto Veloso, decidiram-se pela impetração de um mandado de segurança contra a emancipação do município de Arroio Trinta, o que de fato aconteceu.

No decorrer da tramitação do processo, a Justiça Eleitoral marcou eleições para preencher os cargos, uma vez que na época haviam sido criados inúmeros municípios no Estado. Como até aquela data a Justiça não havia se pronunciado sobre o caso - mandado de segurança - as lideranças locais de Salto Veloso, reuniram-se novamente, e, em convenção dos partidos definiram lançar candidatos a Prefeito e Vereadores, pensando, obviamente, em eleger a maioria no distrito de Salto Veloso; e caso o recurso impetrado não surtisse efeito, a intenção era transferir a sede do município para Salto Veloso, o que, certamente, ocasionaria um tumulto ainda maior.

Foi escolhido, na oportunidade para candidato a prefeito, o Senhor João Domingos Cantú, pelo P.S.D. (Partido Social Democrático) e 4 candidatos a vereadores, sendo: 2 pelo P.S.D. (Partido Social Democrático), sendo Darci Pedro Cantú e Oscar Bridi e pela U.D.N. (União Democrática Nacional), Abel Abati e Antonio Ferronato. Ocorridas as eleições, todos os candidatos a vereador foram eleitos com boa margem de votos, bem como o prefeito João Domingos Cantú.

Nestas condições o distrito que elegera seus representantes ficou em situação privilegiada pois tinha diante de si duas opções: se permanecesse



o município de Arroio Trinta poderia optar pela mudança da sede para Salto Veloso, ou com o resultado favorável da Justiça, tudo retornaria ao município-mãe, no caso, Videira.

O tempo foi passando e a Justiça Eleitoral da Comarca, uma vez concluído o processo eleitoral, agendou data para a entrega dos diplomas aos eleitos. Coincidentemente, no dia marcado para a diplomação, o juiz eleitoral recebeu comunicado do Tribunal de Justiça do Estado, informando que fora dado ganho de causa ao mandado de segurança impetrado pelas lideranças de Salto Veloso, derrubando assim o município de Arroio Trinta. Com esta decisão tudo retornou a Videira.

No ano de 1960, com Celso Ramos já eleito governador do Estado de Santa Catarina, este enviou telegrama ao vereador João Domingos Cantú, sugerindo a indicação na Câmara de Vereadores de Videira para a criação, agora sim, dos municípios de Arroio Trinta e Salto Veloso. Como na ocasião Arroio Trinta não tivesse representantes no Legislativo Videirense, os dois vereadores de Salto Veloso: Abel Abati e João Domingos Cantú, se empenharam no processo, acompanhando a tramitação do mesmo até a aprovação final.

Tendo assumido a responsabilidade na elaboração, bem como no acompanhamento dos processos de emancipação, os dois vereadores, devidamente auxiliados pelas lideranças locais, reuniram a documentação necessária no âmbito distrital e municipal, e de posse da mesma se deslocaram até Florianópolis para dar entrada dos papéis na Assembleia Legislativa do Estado.

*"Câmara Municipal de Videira*

*Comissão de Legislação e Justiça*

*Objeto: Projeto de Resolução nº 4/61*

***Assunto: Autoriza o desmembramento do Distrito de Salto Veloso para sua elevação à categoria de Município.***

*Segundo a legislação vigente, a matéria prevista pelo projeto de resolução em foco é da alçada desta Câmara, estando perfeitamente amparada pela legislação em vigor.*

*Endossamos, outrossim, plenamente, a oportuna justificativa que o acompanha, muito bem corroborada pelos demais documentos que instruem o processo.*

*Por outro lado, atendendo-se às mais justas aspirações do povo progressista Distrito de Veloso, como muito bem acaba de ser realçada através dos pronunciamentos dos nobres componentes deste Legislativo, esta Comissão manifesta seu parecer inteiramente favorável à aprovação do presente projeto.*

*Sala das Sessões, 05 de dezembro de 1961.*

*Assinam: Washington da Silva, Artur Argenta (sendo a terceira assinatura ilegível)."*

*"Câmara Municipal de Videira*

*Comissão de Redação de Leis*

*Objeto: Projeto de Resolução nº 4/6*

***Assunto: Autoriza o desmembramento do Distrito de Salto Veloso, para sua elevação à categoria de Município.***

*Após o exame a que foi submetido o presente projeto de resolução, e ante a documentação necessária que o instruiu, tendo ainda em consideração as deliberações deste plenário em reuniões anteriores, esta comissão se manifesta plenamente favorável à sua aprovação.*

*Todavia, e afim de que se dê cumprimento às disposições legais que regem a matéria, propomos a inclusão do seguinte artigo ao projeto, que será, então, o artigo seguinte:*

*Art. 2º. - O futuro Município de Salto Veloso, a que se refere o artigo anterior, terá sua sede na localidade do mesmo nome;*

*Parágrafo Único - O Município de Salto Veloso continuará pertencendo à Comarca de Videira.*

*Em decorrência deste novo artigo, o de nº 2 do presente projeto será elevado, na ordem numérica, para artigo terceiro. Sala das Sessões, 7 de Dezembro de 1961.*

*Assina: Luiz Ferlin, Presidente."*

*"Nº 162/61*

*Em 7 de dezembro de 1961*

*Exmo. Sr. Prefeito Municipal*

*Cumpre-se levar ao conhecimento de V.Exa. que este plenário, em suas últimas reuniões, recentemente levadas a efeito, discutiu e aprovou por unanimidade de votos, dois projetos de resolução visando ao desmembramento dos Distritos de Salto Veloso e Arroio Trinta, do território deste Município, para sua elevação à categoria de Município.*

*Assim é que, diante das deliberações deste plenário, esta presidência promulgou as Resoluções nos 4/61 e 5/61, autorizando, respectivamente, os desmembramentos dos Distritos de Salto Veloso e Arroio Trinta, para a oportuna elevação daqueles dois distritos à categoria de Municípios.*

*Esclareço, outrossim, que os processos em questão serão agora encaminhados e submetidos à apreciação da Egrégia Assembléia Legislativa do Estado, para fins de homologação.*

*Luiz Ferlin – Presidente”*

*"Exmo. Sr. Cezar Augusto Filho - Prefeito Municipal.*

*Câmara Municipal de Videira*

*Resolução nº4/61*

*O cidadão Luiz Ferlin, Presidente da Câmara Municipal de Videira;*

*Faço saber a todos os habitantes do Município que a Câmara Municipal votou e aprovou, e eu sanciono a seguinte Resolução:*

*Art. 1º- Respeitando o artigo 7º e parágrafo, da Lei Orgânica dos Municípios, a Câmara Municipal de Videira, concorda com o desmembramento do Distrito de Salto Veloso, para a criação do Município de Salto Veloso, concordando, para proceder-se o respectivo desmembramento, que o território concedido obedeça à divisa ou aos limites traçados pela Lei 7/57, do teor seguinte:*

*a) Ao Norte com o distrito de Herciliópolis, Município de Água Doce, por uma linha seca e reta, sendo a mesma linha de divisa entre os Municípios de Água Doce e Videira;*

*b) Ao Sul e Oeste com o distrito de Herciliópolis, Município de Água Doce, pelo Rio São Bento até a divisa rural número 165, com o número 264; daí pelo travessão à Barra do Rio Santo Antonio com um Arroio em uma volta, confrontando com o lote rural de número 132.*

*c) Ao Leste com o distrito de Arroio Trinta, partindo da Barra do Rio Santo Antonio com um Arroio, a partir do lote rural número 132, pelo Rio Santo Antonio até encontrar o afluente Lageado do Potrilho, onde se encontra a junção das divisas, distrito de Herciliópolis, início da linha seca e reta referida no item "a"*

*Art. 2º- O futuro Município de Salto Veloso a que se refere o artigo anterior, terá sua sede na localidade do mesmo nome.*

*Parágrafo Único- O Município de Salto Veloso continuará pertencendo à Comarca de Videira.*

*Art. 3º- Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

*Sala das Sessões, Videira, 7 de dezembro de 1961.*

*Luiz Ferlin – Presidente, Washington Alves da Silva - 1º Secretário, Pedro Ponzoni – 2º Secretário."*

Chegando em Florianópolis os integrantes da Comissão de Salto Veloso não localizaram deputados representantes da região, ocasião em que encontraram o Deputado Dib Cherem, que ao ser colocado ao par da situação, prontificou-se de imediato em atendê-los, prometendo ainda acompanhar a tramitação no Legislativo Estadual, providenciando tudo o que fosse necessário até aprovação final e sua consequente promulgação, o que de fato aconteceu através da Lei no 782, de 15 de dezembro de 1961, a qual estabelece:

*"LEI Nº 782 -*

*Em 15 de dezembro de 1961 pela Lei no 782, o Deputado João Estivalet Pires, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, de conformidade com o art. 31, combinado com o inciso X, art. 22 da constituição do Estado, faz saber que a Assembléia decretou e eu promulgo a seguinte Lei:*

*Art. 1º- Fica, de conformidade com a Resolução no 4/61 da Câmara Municipal de Videira, criado o Município de Salto Veloso;*

*Art. 2º- O Município de Salto Veloso terá como sede a localidade do mesmo nome.*

*Art. 3º - O Município de Salto Veloso continuará integrado à Comarca de Videira.*

*Art. 4º- As Divisas dos Municípios são as seguintes:*

*a) Ao Norte - Linha reta e seca com o distrito de Herciliópolis, Município de Água Doce, sendo a mesma linha reta de divisa entre os municípios de Água Doce e Videira.*

*b) Ao Sul e Oeste com o Distrito de Herciliópolis, confrontando com o lote rural de no 132.*

*c) A Leste com o Distrito de Arroio Trinta, partindo da Barra do Rio Santo Antonio com o Arroio, onde se encontra a junção de divisas, Distrito de Herciliópolis, início da linha seca e reta referida no item 'a'.*

*Art. 5º- Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogada as disposições em contrário.*

*Palácio da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis, 15 de Dezembro de 1961.*

*João Estivalet Pires - Presidente."*

## **DATA DE INSTALAÇÃO**

A solenidade oficial de instalação aconteceu, através do Decreto no 869, de 26 de dezembro de 1961, cujo texto estabelece:

*"Art. Único - A instalação do Município de Salto Veloso é fixada para o dia 30 de Dezembro de 1961, às 11 h.*

*Celso Ramos*

*Governador do Estado de Santa Catarina.*

*(Publicado do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina no dia 26 de dezembro de 1961)."*

Através do Decreto datado de 26 de dezembro de 1961, publicado no Diário Oficial na mesma data, o governador de Santa Catarina, Celso

Ramos, nomeou Darci Pedro Cantú, para exercer o cargo de Prefeito Provisório de Salto Veloso.



Nas dependências da Sociedade Esportiva e Recreativa Sertaneja (casa em segundo plano), teve lugar a solenidade de instalação do Município de Salto Veloso.



## ATA DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SALTO VELOSO

*"Aos trinta dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e sessenta e um, em sendo Presidente da República do Exmo. Sr. Dr. João Belchior Marques Goulart, Primeiro Ministro o Exmo. Sr. Dr. Tancredo Neves, Governador do Estado o Exmo. Sr. Celso Ramos, no edifício da Sociedade Recreativa Desportiva Clube Sertanejo, onde está instalada provisoriamente a Prefeitura Municipal, sita na Rua Geral S/N, onde em companhia do Senhor Darci Pedro Cantú, Prefeito Provisório, nomeado por decreto do Exmo. Sr. Governador do Estado, de 26 de dezembro de 1961 e publicado no Diário Oficial na mesma data, se encontravam presentes os componentes da comissão pró criação do município, autoridades civis, militares, eclesiásticas, comerciantes, industriais, lavradores e funcionários; o Sr. Representante do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca, o cidadão Italo De Biasi Facchin, o Sr. Dr. Luiz Gabriel, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, Sr. Cezar Augusto Filho, Prefeito Municipal de Videira, Os Rev. Padres Augustinho R. Rombaldi, Vigário de Arroio Trinta e José De Bortoli, Sr. Luiz Ferlin, Presidente da Câmara Municipal de Videira, Deputados Mário Brusa e Dib Cherem, este último representante do Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, Dr. Dante Martorano, Industrial René Frey, Acadêmicos Vilmar Dalagnoll e Napoleão Amarante, Lourenço Vivan, Juiz de Paz de Salto Veloso, Sr. Vergílio Biava, Prefeito de Arroio Trinta, Vereadores Abel Abati e João Domingos Cantú, Dr. Anizio de Bello Vieira, médico em Salto Veloso, Sr. Escrivão dos municípios de Arroio Trinta e Salto Veloso. Assumindo a presidência, após ter designado a mim, João Batista Luna, para servir de Secretário e fazendo uso da palavra o Sr. Italo De Biasi Facchin, Juiz de Paz em exercício*

*do cargo de Juiz de Direito, expôs a finalidade e referiu-se à Lei no 782 de 15 de dezembro de 1961 e publicada no Diário Oficial do Estado de 22 de dezembro de 1961, que cria o município desmembrado de Videira, passando assim a constituir mais uma célula da grande comunidade brasileira (...) Finalmente sob entusiásticos aplausos da enorme assistência declarou solenemente instalado O Município de Salto Veloso, o qual das por diante passaria a existir para todos os fins de direito, sob a administração provisória do Sr. Darci Pedro Cantú, que passava a exercer o cargo de Prefeito na forma da Lei. A seguir fizeram uso da palavra os Srs. Abel Abati, Darci Pedro Cantú, Vilmar Dalagnoll em nome da Câmara Municipal de Videira, Universitário Napoleão Amarante, Deputado Mário Brusa, Dr. Dante Martorano em nome do Sr. Prefeito Municipal de Videira, Deputado Dib Cherem, Dr. Anízio de Jesus Bello Vieira e finalmente o Dr. Luiz Gabriel em nome de sua Exa. o Sr. Governador do Estado. Logo após o Sr. Italo De Biasi Facchin concedeu a palavra a quem dela quisesse fazer uso e como ninguém dela se utilizasse, declaram encerrada a solenidade de instalação do município de Salto Veloso. E para que se perpetuasse o acontecimento lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos que tomaram parte da mesa diretora e demais pessoas presentes que desejassem. Assinado: Italo De Biasi Facchin, Juiz de Paz em exercício do cargo de Juiz de Direito; Luiz Gabriel, Representante do Governador do Estado; Mário Oreste Brusa, Deputado Estadual; Cezar Augusto Filho, René Frey; Luiz Ferlin; Abel Abati; (assinatura ilegível), Lourenço Vivan; Marcos Brusa; Maria Scott de Almeida Brusa; Cecília Ben Vivan; Dib Cherem; Dante Martorano, Nair L. Ribeiro, Adelita L. Falchetti, Maria Frey, Neri Vivan, Palmira Bridi, Iracema Cantú, Clélia Cantú, João Domingos Cantú, Pe. José De Bortoli CM, Vilmar Dalagnoll, (assinatura ilegível), Silvino Biscaro, Elio João Vivan, Darci Pedro Cantú, Avelino Biscaro, (assinatura*

*ilegível), Valentin De Bastiani, Luiz Bonato, Egídio Cesca, Valdir Almeida, Ivo Falchetti, Octávio José Biscaro, Orestes Rossetto, Alaor de Matos, Alvádi Mário Cantú, Laurindo Olivo, Setembrino Comunello, Amauri Cantú, Germano Sartori, Valdemar Bridi, Angelo Ferronato, Romeu Sauer, Agostinho C. De Bortoli, Guardenis Lucian, Nilo Fabrin, João Donadel, José Demontin, Domingos Donadeli, Avelino Biscaro, Severino Falchetti, Pedro Abati, Paulino Abati, João Abati, Napoleão Amarante e João Batista Luna.”*

*A presente ata é cópia fiel do original lavrado às fols. 16 e 17 do livro de atas do fórum da Comarca de Videira.*

Instalado o Município, coincidentemente num final de semana e passagem de ano, houve uma comemoração bastante simples. Iniciou-se então nos primeiros dias de 1962 a elaboração de um plano para a instalação da infraestrutura municipal. No entanto, nada existia, a não ser o prefeito nomeado.

O município de Videira não repassou recursos financeiros, nem máquinas, deixando apenas o zelador de estradas do distrito, Sr. Jacob Macarini, que ao se apresentar trouxe suas ferramentas de trabalho que eram: 1 carrinho-de mão, 1 pá, 1 enxada e 1 picareta. Sendo que Videira solicitou junto ao Prefeito nomeado a devolução das mesmas, alegando que lhe pertenciam. Salto Veloso, no entanto, recusou-se em fazê-lo em vista que não possuía meios de adquirir outras.

Uma das primeiras providências tomadas, ainda no mês de janeiro de 1962, foi conseguir um local, para que, na medida do possível, pudesse ser instalada a nova estrutura da sede administrativa do Município. Na falta

de outra opção, a Prefeitura passou funcionar em 2 salas de uma casa de madeira bastante antiga, onde já funcionava 1 sala com a Coletoria de Tributos Estaduais, sendo que a parte dos fundos e o sobrado serviam de residência familiar.

Esta casa que abrigou a sede administrativa municipal por um bom período, era de propriedade da Firma Cantú S/A, que cedeu o espaço sem cobrança de aluguel, e ainda emprestou os móveis necessários e indispensáveis para o início das atividades. A casa estava situada na esquina da Rua João Domingos Cantú com Avenida Pio XII.



Primeira Loja Cantú S/A, que posteriormente abrigou a sede administrativa de Salto Veloso.

Um fato interessante que deve ser relatado sobre o início das atividades no novo município é descrito da seguinte forma: no terceiro dia útil do exercício de 1962, no município recém-criado, um agricultor que residia na estrada que liga a Linha Consulta em Três Barras, dirigiu-se a Prefeitura, que lá chegou por informações, uma vez que a mesma não possuía identificação alguma, e solicitou uma certidão negativa de Tributos

Municipais para dar entrada no processo de financiamento agrícola junto ao Banco do Brasil. Diante de tal situação, o Prefeito provisório, se dirigiu ao escritório da Firma Cantú pedir que lhe fosse emprestada máquina e papel, caso contrário, não teria como atender tal pedido. Posteriormente o Banco do Brasil solicitou que constasse no referido documento o carimbo da Prefeitura, sendo que esta não possuía tal objeto, providenciado alguns dias depois.

Os primeiros passos do jovem município foram extremamente difíceis e são melhor relatados pelo prefeito provisório Darci Pedro Cantú, que assim os descreve em seu depoimento:

*"Na situação de nada poder fazer, pois não dispunhamos de meios nem de recursos, resolvemos nos deslocar a Florianópolis em busca dos mesmos. Emprestamos para tal viagem uma camioneta da Firma Cantú. Conosco veio também o prefeito provisório de Arroio Trinta, Vergílio Biava, pois na oportunidade, além de pedir recursos, aproveitaríamos para tomar posse no cargo, como um dos pontos de partida para a iniciação de qualquer atividade que é a parte burocrática.*

*Em nosso caminho, passamos pela prefeitura de Videira, onde solicitamos, na ocasião, toda a linha de impressos necessários para iniciar o trabalho em nosso município. Diante da recusa, pedimos então um modelo de cada formulário que foi incluído na bagagem.*

*Chegando em Florianópolis, procuramos o governador Celso Ramos. Relatamos a situação do município, sendo que este foi muito atencioso, encaminhando o prefeito para a tomada de posse, junto ao chefe da Casa Civil, à Secretaria da Fazenda, onde na oportunidade nos foi repassada a quantia de 100*

*cruzeiros para ajuda nas despesas de instalação do município, à Secretaria de Educação. Nos encaminhou ainda para a Secretaria de Justiça, da qual a imprensa oficial do Estado era subordinada. Ali conseguimos todos os impressos que tanto necessitávamos para o nosso município. Os impressos foram cortesia do então Secretário do órgão Paulo Macarini, que os entregou em Salto Veloso, inclusive, com frete pago.*

*Na Secretaria da Educação conseguimos estadualizar as escolas de Linha Consulta, Linha Mendes e São Vicente, obtendo recursos para a construção das escolas de Linha Congonhas e Linha Nova Brasília.*

*Partimos para a solução do problema viário que era muito grave, pois em dias chuvosos era impossível a saída de veículos da sede do município, inclusive, na ligação com Videira. Nos dirigimos então às residências do D.E.R., nos municípios de Caçador e Joaçaba, onde conseguimos a doação de 2 caminhões, marca Internacional, com caçamba, os quais se encontravam desativados e necessitando de reparos. Como não tivéssemos recursos para as reformas, apelamos para um empréstimo junto a firma Cantú. Assim pudemos iniciar um mínimo de conservação das estradas.*



Nesta casa, que estava situada na esquina da Rua João Domingos Cantú com a Av. Pio XII foi instalada a Sede Administrativa Municipal. Ao lado da casa, os primeiros veículos adquiridos pelo Município.

*E como diz um velho ditado popular, 'quem não tem cachorro caça com gato'. Improvisamos uma pá tipo das usadas em motoniveladoras, adaptando-a num desses caminhões. Felizmente a técnica funcionou e por um período relativamente longo as vias municipais foram patroladas, por incrível que pareça, com o uso de um caminhão. Algum tempo depois através de contatos com a Secretaria de Transporte e Obras do Estado e D.E.R., viabilizamos o empréstimo de outros caminhões e patrola usados, bem como um conjunto de marteletes. Conseguimos com muito sacrifício adquirir uma carregadeira usada do município de Videira."*



Construção de ponte sobre o Rio São Bento.

*Neste período, foi criada na cidade de Videira a Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense (AMMOC), formada então por 35 municípios, compreendendo a área desde Porto União até Piratuba. Viabilizou-se, através da recém-criada Associação e do Banco do Estado de Santa Catarina - BESC, um processo para importação de máquinas para o Estado e prefeituras. Incluído neste processo, Salto Veloso adquiria sua primeira motoniveladora nova, da marca Allis Sharmers. Foi uma época de muitas dificuldades, mas aos poucos o município foi se firmando, galgando os degraus do desenvolvimento, isto numa integração entre poder público e comunidade.”*





Inauguração da Ponte sobre o Rio São Bento.

O primeiro prefeito provisório de Salto Veloso nomeado através de ato governamental, Darci Pedro Cantú, permaneceu no cargo de 30 de dezembro de 1961, até 02 de junho de 1962, data em que assumiu o segundo prefeito nomeado, Oreste Rossetto. Este permaneceu no comando do executivo até as eleições realizadas no dia 07 de outubro de 1962, com consequente posse dos eleitos no último dia do mês de janeiro de 1963, quando assumiu o primeiro prefeito eleito do Município, Darci Pedro Cantú.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALTO VELOSO

DECRETO NR. 1/62

Orça a Receita e Fixa a Despeza do Município de Salto Veloso, para o Exercício de 1963

O Cidadão Oreste Rossetto, Prefeito Provisório do Município de Salto Veloso, no uso de suas atribuições e na conformidade da legislação em vigor.

FAZ SABER a todos os habitantes deste Município do presente Decreto.

Artigo 1º A Receita Geral do Município de Salto Veloso, para o Exercício de 1963 é Orçada em Cr\$ 6.000.000,00 (Seis Milhões de Cruzeiros), a qual será arrecadada de conformidade com a legislação em vigor, e obedecida a seguinte Classificação.

ESTADO DE SANTA CATARINA

Prefeitura Municipal de Salto Veloso.

**DECRETO NR. 2/62**

O Prefeito Municipal de Salto Veloso, no uso de suas atribuições e de acordo com o Artigo 74, item III, da Lei nº 22 de 14 de Novembro de 1947

**DECRETA**

Art. 1º A Cobrança das Rendas constantes da Lei Orçamentaria, para Exercício de 1963, far-se-a nas épocas estabelecidas em Lei e de acordo com a Legislação em Vigor.

Art. 2º As tabélas explicativas da despeza fixada para o exercício de 1963 de acordo com o Decreto 1/62 de 31-12-62 só as que com esta baixam.

Art 3º Este Decreto entrará em Vigor na data de sua Publicação.

Prefeitura Municipal de Salto Veloso, 31 de Dezembro de 1962.

Oreste Rossetto  
Prefeito Provisório

## *"ATA DA PRIMEIRA SESSÃO*

### ***POSSE DE VEREADORES E PREFEITO***

*Aos 31 (trinta e um dias) do mês de Janeiro de 1963, na sede do Clube da Sociedade Desportiva e Recreativa Sertaneja, no Município de Salto Veloso, Estado de Santa Catarina, às 20:30 (Vinte horas e trinta minutos), reuniram-se os Vereadores e o Prefeito, eleitos em 7 de outubro de 1962, para as solenidades de tomada de posse.*

*Assumiu a presidência da mesa o Snr. João Domingos Cantú, por ser ele o vereador mais idoso, declarou aberta a sessão, convidando os vereadores Snrs. Abel Abati e Moisés Giacomini para secretariarem os trabalhos, por ordem de chamada do livro-ponto, empossou a todos os Vereadores obedecendo à seguinte ordem:*

*Abel Abati*

*Moisés Giacomini*

*Avelino Biscaro*

*Antonio Ferronato*

*Dr. Anízio de Jesus Belo Vieira*

*Nilo Fabrin*

*João Domingos Cantú*

*Finda a posse deu o Snr. Presidente 10 minutos de intervalo para que se processe à votação da primeira Mesa Legislativa no período de 31 de Janeiro de 1963 a 31 de Janeiro de 1964: Esgotou-se o prazo, iniciou-se a votação, pela ordem de chamada, feita a qual, o Snr. Presidente convidou aos Vereadores: Snr. Antonio Ferronato e Dr. Anízio de Jesus Belo*

*Vieira para escrutinarem os votos; feita a apuração verificou-se o seguinte resultado:*

*Para Presidente Snr. Abel Abati*

*Vice-Presidente Snr. Nilo Fabrin*

*1º Secretário Dr. Anízio de Jesus B. Vieira*

*2º Secretário Snr. Antonio Ferronato.*

*Convidou então o Snr. Presidente, a mesa eleita para que assumissem cada um seus respectivos cargos, o que, feito, o novo Presidente usou da palavra, e emocionado agradeceu os demais Vereadores por tê-los eleito Presidente, e abordou outros assuntos de capital importância cabíveis no momento; encerrada a sua oração. O Snr. Presidente convidou uma comissão composta de três elementos, sendo eles os Vereadores Avelino Biscaro, Dr. Anízio de Jesus Belo Vieira e Moisés Giacomini, para introduzirem o Snr. Prefeito-eleito (Darci Pedro Cantú), até o recinto onde se encontrava a mesa dos trabalhos, afim de que ele prestasse o seu compromisso e ser empossado.*

*Feito isto o Snr. Prefeito já empossado fez uso da palavra, saudando todos os presentes. E agradeceu a todos os que sufragaram o seu nome para o cargo de Prefeito em 7 de Outubro passado, e expôs vários assuntos de interesse do Município.*

*Encerradas as solenidades de posse do Prefeito, foi organizada pelo snr. Presidente da mesa a Votação para escolhidos presidentes das comissões e seus respectivos membros, a qual se desenrolou na ordem acima citada; no final das apurações verificou-se a seguinte colocação:*

*Comissão de Finanças, Orçamento e Contas do Município*

*Presidente: snr. João Domingos Cantú;*

*Membros: snrs. Antonio Ferronato, Nilo Fabrin, Abel Abati e Avelino Biscaro;*

*Comissão de Legislação e Justiça*

*Presidente: snr. Avelino Biscaro;*

*Membros: srs. Dr. Anízio de Jesus B. Vieira, Moisés Giacomini;*

*Comissão de Educação e Saúde Pública e Assistência Social*

*Presidente: snr. Dr. Anízio de Jesus B. Vieira;*

*Membros: snrs. Nilo Fabrin e Avelino Biscaro;*

*Comissão de Viação, Obras Públicas, Agricultura, Indústria e Comércio*

*Presidente: snr. Antonio Ferronato;*

*Membros: snrs. João Domingos Cantú e Moisés Giacomini;*

*Comissão de Redação de Leis*

*Presidente: snr. Moisés Giacomini,*

*Membros: snrs. Dr. Anízio de Jesus B. Vieira e Nilo Fabrin.*

*Comissão Permanente*

*Presidente: snr. Nilo Fabrin,*

*Membros: snrs. Abel Abati e João Domingos Cantú.*

*Encerrados os trabalhos de Votação e apuração, foi encaminhado ao snr. Presidente da mesa uma petição do Vereador Dr. Anízio*

*de Jesus B. Vieira, no qual o referido solicitava licença de 90 dias. Encerrado este trabalho, o snr. Presidente concedeu livre a palavra à quem quisesse fazer uso dela, ocasião em que o vereador Dr. Anízio de Jesus B. Vieira fazendo uso da mesma. Aproveitou a oportunidade para expor os motivos de sua licença como vereador, e despedir-se do povo velosense. Terminado o discurso do orador acima citado, o snr. Presidente concedeu novamente a palavra a quem quisesse fazer uso dela, e como ninguém mais se manifestasse o snr. Presidente pediu que consignasse um voto de pesar pelas duas pessoas falecidas neste dia, pelo motivo de ser uma delas, um dos Pioneiros desta terra, snr. Sabino Rech, e a outra por ser a progenitora de um dos funcionários desta Prefeitura.*

*Mandou o snr. Presidente que se encerrasse a presente, convocando a próxima reunião para o dia 14 de fevereiro de 1963, às 20:15 horas, neste mesmo local.”*

# **PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE SALTO VELOSO**

PRIMEIRA LEGISLATURA

## **PREFEITOS PROVISÓRIOS / NOMEADOS**

Primeiro Prefeito Provisório:       **DARCI PEDRO CANTÚ**

Nomeado em 26 de dezembro de 1961, permanecendo até 02 de junho 1962.

Segundo Prefeito Provisório:       **ORESTES ROSSETTO**

Nomeado em 02 de junho, permanecendo até 31 de janeiro de 1963, quando tomou posse o 1º prefeito-eleito.

## **PREFEITOS ELEITOS**

PRIMEIRA LEGISLATURA – 1963 a 1966

Prefeito:                       **DARCI PEDRO CANTÚ**

1º Prefeito eleito. Empossado em janeiro de 1963. Permaneceu no cargo até 31 de janeiro de 1969.

Na ocasião, houve prorrogação de mandato, por ordem do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco (de acordo com pesquisa na Câmara Municipal de Vereadores).

SEGUNDA LEGISLATURA – 1967 a 1968

Prefeito: **DARCI PEDRO CANTÚ**

TERCEIRA LEGISLATURA – 1969 a 1972

Prefeito: **ABEL ABATI**

Vice-Prefeito: **NILO FABRIN**

QUARTA LEGISLATURA – 1973 a 1976

Prefeito: **ANTONIO FERRONATO**

Vice-Prefeito: **AURÉLIO SONÁGLIO**

QUINTA LEGISLATURA – 1977 a 1982

Prefeito: **ABEL ABATI**

Vice-Prefeito: **CLAUDEMIR CESCA**

Claudemir Cesca assumiu no dia 19 de março de 1981, em virtude do falecimento do Prefeito Abel Abati em 17 de março de 1981.

SEXTA LEGISLATURA – 1983 a 1987

Prefeito: **DARCI PEDRO CANTÚ**

Vice-Prefeito: **FELIPE CONTE SOBRINHO**



Felipe Conte Sobrinho assume o cargo de Prefeito Municipal no dia 03 de março de 1984, no lugar do ex-Prefeito Darci Pedro Cantú que, descompatibilizando-se do cargo, se transferiu para Florianópolis (Secretaria dos Transportes).

#### SÉTIMA LEGISLATURA – 1989 a 1993

Prefeito: **ODIVAR CLÓVIS BISCARO**

Vice-Prefeito: **LEONIR CESCA**

#### OITAVA LEGISLATURA – 1993 a 1996

Prefeito: **LEONIR CESCA**

Vice-Prefeito: **FELIPE CONTE SOBRINHO**

#### NONA LEGISLATURA – 1997 a 2000

Prefeito: **GERALDO DE BORTOLI**

Vice-Prefeito: **NEREU ZANCANARO**

#### DÉCIMA LEGISLATURA – 2001 a 2004

Prefeito: **CLAUDEMIR CESCA**

Vice-Prefeito: **ODIVAR CLÓVIS BISCARO**

DÉCIMA PRIMEIRA LEGISLATURA – 2005 a 2008

Prefeito: **CLAUDEMIR CESCA**

Vice-Prefeito: **NEREU BORGA**

DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA – 2009 a 2012

Prefeito: **PEDRINHO ANCILIERO**

Vice-Prefeita: **ANA ROSA ZANELA**

DÉCIMA TERCEIRA LEGISLATURA – 2013 a 2016

Prefeito: **CLAUDEMIR CESCA**

Vice-Prefeito: **PEDRO CEZI SILVA**

DÉCIMA QUARTA LEGISLATURA – 2017 a 2020

Prefeita: **ANA ROSA ZANELA**

Vice-Prefeito: **MARIO CESAR DONADELI**

DÉCIMA QUINTA LEGISLATURA – 2021 a 2024

Prefeito: **NEREU BORGA**

Vice-Prefeito: **PEDRINHO ANCILIERO**

## **VEREADORES DO MUNICIPIO DE SALTO VELOSO**

PRIMEIRA LEGISLATURA – 31/01/1963 à 31/01/1967

Posse na sede do Clube Sociedade Desportiva e Recreativa Sertaneja.

Eleitos em 15 de novembro de 1962.

Abel Abati

Avelino Biscaro

Antonio Ferronato

Anísio de Jesus Belo Vieira

João Domingos Cantú

Moisés Giacomini

Nilo Fabrin

### SUPLENTES:

Anísio de Jesus Belo Vieira

Riquelmo Francisco Pasin

Silvino Biscaro

Primeira Mesa Diretora da Câmara Municipal de Salto Veloso

Presidente: Abel Abati

Vice-Presidente: Nilo Fabrin

1º Secretário: Anísio de Jesus Belo

2º Secretário: Antonio Ferronato



A primeira visita oficial de um Governador de Estado ao município de Salto Veloso aconteceu em 1967. A foto mostra o momento em que Ivo Silveira é recebido pelo então prefeito, Darci Pedro Cantú.



Governador Ivo Silveira e políticos da região durante visita oficial a Salto Veloso, no ano de 1967.

## SEGUNDA LEGISLATURA – 31/01/1967 à 31/01/1970

Posse em 07/01/1967.

Antonio Feronato,  
Eliar Paulo Lenzi  
Gentil Giacomini  
João Domingos Cantú  
Nilo Fabrini  
Oscar Bridi  
Riquelmo Francisco Pasin

### SUPLENTE:

Avelino Biscaro (com o falecimento de João Domingos Cantú)  
Actacílio Ghiggi

TERCEIRA LEGISLATURA – 31/01/1970 à 31/01/1973

Antonio Ferronato  
Antonio José Pagnussat  
Avelino Biscaro  
Eliar Paulo Lenzi  
Gentil Giacomini  
Oscar Bridi  
Riquelmo Francisco Pasin

QUARTA LEGISLATURA – 31/01/1973 à 31/01/1977

Carmem Biscaro  
Egidio Cesca  
Joao Donadel  
Nadir Vivam  
Valter João Vivan  
Valdemar Bridi  
Zeferino Abati  
SUPLENTES:  
Jovelino Tomazi  
João Conte

QUINTA LEGISLATURA – 01/02/1977 à 01/02/1983

Alvadir Falchetti  
Antonio Bento de Sousa  
Décio Eligio Werlang  
Jovelino Tomazi  
Valter João Vivan  
Plácido Abitante  
Rudolfo Untemberguer

SUPLENTE:

Aquilino Farenzena

SEXTA LEGISLATURA – 01/02/1983 à 01/01/1989

Enedido Arcangelo Paganini

João Donadel

Líria Maria Abati Reck

Mario Farenzena

Neri de Matos

Nair Ana de Bortoli Vivam

Zulmir Cesca

SÉTIMA LEGISLATURA – 01/01/1989 à 31/12/1992

Alcides Conte

Antonio Godinho

Enedino Arcangelo Paganini

Nadir Vivan

Pedrinho Ansiliero

Solange de Bortoli

Vicente Zamboni

Vilmar Donadel

Zulmir Cesca

OITAVA LEGISLATURA – 01/01/1993 à 31/12/1996

Arvino Périco

Camilo Abati

Idalino Abati

Luiz Reisdorfer

Nereu Borga

Nereu Zenor Zancanaro

Valdemar Coser

Wagner De Bortoli

Maria Abati de Bortoli

SUPLENTE:

Ernesto Vitali

Valcir Ferronato

NONA LEGISLATURA - 01/01/1997 à 31/12/2000

Arvino Périco

Agostinho Tomazi

Celia Firmina Abati Godinho

Danilo Tomazi

Isir Spanholi

Mansueto Donadel

Nadir Vivan

Sérgio Farenzena

Vilmar Donadeli

SUPLENTE:

Ramaulino Locatelli

DÉCIMA LEGISLATURA – 01/01/2001 à 31/12/2004

Ana Rosa Zancanaro

Enilson Camilo Donadel

Jorge Sauer

Jussara Taerezina Dalpizol Abati

Luiz Henrique Votti

Pedro Sezi Silva

Sebastião de Oliveira

Vicente Zamboni

Zulmir Cesca

SUPLENTES

Jacó Gonçalves Petry

Maria Clara Christ

DÉCIMA PRIMEIRA LEGISLATURA - 01/01/2005 à 31/12/2008

Albino Tomazi

Alfredo Conte

Ana Rosa Zanela Zancanaro

Edivar Antonio Donadel

Emerson Luiz Ringwald

Gilmar Francisco Zschornak da Silva

João Carneiro

Mario Cezar Donadeli

Pedro Sezi Silva

SUPLENTE:

Alcides dos Santos Muller

DÉCIMA SEGUNDA LEGISLATURA – 01/01/2009 à 31/12/2012

Mario Cesar Donadeli

Ramon Cesca

Cintia Cristiany Périco Farenzena – assumiu a Secretaria de Saúde entre 13/10/2009 a 30/11/2010, retornando a função de vereadora em 01/12/2010;

Rogério Vuelma

Danilo Tomazi

Silvano Tinelli

Adair Fávero

Evainer Santian

João Carneiro



SUPLENTE:

Jorge Vitali – Assumiu como suplente no período de 13/10/2009 a 30/11/2010.

DÉCIMA TERCEIRA LEGISLATURA – 01/01/2013 à 31/12/2016

Claudemir Sartorel  
Eduardo Daniel Conte  
Ivam Elias Brunettra  
Leonir Cesca  
Mário Cesar Donadeli  
Pedro Aselir Milani  
Santo Civiero  
Silvano Tinelli  
Valdenir José Zamboni

DÉCIMA QUARTA LEGISLATURA - 01/01/2017 à 30/12/2020

Clodoaldo José Vigolo  
Cristiano Neris de Oliveira  
Enilson Camilo Donadel  
Evainer Meneghel  
João Carneiro  
Pedro Sezi Silva  
Ramon Cesca  
Rogério Vuelma  
Silvano Tinelli  
Valiria Oliveira dos Passos

SUPLENTE:

Ilda Hoffelder

DÉCIMA QUINTA LEGISLATURA – 01/01/2021 à 31/12/2024

Alvacir Maria Wartha

Camila Donadel

Dirceu Perão

Jani Carlos Conte

Jean Carlos Freitas

João Carneiro

Monica Giacomini

Ramon Cesca

Regina Biscaro Anciliero

SUPLENTES:

Alessandra Fatima Rodrigues

Donimar Felipe Batista Ribeiro

Francisco Alves

Ivonete Aparecida Meneghel

Ligia Marcia dos Santos

Orlando Patel

## **CAPÍTULO XX**

### **SEMEANDO TRABALHO – COLHENDO DESENVOLVIMENTO**

Inicialmente era apenas a mata espessa que se estendia soberana cobrindo toda a região. E foi sob árvores frondosas da floresta secular que os pioneiros à custa de facões e foices abriram as primeiras trilhas para chegar ao local, ao mais precisamente aos terrenos que haviam adquirido.

Era preciso antes de tudo ser perseverante para não desanimar diante dos obstáculos numa terra totalmente inculta. Era preciso determinação para viver numa região onde as dificuldades pareciam ser cada vez maiores.

Mas perseverança e determinação eram próprios de uma gente acostumada a vencer desafios, uma gente disposta a transformar a paisagem primitiva, unicamente pela força do trabalho que igual uma semente lançada em solo propício e por mãos hábeis na tarefa de semear, frutificaria em desenvolvimento.

Assim, pela força do trabalho e pela capacidade transformadora dos desbravadores, vai nascendo e se solidificando a Vila do Veloso e nela, conseqüentemente, uma nova realidade presente através da indústria e do comércio, sendo:

- Primeiro moinho - montado por Honorato Giacomini. Estava situado na margem esquerda do Rio Veloso.

- Segundo moinho - pertencente a Pedro Giacomini. Este possuía dois jogos de pedras, respectivamente para moer trigo e milho. Era movimentado por força hidráulica. Estava erguido próximo ao Salto do Rio Veloso.

- Primeira serraria - instalada por Pedro Giacomini. Situava-se próximo as quedas d'água do Rio Veloso, para aproveitar a força hidráulica. Eram inicialmente serradas entre 4 e 5 dúzias de tábuas por dia, que foram aumentando com a introdução de novas tecnologias. As toras uma vez divididas na mata eram transportadas por carretões puxados por 3 ou 4 juntas de bois.

- Segunda serraria - pertenceu a Honorato Giacomini.

- Primeira ferraria - pertencente a Pedro Giacomini.

- Segunda ferraria - pertencente a Luiz Venturini.

- Primeira selaria - pertencente a Hugo Tissiani.

- Segunda selaria - pertencente a João Domingos Cantú.



João Domingos Cantú e seus colaboradores. mostram máquinas e os produtos fabricados na selaria.

- Terceira selaria - pertencente a Plácido Abitante.
- Primeiro bar - pertencente a Isidoro Marmentini.
- Primeira bodega - pertencente a Chico Manco ou Chico Anastácio.
- Segunda bodega - pertencente a Luiz Loff.
- Primeira loja - pertencente a Isidoro Marmentini e Brasilino Cantú.



Loja de Antonio e Lourenço Vivan. Em frente, os primeiros caminhões que chegaram em Salto Veloso.

- Primeira parteira - Verginia Conte Giacomini.
- Primeiros dentistas (práticos) - Maranhã e Bruno Ferrari.
- Primeiro dentista formado - José Barth.
- Primeiro médico - Dr. Anízio de Jesus Belo Vieira.
- Primeira professora - Cecilia Ben Vivan.
- Primeira escola (interior) - Linha Conte.
- Primeira escola (sede) - funcionou nas dependências da capela.

- Primeiro hotel - Teobaldo Kerber.

- Segundo hotel - Melciades Fernandes Bordin 240.



Equipe da Sociedade Esportiva Sertanejo.



Equipe do Grêmio Esportivo Cantú.

- Primeiro fotógrafo - Antonio Neff.

- Primeiro caminhão - pertencente a Pedro Giacomini.

- Primeiro automóvel (jeep) - pertencente a João Domingos Cantú.

- Primeiro parreiral - pertencente a Isidoro de Bortoli plantou por ocasião da chegada 12 mudas de uva da variedade "isabel".



Colheita da uva em Salto Veloso.

- Segundo parreiral - Praticamente na mesma ocasião Pedro De Bastiani formou um parreiral maior também com a variedade "isabel" (Linha De Bastiani).

- Primeira cantina - (artesanal) Izidoro de Bortoli-interior.

- Segunda cantina - (artesanal) Pedro de Bastiani-interior.

- Primeiro parreiral - Pedro Giacomini (sede municipal).

- Primeiro fruticultor - Claudino Wartha.

- Primeira cantina industrial - montada por Guerino Andrezza e, posteriormente, vendida para Indústria e Comércio Giacomini Ltda.

- Primeiro curtume - pertencente a Isidoro Marmentini.



Foto de 1941 mostra o primeiro curtume de Salto Veloso, montado por Izidoro Marmentini.  
O mesmo estava construído na Av. Pio XII, próximo a atual Cantina Aliança.

- Primeira granja de suínos selecionados, pertencente a João Domingos Cantú.



O melhoramento genético da suinocultura em Salto Veloso teve início em 1950, quando João Domingos Cantú, adquiriu numa exposição em Concórdia essa fêmea da raça Duroc.

- Primeiro carroceiro - Antonio Lando.

- Primeiro açougue - Antonio Lando e Melciades Fernandes Bordin.

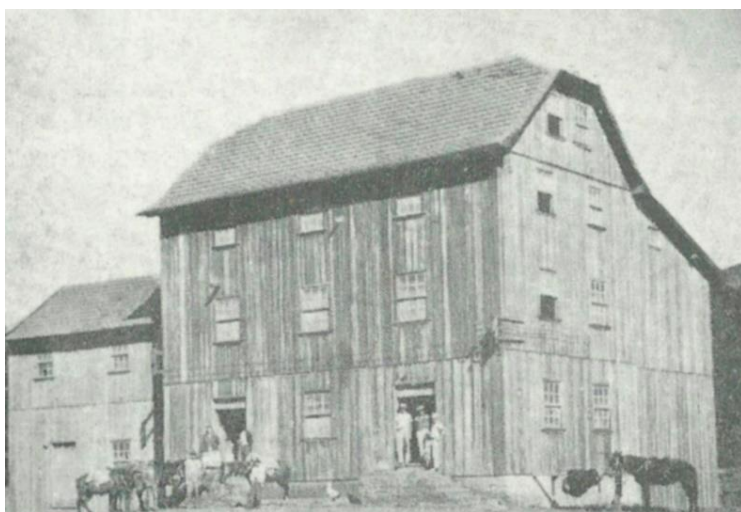


- Primeiro agrimensor - Estanislau Wosniack.

- Companhias colonizadoras: Alberto Schimit, Alice Schneider Schimit Kroeff, Selbach & Cia Selbach, Matte, Opermann & Cia.

## **DO AUMENTO DA PRODUÇÃO TRITÍCOLA SURGE MOINHO DE GRANDE PORTE**

No ano de 1984, alguns velosenses que acreditavam nas potencialidades da terra que haviam escolhido para se estabelecer, conseguiram com muito esforço,



Moinho - Indústrias Salto Veloso Ltda. - 1955

reunir um capital de CR\$ 600.000,00 (Seiscentos Cruzeiros), iniciando um grande empreendimento que decidiram, em conjunto, denominar "Indústria Salto Veloso Ltda".

O grupo de sócios fundadores era formado por: João De Bastiani, Antonio Ferronato, Vicente Ferronato, José Meglioraro, Luiz Meglioraro, José Arizi, Pedro Giacomini, Fermino Verona, Maria De Bastiani, José Vigolo, Afonso De Bortoli, Izidoro de Bortoli, Antonio Lando, Afonso Abati e Giácomo Vigolo, pessoas ligadas à agricultura, como a grande maioria dos

moradores de Salto Veloso na época, por isso conscientes do trabalho que ora estava sendo iniciado.

O primeiro passo deste empreendimento foi a construção de uma usina que possibilitasse energia suficiente para movimentar a complexa engrenagem para acionar o moinho. Os dados sobre a usina constam num relatório, hoje pertencente ao patrimônio histórico do moinho, cujo teor é o seguinte:

*"INDÚSTRIA SALTO VELOSO LTDA*

*A usina utiliza as águas do Rio Veloso que é afluente do Rio Santo Antonio, afluente do Rio São Bento que emboca no Rio do Peixe, 16 Km acima da cidade de Joaçaba, Santa Catarina. A distância da usina até a cidade de Videira, sede do município é de 37Km.*

*A energia destinada, na maior parte para acionar o moinho da empresa e, por outra parte, para a iluminação da pequena vila de Salto Veloso.*

*A turbina foi fornecida pela firma H. Wirz & Cia, estabelecida na cidade de Estrela, Rio Grande do Sul e foi construída para dezoito metros de queda, duzentos e sessenta e oito litros de água por segundo; potência de cinquenta e dois cavalos, velocidade de mil rotações. O gerador de corrente trifásica de 50 ciclos é ligada com uma luva elástica à turbina. A turbina é prevista de um volante e regulador automático de velocidade.*

*A água do arroio é represada por um muro de alvenaria e conduzida por um canal de 135 metros ao castelo de água. A entrada ao conduto forçado de madeira é protegida por uma grade de ferro chato. O conduto forçado tem 450 milímetros de diâmetro interno e 50 metros de comprimento. Entre conduto*

*forçado e turbina está intercalado um registro de 300 milímetros de luz.*

*Os dados do gerador são os seguintes: Fabricante: Asea-Suécia. Ampéres: 101. Voltagem: 230 KVA-40. Ciclos: 50. Rotação: 1.000.”*

O trabalho de instalação esteve a cargo da Companhia H. Wirz.

Construído num quadro de 13x9m, com quatro andares, tendo sua estrutura encaixada num sistema único, o que para a época em que foi edificado se constituía numa verdadeira obra de engenharia, não sendo utilizados pregos, ou parafusos, mas unicamente sistema de encaixe.

As vigas em madeira de pinho medem 13m de comprimento e foram farquejadas manualmente pelos próprios construtores num trabalho que levou semanas para ser concluído. Iniciado no dia primeiro de setembro de um mil, novecentos e quarenta e oito, o moinho entrou em funcionamento no ano de 1950, recebendo trigo de toda a região circunvizinha. Este cereal, se constituiu, durante muitos anos, na principal cultura de Salto Veloso, sendo tradicionalmente cultivado em todas as propriedades rurais.



Moinho construído por Tranquilo Falchetti, em Linha Consulta, em 1944.

O moinho recebia o trigo produzido no interior do município, de Bom Sucesso, Treze Tílias, Arroio Trinta, Macieira, Linha Caçador e Paiol da Pedra. Inicialmente eram moídas 50 sacas de trigo por dia, que resultavam em 40 sacas de farinha, isso com apenas um jogo de cilindros. Posteriormente, diante da expressiva quantidade de trigo produzida na região e também pela aceitação do produto no mercado, os proprietários instalaram um segundo jogo de cilindros, aumentando conseqüentemente a produção comercializada em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, com o nome de "Farinha de Trigo Velosense".

Uma vez concluída, a usina custou a importância de CR\$ 720.000 e fornecia energia para quarenta residências aproximadamente. Toda a estrutura, desde os postes até a instalação da rede elétrica nas residências era realizada pelos sócios da empresa. A comunidade foi beneficiada pela energia gerada na pequena usina até o ano de 1967, quando o governador

Ivo Silveira, acionou a chave inaugurando a energia elétrica da CELESC, que finalmente chegava ao município.



Governador Ivo Silveira aciona a chave, inaugurando a energia elétrica da CELESC em Salto Veloso, no ano de 1967.

*"Termo descritivo da captação de energia para a Indústria Salto Veloso, fornecimento de luz e força para a Vila de Salto Veloso, e iluminação pública.*

*1 - A queda d'água está localizada no Vila do Salto Veloso, distrito de Arroio Trinta, Município da Comarca de Videira, Estado de Santa Catarina e Rio Salto Veloso.*

*2 - A altura aproveitada é de 18 metros.*

*3 - A descarga máxima aproveitada em litros é de 268 litros por segundo.*

*4 - A usina utilizará as águas do Rio Veloso que é afluente do Rio Santo Antonio, afluente do Rio São Bento. A energia destina-se a acionar o moinho da empresa e também para a iluminação da Vila do Veloso.*

5 - A barragem é feita de pedra cimentada com canal de 20 metros e 1 m. e 30cm de altura, o canal tem 115m de comprimento por 20 cm de altura, a tubulação é feita em madeira com arcos de ferro, com 50m de comprimento e 450mm de diâmetro.

6 - Os motores hidráulicos têm potência de 52HP com turbina Francis, com 1000 rotações por minuto.

7 - A potência dos geradores elétricos é de 40 KVA com corrente alternada, com voltagem de 230/380 volts, trifásicos e com 1000 rotações por minuto.

8 - Não possui transformadores.

9 - A extensão da linha é de 3.323m, com fios e uma distância entre os mesmos de 50cm, e de número 2 a 10.

10 - A tensão é baixa e a voltagem para a luz particular e pública, bem como a força é de 230 volts.

11 - O capital investido nas instalações de captação, geração e distribuição de energia, montou em CR\$ 288.089,90 (duzentos e oitenta e oito mil, oitenta e nove cruzeiros e noventa centavos).

12 - As tarifas para a luz e força são cobradas a razão de 2,00 para a luz e 1,00 para a força.

Assinam o presente os técnicos da H. Wirtz & Cia."

## **COMUNIDADE SE ORGANIZA E CONSTRÓI UNIDADE FRIGORÍFICA**

*"UNIÃO VELOSENSE DE FRIGORÍFICO SA - INDÚSTRIA E COMÉRCIO*

*ASSEMBLÉIA CONSTITUINTE*

*Os fundadores da firma União Velosense de Frigoríficos S/A Ind. e Com., abaixo-assinados, convidam os subscritos do Capital Social para a Assembléia Geral de Constituição da Sociedade que se realizará às 14h, do dia 28 de julho de 1963, nos salões do Clube Sertanejo, sito na Rua Papa Pio XII, s/n, na cidade de Salto Veloso, Estado de Santa Catarina.*

*Salto Veloso, 8 de julho de 1963.*

*João Domingos Cantú - Fundador*

*Albino Giacomini – Fundador."*

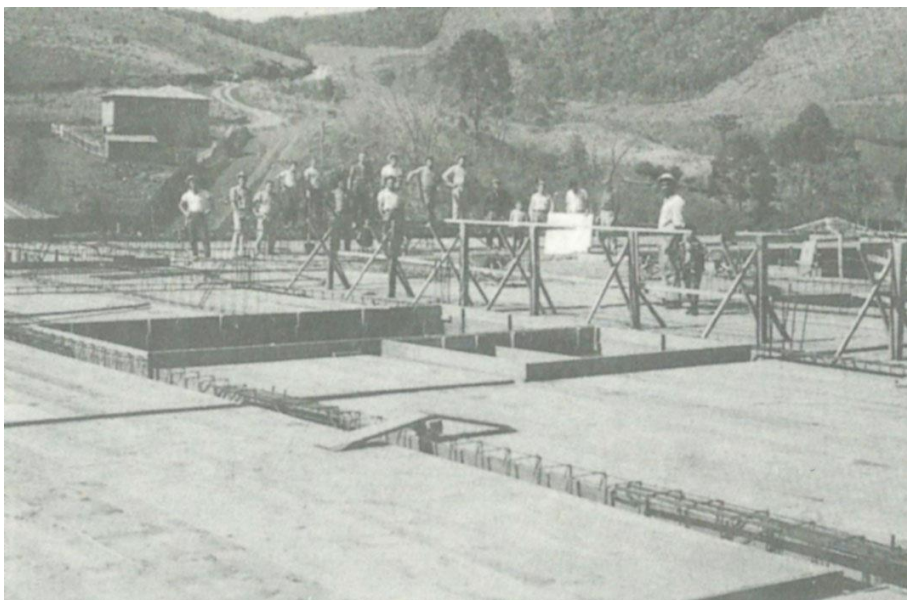
Tendo em vista a grande produção de suínos, não somente no município, mas também a nível de região, atividade esta que se encontrava em franca expansão, uma vez que a criação de porcos estava presente em todas as propriedades rurais, era preciso encontrar meios de absorver esta produção, indo de encontro também aos interesses, de uma região essencialmente agrícola, onde o colono se constituía, através do seu trabalho, no principal elemento gerador de riquezas, alicerces de uma economia que se robustecia justamente em decorrência desse trabalho.

Na época que se iniciou o movimento pró-construção de uma unidade frigorífica em Salto Veloso, as empresas que tradicionalmente

adquiriam suínos, como o caso da Perdigão de Videira e Indústrias Saulle Pagnoncelli & Filhos de Erval (Herval D'Oeste), operavam em plena capacidade, absorvendo a produção. Além disso, existia o transporte permanente de suínos para o Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, se bem que nesse caso, existia sempre o risco de morte dos animais, isto pela distância a ser vencida e pelas péssimas condições das estradas. Mesmo diante da certeza de mercado para a produção, as lideranças de Salto Veloso, bem como os agricultores, comerciantes e industriais, chegaram a conclusão que o município comportaria um abatedouro de grande porte (dentro da realidade da época), que utilizaria a matéria-prima abundante na região, seria, além disso um patrimônio dentro do contexto econômico regional. Assim, no dia 8 de julho de 1963, lançou-se oficialmente a convocação para a constituição dessa nova empresa, encabeçada pelos sócios fundadores João Domingos Cantú e Albino Giacomini.

Em seguida, houve o lançamento da venda das ações, que obtiveram boa receptividade na região. No final de 1964, iniciou-se a construção da parte física do frigorífico. Em janeiro de 1966, Darci Pedro Cantú, assumiu a presidência do empreendimento, tendo como colega de diretoria, Manoel Mendes de Almeida, da localidade de Hercilópolis.





Início da construção do UNIFRICO.

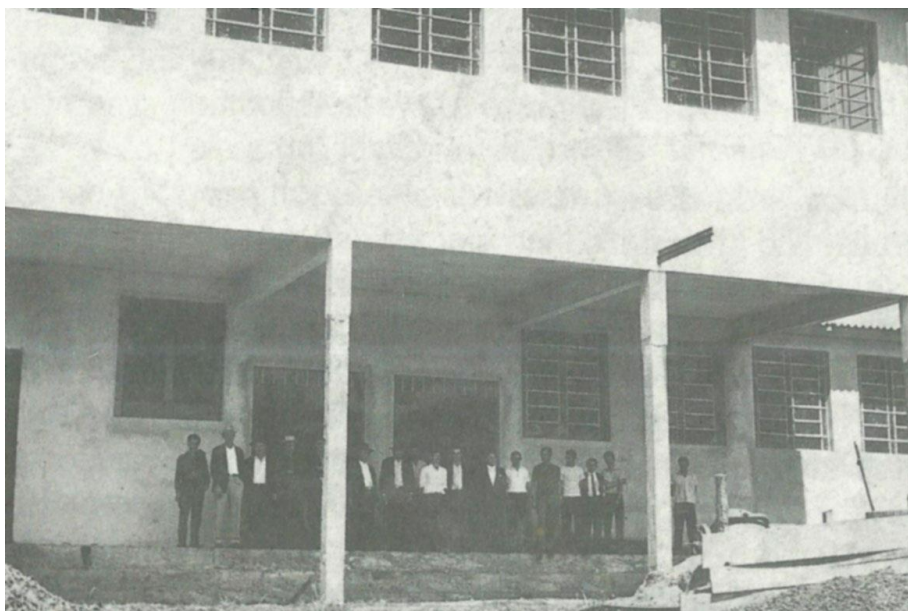
Nos primeiros meses de 1966, a parte física da construção do frigorífico, em sua estrutura principal, estava em fase de conclusão. Deste ponto em diante, a nova diretoria planejou e deu sequência as obras civis e paralelamente, iniciou as negociações para a contratação do fornecimento e montagem do maquinário necessário. No mês de março, a empresa consultada respondeu ao pedido, enviando o orçamento solicitado, o qual o foi estudado e aprovado no dia 26 de setembro de 1966. Foi então firmado o contrato de fornecimento e montagem do equipamento necessário, nos diversos setores da indústria, tais como:

- setor de matança de suínos,
- setor de triparia,
- seção de banha,
- seção de salsicharia,
- seção de salgados e defumados,
- setor de graxaria e condenação de ossos,

- setor de transporte e locomoção interna,
- câmaras de cura,
- câmaras frigoríficas,
- túneis de congelamento.

O equipamento custou CR\$ 270.050,000 (duzentos e setenta milhões e cinquenta mil cruzeiros).

A instalação da estrutura interna foi iniciada em princípios de 1967 e em 1969 começaram os testes dos equipamentos com abates esporádicos. O UNIFRICO oficialmente inaugurado no final de 1969, iniciando suas atividades nos primeiros dias de 1970.



Grupo de acionistas visitando as obras do UNIFRICO SA., em 1969.

As operações foram iniciadas com um número razoável de abates, aumentando gradativamente de acordo com o preparo, treinamento e adaptação do pessoal. O abate iniciado com algumas dezenas de cabeças/dia, evoluiu até alcançar 120 mil suínos/ano. O frigorífico trouxe,

sem dúvida, um alento à região, com os agricultores passando investir mais na suinocultura, melhorando geneticamente o plantel.



Vista geral do UNIFRICO SIA., no ano de 1970.

No ano de 1977 a Perdigão S/A, Comércio e Indústria, adquiriu o controle acionário da União Velosense de Frigorífico - UNIFRICO S/A. Suas instalações passam por uma completa reforma, incluindo ampliação de toda sua estrutura. Era o início da transformação de simples abatedouro em unidade de industrialização da carne.

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 28 de abril de 1978, foi aprovada a nova denominação para Perdigão Veloso S/A., passando posteriormente denominar-se Perdigão Agroindustrial S/A - Unidade de Salto Veloso. O frigorífico, totalmente remodelado, atua no setor da industrialização da carne e os produtos ali desenvolvidos são exportados para dezenas de países, levando assim o nome de Salto Veloso para o mundo.

Ressalta-se que a energia elétrica, a telefonia e o asfalto foram três grandes conquistas que deram um novo impulso ao desenvolvimento de Salto Veloso.



Inauguração da Pavimentação Asfáltica Videira-Arroio Trinta-Salto Veloso.

## **ATIVIDADES INDUSTRIAIS**

O município se destaca principalmente na área madeireira, setor que, verdadeiramente, impulsionou o desenvolvimento industrial nos anos subsequentes a colonização. A indústria moveleira e nesta área a fabricação de aberturas (janelas, portas, etc.), tem se desenvolvido acentuadamente no decorrer dos últimos anos.

Significativa também é a produção de vinhos, produto tradicional até na própria cultura do município. Mas a grande riqueza de Salto Veloso, vem

de suas propriedades rurais, muito bem estruturadas, onde se pratica a policultura racional, com preocupação para o uso e manejo do solo. Nestas propriedades o grande destaque fica por conta da suinocultura e avicultura, desenvolvidas na maioria dentro do sistema de integração, numa parceria com as agroindústrias da região.

## DEPOIMENTOS

### DEPOIMENTOS 1ª EDIÇÃO

#### Verginia Conte Giacomini

*"Quando chegamos no Veloso, aqui não tinha nada, nada mesmo. Meu marido Pedro Giacomini construiu um rancho onde moramos nos primeiros tempos até fazer uma casa melhor. Na época em que viemos para cá eu estava esperando neném e quando chegou a hora da criança nascer o Pedro construiu pra mim um ranchinho; a gente não queria que os outros filhos, todos pequenos, vissem o parto. Não tinha ninguém para me ajudar, somente o Pedro. Quando a criança nasceu pedi ao meu marido que ele deixasse uma tesoura nas chamas do "fogolaro" (fogão primitivo); eu deixei esfriar e cortei o umbigo do neném. Sofri tanto que, naquela hora, prometi pra mim mesma que eu seria parteira e ajudaria tantas mulheres quantas eu pudesse ajudar."*

*"Naquela rua que tem nome de Papa (Av. Pio XII), tinha um picadão. A gente via que era muito velho, pois estava bastante fundo pelas patas dos animais que passavam por ali. Os tropeiros cruzavam no Veloso com tropas de bois e porcos, era tanto bicho que chegava levantar um poeirão. Bonito mesmo era ver a mula "madrinha", passando com o cincerro no pescoço. Atrás dela vinham até 30 mulas carregadas de mantimentos, ou no tempo da colheita, milho, trigo ou feijão. Tudo era vendido ou comprado em Perdizes (Videira) ou Bom Retiro (Luzerna)."*

*"Nessa história dos dois cemitérios no Veloso, tem uma coisa que pouca gente sabe. Bem no começo, quando chegaram as primeiras famílias de colonos, morreu uma criança bem pequena. A família queria enterrar o neném lá no cemitério dos caboclos que ficava ali atrás da casa do Antonio Pagnussat (Rua João Domingos Cantú), onde tinha pelo menos umas 50 sepulturas. Os caboclos não se negaram enterrar a criança, mas não gostaram muito da idéia. Então a família resolveu enterrar num outro lugar, assim nasceu o segundo cemitério do Veloso, que ficava ali ao lado da cantina de Vinhos Alianças. Neste eram sepultados os brancos. Quando veio um dos primeiros padres na vila, pediram para que ele benzesse o cemitério, ali foram enterradas muitas pessoas, até que foi mudado para outro local. O cemitério dos caboclos continua no mesmo lugar, tem muita gente antiga enterrada lá."*

*"Eu fico triste quando vejo pessoas mais novas se queixando disso ou daquilo, gente que não está contente com nada. Se eles soubessem o que nós passamos nunca abririam a boca pra fazer queixas de nada. Perto do que nós enfrentamos, as pessoas de hoje estão num paraíso, onde tem estrada e tudo. A gente trabalhava tanto que nem tinha tempo pra parar e se queixar de alguma coisa."*

*"Antes de construir a capela, as missas eram rezadas na casa do Izidoro De Bortoli. Um dos primeiros padres que vieram para o Veloso foi Frei Dimas, ele era de Bom Retiro (Luzerna)."*

## Leopardo Boeira

*"A gente fazia baile no paiol. Amontoava o milho num canto, limpava o chão com uma vassoura de mato, chamava o gaiteiro e dançava das seis da noite até clarear o dia. Para iluminar o "salão", emprestava os lampiões do vizinho, agora quando o baile era mais chique, os donos da casa comprava uns pacotes de velas."*

## Horácio Lima

*"Antigamente muitos caboclos que moravam lá pras bandas de Palmas ou mesmo em Água Doce, faziam roças no Veloso, pois naquela época a terra não tinha dono, só diziam que era da 'Companhia'. A caboclada plantava milho e depois vendia pros fazendeiros que faziam a 'ceva dos porcos'. O milho era levado da roça até os galpões das fazendas no lombo de mulas. Isso aconteceu durante muitos anos, assim os caboclos ganhavam um dinheirinho."*

*"Eu conheci o velho Veloso, o Antonio Veloso, pai. Sim, porque tinha o Antonio Veloso Filho, que também morou nessas bandas por muito tempo. O velho Veloso era um homem baixote, meio gordo, falava pouco e trabalhava bastante. Ele tinha um rancho ali, logo abaixo da Colônia Brinco, onde morava com a família. Lutava com roça e ainda ganhava algum dinheiro com a tropa de*



*mulas, carregando sal para os fazendeiros de Palmas. Naquela época tinha um mundão de boi nas fazendas e precisava muito sal. O velho Veloso ia comprar em Lages e demorava muitos dias na viagem. Ele era compadre de meus pais e as nossas famílias se visitavam bastante. Lembro bem dele; era calmo e muito respeitado por todos. Morreu durante uma febre muito grande que deu por essas bandas; uma febre que matou muita gente; isso faz mais de 80 anos."*

*"Nos bailes de antigamente, o salão era dividido no meio com uma corda ou mesmo um barbante. De um lado dançavam os negros e do outro os brancos. Se um se metia no "terreno" do outro dava o maior dos entreveros. A gente não achava que isso era o tal de "racismo" que essa gente de hoje tanto fala. A gente achava que isso era mesmo sinal de respeito que uns tinham com os outros."*

*"Meus pais conheceram o monge José Maria e sempre falavam que ele era homem bom e de muita sabedoria; andava por esses campos todos. Ensinava as pessoas rezar, sabia benzer e dava remédios de ervas. Tinha sempre um cajado, roupas velhas, uma capa e, as vezes, andava descalço; outras vezes com "alpercatas" rasgadas. Dormia no campo e depois abençoava o lugar; sabia batizar as crianças. Tudo o que ele falou está acontecendo, porque ele sabia das coisas; ele era um homem santo."*

*"Bugre tinha muito por aqui (referindo-se a Salto Veloso, Palmas e Água Doce). Eles não eram mansos, mas, também, foram os brancos que deixaram eles brabos, tirando a terra deles. Os bugres se vingavam queimando as plantações e espantando o*

*gado. Também matavam muitas pessoas, principalmente crianças. Meu pai era muito amigo deles e costumava ir nas choças que ficavam bem retirado, nos campos ou no meio do mato fechado."*

*"Trovei muito porco e muito boi por essas estradas do Veloso. Tinha dias que a gente passava por ali com mais de mil porcos. Boi, então, nem se fala. Uma vez arrebanhamos nos campos do Rio Grande do Sul e aqui nas bandas de Palmas e Água Doce, mais de 6 mil mulas. Descemos em direção a São Paulo, sempre pelos picadões; levamos três meses entre ida e volta."*

*"Nos antigamente os fazendeiros de Palmas e Água Doce, quando chegava o inverno, que era muito brabo, levavam o gado lá pra baixo, nos matos do Veloso, onde era mais quente e tinha pasto e pinhão; assim os bichos não passavam muito frio e encontravam bastante comida. Os fazendeiros naquela época tinham tanto dinheiro que mandavam até no governo. Muito dono de fazenda acendia charuto com nota de dinheiro graúdo."*

## **Clarentina Camargo**

*"A dita "Costeira", que todo mundo fala, meus pais diziam que era um lugar onde os negros (escravos), que fugiam das fazendas, costumavam se esconder. Depois que a Princesa fez o documento (Lei Aurea), e os negros não tinham mais dono, o pessoal da Costeira comprou o terreno e ficou morando ali."*

*"Uma vez eu e meu marido, que era tropeiro, passamos pelo tal Veloso, mas não tinha nada. Lembro de umas roças de milho, no meio do mato, e de uma ou outra choça, onde moravam caboclos."*

## **Sabina De Bastiani**

*"Quando chegamos aqui não tinha bodega, moinho, nada. Se precisava comprar alguma coisa, a gente ia até Rio dos Cochos (Bom Sucesso), onde se chegava por carreiros abertos no meio do mato. Se cruzava o rio 7 vezes até chegar lá. Para ir ao moinho era um grande sacrifício. Se o tempo estava bom, tudo era maravilhoso, mas, se chovia e os rios não davam passagem, então se ficava sem pão e polenta; comia o que tinha, principalmente caça. No começo tinha um moinho só em Anta Gorda, mas vivia quebrado, então o recurso era ir até Pinheiro Preto. Demorava um dia para ir e outro para voltar. A gente ia sempre com 4 cavalos; 2 para a carga e 2 para montaria."*

*"O primeiro catequista do Veloso foi meu pai Pedro Giacomini. Depois ele quis que eu ensinasse as crianças. Dizia que eu tinha mais paciência com as crianças. O catecismo era ensinado em italiano e os alunos aprendiam depressa."*

## Cecília Vivan

*"Quando chovia ou fazia muito frio era preciso fechar a porta e as janelas da igreja onde funcionava também a escola. Como ficasse escuro a gente acendia os tocos das velas que sobravam da missa do domingo. Ir nas reuniões de professores, que aconteciam em Caçador, era um sacrifício, eu demorava três dias."*

*"Uma das maiores maldades que eu vi em toda minha vida foi contra o senhor Antonio Lando. Alguém, que não se sabe até hoje quem foi, denunciou o Antonio no tempo da Segunda Guerra Mundial dizendo que ele tinha um rádio escondido na casa, o que era proibido na ocasião. Vieram uns policiais de fora e queriam obrigar o Antonio dizer onde estava o rádio, que na verdade, não existia. Bateram nele e chegaram ao ponto de arrancar todo seu bigode com alicate. Foi uma covardia e nós ficamos muito revoltados."*

*"Outra coisa muito errada que o governo fez foi proibir que as pessoas falassem o italiano. A grande maioria dos moradores do Veloso não sabiam falar o português. Muitos ficaram dentro de casa durante anos sem sair, pois tinham medo de se expressar na única língua que sabiam, correndo então o risco de serem presos e apanhar da polícia só porque não sabiam conversar na língua do país onde estavam morando."*

## Felisberto Cardoso dos Santos

*"Esse negócio de dizer que a "Companhia" avisava os caboclos antes de fazer o despejo, não é bem verdade. Muitas vezes chegavam de sopetão e tiravam todo mundo de dentro dos ranchos e depois queimavam tudo. Essa tal de Alice, que era dona da terra, nunca aparecia por aqui; mandava sempre a polícia; nunca veio conversar com a gente."*

*"A vida era muito divertida quando a gente chegou aqui no São Vicente. Sempre tinha domingueira oferecida por um morador. Começava logo depois do almoço e ia até de noitinha; o sanfoneiro era a figura mais importante e animava com modas muito bonitas. No final da tarde, depois de muita dança e prosa, o dono da casa que convidava os parentes, amigos e vizinhos, servia um café com broa de milho, bolinho frito e outros doces. Depois cada um ia para sua casa e esperava ser convidado novamente para se divertir entre amigos."*

*"Por aqui tinha gente que derrubava pinheiro só pra ver o tombo. Lembro de algumas pessoas, mas não quero fazer nome, que venderam até 6 mil pinheiros numa vez só, e por alguns trocados que acabava em poucos dias. As pessoas não pensavam que um dia os pinheiros fossem ter um valor tão alto."*

## **Maria Santian**

*"A dona Verginia Giacomini era a parteira do Veloso. Ela atendia mulheres que moravam em outras localidades. Sendo chamada, de dia ou de noite e, com sol ou chuva, ela sempre estava pronta para ir cumprir com sua missão. Nos primeiros tempos ia à pé, depois comprou uma mula; isso ajudava vencer as distâncias. Quando não estava ajudando a parturiente, cuidava das demais crianças e ainda se encarregava de, muitas vezes, fazer a comida e limpar a casa onde estava esperando que o neném resolvesse nascer. Era uma pessoa de grande bondade; foi muito importante para todos nós."*

## **Maria Civiero - Linha Mendes**

*"No Veloso trabalharam como parteira também a dona Sabina De Bastiani e a dona Dosolina Ferronato. Entendiam do assunto mais do que muito médico hoje em dia. As mulheres atendidas pelas parteiras nunca tiveram problema algum, pelo contrário, tinham muita saúde."*

## **Riquelmo Pasin**

*"Nós vivemos num tempo onde o trabalho era uma das coisas mais importantes na vida do homem juntamente com a família. Para nós nada era difícil, nada era longe, nada era impossível."*

*Se tivéssemos pensado ao contrário, não teríamos chegado até aqui. Hoje, olhando para o passado e por todas as situações que enfrentamos. Tenho certeza que a mão de Deus sempre nos amparou."*

## **DEPOIMENTOS 2ª EDIÇÃO**



### **Maria Barbosa Veloso Pedroso**

*"Foi na casa da minha avó que eu cresci, ela me criou desde que meu pai Gercindo faleceu, eu era bem criança nessa época, tinha cinco anos, por isso não lembro dele, não tenho recordação. Me contaram que ele morreu de acidente, era bem moço. Naquele tempo a gente morava em Salto Veloso, meu pai trabalhava numa firma.*

*Com a falta do marido minha mãe achou que eu ficar muito bem se fosse criada pela minha avó Maria Rita que nessa época morava no Paiol Velho e estava casada com o segundo marido dela, João Batista Antunes. Na casa deles morava também uma guria que minha avó criava desde que nasceu, ela era moca feita quando eu cheguei, eu achava ela muito inteligente, sabia costurar muito bem, aprendeu sozinha, sem ninguém ensinar.*

*Como não existia máquina, pelos menos pelos lados que a gente morava, ela costurava tudo à mão, fazia qualquer tipo de roupa. Lembro que era bastante carinhosa com a família. Meus avós Maria Rita e Antonio Veloso só tiveram meu pai de filho, por isso que quando a mãe deu a menininha, minha avó ficou contente e criou ela com amor de filha.*

*Lá em Paiol Velho onde moravam eles trabalhavam na roça, quando fiquei maiorzinha eu também ia ajudar. Pro serviço render mais a gente levantava bem cedo, tomava café e depois ia pra roça, trabalhava até que o sol começava descer, essa era a hora de ir pra casa. Não se tinha costume de levar lanche, só se comia depois que voltava pro rancho.*

*Sempre que precisava comprar roupas ou mantimentos que faltavam na casa, meu avô adotivo ia até Joaçaba, levava dois dias entre ida e volta, quando faltava farinha de milho ele vinha pro Veloso, era o único lugar por perto que tinha um moinho pequeno, depois, mais tarde, construíram um maior pra dar conta de tanta moagem, esse ainda existe. Era parte do meu avô também cuidar e tratar da criação, sempre tinha bastante porco, cavalos, vaca de leite e outros bichinhos pequenos.*

*Diversão na época era meio escasso, faziam bailes, quem organizava já prevenia o tocador e também as cordas pra dividir o salão, daí num lado dançavam os pretos e na outra os brancos, se alguém não cumpria isso, dava encrenca danada, muito feia, cada um tinha que saber o seu lugar, aí tudo ficava certo. Não*





Agenor Veloso, filho de Gercindo Lérias Veloso e Izabel Antonio Barbosa, irmão de Maria Barbosa Veloso Pedroso

*eram só os brancos que não se misturavam com os pretos, pois os pretos também gostavam de se misturar com os brancos. Os pais diziam para as filhas: Você não case com um italiano, depois ele vai te chamar de nega e o que você vai responder. Ficava difícil também na conversa, pois um não entendi bem o que o outro falava.*

*Nos domingos ou no dia dos santos de honra moradores tinha reza e cantoria puxada pelo capelão e acompanhada pelo povo. Faziam também festa de igreja, mas a maior devoção era na quaresma e finados, nesse dia as famílias recordavam e rezavam por seus falecidos. As homenagens começavam na noite antes com rezas e costumes que foram ensinados pelos antigos. Quando era tempo da quaresma se fazia bastante penitência e devoção, na Sexta-Feira Santa não se podia cantar ou falar alto, minha avó não deixava nem acender o fogo, tinha que deixar a comida pronta, um dia antes. Ela pedia também para varrer todo o pátio até bem longe, deixar bem limpinho e dentro de casa lavar e arrumar tudo. Na noite de quinta pra sexta-feira um grupo de pessoas ia de casa em casa entoando cantos antigos acompanhados pelo barulho da matraca, eles chegavam na casa, faziam as devoções e cantorias, quando terminavam eram convidados para tomar café que era servido com mandioca frita, bolinho de fubá e pipoca Depois de visitar a última família voltavam cada um para sua casa, guardando a matraca e os objetos de devoção para o próximo ano.*

*Quando falecia alguém, pediam para uma pessoa ir de casa em casa de vila em vila avisar do falecimento, enquanto isso quem ficava se prontificava ajudar naquilo que podia, todos colaboravam. Mas difícil era achar alguém para lavar o defunto, ninguém se prontificava. Eu era disposta, tinha coragem, lembro que lavei um piázinho, ninguém queria fazer, daí eu me fiquei com dó, era bonito, viçoso, bem gordinho, peguei no colo e lavei ele com bastante água e sabão, nem parecia estar morto. Não tinha médico naquele tempo pra tratar as pessoas, morria muita criança, ninguém sabia de que tipo de doença. Em outra ocasião ninguém queria lavar uma mulher que faleceu quando ganhou neném, todos inventavam desculpas, eu pedi água e sabão, fiz o trabalho com muito respeito, demorei bastante para lavar, ela era bem gorda, foi isso que provocou a morte na hora de ganhar o filho. Ficamos sabendo depois que a criança sobreviveu pouco tempo. Ajudar as pessoas faz parte da educação que recebi da minha avó, ela sempre ajudou quem precisava.*

*Um velório naquele tempo juntava muita gente, por isso se preocupavam em fazer comida pro o povo ao longo da noite, os mais pobres serviam chimarrão, café preto ou com leite, bolinho de fubá que se fazia de vários tipos e tamanhos, ofereciam também broas de milho. As pessoas mais abonadas matavam um porco bem grande e assavam churrasco ou faziam carne de panela, acompanhada com outras misturas, também serviam café. A comida era oferecida duas ou mais vezes durante a noite. O meu serviço era amassar e fritar bolinho de fubá, quando terminava uma remessa eu já estava fazendo outra que era pra prevenir. Não existia choradeira, nos velórios as pessoas estavam ali pra se despedir, homenagear e mostrar amizade ao falecido.*

*Os costumes estão muito diferentes, só quem viveu as duas partes pode fazer comparação. Hoje o mundo tem facilidade pra*

*tudo, mas não tem o sossego que existia. Minha avó me ensinou sobre o que escutava dos pais e dos avós, os antigos tinham muita sabedoria. Ela não gostava muito de falar do meu avô, por causa dessa falta de proza sei quase nada da vida dele, mas tenho grande respeito e também a satisfação por ser sua neta.”*

Depoimento colhido em 06 de outubro de 2021, em sua residência na cidade de Salto Veloso.



### **Jair Pasin**

*"Diante do pedido feito pelo professor da Escola de Tres Barras, João Maria Padilha que solicitava seu desligamento da sala de aula, iniciou-se a procura por um profissional que assumisse a referida escola, tendo sido escolhido por indicação o nome do professor Riquelmo Pasin que naquela altura residia e lecionava na cidade de Videira. Em visita ao local o novo professor constatou a precariedade das instalações, ou seja: a escola era antiga, feita de tábuas lascadas, assoalho de chão batido e coberta com tabuinhas, pediu também que fosse construído um puxado com alguns cômodos para que pudesse residir com sua futura esposa, pois estava com casamento marcado. Os moradores atenderam o pedido, ergueram uma nova escola com tábuas serradas e assoalho de madeira, ao lado, construíram um espaço para residência do professor e sua família. Com a obra terminada meus pais se mudaram para localidade de Tres Barras, foi lá que eu nasci.*

*Desde cedo comecei gostar de história, procurava aprender sempre mais, na nossa casa chegavam muitas pessoas caboclos, italianos e alemães, eles vinham falar com meu pai, enquanto conversavam eu que era muito curioso ficava prestando atenção ficava prestando atenção. Foi assim que fiquei sabendo a historia da primeira Guerra Mundial contada pelo padre João Reitmeir que veio para Treze Tílias em 1933. Ele lutou na guerra, falava com dificuldade por causa de um ferimento recebido durante os combates, tinha muitas cicatrizes pelo corpo. Vinha de Treze Tílias à cavalo, dormia na nossa casa, no dia seguinte levantava cedo, rezava missa, almoçava com nossa família e depois ia embora, pra voltar uns três ou quatro meses depois.*

*Durante a missa ou nos encontros religiosos dominicais dirigidos por meu pai, tinha sempre a presença de muitos caboclos que aproveitavam a hora da reza para negociar cavalos, vacas, porcos, trocar produtos e contar as novidades, assim, enquanto no altar procuravam fazer as rezas, no resto da igreja a conversa rolava solta, cada qual cuidando de seus negócios. No entendimento deles não estavam errados, apenas aproveitavam a ocasião para vender, comprar e trocar. Os caboclos eram católicos e praticavam a religião, tinham muita devoção em São João Maria, pra eles o santo de maior poder. Os mais antigos do lugar contavam que o Monge havia abençoado um olho d'água em Três Barras como fez em Herciliópolis.*

*Depois de algum tempo morando em Tres Barras nossa família mudou para a Linha São Vicente, nesse lugar meu pai comprou terras de um caboclo, era uma posse, mas naquela época tinha garantia de propriedade. As posses eram abertas pelos caboclos que chegavam no terreno, abriam as divisas, construíam o rancho e faziam a lavoura, com isso, aquela terra passava ser considerada propriedade de quem nela havia se estabelecido.*

*Essas posses eram antigas, ainda da época das terras devolutas, terras do governo. Quem comprava a posse depois tinha direito de propriedade, isso continuou até a especulação por parte de grandes fazendeiros e donos das companhias de colonização, quando as autoridades ficaram no lado de quem tinha mais força.*

*Em São Vicente o número de caboclos era bem maior que no lugar que a gente morava antes, tinha também no local muitos "serranos" que eram assim chamados por serem procedentes das serras gaúchas e catarinenses, esses últimos eram mais desenvolvidos, tinham o hábito de estocar alimentos pelo tempo que precisavam, tinham também o costume de carnear uma rês no final do outono, se prevenindo para que não faltasse comida durante o inverno Os caboclos, ao contrário, se preocupavam em ter comida apenas para o dia seguinte, salvo algumas exceções, mesmo tendo a possibilidade diante da quantidade de produtos não o faziam, era uma questão de costumes.*

*A prática de cultivo dos caboclos era plantar um ou dois anos e depois deixar a terra descansar por um tempo entre três ou quatro anos, assim o solo não cansava, não esgotava como diziam. Dentro desse sistema costumavam ter boas colheitas pois plantavam em chão que não estava "esgotado". Quando aprenderam tal processo e como aprenderam? Não temos as respostas, mas imaginamos que é uma prática muito antiga, um aprendizado que receberam dos antepassados.*

*Na época chamava atenção o fato da propriedade de meu pai ser praticamente uma divisa, ou seja, pro lado de cima moravam os caboclos, serranos e bugres e pra baixo os italianos e alemães. Os nativos como a gente tinha costume de chamar, foram os que desbravaram as terras. Desde quando estavam morando na região, isto ninguém sabe dizer, mas, a verdade é que quando*

*os colonos chegaram já tinha muito lugar desmatado, tinha picadões e carreiros abertos.*

*Os caboclos e também os negros continuaram desbravando, pois foram eles que trabalhando por dia ou por empreitada, ajudaram cortaram o mato, para fazer as roças de depois na capina e na colheita. Eram as mão-de-obra contratada pelos colonos. Lembro que na segunda-feira bem cedinho passavam na estrada em frente à nossa casa grupos, principalmente de caboclos, que, com ferramentas nas costas iam em busca de serviço, retornando na sexta-feira no final da tarde depois de uma semana de muito trabalho. Ganhava pouco, na verdade só mesmo pra comer, mas nem por isso desistiam, pelo contrário, mostravam sempre disposições para outras empreitadas. Os caboclos não refugavam serviço, por isso temos que ser justos e reconhecer que ajudaram muito no crescimento não só Salto Veloso, mas também de outros lugares em outras regiões.*

*Sempre me interessei sobre os costumes desse povo, começando pelas rezas que eram sempre cantadas, tinham orações para cada acontecimento quer na missa, nos casamentos, na quaresma, nos sepultamentos, tudo tinha seu significado. Quando acontecia de falecer alguém as pessoas se ofereciam para ajudar, enquanto um se incumbia de ir levar a notícia aos que moravam em localidades mais distantes, outro se encarregava de ir no comércio mais próximo comprar a mortalha e o tecido para forrar o caixão que naquela altura já estava sendo fabricado. Os que ficavam, pediam que uma pessoa da casa escolhesse um porco para matar, a carne seria servida com outras misturas durante o velório. As mulheres, também solidárias, colaboravam na organização da casa, ajudavam costurar a mortalha, esperavam alguém se prontificasse para lavar e preparar o defunto e iniciavam as rezas próprias para a*

*ocasião. Sempre tinha alguém que se apresentava como voluntário para ir na venda comprar cachaça, afinal, pensavam todos, seria muito custoso passar a noite toda sem uns bons tragos*

*Não existia e lamentações, pois no entendimento dos caboclos aquele era um momento de fazer companhia, de estar junto com o familiar, o amigo, o conhecido em seus últimos momentos no mundo, por isso velório tinha que ser acompanhado com aquilo que o finado apreciava em vida: a família, os amigos, a proza, a comida de também a cachaça. Dentro da sabedoria cabocla tudo estava certo, tudo no seu tempo, tudo no seu lugar.*

*Nos primeiros anos muitos colonos que se estabeleceram em Salto Veloso, adotaram algumas práticas já usadas pelos caboclos entre as quais o puxirão, que é o convite feito aos vizinhos e conhecidos para realizar um determinado trabalho como roçar, plantar, limpar e colher as roças, em troca, os que aceitavam o convite recebiam café da manhã, almoço e jantar. As fartas refeições servidas aos trabalhadores eram oferecidas pela família que organizava o encontro e incluíam carne de porco, macarrão e quirera, também não podia faltar cachaça. Na maioria das vezes o dia de trabalho terminava com baile no qual somente era permitida entrada aos participantes da empreitada. Os puxirões também aconteciam em sinal de amizade, apoio e colaboração em caso de doença ou morte de alguém da família. Existia um sentimento de colaboração quando se tratava de amparar alguém que precisasse de ajuda, tendo como único interesse tornar menor o problema que o outro estava passando.*

*Sempre que falamos sobre os caboclos não temos que lembrar a repressão que sofreram antes, durante e também depois da Guerra do Contestado, perseguição que parou somente em 1940, principalmente nas áreas onde agiam as companhias de*

*colonização, interessadas em comprar a maior área possível para transformar em colônias. Para conseguir isso precisavam limpar, desocupar as terras o que facilitaria o negócio na hora da venda ao novo proprietário.*

*Quando terminou a Guerra do Contestado em 1916, já estava acontecendo a "varredura", como foi chamada a expulsão dos caboclos que moravam nas terras concedidas pelo governo brasileiro para a Companhia que construiu a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. A mesma atitude, só que em menor número e por motivos diferentes se repetiu posteriormente também nos terrenos que eram alvo de interesse das Companhias de Colonização, que estavam chegando na região. Neste último caso os governantes da época procuravam favorecer compradores, pois tinha interesse em vender as terras para estrangeiros, como de fato aconteceu. A legalização com a medição e a venda das terras aos antigos ocupantes somente aconteceu tempos depois.*

*Na área que mais tarde se tornou o município de Salto Veloso, aconteceram muitas expulsões com ranchos, instalações e mesmo os produtos das colheitas se transformando em cinzas e as famílias, por sua vez, obrigadas se retirar, sair sem destino procurando outro local para viver. Na localidade de Linha Brasília, em terras bem mais tarde adquiridas por minha família, ainda existem os vestígios das casas que foram incendiadas pelos destacamentos de militares que vieram para a região.*

*Em 1940 um grupo de 35 soldados com capacetes de aço, armados de fuzil, comandados por um delegado nomeado para tal função, percorreram a região, iam de rancho em rancho ordenando que as famílias desocupassem o espaço, davam tempo apenas de pegar alguma coisa e em seguida ateavam fogo.*



*Num dos ranchos alvo de despejo em Linha Consulta, ao ver que a mulher estava grávida, nos dias de ganhar o filho, o que dava ordens, o delegado, disse para o casal: '- Vou deixar vocês aqui até a criança nascer, mas depois saiam logo, não quero encontrar ninguém aqui quando voltar'. Disse isso e seguiu adiante.*

*A criança nasceu e o casal não dando muita importância às palavras do delegado continuou morando no local. Não demorou tempo e o destacamento retornou. Tendo escutado o barulho e imaginando de quem se tratava, o caboclo não perdeu tempo, conseguiu correr até a barranca de um rio que passava perto do rancho e subindo numa árvore se escondeu entre os galhos. Do local que estava, enxergou a escolta chegando, ouviu as ofensas e viu as cenas de abuso praticadas contra sua companheira. No fim, escutou as ordens dadas pelo delegado para que tacassem fogo no rancho que em pouco tempo virou um monte de cinzas.*

*O caboclo esperou até que os policiais se afastassem e foi socorrer a mulher e a criança. Nada mais tendo a fazer ali, os dois saíram com a criança no colo, tendo somente a roupa do corpo. Atravessaram carreiros no meio do mato até conseguir chegar na localidade chamada Léguas Quadradas, hoje Valverde, no município de Arroio Trinta. O local referido era um povoadinho na época, usado como ponto de pouso dos tropeiros e lugar de parada de gente que cruzava a região, inclusive do delegado e policiais que executavam as ações de despejo. Não sabendo que rumo tomar e calculando que mais dia menos dia o delegado e sua escolta chegariam nesse lugar, o caboclo despejado conseguiu um rancho para morar, dali saindo somente para trabalhar e realizar outras lidas que poucos sabiam quais eram.*

*Tempos depois o destacamento comandado pelo mesmo delegado, conhecido como Braguini em virtude do seu sobrenome, chegou ao pequeno povoado de Valverde para*

*averiguar alguns problemas, entre os quais questões relacionadas a terra. Ao se aproximar, foram recebidos com um acirrado tiroteio de parte de um grupo de homens armados, entrincheirados num mato próximo, ao que, os militares revidaram provocando a mudança de posição dos civis, aumentando a quantidade de disparos e criando confusão.*

*De dentro de seu casebre o caboclo que tinha visto a mulher sofrendo violência e seu rancho virando cinzas, tomou posição, atirou e matou o delegado Braguini que morreu no local, ao mesmo tempo que também foi atingido com um tiro certo vindo falecer no local que se encontrava. Conforme depoimentos de algumas pessoas que presenciaram os fatos, o caboclo foi morto por um indivíduo conhecido como Salvador 'Topete Branco'.*

*O fato teve repercussão, e uma delas foi a imediata suspensão dos despejos, visto ser delegado figura importante na época. Este fato que marcou o fim das ações de despejo, sendo o rancho de Linha Consulta o último a ser queimado na região, remonta ao início dos anos de 1940. Desta data em diante nenhuma família mais foi expulsa, nem ranchos foram incendiados.*

*Em 1960, ou seja, 20 anos depois, o governo do Paraná mediu as chamadas terras devolutas de Linha Brasília e região, confiando a tarefa ao engenheiro Aldroaldo Martins, da cidade de Curitiba, que contou com uma equipe de apoio organizada na capital paranaense. A conclusão dos trabalhos aconteceu em junho de 1961 com um jantar comemorativo, realizado na casa de nossa família em São Vicente, onde a equipe ficou hospedada durante o tempo que foi necessária sua permanência na região. Concluída a medição, o governo concedeu o prazo de 10 anos para pagar o terreno. Uma vez quitada a dívida, os proprietários receberam do governo do Paraná o título de posse. Importante*

*lembrar que em muitos casos, as terras compradas de posseiros já haviam sido pagas a estes, mas sem a garantia da lei.*

*Como podemos perceber, tivemos no município de Salto Veloso a existência de muitas pessoas num passado distante, gente que nem imaginamos de que lugar vieram, como chegaram, quando chegaram. Aqui estiveram os índios, caboclos, pretos, espanhóis isto vemos por muitos sobrenomes, os emigrantes italianos vindos do Rio Grande do Sul e de outras regiões.*

*Cada pessoa que aqui passou ou viveu contribuiu para fazer sua parte história que vamos deixar para nossos filhos e netos."*

Entrevista em 05 de julho de 2022.



## **Celestino Cardoso de Oliveira**

*"Viemos para Salto Veloso no começo de 1966, eu tinha 13 anos na época, antes a minha família morava na Fazenda Limoeiro que ficava em Água Doce. Eu já conhecia a cidade, vinha com carroça*

*puxada com cavalos trazer o milho e o trigo no moinho e comprar o que precisava na casa, minha mãe escrevia um papel e me entregava junto com o dinheiro para pagar a moagem e as mercadorias que ela tinha pedido. Era pequeno na época tinha 8 anos, saía de casa às 4 da manhã e voltava às 10 da noite. Quando saía meus pais falavam: esteja de volta a tal hora. Se não chegasse no tempo que eles queriam, a surra era certa. Eu*

*saía e voltava no escuro, os cavalos iam á rumo dentro da noite. Quando eu era pequeno criança não podia ter medo, tinha de enfrentar tudo, precisava ter a coragem de gente grande.*

*Quando viemos de mudança a cidade do Veloso era pequena, mas já tinha o frigorífico, só que bem menor, a cantina, o moinho, nesse vinha gente de todo lado pra fazer moagem de trigo, milho e descascar arroz, existia também lojas, mas a do Cantú era a mais movimentada. Nessa época as casas de comércio negociavam os produtos direto dos colonos que por sua vez se forneciam de tudo que precisavam nas lojas da cidade que tinham que estar sempre bem sortidas de tudo que é tipo de mercadoria. A colônia produzia arroz, milho, feijão e, trigo, também gado e porco. Na cidade tinha poucas pessoas, maior parte vivia na colônia.*

*Antes de vir para Santa Catarina meus pais moravam no Rio Grande do Sul, mas tiveram que escapar de lá por causa da revolução de 1932, teve muita violência e mortes. Quando o avô paterno morreu a família dividiu as terras que ele deixou de herança, meu pai logo vendeu a parte dele, o dinheiro deu exato pra comprar o terreno em Água Doce. Enquanto não fechavam o negócio eles guardaram o dinheiro dentro de uma lata de querosene, essas de 20 litros, depois abriram um buraco no assoalho de madeira e esconderam a lata. Quanto tempo ficou guardado lá eu não sei, mas sei, por me contarem, que não com existia banco na época por isso eles tinham que ser inventivos pra esconder bem o dinheiro.*

*A fazenda Limoeiro que meu pai negociou tinha 170 alqueires, numa parte ficavam as roças onde se plantava mandioca, trigo, milho e feijão, e a outra, bem maior era para criação de gado e porco. As roças eram abertas com machado, serrote e foice, depois vinha a queima. A plantação era feita com enxada ou*

*máquina manual e a limpeza só com enxada. Na sementeira do trigo se usava o arado pra mexer a terra e depois cobrir as sementes, ninguém usava adubo nas lavouras.*

*Na época a maioria dos pais não se importavam com a idade que o filho tinha, nem se ele conseguia dar conta do trabalho, eles passavam as ordens e a gente cumpria. A educação era bem severa isso em quase todas as famílias. Meus pais tiveram 15 filhos, mas os primeiros sofreram bastante, apanhamos e fomos castigados. Depois, quando nasceram os mais novos eles já tratavam com mais calma, foram aprendendo que os filhos tinham que ser criados de maneira diferente. Minha mãe Natália dos Santos casou com 14 anos, ela morreu com 45 anos, não sei com que idade meu pai Zelindo Cardoso de Oliveira casou, mas tinha 82 quando faleceu. Eles criaram toda a família na roça e costumavam ensinar os filhos trabalhar desde pequenos.*

*Gosto de falar do sistema que eu e meus irmãos mais velhos fomos criados, isso pra mostrar às crianças de hoje em dia que nunca devem se queixar da vida que tem. Quando era pequeno nunca tive regalias nem atenção. Eu quero contar na minha história apenas algumas das muitas situações que passei. Tem que deixar escrito para que as pessoas fiquem sabendo como que as crianças eram educadas no passado e isso não faz tanto tempo assim.*

*Na época de plantar o trigo meu pai dava um saco sementes para eu semear, bom saber que cada saco tem 44 quilos. Ele dizia pra mim: "enquanto não terminar você não toma água, não come e não descansa". Tava dito, era melhor não desobedecer. Eu estava com 9 pra 10 anos naquele tempo e tinha que semear e lavrar com uma junta de bois, o arado cobria as sementes precisava ter força pra fazer o trabalho. Era difícil, até as três horas da tarde se conseguia, mas depois disso até os bois*

*ficavam muito cansados, rendiam pouco. Não tinha o que fazer, dava pena dos bichos, mas parasse podia ficar pior. Quando eu terminava a empreitada já era bem tarde, daí sim eu podia beber água e comer. Também pensava nos bois que estavam cansados com sede e fome. Com essas ordens plantei muitos sacos de trigo.*

*O sistema na nossa casa era que criança depois de certa idade não podia entrar na casa que os pais moravam, tinha que ficar num galpão lá fora, isso de dia e de noite, ninguém ia ver como a gente estava. Eu e meus irmãos mais velhos fazia fogo, cozinhava moranga e mandioca e milho, isso quando tinha, dava um jeito de matar porco pra ter carne. Tudo que a gente podia comer se ia catando. Quando a fome apertava se comia fruta de imbúia, de guamirim, raiz de seralha, broto de planta, depois se passava mal, a barriga doía, ficava muito estufada. Nossa festa era na época do pinhão, da guabirova, do ingá, tinha comida de sobra.*

*Quando clareava o dia nossa mãe chamava e entregava pra cada um, lá fora, uma canequinha com metade de farinha de mandioca e um pouco de café preto, essa era nossa refeição da manhã, de meio-dia a comida era meio escassa e de noite também. Pão quase nunca se comia e bolacha era um doce e minha mãe fazia, mas só oferecia para as visitas, os filhos mais velhos nem enxergavam. A nossa casa era grande, bonita e toda rodeada por uma varanda, mas eles não deixavam que eu e meus irmãos nem pisar na varanda, quanto menos entrar na casa. Sempre que os pais recebiam visitas, fosse parente ou não, mandavam a gente sair, não era pra ficar por perto da casa, não podia aparecer, daí então se ia pro mato ficava dois, três dias depois voltava por conta, pois ninguém ia procurar a gente mesmo.*

*A nossa roupa era feita de fazenda simples, de saco de sal ou de açúcar, no inverno não tinha agasalho, só roupa curta, calçado nem pensar se andava sempre de pé no chão. No inverno quando os alunos chegavam na escola a professora acendia um fogo e pedia para todos ficar perto e se esquentar. O frio era tanto que só depois de um tempo ao redor do fogo a gente conseguia escrever. Não serviam merenda na escola e nem os pais davam lanche pra levar, poucos tinham esse costume. Se brincasse na hora do recreio, levava uma tunda (surra) quando chegava em casa.*

*Eu tinha um amiguinho e no recreio ficava sempre conversando, mas um dia ele me convidou pra brincar e eu fui, não estava fazendo nada errado, eu pensava assim, mas quando chegamos em casa contaram pra minha mãe que eu tinha brincado na escola; ela me pegou, deu uma surra tão grande que meu braço direito ficou diferente pelo resto da vida depois daquela surra. Eu tinha na época só 8 anos, demorei muito tempo para sarar, ninguém me levou no médico, melhorei por conta, era forte. Essa foi só uma das muitas tundas que levei quando era pequeno, as pessoas falavam que se ganhasse um boi pra cada tunda que me davam eu seria o rei do gado. O pai era ainda mais brabo, se pegava um filho pra surrar, era difícil fazer isso, mas se acontecia ele quase deixava morto. Quando ia domar um animal matava de bordoadas antes de terminar.*

*Lembro que para escutar uma música no rádio precisava antes fazer uma empreitada grande em troca, depois sim se podia ouvir, tudo tinha seu custo. Nosso dia começava às 5 ou 6 da manhã e às 8 da noite era hora de ir pra cama, tanto os que dormiam na casa como quem ficava no galpão, tinha que deitar e ficar quieto, ninguém podia prostrar. Quando tinha missa se levantava bem cedo, queriam que fizesse todos os serviços antes*

*de ir pra igreja e assim que a missa terminava já voltar pra casa Liberdade a gente conseguia um pouco nos dias que meu pai viajava pra fazer compras Concórdia, ele tinha uma tropinha de mulas, na ida levava mel e banha de porco e na volta trazia tecidos pra fazer roupas, açúcar, querosene, fumo de corda e outras coisas que precisava. Mais tarde abriu comércio no Veloso, ficou mais fácil, mais perto.*

*Mesmo com o pasto cheio de boi e as encerras com quantidade de porcos não se podia comer um pedaço de salame ou de carne, lembro que num certo dia um gato pulou e comeu a ponta de um salame que estava pendurado, minha mãe disse pra minha madrinha que só podia ter sido eu a fazer aquilo. Escutei a prosa e sabendo que ia apanhar fugi pro mato, depois voltei e me escondi embaixo do assoalho da casa, esperei que todos fossem se deitar para me esconder melhor, foi quando me descobriram. Só não levei uma surra das grandes porque minha madrinha estava pousando na casa dos meus pais e me defendeu. Eu ia apanhar sem culpa por causa do gato que comeu uma pontinha de carne, sabendo que no lugar tinha uma grande quantidade de salames dependurados.*

*Noutra feita, nem lembro se tinha feito alguma coisa errada, minha mãe pegou uma corda e me prendeu num gancho que tinha na parede da cozinha da casa, amarrou minhas mãos pra trás e fez nós com cordas nos meus pés para que eu não conseguisse me mexer. As únicas coisas que ela me dava para comer eram café preto com bastante sal e feijão, ela colocava mais sal que feijão, pura salmoura. Fiquei sem tomar água e como não podia me mexer, fazia minhas necessidades ali mesmo, passei fome, sede e frio. Passei três dias naquela situação, sem conseguir me movimentar, até que minha madrinha chegou na nossa casa, viu o estado que eu estava e*



*pediu para me soltar. Recebi muita ajuda da minha avó e da madrinha elas sempre me defenderam. Esse foi um dos piores castigos que me deram, nem sei se eu merecia, nunca mais esqueci. Fico pensando, quanta criança passou o que eu passei, ou até pior e não tinha ninguém pra defender, ajudar.*

*No tempo que viemos para Salto Veloso mais ou menos trinta por cento da população era de caboclos, eles moravam espalhados no interior em Linha Consulta, Linha Mendes, São Vicente, Barra do Veloso, Brasília e também na cidade. Negros tinha menos, eles viviam no interior, mas com o tempo a maior parte foi embora procurando lugar que tivesse mais trabalho. Os brancos ajustavam os caboclos para trabalhos mais pesados: construir taipas, tirar palanques, fazer cercas, cortar mato, limpar e colher as roças. A maioria era contratada por dia, ganhavam pouco e o pagamento que recebiam mal dava pra bóia. Eram pobres, tinham família grande com muitos filhos, viviam com dificuldade e muitos passavam fome, situação muito triste de se ver.*

*Os caboclos eram quase escravos dos brancos essa é a verdade, trabalhavam o dia todo por quase nada, ajudaram muita gente fazer e aumentar o capital. Tinha também bastante perseguição contra eles, os mais antigos que moravam aqui contavam sem esconder nada, que muitos caboclos foram mortos e jogados no salto, perto do lugar que morava o Antonio Veloso, isso no tempo que tudo ali era mato, teve até caso de caboclo marcado com ferra em brasa e acabou morrendo por causa disso. Essa conversa de dizer que incomodavam não é verdade, os caboclos eram de muito respeito, sérios, educados no trato com as pessoas e trabalhadores. Se usavam de violência era entre eles, pois quando discutiam ou brigavam resolviam na base da bala, da faca ou do facão, se matavam logo daí tava resolvida a*

*questão. Verdade é que esse povo já existia de muito tempo atrás em todas essas terras por aqui. Com os anos a maioria deles mudou para o Paraná, mas a história deles continua por aqui.”*

Entrevistado em 29 de outubro de 2021.



## **Eleodoro Pedroso**

*"Trabalhei nos primeiros tempos depois que vim morar na vila da*

*Macieira fazendo empreitada, era o jeito de garantir o sustento da família, foi assim que conheci Salto Veloso, lá eu empreitava o parreiral do João Domingos Cantú, trabalhava para o Amélio Sônego, ajustava pra cuidar limpeza das parreiras e ajudava até na colheita da uva, fiz também muita roça para a família Crepaldi. Naqueles anos tinha muito colono forte, bem de vida que contratavam trabalhadores por dia ou por empreitada, isso quem decidia era a pessoa pegava o serviço. Não cheguei conhecer o Antonio Veloso, mas sempre ouvi dizer que ele foi o primeiro morador do lugar, quem fundou a cidade. Ali morou também por um tempo a família Moraes, João Gregório Moraes, eram caboclos e muito conhecidos na região.*

*Quando comecei trabalhar em Salto Veloso existiam mais pessoas brancas, maior parte colonos que lidavam com plantação de trigo, milho, muitos tinham parreiral e cantina pequena no porão da casa, faziam vinho para vender. Na cidade o lugar mais*

*conhecido era o moinho, chamava atenção pelo tamanho e pela quantidade de pessoas que iam fazer moagem, o movimento era grande, vinha gente de longe, muitos chegavam antes de clarear o dia.*

*No tempo que cheguei na Macieira já estavam estabelecidas no povoado as famílias de Valêncio Belo, Clementino Belo e Maria Madalena Veloso, no povoado moravam também pretos e caboclos que viviam ali de muito tempo atrás. Naquele tempo os Belo já eram abastados, bem de vida, tinham bastante terreno, criação de gado e porco, faziam lavoura de trigo e milho, arrendavam terreno pra quem quisesse plantar, daí acertavam a renda, Clementino também lidava com tropa de mula. Eles tinham um sistema diferente de levar a vida, não se preocupavam em fazer capital, em guardar dinheiro, pensavam que se tinha comida hoje, pra que pensar no amanhã, estava tudo mais do que bom. Esse costume veio herdado dos mais antigos e era passado aos filhos. Mais tarde Clementino, Maria Madalena e a família negociaram a propriedade que tinham na Macieira e mudaram pro Paraná, bem no interior, lugar que tinha muita oferta de terrenos pra comprar, mas ainda voltavam para visitar os amigos que tinham ficado por aqui. A mudança deles foi feita com cargueiro, nem estrada pra passar com carroça existia.*

*A população era bem dividida quando conheci essa região, na Macieira tinha mais mais preto e caboclo, depois começaram chegar os colonos brancos, no Gramado, Légua Quadrada, hoje Valverde e Paiol dos Belo mais caboclo, no Veloso mais brancos, ali os caboclos e pretos viviam fora da vila. Na Légua Quadrada existia um povoado só de caboclos, eles tinham invadido a terra, ergueram os ranchos e ficaram morando e trabalhando, serviço tinha de sobra naqueles anos.*

*Na minha função como delegado que desempenhei por muitos anos eu tive que lidar com todo tipo de pessoas e o que tenho a dizer sobre os caboclos que, eram gente de bem e trabalhadores, mas a grande maioria deles tinha uma desconfiança descabida e isso dava muita encrenca que por vezes acabava em morte. Acreditavam em tudo que se possa imaginar: mau olhado, pragas, coisa-feita, visagens, encantamento e feitiçaria. Precisava ter paciência pra se entender com pessoas supersticiosas que viviam imaginando coisas estranhas, por isso nem toda vez os resultados dessas prosas era aquilo que se esperava.*

*Sempre fui de resolver as questões na base da conversa e do entendimento, ouvindo e apaziguando, mantendo a autoridade, mas ao mesmo tempo tratando bem as pessoas, em todo o tempo trabalhei deste modo, não queria ter desafetos no lugar que morava com minha família nem na região pela qual eu andava seguidamente. Enfrentei experiências difíceis, situações tristes diante da dor de muitas famílias pois além do profissional existe a pessoa com sentimento, com compaixão. Nessa região que atuei, a maior parte do povo era ordeiro e vivia interessado no seu trabalho, mas existia também o outro lado, ou seja, muitos pistoleiros que andavam nesses caminhos todos. Eles eram contratados para matar por encomenda, faziam espera para atacar as vítimas de surpresa, também praticavam roubos.*

*Um dos casos de violência que mais repercutiu na região, sendo notícia também no Estado, foi o assassinato do delegado Antonio Braguini de São Luiz, Iomerê, e um caboclo conhecido pelo apelido de "mão grande". O encontro aconteceu na localidade de Légua Quadrada, hoje comunidade de Valverde, Arroio Trinta. Na ocasião Braguini estava acompanhado por uma escolta policial, tendo se dirigido ao referido local para uma averiguação*

*e se encontrar com um de seus informantes também ligado à justiça e conhecido pelo nome de Salvador "topete branco", que era muito provalcido no exercício de seu cargo, acusado na época de 20 crimes de morte.*

*O delegado fora atraído ao local numa emboscada, ao chegar foi recebido com um tiroteio, logo revidado pela escolta policial que o acompanhava. Diante da violenta resposta o grupo de civis entrou na mata, afastando-se um pouco, mas sem deixar de atirar. Nesse meio tempo "mão grande", que escondido dentro de um rancho aguardava esse momento, disparou sua arma acertando e matando o delegado Braguini, de imediato, Salvador "topete branco", ligeiro no olhar e no gatilho, atirou com bala explosiva acertando "mão grande" que morreu em seu esconderijo. A princípio todos acharam que o delegado fora morto pelo grupo de civis que estava na mata próxima, mas que naquela altura já tinha se dispersado. Logo em seguida houve uma debandada, restando no local apenas os policiais da escolta e um ou outro curioso que decidiu ficar.*

*Este acontecimento está relacionado as ações de expulsão ocorridas na região, problemas criados com disputas de terras e também pela mudança do local de pagamento dos impostos que eram acertados inicialmente em São Luiz, Iomerê e que passaram ser pagos no Patrimônio, hoje Taquara Verde. Tal fato gerou inúmeras discordâncias principalmente dos representantes de São Luiz que não concordavam com a mudança de local. Essa questão somente teve solução alguns anos depois.*

*Mesmo com fatos como este, podemos dizer que existia menos violência quando comparado aos dias de hoje. Existia grande respeito e amizade entre as pessoas e mais união nas famílias respeito consideração eram maiores entre as pessoas e as famílias era maior, as famílias mais unidas, tinha entendimento,*

*as pessoas eram iguais não tinha diferença. As dificuldades existiam como a falta de remédios, mas sempre se dava um jeito, se encontrava uma solução, todos trabalhavam, desde às crianças que cedo iam ajudar os pais e aprender que sem trabalho não se consegue ter um bom futuro.”*

Entrevistado em 27 de janeiro de 2022.



### **Otília dos Santos**

*"Algumas pessoas que moravam Caxias do Sul escutaram falar que aqui em Santa Catarina tinha bastante terreno vazio, como tinham interesse vieram pra ver se era verdade, depois trouxeram*

*outras famílias de parentes e amigos, foi desse modo que meus pais Orquíz Antonio dos Santos e Artívia José Rodrigues vieram de mudança. Quando chegou em Salto Veloso meu pai abriu uma posse que ficava região de Linha São Vicente, naquele tempo a maioria chegava fazia isso. Foi nesse lugar que eu nasci em primeiro de junho de mil novecentos e trinta e seis, meus irmãos também nasceram ali. Depois que firmou a posse meu pai construiu o rancho e começou a desmatar o terreno pra fazer as roças, plantava pouco, quase só pro gasto. Era tudo com enxada, se plantava muito não conseguia manter limpo, daí era dano certo.*

*Depois de alguns anos meu pai e outros moradores foram instruídos que procurassem acertar a papelada do terreno, eles fizeram isso e pagaram direitinho, daí mais tarde cada um recebeu a escritura. Naquele tempo tinha poucas famílias que moravam por lá, a maioria caboclos bem pobres, mas ninguém passava fome. Na nossa casa a comida era batatinha, feijão, arroz, canjica com leite, trigo socado no pilão e polenta. Café e açúcar nem sempre tinha. Pão era coisa rara de se ver, quase não se comia. Todos trabalhavam na roça e a terra produzia bem por isso sempre se tinha, tinha o que comer, os caboclos costumavam caçar e pescar, assim quando escasseava a bóia era pegar a espingarda ou o anzol entrar no mato ou ir pra barranca do rio e voltar de comida garantida pra alguns dias.*

*Doenças não existiam, quase ninguém se queixava que estava doente, quando muito dava uma gripe, tosse, dor de barriga, picada de bicho, cobreiro, nada que um bom chá ou um benzimento não curasse logo. Quando tinham alguma coisa diferente que era raro procuravam um benzedor ou uma benzedeira que logo curava o mal. Os benzimentos tem muita força, mais que os médicos, pois eles estudam o corpo, mas não entendem nada sobre mistérios, os benzedores tem um poder, uma força que nasceu com eles. Quem benze recebeu o dom de curar, os males são energia, o benzedor sabe disso. Quem dos mais novos ouviram falar da "Mãe-do-Corpo" uma força desconhecida que fica junto com a mulher durante o tempo que ela está esperando criança e só vai embora alguns dias depois do parto. Essa luz, essa força fica procurando a criança na mãe mesmo depois do neném ter nascido. Os benzedores que guardam muita sabedoria antiga estão acabando pela falta de fé das pessoas.*

*Na Linha que nossa família morava tinha uma igreja bem pequena que foi construída pelos caboclos, todos eram católicos e tinham devoção no santo que escolheram para ser o padroeiro do lugar. O padre era bem velhinho morava em Treze Tilhas, ia pra São Vicente no lombo de mula, não tinha outro meio de chegar. Durante o ano a festa maior era pra homenagear São Vicente. Um tempo antes os moradores juntavam dinheiro pra comprar uma rês pra fazer o churrasco, meu pai ficava encarregado de ir nos campos comprar e trazer a vaca, na véspera ele carneava e deixava tudo preparado. No dia do Santo a parte mais importante era a missa, depois tinha almoço, se comia na sombra das árvores perto das capelas, de tarde tinha venda de tudo que é tipo de doces. Na festa as pessoas se encontravam para prosear, saber das novidades, tudo com muita amizade e respeito.*

*Eu e minhas irmãs estudamos nas escolas São Vicente, Brasília e também na Linha Barraca, essa era muito longe, tinha que sair de casa às 4 da manhã para chegar no horário que a aula começava. Não tinha dinheiro pra comprar calçado, então no inverno se enrolava palha de milho e depois amarrava bem, fazia isso pra manter os pés quentinhos, mas conforme se andava as palhas soltavam e o jeito era caminhar na geada, os pés ficavam escuros de tanto frio, coçavam e doíam muito, pior que não tinha como esquentar. Na volta pra casa ficava pior, misturava canseira com fome, então o jeito era catar na estrada tudo o que dava para comer desde raiz de radiche, broto de árvore e até casca de laranja. Uma das nossas tias morava no caminho que ia pra escola, todos os dias a gente parava na casa dela, pra nossa alegria sempre tinha pratos bem cheios, ela dava uma boa caprichada na quantidade de comida, sabia que o trecho era comprido até chegar na nossa casa. Mesmo com as dificuldades*



*que passamos demos valor ao pouco que aprendemos, tudo o que foi ensinado na escola ajudou muito na nossa vida.*

*Algumas famílias que conhecemos no tempo de criança eram estranhas, não tem um jeito de explicar a falta de sentimentos que tinham os filhos, tratavam como se não fossem gente. Vendo tanta judiaria minha mãe ajudava as crianças do jeito que podia, dando comida, lavando e trocando pelo menos aquelas que conseguiam acudir. Perto da nossa casa morava um casal, o marido era alemão, eles tinham um piá bem pequeno, mas não gostavam dele, pensavam só em trabalhar, iam pra roça no clarear do dia e voltavam quase de noite, pra comer deixavam um pouco de mingau, o guri ficava todo sujo trancado no rancho, dava pena de ver, por isso a gente ajudava conforme podia.*

*Um dia o alemão perguntou pra minha mãe se ela queria o guri, se não quisesse ele ia dar pra qualquer outra pessoa, não queria mais o filho. Minha mãe disse que pra decidir precisava falar com o marido e o alemão respondeu que fizesse isso logo pois queria se desfazer logo da criança. Meu pai aceitou o pedido e o alemãozinho veio morar na nossa casa, assim ganhamos um irmão. Depois que o piá cresceu um pouco, meu pai ensinou ele tocar gaita, aprendeu que foi uma beleza, era a nossa alegria, assim quando dava vontade de dançar a gente proseava com o alemãozinho e ele aceitava, era só tempo de chamar o povo e o baile saía.*

*Outro filho desse mesmo casal que nasceu depois do nosso irmão também foi criado por um tempo junto com a nossa família, só que veio de maneira diferente. Um dia meu pai estava na bodega e o alemão que tinha dado a criança disse pra ele: - Se você me der um litro de cachaça eu entrego meu outro guri pra você. Meu pai falou que era muito pobre pra criar mais um filho, disse que dava a pinga mas não tinha como sustentar a criança. No dia*

*seguinte o alemão apareceu com o guri na porta da nossa casa e disse que tinha vindo pagar a promessa, desapeou o piá do cavalo, deixou ali e foi embora. Algum tempo depois o alemão trocou ele por alguma coisa e vieram buscar o menino. Minha mãe não queria entregar todos gostavam dele mas não tinha nada que se pudesse fazer pois naquele tempo os pais tinham mando sobre os filhos. Foi triste ver ele indo embora, a gente gostava dele.*

*No passado também existiu injustiça e ruindade, mas a parte do povo bom era bem maior, existia mais conversa, mais união, mais ajuda entre as pessoas, menos gente reparadeira. Todo mundo era igual, não tinha diferença entre o povo. Hoje as coisas mudaram muito, tudo ficou melhor pra viver, mas não tem mais aquela felicidade verdadeira que existia antigamente, isso não vai voltar nunca mais.”*

Entrevista realizada em 05 de novembro de 1021.

Participaram também do depoimento Maria José Thomaz Zimmermann e Maria Thomaz Milani, irmãs de Otilia dos Santos.

## Pedro de Moura (Pedro "Facilita")



*"A lida maior dos moradores da Costeira, Paiol dos Belo e Herciliópolis era no Veloso por causa do moinho e do comércio. Bem no começo só tinha uma bodega, mas depois o Cantú montou loja e o Albino Giacomini também aumentou os negócios dele, fez até um moinho novo que era o maior da redondeza. Outra casa de comércio por perto era em Tres Barras,*

*mas o povo já tinha acostumado ir no Veloso. Pra chegar na vila tinha um carreiro no meio do mato, ficava na direita e o caminho das tropas na esquerda, um era meio longe do outro. Esse careiro era perigoso passar com montaria pois existia muitos caldeirões feitos pelos cascos dos bichos, como o sol nunca batia no chão por causa do mato fechado a terra não secava e ia criando poças que o povo chamava caldeira por ser parecida com a boca de uma panela grande. Tinha muito lugar que atolava os animais, por isso não era aconselhado andar á cavalo pelo trecho. Pra evitar problema, toda vez que precisava buscar mantimento ou fazer moagem eu ia e voltava a pé, trazia as compras a a farinha nas costas dentro de uma bolsa, precisava tirar um dia todo só pra viagem, saindo bem cedo e voltando no escurecer.*

*O lugar chamado Costeira, que ficava encostado na sede do Herciliópolis era antigo, pois quando eu nasci em 28 de setembro de 1936 minha avó Arcina Benedita Ribas de Moura e meus pais Ananias Martins de Oliveira e Maria Benedita Ribas de Moura já viviam no lugar. A terra que moravam foi comprada do fazendeiro Lucidoro Mendes, dono de quase toda a gleba do*

*Veloso no sentido do Herciliópolis, os outros moradores do lugar também negociaram com ele, tinham documento do terreno.*

*Durante um tempo a costeira teve bastante movimento com mais ou menos 40 famílias morando no lugar, todos trabalhavam na roça. Mais pra baixo no sentido do Veloso ficava o Paiol dos Belo também com bastantinho morador, e perto da Costeira tinha a sede do Herciliópolis que era bem importante, tinha cartório. Na sede o povo era misturado caboclos, negros e alguns brancos, na Costeira pretos e caboclos e no Paiol bastante caboclo. Eu era guri quando conheci a vila do Veloso, estava com 8 pra 9 anos, foi em 1944-1945, tenho lembrança que o povo todo que vivia por perto fazia compras no povoado. Nesse tempo a maior parte da população era branca, a gente dizia que eram os italianos. Dos mais antigos do lugar tenho recordação do João Nazareti, Albino Giacomini e a família dele, João Domingos Cantú e os filhos e os Vivan, a mulher era professora. Mais pra cima do Veloso, um pouco antes de chegar no Paiol dos Belo morava o Sansão Carneiro, ele era muito bem-visto pelos puxirões que fazia, tratava o povo bem por isso nem precisava convidar, as pessoas se ofereciam pra trabalhar.*

*Comecei a estudar com 6 anos, nem escola existia em Herciliópolis as aulas eram na igreja. Quem ensinava não tinha paciência, pra tudo existia castigo, fazia os alunos ficar de joelhos na frente do altar e tinha que obedecer, esse era um tipo de punição, mas tinha outros também. Fiquei na escola seis meses, tempo de aprender escrever meu nome, depois saí e fui trabalhar, serviço não faltava.*

*O sistema na família era bem rígido, obedecer e respeitar os pais, pouca conversa, não ficar escutando a prosa dos mais velhos, não perguntar, curioso não se dava muito bem, os pais queriam também que os filhos ajudassem desde cedo no trabalho, fazia*

*parte da educação. Nas refeições alcançavam uma gamelinha com comida pra ser dividida por três ou quatro crianças, entregavam junto uma colher de madeira pra cada um. Quando acabava a refeição se saía logo de dentro da casa, bem melhor ir por conta do que ser mandado. Mesmo costume era quando chegavam visitas, podia ter 10 crianças dentro da casa, mas num piscar de olho não se via mais ninguém, cada qual já tinha pego seu rumo, voltar pra dentro só depois que as visitas tinham ido embora. Na hora de corrigir os filhos não perdiam tempo explicando, aconselhando nem usando de muita prosa, os pais juntavam logo nove varas do mesmo comprimento e grossura, amarravam as pontas bem firmes, davam um laço que não soltava e desciam no lombo e na bunda. Com umas varadas dessas se ficava obediente e comportado pra sempre. Ninguém tirava a autoridade dos pais.*

*Comida tinha em abundância quirera, feijão farinha de biju, macarrão, arroz, carne, batatinha, tudo o que se colhia na lavoura. O pão era amassado e enrolado em paus de dois metros como se fossem espetos e depois fincados ao lado do fogo ou enterrados na cinza e cobertos com brasas, no outro lado colocavam batata-doce. Nunca faltava pão, sempre tinha uma reserva de trigo pra farinha.*

*Pouco se escutava falar de doenças, o povo era bem sadio naquele tempo, mas se acontecia de ficar doente se curavam com ervas que tinham perto de casa ou tiravam do mato. No tempo de guri e mesmo depois de crescido eu só conheci um homem que tinha "doença braba" (câncer), na época era assim que chamavam, nem se imaginava o que podia ser. Essa história de falar que tinha muita criança doente não é verdade o que mais dava era resfriado ou outra doença fácil de curar, também é bom dizer que não morria tanta criança assim como o povo*

*conversa. Antigamente se conhecia planta pra tudo, sabiam como colher e o jeito de preparar o remédio. Nem se imaginava que um dia teria comprimido para tomar e que o povo não teria mais fé no poder que a natureza tem de curar tudo quanto é doença. No começo não tinha benzedor nem curador, apareceram depois quando chegaram moradores que vinham de longe. Os benzedores lidavam com rezas tinham poder pra cortar o mal e os curadores faziam todo tipo de remediagem usando o conhecimento que tinham das plantas.*

*As crianças e até os mais grandinhos achavam tempo de se distrair com brincadeiras que tinha na época e outras que se inventava na hora. Antes escolhia um gramado pra juntar a molecada e com tamanho bom pra bastante correria, sempre combinava de se encontrar no fim do dia e nos domingos á tarde se os pais davam a permissão. Brincava todo mundo junto, misturado, não existia essa sem-vergonhice de hoje que só veio pra estragar tudo. No tempo mais antigo as crianças queriam mesmo aproveitar a diversão, sem se importar com quem era piá ou menina, se enxergava tudo sem diferença, não se tinha pensamento pra coisa boba sem serventia. Brinquedo feito não existia, bola nem pensar, queria coisa diferente tinha que inventar. Brincar, ficar solto era a alegria maior da vida, o que nenhuma criança gostava mesmo era ficar dentro de casa.*

*Depois que peguei mais idade fui trabalhar com tropa, função diferente, se vivia uma jornada em cada lugar. Tudo começava com com o serviço de reunir o gado, isso feito se iniciava a caminhada, na frente seguia a comitiva com a mula madrinheira que tinha no pescoço um sino com som diferente que a tropa acompanhava, no meio caminhava a gadaria e os tropeiros iam atrás tocando a boiada e fechando a marcha. Na estrada tinha os pontos de parada pra refeição, descanso e pouso. Se a fome*

*apertava durante a caminhada se abria o peçuelo cortava um bom pedaço de charque, tirava também um litro de cachaça e ia comendo e bebendo até chegar no primeiro ponto de parada que tinha pela frente.*

*A tropa de porco era diferente e mais difícil de lidar, em muitos casos era preciso colocar creolina nos olhos dos mais brabos, senão avançavam em tudo ou fugiam, também se quebrava as presas conforme comprimento, não dava pra correr o risco de ser atacado por bichos que boa parte eram pegos no mato. Os porcos arrebanhados ficavam reunidos numa encerra de 100 metros quadrados que ficava na vila de Herciliópolis, essa construção toda cercada de taipa existia ali de muito tempo atrás, era desse lugar que formavam as tropas. Logo na saída começavam jogar milho no chão, os porcos iam seguindo os peões pelo caminho por causa da comida. Não podia faltar grãos se isso acontecia parava tudo, podia acontecer da bicharada estourar, fugir para o mato isso dava muito trabalho para reunir, na verdade era bem difícil de conseguir. Cada bicho perdido era prejuízo pra peonada. A sorte de chegar no lugar da entrega com a tropa inteira estava na calma que durante a tropeada que as vezes demorava dias. Ser pião não era lida fácil, precisava de prática e conhecimento.*

*Um costume muito usado quando tinham pressa de roçar um terreno grande ou plantar, limpar e colher roças era o sistema de puxirão, num tempo que não existia maquinário era o jeito que se tinha de fazer o serviço. Na redondeza os puxirões mais conhecidos aconteciam nos terrenos do Sansão Carneiro, o povo que vinha pro trabalho chegava no clarear do dia, caboclos, pretos e brancos, um absurdo de gente no serrote, nas foíce e na enxada. Chamavam pro almoço ao meio-dia e logo se voltava pra empreitada, no final da tarde convidavam pro jantar e depois*

*cada qual tratava de se arrumar pro baile, quem podia voltava pra casa, se lavava, jogava no corpo uma água de cheiro e seguia pra dança, quem não conseguia se arrumava num galpão preparado pra isso, importante mesmo era estar bonito pro baile. Só podia dançar quem estava no puxirão, mas sempre apareciam os "carranchos" pessoas que não tinha trabalhado e achavam quer pagando podiam entrar, mas logo eram mandados embora. As danças terminavam no dia seguinte quando o sol já estava nascendo. Os costumes eram bem rígidos antigamente, assim, num baile ou matinê se acontecia da mulher dar "carão", se negar dançar com quem a convidava era considerado um desaforo um grande desrespeito, em resposta pela ofensa a mulher tinha seus cabelos cortados dentro do salão em pleno baile, isso marcava por muito tempo a vida da pessoa. Na minha época de rapaz não existia mais a corda dividindo o salão separando os pretos dos brancos, já dançavam misturado. Se essa parte tinha melhorado o mesmo não se podia dizer da maneira que os fazendeiros tratavam os peões, não tinham sentimento e a mínima consideração, peões eram tratados quase como escravo. A comida, alcançavam lá fora, nem na varanda eles podiam pôr os pés. O pagamento era fraco e se o serviço não estivesse conforme o fazendeiro queria mandava fazer tudo de novo. Obedecer ao patrão era obrigação."*

Entrevistado em 03 de fevereiro de 2022.





## Anita Abati Tramontini

*"Minha família veio de Joaçaba para Linha Consulta quando eu tinha 7 para 8 anos, isso foi em 1948/49, naquela época a maioria dos colonos que moravam nesse lugar eram descendentes de italianos, boa parte tinha vindo do Rio Grande do Sul. Meu pai Alexandre Abati era de Urussanga e minha mãe Lázara Maria do Nascimento da localidade de São Brás, eu nasci no dia 15 de novembro de 1941 em Joaçaba. Na época que chegamos na Consulta existiam ali caboclos e negros, pessoas que trabalhavam para si e contratavam vários serviços, eram bons vizinhos e estavam sempre dispostos ajudar no que se precisava. Esses moradores tinham costumes diferentes, mas prezavam muito o respeito e a amizade tanto entre eles quanto com as demais pessoas, eram muito unidos sempre se defendiam entre si, falavam pouco, apenas o que fosse de interesse e sempre mantinham a palavra empenhada. Costumavam casar entre parentes para manter suas crenças e costumes. Não brigavam, pelo contrário se mostravam sempre bastante paciosos.*

*Gostavam de festas, bailes e cantorias, boa parte de suas orações eram em forma de canto, muito bonito de ouvir. Mesmo sendo da religião católica de início não conheciam a reza missa por isso conversavam animados e faziam negócios durante as celebrações, o que era estranho para o padre e quem organizava a missa. Moravam em ranchos de tábuas de pinheiro lascadas e cobertas de tabuinha de madeira. A casa era dividida em cozinha e quartos, cozinhavam sobre chapa apoiada em pedras ou panelão pendurado numa corrente presa o alto por um gancho.*

*Todas essas famílias viviam do que colhiam na roça e das empreitadas que contratavam com os colonos do lugar ou de outras comunidades.*

*A decisão de mudar para Linha Consulta foi pela oferta de serviço, meus pais e irmãos trabalhavam de agregados, pagavam uma parte pela produção que colhiam, precisavam de mais terras para aumentar seu ganho. Eles plantavam milho, feijão, trigo e também outros mantimentos. O plantio e a limpeza era com enxada, no começo nem arado possuíam, preparavam a terra para 3 ou 4 sacas de semente de trigo e colhiam entre 70 a 80 bolsas, vendiam para comerciantes em Salto Veloso que compravam tudo o que se produzia na colônia. Uma quantidade de trigo era separada para o consumo da família e guardada numa grande caixa de madeira, a cada semana os grãos eram mexidos com auxílio de uma pá, isso ajudava na conservação dessa parte do produto que precisava durar até a próxima colheita.*

*Assim também era com o milho, reservavam uma parte para o gasto na casa e o trato dos animais da propriedade. Nenhum colono comprava sementes, iam no paiol e escolhiam as espigas mais bonitas, debulhavam os grãos que seriam plantados depois. Bem no início plantavam o milho com enxada e depois máquina pica-pau, sempre na distância de um passo entre um pé e outro, colocavam 3 ou 4 sementes em cada cova. O trigo antes do plantio era misturado com "verderame" (sulfato) e um pouco de água para umedecer e logo em seguida semeado. Existia o costume de trocar sementes com colonos que moravam por perto ou em localidades mais retiradas.*

*No tempo que chegamos na Consulta lembro que tinha pouco mato, na verdade a maior parte já havia sido cortado, existia bastante lavoura nessa época. Também temos que pensar*

*quantas pessoas haviam morado ali desde tempos antigos e que tinham na roça o único jeito de sobreviver com a família. A vida dos colonos era de muito trabalho, todos na família ajudavam, cada um tinha suas tarefas a cumprir e as mulheres ainda cuidavam da casa. Para vencer todos os serviços precisava levantar antes do dia clarear e trabalhar quase sem descanso até o final da tarde quando se retornava pra casa, depois do jantar todos se recolhiam para descansar pois na manhã seguinte tudo recomençaria novamente.*

*Desde muito jovem pensava em trabalhar com crianças, por isso na minha vida profissional eu decidi ensinar, essa escolha me levou lecionar em Linha Brasília, ali permanecendo durante 25 anos. Fui a primeira professora daquela escola e guardo boas lembranças dos alunos que aprenderam comigo e dos pais das crianças que sempre colaboraram em tudo que lhes era solicitado. Eu tinha meu próprio método de ensinar, no começo era o abc, depois troquei por palavra completa, depois sentença inteira, eu lecionava sempre com o abc e o b a ba. Os alunos aprendiam mais rápido.*

*A mesma sala reunia os alunos da cartilha, 2º, 3º, 4º e o 5º ano que era o reforço e a repetição do 4º ano a pedido dos pais das crianças. Para dar conta de tudo eu usava bastante o trabalho de fichas enquanto estava ensinando as outras séries. Distribuía livros para que os alunos pudessem ler e estudar, isso fazia com que pudessem dedicar mais tempo a leitura. As fichas eram entregues conforme a série e despertavam atenção das crianças, traziam conteúdos diferentes. A escola reunia 30, 40 e até 50 estudantes, isto conforme o ano e, mesmo com a sala cheia todos recebiam atenção, aprendiam, tinham um bom desempenho. Quando a escola atingiu o número de 50 alunos não tive outra solução senão desdobrar, ou seja, lecionar*

*períodos matutino e vespertino, essa decisão proporcionou mais espaço e conforto para os alunos em sala de aula e também maior tempo e atenção dispensado a cada criança.*

*Além de lecionar eu tinha sob minha responsabilidade preparar e servir a merenda dos alunos, catar lenha no mato para cozinhar, buscar água na fonte com baldes, bom ressaltar que a nascente não ficava perto e também fazer a limpeza da escola. Nesses trabalhos contava com a colaboração dos alunos mais grandes, mas sem que perdessem o mínimo conteúdo em seu aprendizado. Depois da merenda cada aluno lavava seu prato. Os demais utensílios usados na cozinha eram limpos e organizados antes de terminar o recreio, tinham que estar prontos para o preparo do lanche da próxima turma. Na limpeza da escola contava sempre com a colaboração de alunas, que ficavam depois da aula. A água era carregada em baldes da fonte até a escola, era preciso muitas idas e vindas até que a limpeza fosse concluída. Jamais, em momento algum tive um pai ou mãe de aluno que dissesse que o filho não podia trabalhar na escola, pelo contrário, os pais aconselhavam e faziam gosto que colaborassem sempre que necessário. Os alunos por sua vez se mostravam empenhados em ajudar fazendo o melhor que podiam. Eram crianças e pais de uma educação, atenção e participação tão exemplar que eu digo com toda certeza que se pudesse eu voltaria lecionar ainda hoje naquela mesma escola, naquela mesma localidade em que permaneci de 1960 a 1986.*

*Durante os anos que participei da vida daquela comunidade tive oportunidade de conhecer muitos moradores que foram de grande importância naquilo que faziam, cada uma dessas pessoas tem seu mérito pelo empenho em melhorar para si e para os outros o local que vivia. Relembrando os homens e mulheres que tiveram relevância na comunidade menciono o*

*nome do benzedor e curador João Miguel Carneiro, e através dele reconhecer o valor todos os demais moradores. Quem conheceu João Miguel e foi por ele atendido sabe do poder e o dom de curar que possuía, salvou muitas pessoas da morte com seus benzimentos e com muitos remédios que fazia a base de ervas. Era o médico de muita gente que chegava de muito longe busca de cura. Atendia os casos mais estranhos e difíceis como nada fossem e procurava dar solução para todos. O seu poder de curar era algo poderoso, não tinha explicação, por isso todos o procuravam. Hoje ele ainda é mencionado pelos que precisaram de seus serviços que relembram também da grande bondade.”*

Entrevistada em 15 de novembro de 2022.



## **Eurides Correa de Andrade**

*"Nas vezes que contava do tempo de criança meu pai Belmiro Veloso de Andrade dizia que nasceu e morou na Macieira, falava também de Salto Veloso e Herciliópolis, dizia que conheceu bem aquela região. Ele é o filho mais velho de Clementino Teixeira de Andrade Bello e Maria Madalena Veloso que foi a segunda mulher do meu avô, depois nasceram Dalva, Josefa, Sebastião, João, Dina e Trindade Odilha. Contava que tinha 14 irmãos e todos moravam na mesma casa, eles eram muito unidos e continuaram depois que cresceram e casaram, assim quando um mudava para outro lugar, logo os*

*demais iam também, não ficavam afastados. Meu pai seguiu um sistema diferente, preferindo viver mais separado da família dele. Clementino morou bastante tempo na Macieira, mas gostava de fazer mudança, não ficava muito tempo no mesmo lugar. Depois que veio para o Paraná negociou terreno em vários lugares, sempre se mudando, quando faleceu estava vivendo em Laranjeiras do Sul, minha avó Maria Madalena morreu em Curitiba com idade bem avançada.*

*Tinha muitas histórias do tempo que serviu o exército, na cidade de Rio Negro no 2º Batalhão Ferroviário. Ele se alistou no ano de 1937 pelo município de Cruzeiro do Sul (Joaçaba), dando baixa do exército 5 anos depois. Logo que retornou para a casa da família ele conheceu, namorou e casou com minha mãe Guilhermina Manoel Correa. O casamento foi na Macieira, ficaram morando ali durante algum tempo mudando-se depois para Salto Veloso e em seguida para Joaçaba e Xanxerê, deste local vieram para o Estado do Paraná, aqui nossa família morou Guaraniaçu, Pato Branco, Coronel Vivida, Francisco Beltrão e Larajeiras do Sul, não ficava muito tempo no mesmo lugar.*

*Somos em 14 irmãos, 8 mulheres e 6 homens, eu Eurides Correia de Andrade nasci na localidade de Pedra Fria, interior do município de Pato Branco no ano de 1953. Quando estava com 6 anos fomos de Pato Branco para Santa Terezinha em Coronel Vivida, moramos ali durante alguns anos. Sempre lidamos na roça com plantação, mas o forte dos negócios era a criação de porcos, se trabalhava com as raças Piau – pintado graúdo e Duroc vermelho e crespo bem conhecidas na época.*

*Naquele tempo os porcos eram criados em mangueirões e encerras cercadas com rachões de pinheiro lascados á mão, quase sempre se escolhia essa madeira por ser maios fácil de abrir e pela resistência, durava mais tempo. Outra parte se criava*

*solta nas capoeiras comendo o que encontrava na natureza e também daquilo que era fornecido conforme a necessidade ou quantidade de animais. O trato era na base do milho, mandioca, abóbora e quirela umedecida com um pouco de sal, tudo bem natural. Meu pai tinha um jeito diferente de engordar os porcos em menos tempo que acontecia num período de 60 a 70 dias, pra conseguir isso mandava despejar duas carroçadas de milho em espiga e com palha num córrego que tinha laje de pedra em seu leito, conforme a palha permanecia úmida os grãos ficavam azedos e moles isso aumentava o apetite dos animais que comiam mais vezes aumentando o peso. Quando sobrava somente as palhas se removia tudo e despejava mais espigas, nem muito nem pouco, mas a quantidade que dava na laje pois do contrário, se entrasse em contato com a terra milho sujava e os animais comiam bem menos. Nos mangueirões e encerras se colocavam grandes coxos nos quais era despejada quirela salgada e umedecida e outros tipos de comida, fazia isso duas vezes ao dia, no começo da manhã e no final da tarde. O sistema de engorda e venda era por lotes tendo sempre animais prontos para a entrega que era feita quase sempre para o mesmo comprador. O gado dava menos serviço pois se criava solto nas pastagens, mas também recebia trato se fosse preciso.*

*As ordens de trabalho eram passadas por meu pai sempre no dia anterior, ele já determinava os serviços que cada um ia fazer. Todos obedeciam, não tinha discussão ou trocar trabalho, cada qual tinha suas tarefas e precisava cumprir. Na hora de acordar os filhos ele só chamava uma vez, todos se levantavam sem demora e saíam ainda no escuro pra tratar os animais era o primeiro serviço do dia. Nesse meio tempo minha mãe e irmãs preparavam o café servido tão logo terminasse a primeira obrigação da jornada, depois todos iam pra roça.*

*As mulheres acompanhavam de manhã á noite em quase todos os trabalhos, menos na derrubada de mato e no cabo do arado que era bastante pesado. Além de ajudar na roça elas faziam as tarefas da casa, para cumprir todas as obrigações muitas vezes levantavam antes e iam dormir bem depois das demais pessoas da casa. Dentro do jeito que fomos criados cada filho ganhava uma muda de roupa nova por ano, os meninos, calça e camisa e as meninas vestidos ou saia e blusa. Todas as roupas eram feitas com tecido tirado da mesma peça de fazenda, tudo da mesma estampa, tudo igual. Na hora das refeições as pessoas mais idosas se acomodavam primeiro ao redor da mesa, depois jovens e crianças se tivesse lugar. No costume da família os filhos mais, mais velhos não podiam repreender os mais novos, essa autoridade era do pai, ele era quem mandava.*

*No sistema de vida de então a parte religiosa era pouco praticada, quase ninguém dava importância, depois, com o tempo as pessoas começaram se voltar para a igreja. Meu pai, não via muita vantagem, muita serventia nessas coisas, por isso não incentivava, ele queria que os filhos trabalhassem e fossem pra escola, sempre apoiou. Eu estudei até a 4ª série que era bem forte. As professoras faziam teste, se a criança não sabia voltava tinha que repetir pras aprender mais. As professoras ensinavam as quatro operações da matemática, cubar, roças, madeira, ou seja, calcular quantidade e também a metragem de terrenos, faziam os alunos conhecer o que era importante no trabalho.*

*A criação de porcos consumia bastante milho, por isso era plantado em grande quantidade. Procurando diminuir o tempo gasto no plantio reuniam de 10 a 15 ou mais plantadores distribuídos em eitos, ou seja, terrenos que devia ser plantados, esses trabalhadores começavam na lida ao amanhecer e paravam no final da tarde, mas tinham durante o dia tempo para*



*o almoço e merenda no meio tarde. A plantação era feita com máquina pica-pau. Nesse tipo de serviço além da família contratavam ainda pessoas no sistema de empreitada usado na época em todos os lugares. Nas lavouras de feijão plantavam carreiras de milho no meio, tudo tinha sua serventia pois quando faziam a colheita penduravam as ramas nos pés de milho que naquela altura já estavam crescidos, com isso as vagens não ficavam em contato com o chão o que evitava umidade e mofo nos grãos. A limpeza das roças era feita com enxada.*

*Nos terrenos que não se conseguia plantar meu pai contratava agregados, quase sempre caboclos que entendiam de todo tipo de serviço. Eles recebiam casa para morar com a família, era cedido também bom pedaço de terra pra plantar e criar animais. Os agregados ficavam na terra pelo tempo que queriam, alguns permanecia por um ou dois anos e outros por mais de dez. Trabalhavam também por empreitada fazendo e concertando cercas nos poteiros e na manutenção da propriedade. Eram pagos pelo trabalho que faziam.*

*É bom lembrar que naqueles anos se iniciava a plantação na certeza que não ia mais ter frio, o clima não era destemperado como hoje, quando o inverno terminava se podia iniciar o plantio sem receio que a temperatura caísse e trouxesse prejuízo nas lavouras. As épocas que mais se lidava com plantações era na fase da lua minguante dos meses de agosto, setembro e outubro. Essa sabedoria meu pai aprendeu com pessoas mais velhas que tinham conhecimento e respeito por todas as coisas da natureza.*

*Recebemos muito ensinamentos de meu pai, repetia sempre que devemos ter honestidade na família, nos negócios e no trato com todas as pessoas. Aos filhos dizia: - "eu não vou deixar muito capital para vocês, mas exemplos de boa procedência, levar conforme é o certo, trabalhar e manter sempre as coisas certas".*

*Esses conselhos ele recebeu dos mais velhos que davam importância e valor ao que é justo e de respeito, tudo isso passou aos filhos como lição de pessoa que mesmo não tendo chance de estudar tinha uma grande sabedoria que aprendeu com a vida.”*

Depoimento colhido na comunidade de Jacutinga, município de Goiochin, Paraná, em 30 de novembro de 2021.



### **Leticia Claudina Giacomini Rech**

*"Desde menina recordo muito bem da nossa casa sempre cheia de gente, maioria estranha que chegava pra comer, dormir ou ficar pelo tempo que precisasse. Meu pai Pedro Giacomini era de uma bondade sem tamanho, não fazia distinção, mandava entrar quem chegava pedindo ajuda, nunca se recusou recolher ninguém. Penso comigo mesma que muitas vezes nem sabia quem era e de que lugar vinha a pessoa que estava ali, impossível que conhecesse tanta gente assim. Ele ajudava pretos, caboclos e brancos, velhos, novos, crianças, homens, mulheres, padres, freiras, tudo o que se possa imaginar. Não existia essa história de cobrar pela comida e hospedagem, tudo era de graça. Uma vez meu pai recolheu um idoso que ninguém da família queria cuidar, coitado do homem, estava sozinho jogado no mundo. Não era nada fácil lidar com aquele velho. Era muito teimoso e não tomava banho nem se lavava, usava umas*

*ceroulas bem antigas daquelas amarradas nos tornozelos e não gostava de trocar.*

*A nossa família recebia muita visita de padres que vinham de Treze Tílias, Iomerê e de São Paulo. Certa vez os padres perguntaram se podiam trazer os seminaristas para visitar o lugar, não demorou muito tempo e quando vimos estavam chegando 40 estudantes de Iomerê e São Paulo, mais os padres. Foi uma correria só, todos da casa tentando organizar as coisas pois não tinha lugar pra acomodar tanta gente. A comida era feita no fogão a lenha por minha mãe Vergínia Conte Giacomini e a nossa empregada Candinha, uma cabocla muito disposta que inventava cantigas enquanto lavava as roupas no rio. Elas preparavam e serviam a comida, mas na hora que conseguiam um tempinho para comer não tinha sobrado quase nada e o jeito era continuar cozinhando.*

*Algum tempo depois da visita dos padres recebemos as freiras de Iomerê, elas pediram se podiam ensaiar um teatro lá em casa e marcaram até a data para apresentar a peça. Muitas pessoas ajudaram nos preparativos cada uma colaborando com o que sabia fazer. No dia da apresentação a casa que já estava cheia, ficou ainda mais lotada de gente curiosa com o que ia ser feito ali. Todos prestavam atenção na peça e principalmente no participante que fazia o papel do diabo com roupa vermelha e preta com olhos arregalados, chifres e rabo. Foi um acontecimento diferente para as pessoas que não tinham nenhum tipo de entretenimento, viviam só para o trabalho.*

*O trabalho de todo dia e o atendimento como parteira, deixou minha mãe bem cansada, foi preciso então se ajustar contratando pessoas para dar conta de tanto serviço. Quando vinham buscar ela pra atender mulher que ia ganhar neném a gente sabia que hora estava saindo, mas nem tinha ideia de*

*quando voltaria. Sempre que precisava cumprir seu trabalho ia acompanhada de um rapaz que morava com nossa família, meu pai tinha preocupação em deixar sair sozinha, sabia que podia ser perigoso pela lonjura do caminho e distância entre as poucas moradias que existiam na região. Assim que ouvia o chamado de alguém pedindo ajuda, quer de dia ou de noite, esse rapaz se encarregava de pegar e encilhar a mula que servia de transporte para a parteira, iniciando assim uma viagem que podia durar horas.*

*Foram muitos anos ajudando crianças vir mundo, centenas delas nasceram pelas mãos de minha mãe que se empenhava nesta missão com dedicação e amor. Muitas vezes ficava tempo na mesma casa, quanto mais difícil o parto maior a demora, mas ela permanecia o tempo todo ao lado da mulher, atendendo e encorajando. Em muitos casos, conforme a situação dos moradores não tinha nenhuma comida na casa, e ela, acompanhando a família também ficava sem comer. Eram pessoas tão pobres que nem caneco pra beber água possuíam. Em boa parte dos ranchos que existiam na região a miséria era extrema, quem morava neles não tinha o mínimo para sobreviver.*

*Nos primeiros tempos o moinho mais perto ficava em Bom Sucesso, para chegar até a vila tinha carreirão no meio do mato. Atravessava os rios pelo vau que é o lugar mais raso pra passar, quando chovia um pouco mais já não dava passo e quem tentasse cruzar corria risco de ser levado pela correnteza. Vendo as dificuldades enfrentadas pelos moradores, desde o tempo gasto entre ida e volta e os perigos existentes no caminho, meu pai que era uma pessoa inventiva e tinha muita imaginação pra criar coisas novas, decidiu construir um moinho em Salto Veloso. Na época esse tipo de construção era necessário pra conseguir*

*farinha de trigo, milho e ainda descascar de arroz que eram a base da comida da maioria das pessoas. É bom esclarecer que esses mantimentos não eram vendidos no comércio vez que na época todas as famílias tiravam da roça o próprio sustento.*

*Mesmo sabendo como construir o moinho ele foi pedir ajuda aos moradores de Treze Tílias que eram entendidos nesse tipo de construção, eles colaboraram na montagem do rodão d'água que movimentava as demais engrenagens, inclusive um monjolo que foi construído no primeiro andar. No começo o arroz era descascado manualmente, por conta disso tinha pouca produção. Mais tarde foi montado um descascador maior adaptado ao quadro do moinho. Com o aumento da população do Veloso e de localidades próximas, o primeiro moinho se tornou pequeno para atender tanta procura sendo necessário substituí-lo por outro de maior capacidade e mais moderno em relação ao primeiro. Este segundo moinho que foi mais tarde comprado pelo município, permanece como prova da criatividade e do esforço dos primeiros industriais que acreditaram no progresso do lugar que haviam escolhido para viver e criar a família.*

*Sempre interessado em trazer crescimento para Salto Veloso, meu pai demonstrou essa vontade montando uma serraria, iniciando a obra algum tempo depois de ter feito o moinho. Vendo que não tinha tanto conhecimento neste tipo de construção foi mais uma vez pedir a colaboração dos tiroleses que eram entendidos no assunto. Enquanto os contratados faziam a obra ele se encarregou de procurar empregados para tocar o engenho de serrar como chamavam então. Foram contratados operários para trabalhar no quadro da serra, no pátio, no corte das árvores e no transporte das toras do mato até a serraria, feito com um carretão puxado por 4 juntas de bois. Os pinheiros eram tirados de um terreno em Linha Brasília*

*e levados até o barracão da serraria em Salto Veloso. No início conseguiam serrar apenas dois pinheiros por dia. Os empregados da serraria comiam na nossa casa e alguns até moravam lá. Não tinha distinção entre as pessoas, todas eram tratadas com muita consideração, existia sim um grande respeito entre todos e a amizade tinha muito valor. Nessa época, por volta de 1944-1945 lembro que existiam em Salto Veloso umas 20 casas de madeira incluindo alguns ranchos. Recordo bem de como era o o lugar, eu passava por ali quase todo dia montada numa mula, eu era pequena e já me encarregavam de levar a comida para meu pai que estava trabalhando no outro lado da vila*

*O ânimo de trabalhar e a sabedoria de inventar coisas parecia ficar sempre maior, assim mal terminava um invento já iniciava outro. Foi desse jeito com a cantina que também nasceu de uma vontade de seu Pedro como era chamado, em construir coisas inovadoras. No começo funcionava no porão da casa por ser um lugar mais fresco, conservava melhor os produtos. Era pequena, pouca produção, dava pra fornecer a família e as muitas visitas que se tinha todos os dias. Além de vinho tinha estoque de graspa, salame, queijo, frutas na cachaça, doces e conservas que a gente preparava e guardava para o ano todo.*

*Abrindo um novo espaço de negócios a cantina comprava grande parte da uva produzida em Salto Veloso. Na época dificilmente se encontrava uma propriedade que não tivesse parreiral. Durante algum tempo a uva era esmagada com os pés numa espécie de caixa de madeira com aberturas no fundo para escorrer o suco e o bagaço que caíam num recipiente maior. Mais tarde com o aumento da produção foi instalado um moedor manual. Na cantina foi montado também um alambique pra fabricação de cachaça.*

*Das obras realizadas, eu vejo que a usina foi a mais trabalhosa pra ser construída, pois exigiu muitos detalhes, mas foi também a que mais destacou Salto Veloso. Num tempo que a eletricidade era coisa do futuro, os moradores, o comércio e a indústria do lugar já tinham esse benefício ao seu alcance.*

*As recordações que guardo de meu pai são várias, mas lembro mais seguidamente de uma conversa que tive com ele quando perguntei. '– Pai, o senhor cruzou por tantos lugares diferentes pra vir até aqui. Passou por Videira, Iomerê, tudo mais perto, por que escolheu Salto Veloso?'. Ele olhou para mim bem sério e com muita calma respondeu: 'Destino filha, destino'."*

Depoimento colhido em 03 de maio de 2022.



## **João Francisco**

*"Trabalhei por muitos anos na região de Água Doce, depois na fazenda da família Driessen, nessa época já conhecia Salto Veloso que já era lugar de passagem de tropas, tanto gado como porco. A estrada que cruzava por lá se percebia ser antiga, devia ter pra mais de 60 anos, era muito usada. Eu nasci em São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul, meu pai Felipe Pessoa da Silva era de Lages e minha mãe Finíssima de Assis Varella de Bom Jesus, na região de Vacaria. Sou casado com Ovídia Camargo Varella, companheira de uma vida toda. A família dos meus pais veio de mudança para Santa Catarina procurando*

*melhorar de vida e com esperança de comprar terras, escutavam também falar que aqui tinha mais chance de achar trabalho.*

*No tempo que fui tropeiro passava mais vezes na vila, nessa época já tinha a loja do velho Cantú e a pensão que funcionava no casarão do Guardenis, fora isso não tinha quase nada. Dos primeiros moradores não conheci nenhum deles, já tinham se mudado, ido embora pra outros lugares. No Veloso tinha ponto de pouso dos tropeiros, ficava perto da casa do seu Bervanger. Era costume chegar a fazer a bóia, comer e deitar cedo, na manhã seguinte a tropa estava na estrada antes de clarear o dia. Tinha tempo pra entregar o gado no frigorífico.*

*A gadaria era reunida nos campos, isso feito os tropeiros começavam a viagem, passavam por dois postos de pesagem do gado o primeiro ficava na fazenda Thomaz e o segundo na fazenda Roseira, depois de tudo pronto tiravam a via que era guardada no pessuelo, tinha que ser apresentada em cada posto de fiscalização. No caminho, o primeiro ponto de pouso era em Salto Veloso na propriedade do velho Bervanger e o outro no lugar que tem hoje as granjas dos Mugnol.*

*O sistema da nossa comitiva era dividir a tropa em 4 partes e colocar tropeiros para cuidar de cada uma delas, um lote não podia misturar com o outro, ficava mais fácil de conduzir a bicharada. Na frente seguia a mula madrinha com o cincerro no pescoço, o chefe da comitiva e seus ajudantes, no final fechava com dois ou três tropeiros para garantir que tudo saísse nos conforme.*

*Quando chegava no lugar de descanso, enquanto alguns cuidavam do gado, outros eram encarregados de fazer a bóia, prepavam paçoca de charque com farinha, carreteiro e café, assim que terminava de comer, todos estavam cansados e logo*



*iam dormir. Na manhã seguinte acordava antes das 4 horas, tomava café e recomeçava a jornada. Da segunda parada a comitiva seguia até Videira entregando a tropa no pátio do frigorífico da firma Perdigão.*

*Na volta, descansava alguns dias, tempo de reunir o gado e logo se voltava pra estrada. Entre setembro e março, época mais quente, desciam dos campos e passavam por Salto Veloso até duas tropas por semana, mas nem todas iam pra Perdigão, seguiam com destino a outros frigoríficos que ficavam bem mais longe.”*

Entrevistado em 05 de novembro de 2021 em Linha Alto Santo Antonio.



## **Iacob Max Stainer**

*"Nossa família morava em Gaurama, mudamos para Santa Catarina no começo de 1936, fomos primeiro pra Fraiburgo, diziam ser um lugar de muito futuro e a intenção era morar lá. Saímos do Rio grande do Sul em 10 pessoas numa carroça, a viagem demorou três semanas, foi difícil por causa das estradas barrentas, quase só atoleiros. Viajamos acomodados nas trouxas de roupas e outras peças que se precisava no dia a dia, tinha um pouco de tudo naquela carroça. Eu era bem criança quando isso aconteceu, mas tenho lembranças de muitas coisas que se passaram na viagem.*

*Logo depois da chegada em Fraiburgo meu pai ficou sabendo que tinha uma imigração num lugar chamado Papuãm, Treze Tílias. Quando escutou isso ele mudou de planos e disse: - Vamos pra lá, eles são austríacos, vai ser bem melhor pra nós. Voltamos até Perdizes, Videira, nesse lugar a família continuou viagem de trem até Ibicaré enquanto meu pai vinha atrás com a carroça e as poucas coisas da nossa mudança. Desembarcamos na estação e ficamos esperando ele chegar, depois subimos até o lugar que moravam os austríacos, passando por um carreador cheio de barro e pedras, muito ruim de cruzar, era um solavanco depois do outro. Quando finalmente chegamos acharam um lugar pra gente morar.*

*Nesse meio tempo chegou no Brasil a última imigração da Áustria para Treze Tílias, essas famílias desembarcaram em Ibicaré, deixando seus pertences na estação ferroviária. Como precisassem trazer as mudanças até Papuãm, meu pai que era dono de uma carroça grande com três cavalos, conseguindo transportar mais peso e fazer a viagem em menos tempo, foi um dos contratados por Andréas Thaler para este serviço. Com o dinheiro que recebia pelo trabalho ia descontando as parcelas do pagamento de uma colônia de terras que tinha negociado com Thaler na Linha São Vicente em Salto Veloso. Na época, esse terreno foi comprado por um conto e quinhentos mil réis, valor das terras na região.*

*Quase no final de 1937 mudamos para o nosso terreno, foi muito difícil chegar, tinha que passar por Linha Caçador, pra percorrer o trecho entre Papuãm e São Vicente levava um dia inteiro. Não tinha estrada, somente uma trilha, por isso foi custoso chegar com os cavalos e a carroça, primeira a entrar naquelas terras. Não se tinha a mínima idéia de como era o terreno, ao chegar encontramos somente uma tapera velha com*

*paredes e cobertura feitas com couro de boi. Quando chovia era difícil saber se molhava mais dentro ou fora do barraco. Pra cozinhar foi improvisada no começo uma chapa assentada sobre pedras com abertura para colocar a lenha, mais tarde meu pai construiu uma base com tijolos para a chapa, ficou bem melhor. Roupas a gente tinha pouca e calçados quase nem se conhecia. Depois de algum tempo morando na tapera foi construída uma casa com madeira de serraria, bem maior e com mais conforto.*

*Fomos vizinhos de vários caboclos em São Vicente, famílias de 4 ou 5 pessoas. Eu recorro de Belizário Rodrigues, ele dizia que foi o primeiro morador do lugar, era serrano, veio de serra abaixo, contava que quando chegou existiam tigres rondando por esses matos. Outras pessoas antigas eram Cristino Rodrigues e João Cardoso. Eles eram donos das terras em que moravam. A maioria dos caboclos só tinha mesmo a roupa do corpo e os filhos, nada mais. Trabalhavam pouco, faziam lavouras de milho perto dos ranchos, plantavam pro gasto da família. A maioria se mantinha afastada dos brancos, não gostavam de se misturar com gente que fosse de fora do grupo deles. Os costumes eram diferentes e todos se respeitavam.*

*Um caso triste que aconteceu no tempo do governo Getúlio Vargas foi o despejo dos caboclos que moravam em São Vicente e em outros lugares também. Isso tudo foi por causa da legalização das terras, os caboclos não tinham documento provando que eram donos do lugar que ocupavam. O despejo era feito por um delegado que comandava 35 policiais com capacetes de aço e armados de fuzil, se isso não bastasse tinha ainda a cavalaria. Chegavam nos ranchos e mandavam a família pegar o que podia e sair, mas como os caboclos não tinham nada, à não ser os filhos, colocavam 4, 5 ou mais crianças no lombo de um cavalo e saíam pelas estradas procurando outro*

*lugar em que pudessem morar. Logo que a família se retirava os soldados queimavam tudo. A verdade é que o despejo não parou por aí, mas continuou anos mais tarde. Quem comprava queria a terra limpa.*

*Não tinha estrada pra Salto Veloso na época que chegamos, só uma picada estreita no meio do mato, dava pra passar a pé e a cavalo, devia ter sido aberta por caboclos que viviam de muito tempo nessas terras todas. No Veloso os moradores iam fazer moagem e comprar mantimentos, já existia um moinho pequeno, as lojas do Giacomini e Cantú e também sapataria. Não recordo se tinha igreja. Os italianos que moravam lá tinham bastante capricho. As casas construídas com tábuas de serraria ficavam na beira da estrada, tudo era muito bem cuidado.*

*Por ser mais perto e ter comércio forte, os colonos que moravam no São Vicente faziam mais negócios em Três Barras, que naquele tempo era muito maior que Treze Tílias. Vendiam milho, feijão, porco e uma ou outra cabeça de gado. No lugar tinha posto de arrecadação do governo, escola e igreja. Também era costume negociar com os tropeiros do Rio Grande do Sul, eles vendiam açúcar amarelo, fumo e outras mercadorias, compravam couro de boi. Vinham de tempo em tempo com tropas de 10 a 15 mulas e burros, paravam de casa em casa pra vender, comprar ou só conversar, contar o que tinha de novo no mundo, eram conhecidos de todos os moradores.*

*Diversão era coisa escassa naqueles tempos, não tinha bailes, domingueiras ou carreiradas. Teve época que faziam as festas de Igreja, isso chamava muita gente. Mas lá pelas tantas o povo, na maioria das vezes caboclos que vinham de longe se desentendia por qualquer coisa e começava a confusão, logo puxavam revólver, faca, espeto, enfim o que desse para pegar. O resultado era muita gente ferida e até mesmo casos de morte,*

*dando problemas para quem promovia os festejos que precisava chamar as autoridades policiais. Por causa desses acontecimentos acharam melhor não mais realizar as festas.*

*A escola de Tres Barras foi uma das primeiras construídas na região, não tinha assoalho, chão de terra batida, era antiga e bem simples. Na época que estudei tinha 40 alunos divididos em 4 turmas na mesma sala de aula. Tinha poucas crianças pretas, dois alemães e o restante caboclos. Para se impor e procurar manter ordem e respeito, nosso professor João Maria Padilha lecionava com um revólver 38 na cintura, tamanho era o desacato de parte dos alunos maiores. Aprendemos um pouco de português e matemática, o professor não ensinava história, ciências, geografia, canto ou religião, isso nem existia pra quem estudava naquele tempo. Difícil explicar coisas diferentes na época. Não existia nada de merenda, quem estava com fome tinha que comer antes de sair ou depois quando voltava pra casa. As crianças sabiam desde cedo que precisavam ajudar os pais, tinham que fazer sua parte e não receber tudo de graça sem trabalhar. Comida fosse qual fosse ninguém recusava, doces nunca se comia e essa tal história de não gostar disso ou aquilo nem existia, sempre se agradecia por ter o que comer.”*

Depoimento colhido em Treze Tílias em 26 de maio de 2022.



## Hortencila Basso Patel

*"A viagem de mudança desde Otávio Rocha em Flores da Cunha pra Santa Catarina foi bem demorada, quando meus pais Adelino Basso e Gasparina Isoton Basso deixaram o lugar que moravam, eu tinha três meses de vida e ao chegar em Linha Congonhas estava com 6 para 7 anos. Saíram do Rio Grande Sul só com os filhos e muita coragem. Na estrada paravam de casa em casa procurando trabalho conseguindo assim algum dinheiro e continuar a viagem até o lugar que que tinham escolhido pra viver. Fomos morar numa terra de Isidoro De Bortoli que era casado com uma tia da minha mãe. Não sei como foi feito o negócio entre eles, penso que no começo o Isidoro cedeu o terreno e mais tarde meu pai comprou.*

*Nos primeiros tempos nem casa tinha pra morar, tiveram que fazer. A madeira foi trazida até o lugar com carroça, era só o que passava na estrada. Logo na chegada tivemos que começar as roças, precisava plantar pra ter comida, naquele tempo não existia outro jeito de conseguir. Fizemos plantação de milho, feijão, arroz, mandioca, batata-doce, amendoim e abóbora, mais tarde começamos a semear trigo. Também se lidava com fumo que minha mãe fazia pra vender. Ela sabia lidar com isso, escolhia as folhas pelo tamanho e ia fazendo o rolo, em seguida eu e meus irmãos passava o melado, um caldo bem escuro que deixa o fumo com melhor qualidade. Todo o trabalho era feito com as mãos. O fumo era vendido conforme o dinheiro do comprador, podia ser um pedaço ou em quilo.*

*Perto do nosso terreno moravam alguns caboclos, a maioria tinha família grande, viviam entre eles, meio retirados, não incomodavam ninguém e sempre ajudavam quando se precisava deles. Essas famílias moravam espalhados nessas terras todas por aí, eram bem pobres, trabalhavam pouco e tinham sistema de viver bem diferente dos colonos. Algumas caboclas e negras que conheci eram benzedadeiras e parteiras, lembro da Rufina e de outra que chamavam pelo nome de Velha Pereira, essa morava pra frente da Congonha. Elas atendiam em muitos lugares, tinham bastante trabalho.*

*As pessoas tinham costumes bem antigos, sabedoria que vinha de muito tempo atrás e tudo era seguido com respeito, sabiam que dava certo. Um desses costumes era que quando a mulher ganhava neném, não podia tomar banho nem lavar a cabeça durante o tempo da dieta, se limpava com um pano molhado dentro de uma bacia ou gamela, tinha muita preocupação com sua saúde. Lembro desse sistema ser seguido por todas as mulheres que eu conheci. A comida também era diferente, na dieta comia carne de galinha e brodo com pão torrado, nada de exagero, bem contrário de hoje em dia que ganha o neném e vai pro banho direto como nada tivesse acontecido e ainda por cima come tudo o que aparece na frente. Não sabem o que estão fazendo.*

*A verdade é que o povo não pensa, não percebe que tudo já está acertado, tudo já está planejado. Veja se é mentira, com as mulheres não se cuidando elas ficam doentes, como é certo que vai acontecer, daí muita, muita gente mesmo acaba ganhando dinheiro e lucrando bastante pra curar as doenças que nem deviam ter acontecido. Antigamente as mulheres tinham muito mais saúde, eram mais fortes. A mesma coisa com as crianças, não sabem nem segurar direito, pegam de qualquer jeito,*

*crecem com todo tipo de problema, daí vai mais gasto pra sarar, para endireitar. Mas se os velhos falam tentando ensinar, explicar dizem que eles estão errados.*

*As crianças vinham ao mundo do jeito natural, nasciam na mão de parteira, isso quando dava tempo, às vezes vinham antes dela chegar. Não se procurava médico, uma que era difícil de encontrar, outra é que se confiava nos remédios feitos em casa. Não é como hoje, a mulher só imagina que está grávida e já corre pro médico, e ainda acham que isso está certo. Na minha época até que o leite não descia, sempre demorava um tempinho, se pegava um pouco de açúcar colocava num pano, fazia uma trouxinha, amarrava bem, molhava no chá e dava pro neném chupar, depois amamentava normal. Se a mãe não conseguia dar de mamar já providenciavam mamadeira de leite de vaca. Os cueiros eram feitos com lençol velho e as roupinhas com as mangas e a parte da frente das camisas, não se comprava quase nada de novo, o dinheiro era escasso. As crianças tinham bastante saúde, era muito difícil ficarem doentes, se acontecia algum problema curava com chá, tudo coisa da natureza. Trabalhavam muito, ninguém perdia tempo se queixando que as coisas eram difíceis. Passamos dificuldades, mas nunca ficamos sem esperança, sempre acreditamos que Deus cuidava de nós.*

*Estou morando na localidade de Paiol dos Belo desde 1959, meu marido Zeferino Patel negociou a terra com Irio Zardo. No tempo que o terreno foi comprado já não existia mato, só capoeira, os pinheiros foram plantados depois que mudamos pra cá. Antes eu e meu marido arrendava terra e fazia as roças, mas o serviço era muito e o ganho pouco. Começamos a vida sem nada, trabalhamos muito até conseguir comprar e pagar nossa terra e ter nossas coisas. Tive 10 filhos que nasceram nas mãos de*



*parteiras ou com a ajuda do meu marido, só o último nasceu no hospital.*

*Nosso lugar de ir no moinho e fazer compras era Salto Veloso, quase sempre de carroça que conseguia levar e trazer mais coisas. Saía de casa bem cedinho e voltava no escurecer, como era longe e a estrada ruim aproveitava o dia para fazer tudo que precisava na cidade e assim não ter que voltar logo. Também se negociava no povoado da Macieira, as lojas compravam produtos dos colonos. Eu vendia no comércio que tinha lá coisas que fazia ou criava, com isso ajudava vestir e caçar as crianças e também no custeio da casa. Naqueles anos era bem mais custoso conseguir dinheiro. Certa vez que meu marido foi até Macieira eu mandei por ele um cargueiro cheio de galinhas e pedi: - você compra uma sombrinha, estou precisando, quando tenho que sair com as crianças pequenas elas pegam muito sol e isso não presta. Na volta, tarde da noite, eu pedi a sombrinha e ele me disse que tinha trocado o cargueiro de galinhas por caixas de balas de revólver. Demorei esquecer isso.*

*No tempo que viemos morar em Paiol dos Belo conhecemos famílias de caboclos, algumas moravam por perto e outras mais retiradas, eram bem pobres, trabalhavam pela comida. Não muito longe da casa que fizemos tinha um cemitério, que diziam ser antigo fundado pelos primeiros moradores do lugar. Quando acontecia o enterro de um caboclo a gente sabia pelos cantos e rezas diferentes que faziam. Os grupos vinham quase sempre da direção dos campos, desciam rezando e entoando cantos que dava tristeza de escutar. No enterro repetiam as cantigas e as rezas, demorando algum tempo no cemitério antes de ir embora. A maior parte dos caboclos era da religião católica, tinham muita devoção e participavam de todas as pregações da igreja. Sei disso pelo tempo que meu marido e eu fizemos parte da diretoria*

*da capela, trabalhamos durante 25 anos pela comunidade. Ajudamos desde a construção da igreja até a campanha para a doação da imagem do padroeiro São Sebastião, que foi doado aos moradores e à capela por Sebastiao de Mattos, antigo morador da região.*

*Um dos acontecimentos que mais marcaram o lugar e que ainda é lembrado com tristeza pelos moradores mais antigos foi a morte de um rapaz durante uma festa da escola de Paiol dos Belo. Isso foi no ano de 1956, eu estava nessa festa junto com meu namorado Zeferino e minha tia Carolina, naquele tempo namorados não podiam sair sozinhos, tinham que levar junto um vigia para cuidar o casal. Saímos da matinê cedo, Zeferino tinha que voltar até Herciliópolis para pegar o ônibus, precisava viajar para serra abaixo. Logo que deixamos o salão aconteceu o crime praticado por policiais de Água Doce que mataram o moço só porque ele estava de brinco na orelha. O sobrenome do rapaz era Cambruski. Foi muito triste, o que se passou ali ficou na lembrança das pessoas, demorou tempo até que fizessem outras festas no lugar.”*

Entrevista realizada em 28 de outubro de 2021.



## **Francisco Abude**

*"Contavam meus avós que eles moravam em Campos Novos e viviam com muita dificuldade, então decidiram mudar, saíram meio sem rumo procurando outro lugar para viver. Vieram a pé andando por carreiros no meio do mato, sem*

*mudança, não tinham nada para trazer. Fizeram todo o caminho carregando os filhos mais pequenos nas costas dentro de cestinhas, nem imagino quantos dias demoraram pra chegar. Deviam conhecer gente que já morava na Macieira por isso que vieram de tão longe. Naquele tempo as terras eram do governo e quem tinha vontade construía um rancho e abria roça no lugar que não tivesse ocupado por outra pessoa e vivia ali com a família sem ser importunado por ninguém. Depois, mais tarde os fazendeiros entraram marcando o lugar abrindo picada no meio do mato, queriam pedir as terras pro governo, ter documento, eles não compraram nada, ganharam tudo de graça.*

*Nasci e me criei entre Macieira e Água Doce, nesse lugar meus pais Paulo Abude e Alvina Ribeiro de Jesus moraram por alguns anos. Eles trabalhavam na roça, pagavam renda da terra, plantavam milho, feijão e arroz, tudo o que colhiam era pra manter os 12 filhos, não sobrava nada pra vender. Faziam também serviço de empreitada que tinha muita procura na época. Mesmo trabalhando bastante se passava carestia de comida, os pais ganhavam pouco pra sustentar tantos filhos. A produção era pouca, não tinha condição de comprar ferramenta boa, o dinheiro sempre bem e escasso. Lembro que a enxada que se usava era um toquinho, parecia uma bolinha de tão pequena. Arado e junta de boi custava muito dinheiro, era coisa de rico, gente de boa condição. Sem ferramentas serviço não rendia mesmo.*

*Do lugar da nossa casa na Macieira até Salto Veloso se chegava por um carreiro no meio do mato, quando precisava buscar moagem no moinho vinha sempre dois irmãos, um na frente puxando e o outro atrás tocando o cavalo que levava no lombo um cargueirinho de milho. O carreiro era embaixo de um pinheiral, uma árvore encostada na outra, quando era tempo da*

*safrá os pinhões debulhavam lá do alto e caíam em cima da bruaca fazendo um barulho diferente bonito de escutar. Esse carreiro era o único meio de chegar no Veloso, passava até gado que os tropeiros levavam pra Videira. A estrada foi aberta bem mais tarde máquina bem depois. Levava um dia inteiro pra ir no moinho, era bem difícil chegar até lá.*

*No tempo que conheci Salto Veloso, já moravam na vila colonos brancos, mas os caboclos eram maioria, tinha também negros que antes viviam nos cativeiros das fazendas, boa parte dos fazendeiros mantinha cativos (escravos), eram propriedade do dono. Depois essas pessoas se espalharam por todo canto, procuravam serviço aqui e ali, trabalhavam em troca de comida. Eram mais pobres que os caboclos.*

*Minha sogra contava que no tempo dela tinha muitos velinhos e pessoas doentes que quando se pegavam mal, saíam do rancho e iam pro mato, lá chegando se encostavam no tronco de uma árvore ou num toco e ficavam ali até morrer. Faleciam de fome e de doença. Ninguém ia atrás, no mato fechado era difícil achar. Tempos depois encontravam o esqueleto que o povo chamava de "corpo seco". Era bastante comum encontrar gente que morria nessa situação, mas quando isso acontecia ninguém sabia de quem era aquele "corpo seco", muito triste isso. Os antigos contavam muitas histórias que aconteceram no passado, coisas que hoje o povo nem imagina que existiu.*

*Como o nosso lugar de fazer compras era em Salto Veloso se vinha seguido pra vila, foi assim que conheci o Antonio Veloso, mas não cheguei prosear com ele. Pelo que mostrava devia ter naquele tempo uns 60 anos ou mais, era um homem quieto, não dava muita prosa com ninguém. Ele ficava pouco tempo em cada lugar, andava pela colônia toda. Podia ser até que tivesse terra dele mais retirada, quem sabe? Diziam que o Antonio tinha*

*parentes e conhecidos no Paiol dos Belo. Também fiquei conhecendo o "Chico Manco", era uma pessoa de bastante idade, já não tinha mais a bodega. Salto Veloso era bem conhecido por causa do moinho, vinha gente de muito longe buscar a moagem, também lembro da loja do Joanim Cantú.*

*Não existia escola no lugar que minha família morava e nem por perto, aprendi pouco em casa mesmo, sem caderno e lápis que eram caros, tinha coisas de mais necessidade pra comprar. Meu pai era professor, ele ia na casa das famílias para ensinar às crianças, mas só lecionava até a terceira série, era o que sabia. Na hora do pagamento ganhava um pouco de feijão ou outro mantimento e ficava agradecido por receber comida em troca do trabalho, isso ajudava no sustento da família.*

*Os pais não registravam os filhos quando nasciam, grande parte morava bem longe do cartório, não tinha nem estrada para chegar, se morava por perto o problema era mesmo a falta de dinheiro para pagar o registro, assim iam deixando pra hora que se ajeitassem, como diziam, ou quando sobrasse algum dinheiro. Enquanto isso as crianças iam crescendo, outras nasciam e muitos pais já não lembravam a data que o filho tinha nascido. Na maioria dos casos faziam o registro de nascimento poucos dias antes do casamento. Quando os namorados queriam casar e não tinha padre nem cartório por perto, meu pai escrevia um contrato que tinha valor de documento, depois eles procuravam fazer o casamento na igreja e na lei.*

*A maioria das pessoas viviam em grande pobreza sem calçados e agasalhos, sem assistência nenhuma. Quase todas as crianças tinham só uma muda de roupa, quando precisava lavar os pais juntavam os filhos na beira do rio, davam banho, lavavam a roupa e colocavam pra secar nos galhos das árvores. Enquanto as peças secavam a criança ficava fechada, escondida dentro*

*do rancho. A roupa era lavada com cinza ou esterco de cavalo, pouca gente conhecia sabão. No rancho as pessoas dormiam no chão ao redor do fogo, em nossa casa eram os filhos mais a mãe e o pai. O colchão era feito de pano e enchido com palha de milho desfiada, mas só gente com sobra de dinheiro tinha isso em casa, travesseiro não se conhecia. Quando compravam um cobertor era mais duro que couro de boi, nem esquentava.*

*Tinha bastante criança que morria naquele tempo, umas faleciam na hora do nascimento, outras um pouco depois e muitas quando já estavam grandinhas, não se sabia o motivo do falecimento, o povo não tinha conhecimento das doenças. Médico só em Videira ou Joaçaba, vez ou outra tinha também um que vinha em Água Doce, tudo muito longe, sem estrada, brabo pra chegar. Quando não tinha cemitério por perto que eram bem poucos naquela época, o pai abria uma cova próximo ao rancho e a criança era enterrada ali, esse era um costume do povo.*

*Dentro do rancho tinha quase nada, isso facilitava na mudança. Na hora que decidiam ir embora, procurar outra terra, cada qual pegava uma coisa que conseguia carregar e enfrentavam juntos o caminho até chegar ao lugar que iam morar. Se o casebre estava feito era só entrar, caso contrário, precisavam construir um rancho para se abrigar. Era um tempo de dificuldade, mas tinha também a parte boa, quem viveu naqueles anos comia tudo natural, do jeito que a terra sabia produzir, por isso as pessoas tinham saúde, era caso difícil alguém se queixar de doença. O povo era mais simples, unido e não fazia moda na hora de ajudar uma pessoa que tivesse em precisão. Lembro que as famílias tinham mais união e respeito entre pais e irmãos e que todos viviam mais paz uns com os outros.”*

Depoimento colhido em Salto Veloso no dia 29 de outubro de 2021.



## Conceição Pereira

*"Minha família morava perto da serraria Tombini no interior da Macieira quando eu nasci em 3 de março de 1936. Meu pai Laurindo Pereira dos Santos era de Taquara Verde e minha mãe Carlota Guimarães do Rio Grade do Sul, ela veio ainda criança com os pais Benedito e Maria Antonia. Como eles chegaram até aqui nesse lugar, como vieram, quanto demoraram, nunca falaram, mas penso que vieram buscando melhor sorte.*

*Meu pai era caboclo com índio, tinha a pele escura, trabalhava na roça, mas não tinha terreno dele, pagava renda, por isso nossa família não ficava mais de dois anos morando no mesmo lugar. Ele sabia fazer cestos de taquara, os cargueiros como os colonos diziam. O dinheiro que ganhava com a venda ajudava no sustento dos 5 filhos. Nos lados do Tombini, Macieira e na linha Santo Antonio, lugar que também moramos tinha bastante caboclos, viviam na pobreza, muitos não tinham nem comida, outras coisas, nem pensar.*

*A vida era bem diferente, não tinha escola, igreja, loja, nem estradas, nem pontes tinha que cruzar os rios pela água escolhendo o lugar mais raso, se dava uma chuva maior precisava esperar os rios abaixar. Quase ninguém se aventurava andar sozinho, era perigoso perder o rumo. Na época não existia estradas, só carreiros e para piorar, as terras eram cobertas por mato fechado. Tinha que ter cuidado pra não se perder.*

*Os padres apareciam de tempos em tempos, vinham no lombo de mula, pra eles também ficava custoso chegar em lugar muito retirado, então cada família fazia as rezas as devoções do seu*

*jeito. O batizado das crianças era feito em casa, na cerimônia juntavam três pessoas, os padrinhos mais o apresentador que comandava as rezas. O batismo em casa, no entendimento dos antigos era mais forte por ser o primeiro e a escolha dos padrinhos também tinha importância. Depois, quando os pais ficavam sabendo da visita de um padre numa capela por perto, batizavam na igreja, escolhendo outros padrinhos para o filho.*

*Mesmo não tendo a presença dos padres, boa parte do povo era católico e tinha seus santos de devoção e proteção. Meu tio era muito devoto de São Sebastião, fazia todo ano a festa em honra ao santo. Ele começava os preparativos um tempo antes, primeiro convidava as pessoas quer morassem perto ou longe. No dia da festa contava com auxílio da família e dos conhecidos que ajudavam nas orações, cuidavam do churrasco pro almoço e na parte da tarde colaboravam na reza do terço que era a última devoção do dia. Assim que terminavam as orações do santo Rosário, cada família se despedia e voltava pro seu rancho. Meu pai era devoto do Senhor Bom Jesus da Cruz e João Maria de Agostinho, ele tinha um quadro antigo do santo e antes de falecer deu esse retrato do monge para um dos filhos.*

*O trabalho tanto dos homens como das mulheres era bem difícil naqueles anos, quer na roça ou no serviço da casa. Boa parte da comida tinha que ser plantada perto do rancho por causa da quantidade de bicho. Quem ficava em casa dava um jeito de cuidar da plantação, preparar a comida, lavar roupa e na parte da tarde fazer as velas para iluminar o rancho à noite. Fabricar as velas era meu trabalho. Eu começava derretendo a cera de abelha, deixava esfriar, depois colocava o pavio no meio e ia enrolando com as mãos até formar a vela que ficava bem lisinha. Melhor seria ter lampião pra clarear, mas nesse tempo não era*



*fácil encontrar querosene pra comprar, isso por causa do estado das estradas que dificultava a chegada de mercadoria nas lojas.*

*Eu já tinha uma certa idade quando conheci Salto Veloso, naquele tempo ainda não tinha tanta coisa, mas era um lugar que estava crescendo bastante e tinha bom futuro. No tempo que vim de mudança pra cidade com minha família as pessoas mais antigas do lugar já não moravam aqui, muitas tinham ido embora pra longe e outras tinham falecido. Quando chegamos tinha colonos brancos e também caboclos e pretos, esses na maioria trabalhavam de empregados nas firmas que precisavam de gente pra trabalhar.”*

Depoimento colhido em Salto Veloso em 29 de outubro de 2021.



## **Maria Joana Ribas de Moura**

*"Quando viemos do Paraná moramos primeiro em Herciliópolis num casebre de tábuas lascadas, coberto de taboinhas e de chão batido. O rancho que era pequeno para acomodar meus pais Donatílio e Maria Boeira da Fonseca, mais os 12 filhos, ficava na propriedade de D.Arcina que tinha cedido também um pedaço de terreno pra plantar milho, feijão, arroz, trigo, mandioca, batatinha, moranga, batata-doce e miudezas. O trigo era malhado com mangoá e depois abanado em peneiras pra limpar. Tudo o que se colhia na roça ia pro consumo, precisava de bastante alimento pra sustentar tanta gente. Dentro de casa tinha quase nada de mobília, se cozinhava numa chapa*

*apoiada nas pedras. O fogo servia também pra deixar o ranchoquentinho. Nossa família era muito pobre, os pais trabalhavam na roça e ainda pegavam todo tipo de empreitada que aparecia, não podiam escolher serviço.*

*Eu e meus irmãos estudamos na escola de Herciliópolis, pra ir e voltar era brabo. Se estava chovendo tinha que ir na chuva mesmo, se andava sempre de pé no chão, os pais não tinham dinheiro pra mandar fazer sapato. Quando chegava a professora mandava a gente lavar os pés antes de entrar na sala de aula, isso deixava as crianças com mais frio ainda, muito sofrimento. A escola era simples, bem pobre. Lembro que tinha bastante aluno e só uma professora que ensinava. Não conseguimos aprender muita coisa, tudo era bem diferente naquele tempo.*

*Depois de um tempo morando em Herciliópolis mudamos para a linha Alto Consulta onde meu pai conseguiu negociar terras por custo mais baixo. Era vontade dele ter terreno que fosse da família. A mudança foi levada com cargueiros e o que sobrou cada um carregava aquilo que podia. Fizemos o trecho a pé, atravessando carreiros de tropas pra chegar até o rancho que era coberto com esteira de taquara. Por perto do nosso terreno moravam alguns caboclos e também colonos brancos, que naquele tempo eram a maioria. No lugar não existia igreja nem escola, as crianças precisavam ir longe para conseguir estudar. Uma das poucas diversões que tinha na época eram as festas, mas ninguém da nossa família participava, pois quem fazia não deixava negros entrar. Os pais tinham empenho que as crianças pegassem amor pelos costumes da família por isso não faziam gosto que os filhos se misturassem muito com gente estranha.*

*Na Consulta cruzavam muitos andarilhos, na maior parte negros. Caminhavam a pé sem destino pelas estradas, não tinham parada, dormiam em qualquer lugar e comiam o que conseguiam*

*encontrar, não se sabia de que lado vinham nem pra que rumo seguiam. Na picada passavam também os tropeiros tocando gado e tropas de burros e mulas com cargueiros, esses saíam vendendo coisas para os moradores. As crianças até uma certa idade não saíam sozinhas de casa, fazer isso era perigoso, não pelas pessoas que encontravam lá fora, mas pelas coisas misteriosas que existiam e que ninguém conseguia explicar. Poucos tinham coragem de se aventurar nas estradas depois que escurecia.*

*Na nossa família a religião tinha grande valor e um dos costumes de meus pais e irmãos era entoar as orações ao invés de apenas rezar. Nosso grupo cantava nas missas e nos terços oferecidos em honra ao Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida, Santo Antonio, São Sebastião, São Benedito e na Quaresma. Os cantos e as orações eram diferentes para cada santo homenageado, nunca se repetiam. Tudo estava escrito no papel, mas não precisava olhar, a gente sabia de cor. O povo sempre acompanhava nas orações e nos cantos. Rezar era uma das primeiras coisas que os filhos aprendiam em casa, pois naquele tempo nem se ouvia falar de catecismo.*

*Lembro que eu era criança quando meu pai ensinou a prece ao Divino Espírito Santo, decorei logo e desde quando aprendi rezo todas as noites. Muito antiga e poderosa a oração só pode ser rezada depois das 6 da tarde, essa confirmação vem de antigamente e tem que ser respeitada por quem faz a prece. Desde pequena queria ajudar as pessoas, só não vinha na minha mente como poderia fazer isso. Mas Deus que sabe de tudo colocou na minha frente um caboclo que me ensinou fazer benzimentos pra curar dor de dente, de cabeça, benzer de ar acalmar lombriga e muitos outros males. Sempre invoco Nossa Senhora Aparecida em todas os benzimentos que faço, pedindo*

*ajuda para estancar sangue e livrar das doenças muitas pessoas que não vem procurar orações, mas que Nossa Senhora me mostra que estão doentes. Eu peço que elas fiquem livre de tudo o que não é do bem.*

*Meus pais eram de Vacaria e já estavam casados quando saíram do Rio Grande do Sul e foram pro interior do Paraná, onde eu nasci em 27 de agosto de 1929. Não ficaram muito tempo vivendo por lá e decidiram vir morar em Herciliópolis, certo que deviam ter alguém conhecido que trouxe eles pra esse lugar. Contavam que tinham aproveitado bem os conselhos dos mais velhos antes de enfrentar a vida sozinhos, sabedoria que ajudou eles na vida toda.*

*Uma das lembranças mais bonitas da minha vida foi quando Nossa Senhora apareceu pra mim. Nesse tempo eu já era grandinha, lembro que estava lavando roupas quando escutei alguma coisa se mexendo entre as árvores, pensei logo que era um tatu, tinha muitos deles pelo mato. Como o barulho continuava parei de lavar roupa e fui ver se era mesmo um tatu, mas quando acabei de subir o barranco deparei com Nossa Senhora na minha frente. Era uma mulher morena, muito bonita, iluminada e brilhante como o sol, estava vestida como um anjo. Depois do susto grande que levei, consegui falar e pedi se podia mexer nela. Me disse que sim. Nunca podia imaginar que existia uma coisa tão linda assim. Fiquei olhando por não sei quanto tempo, não conseguia tirar meus olhos de tamanha boniteza e luz. Tinha vontade de chorar e dar rizada tudo de uma vez só, depois eu queria levar ela pra casa.*

*Não sei quantas horas fiquei ali parada, parecia um sonho, mas não era. Depois de um tempo Nossa Senhora pediu que eu voltasse pra casa. Ela me disse que precisava ficar sozinha. Eu obedeci e fui embora, mas depois daquele dia minha vida ficou*

*diferente, nunca mais foi a mesma. Todas as noites quando deito sinto que ela vem e se senta no lado da cama perto da cabeceira, eu logo pego no sono. Quando faço os benzimentos também sinto ela perto, está sempre querendo curar as pessoas. Ela não é branca do jeito que o povo faz imagem, é morena e tem o cabelo meio escuro.*

*Dos costumes que as pessoas tinham no passado lembro que quando uma criança nascia os pais mantinham uma vela acesa no rancho durante 7 meses. As famílias não registravam os filhos logo que nasciam, deixavam pra fazer o documento quando podiam. A maioria dos rapazes e moças só tiravam o registro quando estava perto da data do casamento, ninguém se importava com isso. Na quaresma cobriam os santos com panos roxos e na Sexta-Feira Santa não era permitido brincar, cantar, conversar alto, ligar o rádio quem tinha, limpar a casa nem cozinhar. Nos velórios rezavam o terço, cantavam, tomavam chimarrão e café, também comiam bastante. A água que lavavam o morto ficava guardada na casa, era jogada fora, só depois que o enterro saía. As pessoas eram bem respeitosas umas com as outras e se ajudavam sempre que fosse preciso, faziam isso sem nenhum interesse.”*

Depoimento colhido em Água Doce no dia 28 de janeiro de 2022.



## **Maria Salete Camargo**

*"Vim para Salto Veloso quando tinha 9 anos e logo consegui serviço como babá. Antes eu trabalhava na lavoura junto com meus pais João Pereira dos Santos e Isaura Passos e os irmãos em Herciliópolis, mas a renda que se tirava da roça era pouca, então os pais*

*aconselhavam que os filhos fossem procurar serviço fora de casa. Cada um tinha que se virar, essa era a maneira que os pais educavam os filhos, ensinando que deviam procurar um emprego e aprender enfrentar a vida. Trabalhar na cidade tinha mais futuro, podia até estudar se tivesse vontade, tudo ficava mais fácil. Muitas meninas do interior vinham procurar serviço, tinha bastante vaga de emprego.*

*No período que cheguei não tinha hospital só uma farmácia, algumas lojas, o moinho, uma escola pequena, a igreja de material, mas não era bonita como hoje. Na cidade só existiam casas de madeira, tinha bastante oferta, comprava com menor custo. Uma boa parte dos moradores eram caboclos e negros que trabalhavam de empregados nas serrarias e outras firmas que funcionavam na cidade e nos arredores. Existiam também bastante oferta de trabalho nas granjas, pois na época tudo era manual. A maior parte dos operários moravam com a família nas casas cedidas pelas empresas, assim tinham pouca despesa. Era comum que os filhos, depois de grandes, se empregassem na mesma firma dos pais. No interior a maioria da população era branca. Colonos do Rio Grande do Sul que lidavam com roças, plantavam trigo, milho, feijão e criavam porcos, alguns tinham parreiral. As famílias eram grandes, todos ajudavam.*

*Quando ficavam doentes as pessoas se tratavam primeiro com os recursos que tinham em casa, se não melhoravam iam procurar um benzedor que na maioria das vezes receitava remédios de ervas que ele mesmo preparava. Se o benzedor também não curasse, o jeito era levar o doente no médico em Arroio Trinta, Videira, Joaçaba ou Caxias do Sul se precisasse de operação, nesse caso o único jeito de chegar era com o trem.*

*Das benzedadeiras mais conhecidas em Salto Veloso na época eu lembro bem de Dona Bentinha que entendia muito sobre doenças de crianças, e Dona Ana que atendia gente de todas as idades. Eram duas negras já com certa idade que curavam as pessoas pelo poder da fé e a força das orações. O segredo dos remédios preparados pelos benzedores começava na colheita das plantas, respeitando desde a fase da lua até o jeito que guardavam cada erva. No entendimento deles tudo tinha sua ciência.*

*A maioria das pessoas não tinha falta de comida, sempre conseguiam ter na mesa o pão de milho que dava sustança pro corpo, farofa de ovo, polenta com carne, feijão, arroz, couve, mandioca e na safra muita paçoca de pinhão. Pão branco quase ninguém fazia, custava bem caro. Todas as famílias trabalhavam na roça, assim conseguiam produzir pelo menos para o gasto da casa, poucos vendiam a produção.*

*As únicas diversões na cidade eram os bailes e matinês no Grêmio Esportivo Cantú e no Clube Sertanejo e jogos de futebol. No interior o divertimento era participar do baile que acontecia num paiol no final do puxirão. Quem organizava já deixava preparado o salão que era iluminado com lâmpões a querosene. Em frente ao paiol acendiam uma fogueira pra clarear o pátio e facilitar a chegada dos participantes. No baile que era animado com gaita e violão só entrava quem tinha trabalhado no puxirão.*

*Conheço Salto Veloso desde meus 9 anos e posso dizer que me sinto vivendo num lugar bom e seguro. Durante muitos anos, essa cidade era uma grande família, todos se conheciam, se visitavam e se ajudavam. Era um sentimento de união muito bonito. Quando chegava a capelinha numa casa as pessoas que moravam por perto se reuniam pra rezar o rosário, conforme a capelinha seguia adiante o povo acompanhava, assim toda tarde rezavam o terço numa casa diferente, sempre com muita devoção e fé. Era uma vida com mais união, mais simples e mais saudável. As pessoas não tinham quase nada, mas eram felizes. Hoje tem tudo, mas falta tudo."*

Depoimento colhido em Salto Veloso em 20 de outubro de 2021.



## **Edith Maria Vivan De Bortoli**

*"As primeiras memórias que tenho do meu tempo de criança em Salto Veloso são da igreja que também era a escola onde minha mãe Cecília Vivam lecionava, da casa do Antonio Lando e da moenda tocada com uma junta de bois, ele fazia melado e caldo cana. Esse engenho ficava no terreno onde foi construído depois o pavilhão paroquial. Bem no centro da vila, lugar que tem hoje o mercado Mário, tinha a casa de comércio do meu tio Antonio Vivan, o terreno ia até a cantina.*



*Mais tarde essa loja foi vendida para a família Giacomini. No lado da estrada que vai pra Joaçaba existia uma escola com duas salas de aula, no lado a tinha a casa do professor, mas estava sempre vazia. Estudei nessa escola, era a mais velha de Salto Veloso.*

*Guardo na memória também as casas de vários tipos, todas de madeira que existiam na vila onde moravam pessoas amigas da nossa família, naqueles anos todos se conheciam. Lembro também do galpão onde funcionava a marcenaria de meu pai Lourenço Vivam, que no começo era tocada com as águas do rio Veloso. Ele era muito entendido em trabalho com madeira, construía casas, fazia portas, janelas e até caixões de defunto. Naquele tempo eu escutava falar que tinha também a serraria dos Giacomini, ficava meio por perto do salto, mas, minha nona Genoveva, mãe do meu pai, não deixava a gente ir no lugar. Dizia que era perigoso e que um homem tinha morrido depois de cair na cachoeira. As crianças ficavam assustadas, com medo e não chegavam nem perto do salto.*

*Tenho ainda lembrança que quando passava na estrada sentido Herciliópolis, cruzava em frente ao cemitério dos pretos que ficava ali perto da selaria Borga. No meu tempo de criança o cemitério já era abandonado, a cerca estava caída. Dentro, no meio das sepulturas que quase não apareciam mais, se enxergava muitas rosas brancas que um dia alguém tinha plantado, as roseiras estavam sempre florescidas. Depois eu nunca mais vi aquele tipo de rosa em parte alguma. O sistema de vida e os costumes de cada povo eram bem diferentes naqueles anos, falo isso porque nunca esqueci uma história que aconteceu quando eu ainda era pequena. Faleceu na vila uma menina branca e pediram se dava pra fazer o sepultamento nesse lugar, não conseguiram, só falaram que aquele era o cemitério dos pretos. A falta de cuidado no lugar mostrava que*

*a maioria dos pretos e caboclos tinham se mudado para outros lugares.*

*Quando moravam em Monte Belo do Sul, no Rio Grande, meu pai e os irmãos compraram 3 colônias de terra em Salto Veloso, o negócio foi feito com uma Companhia. Eles demoraram algum tempo para fazer a mudança. Meu tio chegou primeiro, mais tarde vieram meus pais que na época eram recém-casados e meus avós paternos. Nasci em Salto Veloso em 25 de setembro de 1942, aqui nasceram também meus irmãos. Logo que chegou minha mãe assumiu como professora, enquanto ela trabalhava na escola, a nona Genoveva cuidava das crianças e da casa, mas sempre tinha alguém pra ajudar. Depois que deixou de dar aula foi trabalhar na casa de comércio do meu tio.*

*A primeira casa ficava onde tem hoje a fábrica de salames Zanella, por perto morava também a família de João Domingos Cantú, no começo ele tinha sapataria e mais tarde montou loja no mesmo lugar. Por causa da distância meus pais decidiram que morar no centro da vila seria melhor. A nova casa que estava localizada atrás da igreja era grande e servia para acomodar quem precisava ficar mais tempo na vila, como os padres que vinham trabalhar em Salto Veloso, o Bispo Dom Daniel Hostim e seus ajudantes e irmãs de caridade. Ficavam hospedados também casais que vinham das fazendas de Herciliópolis, bem como de outros lugares fazer compras no comércio e pessoas de outras localidades que se reuniam para rezar o terço, assistir missas e participar de festas.*

*Atender as pessoas que se hospedavam na casa era trabalhoso, uma vez que não se tinha as facilidades de hoje. Os quartos ficavam todos no segundo andar (sótão). Não existia banheiro na casa, usavam penicos que todas as manhãs eram levados para fora, despejados, lavados e colocados de volta nos quartos.*

*A única patente ficava no fundo do quintal. No terreno da casa não tinha água, quando precisava ia buscar no poço do vizinho. Pra pegar a água pendurava o balde num galho de árvore, mergulhava, puxava para a borda do poço e levava até a cozinha e os quartos se fosse preciso. Também pegava no rio e buscava numa fonte aquela que era pra beber. Quando um hóspede pedia de água quente no quarto, alguém, na maioria das vezes uma criança tinha que levar com balde ou chaleira escada acima, enfrentando o perigo que isso trazia.*

*Nos primeiros tempos roupa era lavada no rio sobre tábuas que serviam de esfregadeira, ficava ajoelhada na água durante o tempo que fosse preciso pra fazer o trabalho. Mais tarde meu pai fez um lavador (tanque) junto á marcenaria. Nesse lugar a água chegava através de bica e era controlada por uma espécie de tranca fabricada para este fim. Em caso de uma chuva maior quer de dia ou durante a noite tinha que estar atento e retirar a peça, pois do contrário, poderia causar problemas. Na lavagem da roupa se usava sabão caseiro que era fabricado por minha mãe.*

*Sempre trabalhando fora de casa, primeiro na escola e depois na loja, minha mãe tinha pouco tempo para ficar com os filhos, por isso fui criada mais com minha nona Genoveva. Ela era muito braba, bem rígida, não deixava nem brincar com as meninas da vizinhança. Quando tinha 5 anos me mandava ajudar uma amiga dela que era bordadeira. Criança e sem entender aquilo que a mulher fazia eu aproveitava pra brincar, mas mesmo assim aprendi bordar durante o tempo que fiquei na casa da vizinha. Outra preocupação de minha nona era quanto a visita dos padres e do bispo Dom Daniel Hostim em nossa casa. Ela tinha muito cuidado com os quartos que dormiam e das roupas de cama.*

*Escolhia sempre as mais bonitas e de melhor qualidade. Também se esmerava para servir uma comida bem-preparada.*

*Nos primeiros tempos quando Salto Veloso estava começando os padres vinham de Luzerna, depois de Iomerê e por último de Arroio Trinta. Descontentes que Salto Veloso não era paróquia e querendo também construir uma igreja maior, liderados por João Domingos Cantú que brigava pra trazer coisas novas e de serventia para o lugar, alguns moradores se reuniram e foram até Lages conversar com Dom Daniel Hostim. A viagem foi feita com o jeep que pertencia ao Cantú.*

*Depois de escutar os pedidos o bispo disse que sobre a criação da paróquia ele podia estudar e responder depois, mas, quanto a construção de uma igreja maior a Diocese não tinha capital para bancar a obra, ao que Joanim Cantú respondeu: '- Se a diocese não tem dinheiro, o povo de Salto Veloso reunido consegue construir a igreja'. E assim foi feito. Depois de pronta a então capela Salto Veloso, ficou maior que a igreja da sede paroquial. Também foi apressado o trabalho para a criação da paróquia de Santa Juliana, uma conquista muito grande para todas as pessoas que lutavam por isso.*

*Trazer benefícios que viessem melhorar a vida dos moradores não era nada fácil, na verdade não se tinha a quem recorrer. Precisava ter alguém que enfrentasse, estivesse na frente e ao mesmo tempo que trouxesse junto pessoas com o mesmo pensamento a mesma vontade. Naquele tempo tudo era diferente, na cidade não tinha um metro de calçamento, asfalto nem imaginava o que era. Sair pelas estradas era uma aventura, transportar os produtos ainda pior, fazia quase tudo com carroça, caminhão só um ou outro, quase ninguém tinha. Lembro que ir pra Videira era um desafio. Como professora eu precisava fazer isso todos os meses, sendo que as reuniões aconteciam na*

*cidade de Videira. Pra começar tinha que levar junto uma companhia, mulher não saía sozinha, era feio. Eu escolhia sempre uma aluna que se destacava pelas notas boas. O ônibus saía de Arroio Trinta, sendo que o trecho de Salto Veloso até lá era feito no lombo de cavalo. Precisa acordar bem cedo, antes de clarear o dia pra chegar no horário de embarcar. Sempre tinha um rapaz que nos acompanhava para voltar com os cavalos, sendo que no final da tarde estava nos esperando pra trazer até Salto Veloso. Os cavalos eram emprestados, precisavam ser devolvidos ao seu dono. Muitas pessoas criavam só pra empréstimo, era mais vantagem fazer isso do que manter um cavalo.*

*Mesmo tendo nascido em Salto Veloso, só fui conhecer o "salto" em 1984/85, na época do prefeito Felipe Conte Sobrinho que fez um trabalho de limpeza naquela área. Quando cheguei perto fiquei admirada com a beleza e feliz por saber que a cidade possui um lugar tão bonito e que faz parte do nome do município. Quando era pequena eu tinha curiosidade de ver como era, mas as pessoas mais velhas colocavam tanto medo que as crianças evitavam até passar perto. Hoje penso que era só um jeito que eles tinham de zelar, de cuidar bem dos filhos e dos netos. Tenho boas recordações do passado deste nosso município feito pelo trabalho de tantas pessoas que já passaram por aqui. É uma terra em que se vive rodeado pela família, amigos e conhecidos, um lugar que preza pela amizade, trabalho e tranquilidade."*

Depoimento colhido em Salto Veloso em 15 de fevereiro de 2024.

## **LOCAIS DE PESQUISA**

Acervo particular de Darci Pedro Cantú.  
Acervo particular de Orestes Rossetto.  
Arquivo Público do Estado de Santa Catarina - Florianópolis.  
Arquivo Público do Estado de São Paulo - São Paulo.  
Arquivo Público do Estado do Paraná - Curitiba.  
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro.  
Assembleia Legislativa de Santa Catarina - Florianópolis.  
Biblioteca Comendador Primo Tedesco - Caçador.  
Biblioteca da Universidade do Oeste do Estado de Santa Catarina - Campus de Videira.  
Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis.  
Biblioteca Dante Martorano - Colégio Imaculada Conceição Videira.  
Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.  
Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina - Florianópolis.  
Biblioteca Pública do Estado de São Paulo - São Paulo.  
Biblioteca Pública do Estado do Paraná - Curitiba.  
Biblioteca Pública Euclides da Cunha - Videira.  
Biblioteca Pública de Lages - Santa Catarina.  
Biblioteca Pública de Palmas - Paraná.  
Câmara Municipal de Joaçaba.  
Câmara Municipal de Salto Veloso.  
Câmara Municipal de Videira.  
Cartório de Imóveis de Caçador.  
Cartório de Imóveis de Campos Novos.  
Cartório de Imóveis de Iomerê.  
Cartório de Imóveis de Joaçaba.  
Cartório de Imóveis de Palmas.  
Cartório de Imóveis de Salto Veloso.  
Cartório de Imóveis de Taquara Verde - Caçador.  
Cartório de Imóveis de Treze Tílias.

Cartório de Imóveis de Videira.  
Cúria Metropolitana de Caçador.  
Cúria Metropolitana de Joaçaba.  
Cúria Metropolitana de Lages.  
Cúria Metropolitana de Palmas.  
Diretoria Federal de Agricultura e Reforma Agrária - Videira.  
Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária - Videira.  
Escritório Municipal de Agricultura - Salto Veloso.  
Fórum de Justiça de Joaçaba.  
Fórum de Justiça de Videira.  
IBGE - Florianópolis.  
IBGE - Videira.  
Museu do Contestado - Caçador.  
Museu do Estado de Santa Catarina - Florianópolis.  
Museu do Estado do Paraná - Curitiba.  
Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Videira.  
Paróquia Nossa Senhora dos Campos - Arroio Trinta.  
Paróquia Santa Juliana - Salto Veloso.  
Paróquia São João Batista - Luzerna.  
Paróquia São Luiz - Iomerê.  
Registro de Imóveis de Caçador.  
Registro de Imóveis de Campos Novos.  
Registro de Imóveis de Joaçaba.  
Registro de Imóveis de Palmas - Paraná.

## **PESSOAS ENTREVISTADAS**

**PRIMEIRA EDIÇÃO, 1996:** Agostinho Rosseto, Angelin Conte, Cecília Vivian, César Augusto Filho, Clarentina Camargo, Cleci De Bastiani, Dalva Bittencourt, Darci Pedro Cantú, Ermelindo Lázzari, Erondina De Bortoli, Felipe Conte Sobrinho, Felisberto Cardoso dos Santos, Francisco Gaio, Francisco Mendes, Horácio Lima, Irio Civiero, Itália Borga Anciliero, Jacob Reiter, João Conte, José Civiero, Leopardo Boeira, Luiz Leoni, Luiza Cesca, Manoel de Almeida Pimpão, Maria Civiero, Maria Santian, Orestes Rosseto, Pedro De Bortoli, Plácido Abitante, Quinto Patel, Remy Silvio Cantú, Riquelmo Pasin, Sabina De Bastiani, Verginia Conte Giacomini.

**SEGUNDA EDIÇÃO, 2024:** Adelina Alves de Chaves Rodrigues, Agenor dos Santos, Agenor Veloso, Anita Abati Tramontini, Celestino Cardoso, Conceição Pereira, Edith Maria Vivam De Bortoli, Eleodoro Pedroso, Eurides Correa de Andrade, Francisco Abude, Hortencila Basso Patel, Iacob Max Steiner, Ilda Schu Pedroso, Jair Pasin, João Francisco, José Rodrigues dos Santos, Julio Schneider, Leonildo Cordeiro (Seu Nido), Leticia Claudina Giacomini Rech, Lucidoro de Oliveira Belo, Maria Barbosa Veloso Pedroso, Maria Eva dos Santos, Maria Joana Ribas de Moura, Maria José Thomaz Zimmermann, Maria Rodrigues dos Santos, Maria Salete Camargo, Maria Thomaz Milani, Otília dos Santos, Ovidal Camargo Varella, Pedro de Moura (Pedro "Facilita"), Sebastiana de Paula Neres de Oliveira, Trindade Odilha Veloso de Andrade.



## **BIBLIOGRAFIA**

- BARONCELLO, Valcir. Monografia "História de Salto Veloso.
- BERNARDES, Nilo. A Colonização européia no sul do Brasil. Boletim Geográfico - Rio de Janeiro - Conselho Nacional de Geografia - 1952.
- BERNARDI, Aquiles. Nanetto Pipeta - Ed. Porto Alegre - 1990.
- BIRNIE, Arthur. História da Europa - Rio de Janeiro - Zahar - 1964.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina - Florianópolis - Departamento Estadual de Estatística e Publicidade - 1939.
- CABRAL, Oswaldo. R. Histórias de Santa Catarina - Rio de Janeiro - Laudes - 1968.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. A Campanha do Contestado. Editora Lunardelli - 1979.
- CASTRO, Bernardo Jose de. Relatórios sobre as colônias da Província de Santa Catarina. - Rio de Janeiro - Tip. Perseverança - 1896.
- COELHO, Manoel Joaquim de Almeida. Memória Histórica da Província de Santa Catarina. - Desterro - 1877.
- CORREA, Carlos Humberto P. - Guia dos Governadores de Santa Catarina. - Florianópolis Secretaria da Educação e Cultura - 1979.
- COSTA, Licurgo. O Continente das Lagens, sua história e influência no sertão de terra firme. - Florianópolis, - ed. Fundação Catarinense de Cultura - 1982.

- COSTA, Otacílio. História de Lages. - Florianópolis. - Ed. Departamento de Imprensa e Propaganda - 1944.
- FALCHETTI, Alvadir. Histórico da Comunidade de Linha Consulta. - 1985.
- IHERING, Herman Von. A Civilização pré-histórica do Brasil Meridional - revista do Museu Paulista - São Paulo - 1895.
- ITÁLIA. Ministero Affari Esteri, Direzione Generale Culturale. Istituto Geográfico de Agostini, Novara - 1987. Stampato in Italia.
- IGDA - officine Grafiche, Novara - 1987. Legatura - Legatorie del Verbano.
- LEMOS, Zélia de Andrade. Curitibanos na História do Contestado. - Florianópolis - Governo do Estado de Santa Catarina - 1977.
- LOBO, Hélio. Rio Branco e o arbitramento com a Argentina. - Rio de Janeiro, José Olímpio - coleção "Documentos brasileiros" - 1952.
- LUCIO, Antonio - Município de Campos Novos. - Edição Especial de "A Tribuna" - Cruzeiro, Santa Catarina - 1941.
- LUZ, Francisco Carlos. Questões dos Limites entre as Províncias de Santa Catarina e Paraná. - Tip. J.A. - Vilas Boas, Rio de Janeiro - 1976.
- MAFRA, Manoel da Silva. Exposição histórico-jurídica por parte do Estado de Santa Catarina sobre a Questão de Limites com o Estado do Paraná. - Rio de Janeiro - Imprensa Nacional.
- MARTINS, Romário. Limites a Sueste. - Tipografia e Livraria Econômica - Curitiba 1901. Litígio Territorial entre o Paraná e Santa Catarina - Tipografia Gomes e Irmão - RJ - 1911.

- MATTOS, Jacinto Antonio de. Colonização do Estado de Santa Catarina. Florianópolis - Tipografia O Dia - 1917.
- OLIVEIRA, J. C.- CAMPOS M. - CHAGAS, Hildebrando. Edições Focalizando "Municípios do Estado de Santa Catarina - Videira e Tangará" - São Paulo - maio de 1957.
- PADEBERG - DRENKPOL, dr. Misteriosas galerias subterâneas em Santa Catarina - Rio de Janeiro - 1943.
- PAGNUSSAT, Mara. Resgate da Nossa História. - Salto Veloso - maio de 1991 a 1994.
- PELUSO, Victor A. A Criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina. - Florianópolis, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina - 1944.
- PEREIRA, Renato Barbosa Rodrigues. O Barão do Rio Branco e o traçado das fronteiras do Brasil. Revista Brasileira de Geografia. - Rio de Janeiro - 1845.
- PIZA, Antonio de Toledo, Estudos históricos. Questões de divisas entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. - São Paulo - 1869.
- PORTO SEGURO, Barão de. Primeiras explorações da costa brasileira - Rio de Janeiro. - Revista trimestral de Geografia e História - 1973.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e Conflito Social. - Rio de Janeiro - Civilização Brasileira - 1966.
- RADIN, José Carlos. Ítalos-Brasileiros em Joaçaba - UFSC - 1995.

- REIS, Maria José, As Casas Subterâneas em Santa Catarina - Florianópolis, - Anais do Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina - 1971.
- RIO BRANCO, Barão do. Questão da Argentina: defesa do direito do Brasil.
- RIO BRANCO, Barão do. Questões de Limites, República da Argentina. - Rio de Janeiro - Ministério das Relações Exteriores - 1945.
- ROHR, João Alfredo, Pe. Pesquisa Arqueológicas em Santa Catarina. Porto Alegre - Pesquisas Antropologia - 1966.
- SANDERS, Willian & MARINO, Joseph - Pré-História do Novo Mundo - Rio de Janeiro - Zahra - 1971.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Índios e Brancos no Sul do Brasil - Edeme, Florianópolis - 1973.
- SCAPIN, Alzira. Pinheiro Preto Sua História Sua Gente. - Hipograf - Curitiba - Paraná - 1992.
- SILVA, Cleto da. O Acordo Paraná-Santa Catarina Diante das Carabinas. - Pa. Globo. - Curitiba - 1920.
- THOMÉ, Nilson. As Civilizações Primitivas do Contestado - Imprensa Universal - Caçador-SC - 1981.
- THOMÉ, Nilson. Trem de Ferro, a Ferrovia no Contestado - Editora Lunardeli. - 1984.

## **HINO DE SALTO VELOSO**

Letra: Pe. Antonio de Martini

Música: Pe. Domingos Giroto

I - Salve, Salve, cidade querida, O recanto feliz brasileiro, Tua vida é uma luta renhida, Inspirada pelo homem pioneiro.

Estrilho - O Veloso, de tardes douradas, Tuas quatro colinas ridentes, Rememoram suas glórias passadas, E outras glórias, sonhando presentes.

II - És florão de gloriosa pujança, Cultivado em teu chão feiticeiro, Com esperança o progresso se avança, Importante em teu reino altaneiro

III - No Brasil, o teu nome se expande, Invejável, ó Salto Veloso ! Es um lugar dum porvir forte e grande, Teu trabalho é fanal poderoso.

IV - Em aléias, se avistam parreirais, Em teu verde e esplêndido val, Resplandece em tuas videiras, A brilhante virtude ancestral.

V - Guarda sempre, ó Santa Juliana Este povo de nobres ideais, Abençoa do céu, soberana, Seus vinhedos e louros trigais.

## **AGRADECIMENTOS**

Durante a elaboração da primeira edição da história de Salto Veloso de 1996, contamos com a colaboração para a realização das pesquisas e entrevistas, de: Amarildo Pedro Biscaro, Antoninho Guerreiro, família de Antonio Neff, Arlindo De Bortoli, Camilo Abati, Carmem Biscaro Verona, Dileta Canônica, Dom Oneres Marchioro (Bispo Diocesano de Lages), Edite Vivian De Bortoli, Elenir Abitante, Ermelindo Lázzari, Gilmar Conte, Humberto Luiz Dalpizzol, Iracema Fávero, Irio Civiero, Irmã Aurélia Casagrande, Irmã Lorena Susin, Jaime de Bastiani, Jorge Luiz Sauer, Jussara R. Peruzollo, Luiz Carlos Zamboni, Marli Cesca, Nadir Vivian, Odivar Clóvis Biscaro, Pe. Andréas (Lages), Pe. Valmor de Deus (pároco de Salto Veloso), Regina Biscaro Anciliero, Solange De Bortoli.

Nas pesquisas realizadas entre de 2021 e 2023 para a elaboração da segunda edição, colaboraram: Abel Abati Filho, Alcides Conte, Amarildo Biscaro, Carla Caroline Albiero, Célia Debortoli, Cleci Aparecida Antunes Ferreira, Cleonice Luvison, Dirnei Perão, Edson Luiz Lustosa Fonseca, Elenir Abitante, Eurides Corrêa de Andrade, Fabiana Dias, Lucas Taques, Isabela Paula Corrêa, Jacqueline Salete Lovato, Jair Pasin, Josias Paulo Pasin, Junei Cardoso, Jussara Koch, Leonir Cesca, Lucas Lôndero Heleno, Luiz Antonio de Siqueira Guerios, Maicon Silva Abreu, Maiki Germano Nunes, Marielli Peres da Silva Guedes, Matheos Znieski, Natalli Pereira da Silva, Natiele Mützenberg, Padre Moacir Caetano, Paulo Sartorel, Rafael André Veloso, Silbeli Matos Ganasini, Thiago Dangui, Valquiria de Deus e Silva.

Agradeço aos que cederam acervo fotográfico, documentos e informações. Valiosa foi a participação de todos.

Alzira Scapin